

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

***“Die kann nun nich’, die is’ beim treppenputzen!”***  
**O PROGRESSIVO NO ALEMÃO**  
**DE POMERODE–SC**

Ina Emmel

FLORIANÓPOLIS

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

***“Die kann nun nich’, die is’ beim treppenputzen!”***  
**O PROGRESSIVO NO ALEMÃO**  
**DE POMERODE–SC**

Ina Emmel

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Roberta Pires de Oliveira

FLORIANÓPOLIS

2005

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>7</b>
<b>RESUMO</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>9</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS E OBJETIVOS</b>	<b>16</b>
1.1 INTRODUÇÃO	16
1.2 PERCEPÇÃO DE UMA CATEGORIA	16
1.2.1 A NOÇÃO DE ASPECTO COMO CATEGORIA UNIVERSAL	16
1.2.2 UMA MARCAÇÃO ASPECTUAL NÃO CONVENCIONALIZADA	18
1.2.3 HIPÓTESES LEVANTADAS	21
1.3 O ALEMÃO DE POMERODE E OS ALEMÃES DE POMERODE	21
1.3.1 QUESTÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS E EXTRALINGÜÍSTICAS	21
1.3.2 O PESO DO PRECONCEITO LINGÜÍSTICO	26
1.3.3 ADAPTAÇÕES DE ANÁLISES DIACRÔNICAS	27
1.4 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS	29
1.4.1 OBJETIVO GERAL	29
1.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	29
1.4.3 JUSTIFICATIVAS	30
<b>CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA</b>	<b>31</b>
2.1 INTRODUÇÃO	31
2.2 LEVANTAMENTO DE DADOS	31
2.3 APLICAÇÃO DAS SENTENÇAS PARA “TRADUÇÃO”	34
2.4 ESPECIFICAÇÃO DOS CONTEXTOS	36
2.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA	38
2.6 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS COLETADOS	39
2.7 OS INFORMANTES	40
<b>CAPÍTULO 3 – SISTEMA ASPECTUAL NO ALEMÃO ?</b>	<b>41</b>
3.1 INTRODUÇÃO	41
3.2 ACERTOS TERMINOLÓGICOS – ASPECTO E <i>AKTIONSART</i>	42
3.3 ASPECTO NA LITERATURA LINGÜÍSTICA GERAL	44
3.3.1 ASPECTO COMO CATEGORIA UNIVERSAL OU COMO CATEGORIA DE LÍNGUAS INDIVIDUAIS	44
3.3.2 ASPECTO PERFECTIVO X ASPECTO IMPERFECTIVO: UMA OPOSIÇÃO BINÁRIA BÁSICA	48
3.3.3 A SITUAÇÃO VERBAL – OUTRAS OPOSIÇÕES BINÁRIAS	52
3.3.4 MARCAÇÕES ASPECTUAIS EVIDENTES E NÃO TÃO EVIDENTES ASSIM	53

3.3.5 O PROGRESSIVO COMO ASPECTO IMPERFECTIVO	54
3.3.5.1 O progressivo e as distinções temporais	56
3.3.6 ASPECTO NA LITERATURA GERMANÍSTICA	57
<b>3.4 ASPECTO NO ALEMÃO – QUEDA E RECONSTRUÇÃO DE UM SISTEMA ASPECTUAL</b>	<b>61</b>
<b>3.5 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DE PROGRESSIVOS</b>	<b>61</b>
3.5.1 AS ORIGENS E OS DESENVOLVIMENTOS	62
3.5.2 A CONSTRUÇÃO DO TIPO <i>I AM ON/A FISHING</i> – UMA ESTRUTURA SIMILAR E OUTRAS EQUIPARAÇÕES COM O INGLÊS	64
<b>3.6 O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO</b>	<b>67</b>
<b>3.7 TRABALHOS RECENTES SOBRE O PROGRESSIVO NO ALEMÃO E NAS LÍNGUAS E DIALETOS GERMÂNICOS EM GERAL</b>	<b>73</b>
3.7.1 A TESE DE REIMANN (1998)	73
3.7.2 A TESE DE KRAUSE (2001)	77
3.7.3 VAN POTTELBERGE (2004)	81
<b>3.8 O PROGRESSIVO DENTRO DO PROJETO EUROTYP</b>	<b>90</b>
<b>3.9 REFERÊNCIAS AO PROGRESSIVO NO ALEMÃO FALADO NO BRASIL</b>	<b>91</b>

## **CAPÍTULO 4 – O PROGRESSIVO NO ALEMÃO DE POMERODE–SC** **93**

<b>4.1 INTRODUÇÃO</b>	<b>93</b>
<b>4.2 PPs OU NÃO-PPs, EIS A QUESTÃO!</b>	<b>95</b>
<b>4.3 O INFINITIVO: UMA FORMA NOMINAL OU VERBAL?</b>	<b>104</b>
<b>4.4 O VERBO <i>SEIN</i>: MUDANÇA DE ESTATUTO</b>	<b>120</b>
<b>4.5 A PARTÍCULA <i>BEI(M)</i></b>	<b>129</b>
4.5.1 A PREPOSIÇÃO <i>BEI</i>	130
4.5.2 O ARTIGO AMALGAMADO À PREPOSIÇÃO	139
<b>4.6 “FECHANDO” A PERÍFRASE</b>	<b>144</b>

## **CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DOS DADOS** **146**

<b>5.1 INTRODUÇÃO</b>	<b>146</b>
<b>5.2 TESTE DE USO DE MARCADORES PROGRESSIVOS</b>	<b>148</b>
<b>5.3 A CONSTRUÇÃO VERBAL PROGRESSIVA ABSOLUTA</b>	<b>150</b>
<b>5.4 A CONSTRUÇÃO VERBAL PROGRESSIVA COM COMPLEMENTOS</b>	<b>155</b>
5.4.1 A INCORPORAÇÃO	156
5.4.2 OS COMPLEMENTOS NÃO INCORPORADOS	164
5.4.2.1 Os objetos diretos nominais (DPs)	166
5.4.2.2 Os objetos diretos “nulos”	170
5.4.2.3 Os bitransitivos	172
5.4.2.4 Os objetos indiretos	174
5.4.2.5 Os objetos pronominais	175
5.4.2.6 Com pronomes reflexivos	176
5.4.2.7 Os objetos preposicionados	179
5.4.2.8 Os complementos sentenciais	181
5.4.2.9 Complemento verbal e adverbial topicalizado	181
5.4.2.10 Complementos verbais e adverbiais deslocados	183
<b>5.5 O PROGRESSIVO E AS “OUTRAS CATEGORIAS”: TEMPO, MODO, VOZ</b>	<b>186</b>
5.5.1 TEMPO	186
5.5.2 MODO	190

5.5.2.1 O <i>Konjunktiv</i>	190
5.5.2.2 Imperativo	192
5.5.3 VOZ PASSIVA ( <i>GENERA VERBI</i> )	194
<b>5.6 A PERÍFRASE EM CONTEXTOS COMPLEXOS</b>	<b>197</b>
5.6.1 COMBINAÇÃO DE EVENTOS DURATIVOS	197
5.6.2 COORDENAÇÃO COM <i>SEIN</i> COMO AUXILIAR E COMO CÓPULA	198
5.6.3 MODAIS	202
5.6.4 A NEGAÇÃO	203
<b>5.7 VALORES DA PERÍFRASE ALÉM DO PROGRESSIVO</b>	<b>203</b>
5.7.1 SIGNIFICADO IMINENTE	203
5.7.2 TIPOS DE VERBOS	206
5.7.3 REPETIÇÃO: VALORES QUANTITATIVOS	210
5.7.3.1 Iteratividade	210
5.7.3.2 Habitualidade	212
5.7.4 <i>ABSENTIVE</i>	215
<b>5.8 AS MARCAÇÕES PROGRESSIVAS E OS ADVÉRBIOS</b>	<b>218</b>
5.8.1 O ADVÉRBIO <i>GERADE</i>	218
5.8.2 A MARCAÇÃO ADVERBIAL REDUNDANTE	219
5.8.3 OUTRAS MARCAÇÕES ADVERBIAIS TEMPORAIS	220
<b>5.9 E O QUE É QUE ESSES POMERODENSES ESTÃO FAZENDO COM O <i>TUN</i>?</b>	<b>221</b>
<b><u>CAPÍTULO 6 – AMARRAÇÕES “PERFECTIVIZADORAS”</u></b>	<b>238</b>
<b>6.1 INTRODUÇÃO</b>	<b>238</b>
<b>6.2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA DA PERÍFRASE</b>	<b>238</b>
6.2.1 RESTRIÇÕES	238
6.2.2 UMA SINTAXE	243
6.2.2.1 Um pequeno comentário sobre essas duas últimas estruturas: a questão da incorporação	248
6.2.3 UMA IDÉIA PARA A SEMÂNTICA	253
<b>6.3 PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DA “OBRIGATORIEDADE DA FORMA”</b>	<b>253</b>
<b>6.4 AMARRAÇÕES FINAIS</b>	<b>254</b>
<b><u>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u></b>	<b>257</b>
GRAMÁTICAS, DICIONÁRIOS E OBRAS DE REFERÊNCIA CONSULTADOS	264
<b><u>8 ANEXO</u></b>	<b>266</b>

ao Augusto  
à Frau Emmel (em memória)

## AGRADECIMENTOS

Ao longo do desenvolvimento do presente trabalho tive o privilégio de contar com a ajuda de muitas pessoas e de algumas instituições que considero co-responsáveis pela consecução do mesmo, e, portanto, quero deixar registrados aqui meus agradecimentos mais sinceros:

– à minha orientadora e amiga pessoal (a ordem talvez devesse ser invertida!) Professora Roberta Pires de Oliveira, por ter me aceitado no meio do percurso, motivando-me a “ir fundo” nesse fenômeno lingüístico que eu considerava apenas curioso, e por ter trilhado comigo esse longo e extenuante caminho;

– ao CNPq, por ter financiado meu estágio sanduíche de janeiro a maio de 2004 junto à Ludwig-Maximilians Universität München, possibilitando-me a efetivamente dar continuidade à minha pesquisa;

– à Dra Elisabeth Leiss, que me aceitou prontamente para co-orientação durante a minha estada em Munique, e pela honra de poder contar com sua presença na banca examinadora deste trabalho;

– aos meus queridos informantes Valmor, Lorigo, Hilário e Sra, Ivan, Curt, Clara Rosita, Ingelore, Rainer, Werner, Hera e Conrado, por toda a paciência que tiveram comigo e, particularmente, à minha informante “default” Loise e à pequena Thayane que me encantou com o seu bilingüismo;

– aos professores do programa de Pós-Graduação em Lingüística, da Universidade Federal de Santa Catarina, e à própria UFSC por me servir como casa iterativamente;

– aos professores-amigos, ou amigos que foram meus professores por contingência, Ruth V. Lopes, Carlos Miotto, Maria Cristina Figueiredo e Werner Heidermann, “eternamente responsáveis” por terem me cativado para os estudos lingüísticos;

– aos colegas junto à ASE na LMU-München, especialmente a Daniel Hole;

– a Alberto Gonçalves e Augusto Emmel Selke pela tradução de grande parte da tese para o inglês;

– a todos os meus alunos de alemão e de lingüística, fonte maior de minha paixão pelas questões da linguagem;

– aos colegas da UDESC e das Faculdades Barddal que me incentivaram sempre, “facilitando” a minha vida nos momentos mais críticos da qualificação;

– aos professores Paulo Maltzahn, Meta Elisabeth Zipser e Cássio Rodrigues por terem me substituído (como substituta) junto ao DLLE durante o meu afastamento;

– aos tantos amigos do coração (impossível elencá-los todos!), mas especialmente a Berê, Miriam, Córdula, Teixeira, Rolt, Marco, Yeda, César, Nic, Loise, Zica, Anna, Petra, Jane, Maga, Darcita, Mercedes, Sheila C., Sheilinha, Alberto, Paulinho, Zélia, Adriano, Ronaldo, Regina Miotto, Dalva, Aninha Kuerten, Mary, Angelita, Sol, Juju, Duca, Daniel, Thadeu, Sandrinha K., Simone, Izabel S., Cláudio, Ronald, Ingrid, Petrinha, Cê...

– à minha família, especialmente meus irmãos Haia, Hecka, Werner e Toschi...e a Filomena e Friedrich pelo silêncio e companhia resignada sempre confortadores...

Finalmente, quero agradecer ao Augusto, por TUDO simplesmente...

## RESUMO

Mostro no trabalho que existe uma perífrase progressiva no alemão falado em Pomerode (interior de Santa Catarina). Ela se caracteriza por um dispositivo morfossintático regular, constituído de um verbo no infinitivo, que carrega a informação de conteúdo da construção, de uma partícula *bei(m)* que, em conjunção com a derivação *\_en* do verbo principal, confere progressividade à sentença, e ainda de um verbo auxiliar (*sein*) que carrega a informação temporal da sentença. Para estabelecer que se trata mesmo de uma perífrase, descrevo os componentes individuais que constituem a forma, bem como o processo de gramaticalização subjacente à mesma, fazendo um paralelo com uma forma similar que está se gramaticalizando no alemão da Alemanha (*am + V\_en + sein*) e em outras línguas e dialetos germânicos. Contesto a literatura alemã sobre o PROG-PREP, na parte em que nega à forma com *bei(m)* a possibilidade de gramaticalizar-se como tal, em função de uma suposta remanescência de significação locativa da construção (que já não seria mais perceptível no PROG-*am*). Com os testes aplicados indico a abrangência de uso da forma para além de contextos intransitivos e com verbos aditivos, o que, entre os critérios definidos pelas teorias de gramaticalização, seriam sinais de um estágio avançado no *continuum*. Apresento, ainda, um esboço de uma possível representação sintática das estruturas com *bei(m)* apresentadas pelos pomerodenses e faço algumas considerações sobre a semântica do *bei(m)*.



## ABSTRACT

The paper argues that there is a progressive periphrasis in Pomerode German (Santa Catarina countryside). It is characterized by a regular morpho-syntactic device, constituted by a verb in the infinitive, which is responsible for the content contribution of the periphrasis, the particle *bei(m)* which, in conjunction with the *-en* derivation of the main verb, impress progressivity to the sentence, and finally the auxiliary verb (*sein*) which carries temporal information. In order to show that it is really a periphrasis, its individual elements, and the process of grammaticalization underlying it are fully described. A comparison with a similar form that is in process of grammaticalization in Germany German (*am* + V-*en* + *sein*) and in other German languages and dialects is carried out. The German literature on PROG-PREP is refuted, in particular with respect to the claim that *bei(m)* cannot be grammaticalized due to its (supposed) locative reminiscences. The application of a questionnaire to native speakers showed that the periphrasis is used beyond intransitive contexts and additive verbs; there are among the criteria of grammaticalization, pointing towards an advanced stage of grammaticalization. Last but not least, a syntactic representation of the periphrasis is presented as well as a semantic description of the *bei(m)* particle.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABSV	<i>Absentive</i> – uma forma progressiva
ADJ	Adjetivo
ADV	Advérbio
ACU	Acusativo – caso
Agr	Concordância
ART	Artigo
Asp	Aspecto
Asp°	Nível de projeção sintática – aspecto
AspP	Nível de projeção sintática
AUX	Auxiliar – verbo
COMPL	Complemento
DAT	Dativo – caso
DEF	Definido – artigo
DP	<i>Determinant Phrase</i>
DP <sub>GEN</sub>	<i>Determinant Phrase</i> – genitivo
DUR	Traço – durativo
Dur-PROG	<i>Durative Progressive</i>
EUROTYP	<i>Typology of Languages in Europe</i>
EXPL	Expletivo
FEM	Feminino – gênero
Foc-PROG	<i>Focalized Progressive</i>
FUT	Futuro – tempo
FVG	Estrutura verbo-nominal ( <i>Funktionsverbgefüge</i> )
GB	<i>Government and Binding Theorie</i>
GEN	Genitivo – caso
GER	Gerúndio
IMPF	Imperfectivo
IN	Infinitivo nominalizado
INF	Infinitivo
INFL	Flexão
KONJ	<i>Konjunktiv</i> – modo
MASC	Masculino – gênero
M	Modo
MOD	Modal – partícula ou verbo
Motion-PROG	<i>Motion Progressive</i>
NEU	Neutro – gênero
NI	<i>Nominalized Infinitive</i>
NOM	Nominativo
NP <sub>GEN</sub>	<i>Nominal Phrase</i> – sintagma nominal-genitivo
NP <sub>NU</sub>	<i>Nominal Phrase</i> – sintagma nominal nu
N.T.	Nota do tradutor
OD	Objeto direto
OI	Objeto indireto
PART	Particípio Passado
Part	Partícula (progressiva, separável do verbo, modal etc.)

PartINFzu	Partícula infinitiva <i>zu</i>
PASS	Passivo
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PRÄS	<i>Präsens</i> – tempo
PRÄT	<i>Präteritum</i> – tempo
PREP	Preposição
POST	Auxiliar postural de PROG
POSS	Possessivo – pronome
PRON	Pronome
PRON PESS	Pronome pessoal
PRON POSS	Pronome possessivo
PF	Perfectivo
PL	Plural – número
PREP	Preposição
PRÄS	<i>Präsens</i> –tempo
PRÄT	<i>Präteritum</i> –tempo
PROG	Construção gramatical progressiva
PROG-PREP	Progressivo–prepositivo
PROG- <i>am</i>	Progressivo com <i>am</i>
PROG- <i>bei(m)</i>	Progressivo com <i>bei(m)</i>
PROG	Operador progressivo(semântico)
PROGQ	Questionário para levantamento de formas progressivas – (EUROTYP)
PRON	Pronome
REFL	Pronome reflexivo
RES	Traço–Resultativo
SING ou SG	Singular–número
Spec	Especificador
SUBST	Substantivo
SUF	Sufixo
T	Tempo
V	Verbo
VIC	Vicário
Θ	Papel temático

## INTRODUÇÃO

Os estudos aspectuais no alemão de Pomerode (uma pequena cidade, colonizada por alemães na segunda metade do século XIX, no interior de Santa Catarina) neste trabalho inauguram uma pesquisa que há tempos se faz necessária em um universo lingüístico tão peculiar e rico como o que se apresenta na localidade. Até onde pude verificar, até hoje o alemão de Pomerode não recebeu um tratamento lingüístico de qualquer espécie, muito embora se tenha conhecimento, através da mídia escrita, dos “falares” pomerodenses, sempre em uma abordagem jocosa, exagerada e insinuando uma postura até certo ponto preconceituosa.

Interessantemente, o fenômeno aspectual detectado intuitivamente na localidade acabou se revelando extremamente atual, pois é um grande filão em estudos recentes no alemão da Alemanha e nas outras línguas e dialetos germânicos, conforme mostra a bibliografia adotada aqui.

O presente trabalho, além de ter a pretensão de ser pioneiro na descrição sintático-semântica de um dispositivo gramatical para marcação de progressividade no alemão de Pomerode, por outro lado, e nesse ponto peço licença para trazer objetos de foro subjetivo para dentro de uma pesquisa que se propõe científica, constitui-se em uma modesta retribuição a duas décadas de efetivo convívio e de estabelecimento de laços que já perduram por mais outras três décadas com aquela terra, e, principalmente, com aquela “minha gente”.

Pedido de desculpas feito, sinto-me autorizada a continuar mais um pouco “na informalidade”. Gostaria de convidar o meu leitor a se colocar comigo na “perspectiva interna” desse fenômeno pomerodense, a percorrer comigo as minúcias descritivas da perífrase progressiva *bei(m) + V-en + sein*, a acompanhar a conjecturação sobre a sua gênese e seu desenvolvimento, a observar sua abrangência e as restrições a que está sujeita.

As bases de análise para os objetivos traçados para a presente tese são os dados coletados de informantes bilíngües (alemão e português), todos moradores da localidade de Testo Alto, no interior do município de Pomerode–SC. A ferramenta empírica central está baseada em um questionário que foi aplicado na localidade, uma vez que não existem descrições anteriores da língua em questão, nem tampouco *corpora* que pudessem servir como fonte de consulta.

Nesse ponto faço apenas uma listagem geral dos trabalhos seminais utilizados aqui para a fundamentação teórica. Nos capítulos individuais eles serão resenhados e referenciados mais detalhadamente.

Sobre Aspecto, para sustentar a descrição do fenômeno pomerodense, sigo, primordialmente, as orientações, nesse sentido, de Elisabeth Leiss, nas obras *Die Verbalkategorien des Deutschen*, Berlim, de Gruyter, 1992, e *Artikel und Aspekt – die grammatischen Muster von Definitheit*, Berlim, de Gruyter, 2000.

Como, até onde pude verificar, não existem trabalhos sobre a sintaxe e a semântica do alemão de Pomerode, muito menos sobre a forma progressiva em estudo aqui, valho-me de bibliografias alemãs que tratam da forma atestada na Alemanha, adaptando-as ao fenômeno pomerodense, que entendo servir igualmente para gerar aspectualidade. Os primeiros trabalhos, que tratam exclusivamente da forma, porém sem evidência empírica, são os de Brons-Albert (1984), Andersson (1989), Ebert (1996), que serão referenciados em questões pontuais. Para traçar os paralelismos com o fenômeno similar que está ocorrendo atualmente na Alemanha, valho-me primordialmente da tese (não publicada e disponibilizada em microfichas) de Ariane Reimann, intitulada *Die Verlaufsform im Deutschen: entwickelt das Deutsche eine Aspektkorrelation?*, Universität Bamberg, 1998, da tese de Olaf Krause, *Progressive Verbalkonstruktionen im Deutschen – Ein korpusbasierter Sprachvergleich mit dem Niederländischen und dem Englischen*, Universität Hannover, 2001<sup>1</sup>, e da obra *Der am-Progressiv – Struktur und parallele Entwicklung in den kontinentalwestgermanischen Sprachen*, de Jeroen Van Pottelberge, Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2004.

A sustentação metodológica para minha opção de coletar dados via questionários (por equivalência tradutória) eu remeto ao projeto EUROTYP – *Typology of Languages of Europe*, cujo propósito se resume em estudar as regularidades, os padrões e os limites de variação em nove áreas focais, uma delas compreendendo a de tempo e aspecto. Além de usar como linha mestra o questionário especialmente desenhado pelo Grupo-6 (que contou com a contribuição de Joan Bybee, Bernard Comrie, Martin Haspelmath, Ekkehard König etc.) para fazer levantamento de progressivos em diferentes áreas, faço referência direta à publicação resultante desses estudos, e que foi organizada por Östen Dahl, *Tense and Aspect in the Languages of Europe*, Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2000.

---

<sup>1</sup> O trabalho de Krause já foi publicado (*Progressiv im Deutschen*, Niemeyer, Tübingen, 2002), mas aqui eu referencio a versão eletrônica disponibilizada pela Universidade de Hannover (<http://edok01.tib.uni-hannover.de/edoks/e002/325677786.pdf>)

Para justificar o estágio de gramaticalização da forma pomerodense, adoto e questiono considerações teóricas desenvolvidas por Gabriele Diewald, *Grammatikalisierung. Eine Einführung in das Sein und Werden grammatischer Formen* (Germanistische Arbeitshefte 36) Tübingen: Niemeyer, 1997, e Paul J. Hopper e Elisabeth Closs Traugott, *Grammaticalization*, Cambridge, 1993.

Na tentativa de descrição sintático-semântica da forma *sigo* e adapto os desenvolvimentos propostos por Stefan Engelberg, “*The structural ambiguity of PPs containing nominalized infinitives*”, In: Proceedings of the 2003 Conference of the Australian Linguistic Society, 2003, e faço algumas referências ao trabalho pioneiro nesse sentido de Bhatt, Christa e Schmidt, Claudia Maria “*Die am+ Infinitiv-Konstruktion im Kölnischen und umgangssprachlichen Standarddeutschen als Aspekt-Phrasen*”, In: Abraham, W., Bayer, J. (org.) *Dialektsyntax*, Opladen: Westdeutscher Verlag GmbH, 1993.

O trabalho está organizado em 6 capítulos. Depois de introduzir o tema e listar as principais bibliografias utilizadas no desenvolvimento do mesmo, faço um apanhado geral sobre a noção de aspecto como categoria universal e mostro uma forma gramatical não convencionalizada utilizada por falantes bilíngües (alemão/português) de Pomerode, interior de Santa Catarina, que considero ser uma marca aspectual. As hipóteses são apresentadas e também são feitas considerações sobre o alemão falado em Pomerode e sobre os falantes desse alemão. Ainda nesse capítulo apresento os objetivos almejados com a pesquisa, as justificativas para tal e apresento a base empírica em cima da qual o meu trabalho está baseado. No Capítulo 2 apresento a metodologia de coleta e de análise de dados empreendida. O Capítulo 3 se propõe teórico. Nele exploro inicialmente algumas questões terminológicas, em seguida retomo a literatura sobre Aspecto e Tempo, principalmente a que trata de Aspecto no alemão, uma vez que as gramáticas tradicionais praticamente ignoram (ou mesmo negam) a existência do mesmo nessa língua. Faço, além disso, um breve resgate histórico de sistemas aspectuais do alemão (sobre a queda e reconstrução dos mesmos) tendo por base a forma progressiva, e situo o progressivo como aspecto imperfectivo. O encaminhamento diacrônico é justificado com a revisão dos trabalhos sobre a forma progressiva que está em processo de gramaticalização no alemão da Alemanha e em seus dialetos, bem como em outras línguas germânicas, e o paralelo com o progressivo pomerodense é estabelecido a partir dessa abordagem. Para tanto, três trabalhos seminais são revisados: Reimann (1998), Krause (2001) e Van Pottelberge (2004). Finalmente, comento ainda a pesquisa empreendida dentro do projeto EUROTYP, a parte que contempla as categorias Aspecto e Tempo (feita pelo Grupo 6), uma vez que situo a forma pomerodense na classificação proposta pelos autores

pertencentes a esse grupo, além de me valer do questionário proposto (PROGQ) para levantamento de formas progressivas e das questões teóricas que constituem a Parte 2 desse questionário. O Capítulo 4 se destina à descrição da forma em seus componentes individuais, no sentido de justificá-la como forma perifrástica responsável por conferir progressividade a uma sentença, contestando a classificação (sintática) proposta por Engelberg (2003) para a mesma. No Capítulo 5 apresento o resultado dos testes aplicados em Pomerode, distribuindo os dados em categorias. Além disso, apresento o que parece ser uma variante da forma progressiva, uma vez que os dados revelaram alta incidência dessa forma para os inputs progressivos em PB apresentados para tradução. Mas observo desde já que não exploro essa questão no âmbito do presente trabalho. Finalmente, no Capítulo 6 apresento um esboço de uma possível representação sintática e semântica da forma. O capítulo apresenta ainda uma proposta rudimentar de um tratamento unificado dos objetos dentro da estrutura. Resgato, além disso, os resultados obtidos ao longo do trabalho e faço encaminhamentos para pesquisas futuras.

## CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS E OBJETIVOS

### 1.1 Introdução

O título atribuído ao presente capítulo já sintetiza o que ele contém em sua essência. Início situando o leitor na complexa questão aspectual, principalmente porque no alemão a sua “existência” não é assumida tão diretamente enquanto categoria. Em seguida mostro como a forma progressiva se apresenta no alemão falado em Pomerode e apresento as hipóteses que permearam a pesquisa. Discorro brevemente sobre como é essa língua, que só é registrada na oralidade, e como os falantes a situam, além de contemplar alguns aspectos sociolinguísticos que considere importantes. Com isso constituí uma base para delimitar meus objetivos e para justificar a presente pesquisa.

### 1.2 Percepção de uma categoria

#### 1.2.1 A noção de aspecto como categoria universal

Na literatura pesquisada que referencia ou trata especificamente da noção aspecto (Comrie (1976), Verkuyl (1993), Leiss (1992) e (2000) etc.), tradicionalmente, encontram-se referências a línguas onde essa categoria se manifesta explicitamente, ou seja, em forma de pares verbais – as línguas eslavas, o que permite um tratamento transparente dicotômico, uma vez que nessas línguas a distinção gramatical de aspecto é de ordem morfológica-semântica na própria forma verbal. Nas línguas eslavas, que são assumidas por muitos autores como “línguas aspectuais” por excelência, com algumas exceções, cada verbo imperfectivo (não-marcado) apresenta uma contrapartida perfectiva, via afixo (ver exemplos em 3.3.4). Esse afixo aspectual cumpre funções exclusivamente gramaticais, constituindo-se em um morfema gramatical.

O alemão, ao contrário das línguas eslavas, não apresenta uma categoria morfológica própria de aspecto, com uma expressão opositória em forma de morfema afixado ao verbo base, muito menos uma categoria obrigatória no paradigma verbal, a modelo do inglês (*I work* : *I am working*, onde *\_ing* é o marcador aspectual progressivo), uma oposição expressa estruturalmente. Além disso, muitas gramáticas – inclusive a mais renomada gramática DUDEN, em sua versão de 1998 – classificam os verbos tão somente em pessoa, número,



tempo, modo e voz e fazem apenas uma breve referência a características aspectuais subjacentes às *Aktionsarten*. Uma assunção ingênua provisória seria então passível de ser feita: Aspecto no alemão é considerado uma categoria de relevância menor, não “merecedora” de considerações teóricas e descritivas por parte das gramáticas dessa língua.

Entretanto, nas gramáticas recentes já se encontram ao menos algumas referências esparsas sobre possibilidades de marcar progressividade, claramente uma marca de aspecto, no alemão (a maioria o faz sob o nome de *Verlaufsform*), embora ainda sem a necessária abrangência e rigor teórico que é dedicado a outras categorias gramaticais. A título de ilustração, cito: Hentschel e Weydt (2003:44), Zifonun et al. (1997:1877-1881, V.3) e Eisenberg (1999:108).

Em grande parte da bibliografia lingüística geral, por sua vez, parte-se do princípio de que a categoria de aspecto é universal, e que se manifesta em todas as línguas, de uma forma ou de outra. Referências neste sentido vão desde Jakobson (1957/1971) e Guillaume (1929/1965), até Verkuyl (1993) e Leiss (1992 e 2000), na atualidade. Esses autores, meramente elencados nesse ponto, certamente não são unânimes na abordagem de aspecto enquanto categoria, pois as múltiplas possibilidades de sua manifestação nas diversas línguas até hoje ainda não permitiram um tratamento unificado da mesma. A variedade de modelos com a qual nos confrontamos quando tratamos de questões semânticas, e conseqüentemente também a multiplicidade de terminologias, é outro entrave em direção a um movimento unificador, tal qual já ocorreu com a sintaxe a partir de Chomsky.

Para dar uma dimensão da amplitude e complexidade com a qual temos de nos defrontar quando tratamos da questão de aspecto cito Leiss (1992:26). Para a autora, por exemplo, aspecto, juntamente com artigo (para ela alomorfe da mesma categoria gramatical) constitui o fundamento da gramática nas diferentes línguas, e outras categorias gramaticais os pressupõem e constroem em cima dessa base. Ela descreve artigo e aspecto como equivalentes funcionais, respectivamente, no âmbito nominal e no âmbito verbal. Exemplifica a sua tese mostrando que no alemão a perda do artigo (em sua função prototípica) motivou o re-aparecimento de um sistema aspectual, através das construções verbo-nominais perfectivas (FVG) (ver aqui seção 3.3.6).<sup>2</sup>

Ainda a título de ilustração, das teorias de aquisição e de perda de linguagem também é possível extrair elementos para referendar a universalidade da categoria de aspecto. Sabe-se que na aquisição das categorias gramaticais existe uma seqüenciação determinada das

---

<sup>2</sup> Adianto aqui que o meu trabalho se propõe a contemplar a contrapartida imperfectiva dessa reconstrução de um sistema aspectual.

mesmas: diferenciações aspectuais são adquiridas antes (cf. Hitz (1998), Guilfoyle & Noonan (1988)), ou ao menos simultaneamente (cf. Van Valin e La Polla (1997:643-645)) a de tempo e a de modo. Já nos casos de afasia, é o aspecto que se mostra mais particularmente resistente (conforme dados de Seewald (1998) para o alemão e Dong (1997)<sup>3</sup> para o chinês, apud Leiss, 2000:233) na perda de habilidades lingüísticas. A essencialidade da categoria também é discutida por Kotsinas (1989:33) quando, além de registrar sua manifestação em estágios precoces da aquisição, destaca a existência da mesma nos estágios iniciais de emergência lingüística, ou seja, quando um pidgin se creoliza.

Portanto, como ponto de partida, assumo que vou tratar de uma categoria também existente no alemão, e no alemão de Pomerode evidentemente.

### 1.2.2 Uma marcação aspectual não convencionalizada

A referência teórica sobre a universalidade de aspecto não foi, no entanto, o elemento motivador de minha pesquisa, mas sim, o resultado da observação dos dados em minha comunidade de origem.

Falantes bilíngües (alemão/português) no interior do município de Pomerode–SC, recorrentemente se valem de estruturas do tipo a seguir (com o respectivo significado em Português), mas que eu própria não uso, uma vez que meus pais não eram de descendência pomerana:

(1.2.1) *er is' beim Aufräumen*<sup>4</sup>

'Ele está arrumando/fazendo arrumação'

(1.2.2) *ich un' meine Mama war'n beim Kartoffelschälen, wo*<sup>5</sup> *mein Kousin kam*

'Eu e minha mãe estávamos descascando batatas, quando meu primo chegou'

(1.2.3) *du bist immer beim Arbeiten un' hast nie Zeit für mich*

'Tu sempre estás trabalhando e nunca tens tempo pra mim'

Questionamentos pré-teóricos que surgiram a partir da análise superficial desses dados:

---

<sup>3</sup> Não tive acesso a essa bibliografia.

<sup>4</sup> Por enquanto adoto as convenções ortográficas para a transcrição dos exemplos, valendo, portanto, a determinação de letra maiúscula para os verbos nominalizados nessa estrutura. Mais adiante, reavalio essa adoção.

<sup>5</sup> Uma peculiaridade sintática, também observada nos dialetos alemães: *wo* (vicário) como pronome relativo universal (cf. Abraham e Bayer (1993:10)).

a) Que estrutura gramatical recorrente é essa? Qual é a diferença para as respectivas formas simples a seguir?

(1.2.4) *Er räumt auf.*

(1.2.5) *Du arbeitest immer, und hast nie Zeit für mich.*

(1.2.6) *Ich und meine Mama schälten Kartoffeln, als mein Kousin kam.*

b) Como a gramática tradicional vê essa estrutura?

c) Como o falante nativo do alemão padrão avalia e produz as situações verbais em (1.2.1), (1.2.2) e (1.2.3) acima?

d) Não seria uma influência das construções gerundivas do português do tipo *estar + \_ndo*?

De posse dessas questões, eu tinha alguma idéia do que estava em jogo aí. As respostas a seguir, ainda que de cunho bastante intuitivo, determinaram os encaminhamentos que subsidiaram as hipóteses e os objetivos intencionados com a pesquisa:

a'. O modelo de estrutura recorrente retirado dos exemplos (1.2.1), (1.2.2) e (1.2.3) acima é:

verbo finito “ <i>ser</i> ” (carrega a informação gramatical)	+	preposição dativa e artigo definido neutro cliticizado	+	infinitivo verbo principal (carrega a informação lexical)
<b><i>Sein</i></b>		<b><i>bei + dem</i></b> <b>= <i>beim</i></b>		<b><i>V_en</i></b>
Posição 2				Final da oração

Uma análise preliminar superficial, abstraindo a recorrência do verbo *sein* (=ser), seria a de que se trata de um PP em que a preposição P (núcleo) governa um NP de forma [<sub>NP</sub> *dem* [<sub>N</sub> [<sub>V</sub>]]], onde o núcleo lexical do NP é um verbo no infinitivo que foi convertido em um nome neutro (dativo) por processo morfológico.

b'. As gramáticas tradicionais do alemão a que tive acesso inicialmente não contemplavam especificamente esse tipo de estrutura, ou seja, em que uma preposição governa um infinitivo nominalizado. Apenas em uma nota de rodapé na gramática DUDEN (1998) é feita a

observação que uma estrutura similar está sendo observada no alemão padrão coloquial atual na Alemanha, tópico de tese de Ariane Reimann (1998), intitulada: *Die Verlaufsform im Deutschen: Entwickelt das Deutsche eine Aspektkorrelation?* (O progressivo no alemão: o alemão está desenvolvendo uma correlação aspectual?). O acesso à tese de Reimann, na qual a autora defende que o alemão atual apresenta uma estrutura progressiva funcionalmente similar ao progressivo do inglês, mas ainda não totalmente gramaticalizada como essa, é que veio subsidiar objetivamente o fenômeno detectado intuitivamente em Pomerode. E, a partir do trabalho dela, tive acesso a outras bibliografias recentes sobre o assunto, que, por sua vez, me possibilitaram contato com pesquisadores de progressivo no alemão e nas línguas germânicas modernas.

c'. O falante nativo do alemão padrão consultado avalia a estrutura pomerodense como “agramatical”. Relativiza a avaliação quando lhe digo que se trata de uma manifestação oral, por parte de um falante bilíngüe do interior de Santa Catarina. O falante usa os advérbios *gerade*, *im Moment* para fazer a marcação não-ambígua da situação verbal em transcurso dos exemplos (1.2.1) e (1.2.3) acima, e o advérbio *immer* para marcar habitualidade em (1.2.2), e rende os verbos na forma simples, conforme indicado a seguir:

(1.2.7) *Er räumt im Moment oder gerade auf.*

ele arruma-PRÄS no momento ou justamente Part

‘Ele está arrumando/fazendo arrumação nesse instante.’

(1.2.8) *Du arbeitest immer und hast nie Zeit für mich.*

tu trabalhas-PRÄS sempre e tens nunca tempo para me-ACU

‘Tu sempre estás trabalhando e nunca tens tempo pra mim.’

(1.2.9) *Ich und meine Mutter schälten gerade Kartoffeln, als mein Kousin kam.*

eu e minha mãe descacávamos-PRÄT justamente batatas, quando meu primo chegava-PRÄT

‘Eu e minha mãe estávamos descascando batatas, quando meu primo chegou.’

d'. A estrutura pomerodense se assemelha com a perífrase *estar* + preposição *a* + infinitivo, certamente não muito usual no português brasileiro<sup>6</sup>.

Os dados empíricos iniciais serviram para mostrar o quanto das realizações aspectuais atuais passam despercebidas pelo simples fato de desconhecer as formas de codificação e as

---

<sup>6</sup> Justificarei, ao longo do trabalho, a razão de ter abandonado essa hipótese de paralelismo formal entre as duas construções (do alemão de Pomerode e do português falado por eles).

múltiplas possibilidades de manifestação de fenômenos aspectuais, com base em Leiss (2000:283). Só pela comparação entre línguas e pelo desenvolvimento de conhecimento metalingüístico demandado pela prática da tradução, além de uma longa trajetória como professora de língua estrangeira, é que esse conhecimento automatizado se tornou consciente para mim.

### 1.2.3 Hipóteses levantadas

Diante dessa constatação intuitiva inicial, dos testes iniciais aplicados e das leituras feitas, encaminhei o presente trabalho tendo por base norteadora as seguintes hipóteses:

1. O alemão de Pomerode apresenta uma categoria aspectual progressiva (*Er ist beim aufräumen*) que, em contraposição à forma simples (*Er räumt auf*), constitui a categorização “aspecto verbal”, servindo para estabelecimento da perspectiva interna;
2. As estruturas das sentenças progressivas no alemão de Pomerode e no alemão da Alemanha não coincidem totalmente;
3. O progressivo pomerodense com *bei(m)*, se comparado ao progressivo com *am* em processo de gramaticalização na Alemanha e que é funcionalmente similar ao progressivo já totalmente gramaticalizado do inglês, se encontra em um estágio diferenciado da forma com *am* no processo;
4. O aspecto progressivo é dado pela partícula *bei(m)*.

## 1.3 O alemão de Pomerode e os alemães de Pomerode

### 1.3.1 Questões sociolingüísticas e extralingüísticas

Tarallo (1994:46) recomenda que sejam levados em consideração todos os fatores que, mesmo que não estritamente lingüísticos, possam se mostrar relevantes para o encaminhamento de uma pesquisa. As considerações a seguir têm esse propósito exatamente para justificar a metodologia adotada para a coleta de dados, como também para melhor situar o leitor nesse universo lingüístico ainda tão pouco explorado, que certamente mereceria um empenho bem mais amplo, dada a riqueza de fontes de pesquisa que subjaz aí.

Pomerode (~25000 habitantes) fica localizada no Vale do Itajaí e foi distrito de Blumenau até o início da década de 60. Nesse período chamava-se Rio do Testo e o nome

Pomerode foi lhe dado quando da municipalização, em homenagem à região de origem de seus primeiros habitantes, a Pomerânia, ao norte da Alemanha, outrora fronteira e hoje parte da Polônia. Os imigrantes colonizadores se estabeleceram entre 1860–1880 na região, período que se caracterizou por uma corrente imigratória transatlântica, que nunca mais se repetiu. Pode-se dizer que, após esse período, o contato lingüístico com a pátria mãe deixou de existir efetivamente e que as línguas seguiram rumos independentes.

A origem do alemão falado em Pomerode é basicamente o *Niederdeutsch* (Baixo Alemão, ou *Low German*), ou seja, uma coleção de dialetos regionais falados no norte da Alemanha. Segundo Langer (1991:30), com base em evidência fonológica diacrônica, o *Niederdeutsch* (Baixo Alemão) se distingue do *Hochdeutsch* (Alto Alemão) especificamente pela *Second Sound Shift*, como também por certas ditongações que aconteceram na Idade Média Tardia em muitos dialetos do Alto Alemão, mas não nos do Baixo Alemão. Para Langer, portanto, historicamente o *Niederdeutsch*<sup>7</sup> é uma língua própria e não um mero tipo de *Hochdeutsch*. A divisão *Hochdeutsch* x *Niederdeutsch* deve ser sinalizada como uma diferenciação geográfica e não em termos valorativos, de acordo com Glinz (1980:610). O termo *Standardsprache*, sintetizando o que expõe Glinz (idem), foi introduzido no início da década de 70 como uma neutralização ao termo supervalorizado *Hochsprache*, e deve ser entendido como uma língua de uso geral (ouvida, lida, falada e escrita) que não pode ser interpretada como uma *Mundart* (forma dialetal), nem como uma fala de determinada classe social. Fischer (1977:80) diz que o alemão padrão, tal como ele é entendido e escrito por todos, é uma língua até certo ponto formada artificialmente.

Para situar o alemão falado pelos pomerodenses, temos que levar em conta alguns aspectos importantes. Os colonizadores pomeranos eram pessoas muito humildes, agricultores em sua maioria, e religiosas, sendo que os mais instruídos entre eles passaram a exercer também, já desde o início, o papel de professores das crianças, uma vez que muita importância era dada à instrução escolar em nível elementar. A chegada do primeiro pastor luterano para a região favoreceu a regulamentação das primeiras escolas particulares. A ele também cabia o papel de dar formação e assistência a esses “professores”. Essas escolas eram concebidas, pela Lei Estadual nº 1187, de outubro de 1917, e outras leis, como “escolas

---

<sup>7</sup> Fischer (1977:84) iguala o *Niederdeutsch* ao *Plattdeutsch*, ao passo que o *Hochdeutsch* compreenderia o *Oberdeutsch* e o *Mitteldeutsch*. O limite geográfico que estabelece a diferença observada pela *second sound shift* é conhecido pela *Benrather Linie*, que se situa ao norte de Köln, passando por Kassel e Magdeburg. A supremacia do *Hochdeutsch* em relação ao *Niederdeutsch* é atribuída a Lutero por intermédio de sua tradução da Bíblia, e resulta daí que a língua alemã é também chamada de *Hochdeutsch* (mais precisamente: *Neuhochdeutsch*), que, em sua forma escrita, goza, desde o século XVIII, estabilidade e abrangência territorial geral. (idem:89)

estrangeiras”, embora a clientela fosse de crianças nascidas no Brasil (De Luna (2000:42)). O dialeto falado pelos imigrantes pomeranos era o *Platt*, um dos dialetos que compõe o *Niederdeutsch*. Já a instrução dada nas escolas, antes dos períodos de nacionalização (ocorreram duas campanhas de nacionalização do ensino, paralelas às duas grandes guerras), era feita primordialmente em alemão padrão (*Hochdeutsch*), e, por ter um estatuto mais elevado que o *Platt*, pelo fato de ser a língua da escrita e da igreja, passou inclusive a se alastrar mais. Segundo relato de meus próprios informantes mais idosos, os seus pais insistiam que eles aprendessem o alemão padrão; o *Platt* era adquirido por mera contingência, o que fez com que aos poucos ele começasse a cair em desuso. O *Platt* só é manifesto na oralidade.

Hoje, o que se observa na grande maioria dos falantes bilíngües pomerodenses é um alemão muito próximo do alemão padrão coloquial, mas não posso classificá-lo como uma variedade desse, uma vez que não faz mais parte do mesmo sistema diastásico. Definir esse alemão pomerodense como dialeto ou mesmo socioleto também me pareceu problemático. Assim, para o presente trabalho, adoto uma classificação mais geral do alemão falado pelos meus informantes – o *Hochdeutsch*-pomerodense – e assumo os riscos dessa adoção. A classificação genérica ‘teuto-brasileiro’ (*brazilian German*), que inclui convergências do *Pommersch*, *Sächsisch*, *Pfälzisch*, *Donau-Bairisch* e *Donau-Österreichisch*, e que foi proposta pela Linguasphere (País de Gales) como sendo uma subdivisão do grupo 52= *Germanic phylozone*, no meu entender, valeria para o *Platt* e não para o alemão que meus próprios informantes classificam como “*Hoch*” (e não *Hochdeutsch*) em Pomerode. Já o *Platt* vai ser considerado um dialeto, tal qual o *Ripuarisch* (“*Rheinisch*”), o *Bairisch*, entre outros que ainda serão referenciados aqui.

No *Hochdeutsch*-pomerodense observam-se muitas incorporações lexicais do português e as conseqüentes adaptações ao sistema morfológico e fonológico do alemão. Inovações sintáticas também são observadas. O objeto da presente tese constitui uma delas, em certo sentido. Tal qual o *Pennsylvaniadeutsch* na América do Norte, a fala pomerodense se desenvolveu autonomamente, uma vez que perdeu totalmente o contato com o sistema diastásico alemão, conforme detalhei acima.

Consultei meus informantes sobre como eles classificariam o seu alemão: “*Was wir hier in Pomerode sprechen ist so mehr das “Hoch”, aber viele sprechen noch Platt*” (O que nós falamos aqui em Pomerode é assim mais o *Hoch*-(*deutsch*) (alemão padrão), mas muitos ainda falam o dialeto *Platt*).

Atualmente o *Platt* é falado primordialmente pelas pessoas mais idosas. Embora não seja objeto do meu estudo, também coletei dados em *Platt* com alguns informantes que

revelam que o fenômeno em questão é manifestado igualmente no dialeto. Segundo Abraham e Bayer (1993:8), cada falante do alemão é competente em pelo menos mais um jargão (termo usado pelo autor), além do alemão padrão, compreendendo o mesmo com igual ou maior desempenho no que diz respeito ao léxico e ao desempenho sintático e estilístico. Entre os meus informantes, todos os falantes de *Platt* também falam o *Hochdeutsch*-pomerodense, mas a recíproca não vale. Sendo o *Plattdeutsch* pomerodense e o *Hochdeutsch*-pomerodense parentes, ainda que sob ótica fonológica e fonética eles se diferenciem substancialmente, assumo, também com base em Abraham (idem), que os parâmetros acionados sejam os mesmos e que sempre podemos contar com influências recíprocas nos meus informantes mais idosos. Assim, já era de se esperar que meus informantes que dominam tanto o *Hochdeutsch*-pomerodense como o *Platt* (além do português, evidentemente) rendessem as sentenças gerundivas do português apresentadas a eles para tradução (ver a metodologia de pesquisa adotada no Capítulo 2), respectivamente com *beim* e *bim*, nos casos de não haver outras restrições, o que veio a se confirmar no levantamento de dados.

A supremacia do alemão padrão em relação ao *Platt* claramente tem relação também com o prestígio do primeiro em relação ao segundo em fases iniciais da colonização. O papel da leitura e da escrita sempre (de acordo com o levantamento de Altmann (2004)) deve ter sido determinante nas questões de valoração lingüística, o que se confirma também na atualidade em relação ao português, conforme mostro mais adiante. Lembro ainda que em Pomerode, segundo estatísticas do IBGE, o índice de analfabetismo é zero.

Como as escolas particulares em Pomerode, em sua maioria, não eram subsidiadas pelos cofres públicos, também o controle lingüístico quanto à língua vernácula era menos rigoroso nas décadas iniciais da colonização, amparadas que eram pelo Decreto nº 794 (1914), em seu artigo 129 (De Luna (2000)).

O período pós-guerra caracterizou-se por uma política lingüística diferenciada. Todas as escolas alemãs já haviam sido fechadas ou “nacionalizadas” e o alemão passou a ser cultivado apenas no âmbito domiciliar e nas relações interpessoais. Ninguém mais era alfabetizado em alemão, nem tampouco essa língua fazia parte do currículo escolar como Língua Estrangeira. Somente o ensino religioso confirmatório (doutrina) continuou sendo feito em língua alemã (em *Hochdeutsch*), mesmo depois das campanhas de nacionalização nas escolas, o que deve ter motivado também a insistência no aprendizado doméstico do alemão padrão, dado o rigor com que eram ministradas essas aulas por parte dos pastores luteranos. Essa situação perdurou até meados da década de 70, época em que o alemão foi introduzido como Língua Estrangeira na 5ª série do currículo escolar da maior escola particular do



município e, a partir da década de 80, passou gradativamente a ser introduzido em quase todas as outras escolas da localidade, particulares e públicas, mas até hoje ainda não na educação infantil e nas séries iniciais.

Para os falantes entre 30 e 65 anos de idade, o grupo que constitui o foco principal de minha pesquisa por apresentar as características lingüísticas mais homogêneas, vale, portanto, o uso do alemão restrito à oralidade. Mas mesmo os informantes mais novos, que já tiveram contato com a língua alemã como disciplina escolar na fase inicial de sua adoção pelas escolas (entre 20 e 30 anos), não têm domínio da leitura e da escrita nessa língua, conforme levantamento pessoal feito.

A faixa escolhida justifica-se também porque nela estão situados os falantes ainda competentes nas duas línguas (no *Hochdeutsch*-pomerodense e no português). Entre os mais velhos, ou seja, acima de 65 anos, onde a forma foi atestada apenas aleatoriamente, observa-se o que eu suponho seja a marcada influência da formação escolar e religiosa no período anterior e durante as campanhas de nacionalização (eles sabem o que a gramática normativa autoriza!), e entre os mais novos, uma supremacia do português e a precariedade crescente no domínio do alemão depois que entram para a escola. Crianças em fase pré-escolar evidentemente não foram testadas em função do teor do teste.

Observa-se em Pomerode uma constante troca de código entre o alemão e o português, inclusive em nível intra-sentencial, e entre os meus informantes de *Platt* notei que essa mudança de código acontece naturalmente entre o *Hochdeutsch*-pomerodense, o *Platt* e o português. Os informantes fazem isso inconscientemente, conforme pude constatar em várias situações de teste. Em determinados testes de tradução aplicados, o informante simplesmente fazia uma paráfrase, em português mesmo, do input em português recebido. Com isso percebe-se que a opção pelo alemão ou pelo português, ou pelas duas línguas concomitantemente, é determinada pela situação comunicativa.

No questionamento sobre o papel desempenhado pelo alemão em seu cotidiano e solicitando para fazerem uma comparação com o português, são unânimes em afirmar que consideram seu alemão “não-gramatical”, “*Küchendeutsch*” (alemão de cozinha), “alemão-aportuguesado” etc. O português, por sua vez, é considerado a língua de prestígio, já que este eles também lêem e escrevem. Grande parte dos filhos e netos de meus informantes, e da população jovem em geral, conforme minha experiência no local, só fala alemão até entrar para a escola e os pais acham isso normal, já que, “para arrumarem um emprego, precisam falar “bem” o português!”. A manutenção do alemão é, inclusive, considerada por eles como um entrave para a alfabetização. O distanciamento da língua alemã nessa fase é até estimulado

pelos próprios pais, com o argumento de que as crianças irão “re-aprendê-lo” quando estiverem na 5ª Série.<sup>8</sup>

Temos, assim, situações lingüísticas bem peculiares em Pomerode e que influenciaram diretamente a escolha dos informantes para a presente pesquisa. As pessoas mais idosas entrevistadas, acima de 65 anos, não apresentaram a perífrase – verbo *sein* + partícula *bei(m)* + infinitivo – quando confrontadas com as sentenças progressivas em português (procedimento de coleta especificado em seguida). Levanto uma hipótese quanto a este fato, mas que certamente merece um empenho analítico mais apurado. Por terem sido alfabetizados em língua alemã padrão e praticarem a escrita esporadicamente (listas de compras, bilhetes para membros da família, cartões festivos etc.) e a leitura em alemão ainda com certa regularidade (primordialmente a bíblia, os anuários/mensageiros religiosos, o encarte alemão no jornal *Brazil-Post*, os folhetos distribuídos pela igreja luterana etc.), têm consciência do que a gramática padrão autoriza ou não. Chamo a atenção que os dados foram coletados formalmente, quer dizer, o estímulo não era certamente espontâneo, e nem tampouco a minha presença com um gravador na mão autorizaria uma interlocução informal com esses indivíduos. Além disso, o alemão, para essa faixa etária, é ainda considerado a língua de prestígio (e era sobre essa língua que lhes era perguntado algo!) e o português é usado secundariamente, em alguns casos inclusive com bastante dificuldade. No trabalho faço referências específicas sobre os dados colhidos com esses informantes, bem como com outros que têm acesso à língua padrão escrita.

### 1.3.2 O peso do preconceito lingüístico

Já comentei que o próprio falante bilíngüe pomerodense renega o seu alemão a um segundo plano, a uma língua que ele nem considera mais ser alemão. Como ilustração, segue aqui a transcrição de um comentário:

“*Ja, guck mal, der richtige grammatische Deutsch, die sprechen das ja anders wie wir...*” (Mas veja aí, o alemão gramaticalmente correto, eles (os alemães) falam isso diferente do que nós.)

---

<sup>8</sup> Essas informações eu resgatei para um outro trabalho (Emmel (2005)).

“*Meinst du, was wir sprechen, das reicht schon? Meinst du, die täten uns versteh’n, die Leute da?*” (Tu achas que isso que nós falamos já basta? Tu achas que eles iriam nos entender, as pessoas lá (na Alemanha)?)

Em dado momento da entrevista com V., em que era para especificar a diferença entre pares aspectuais em português e a conseqüente tradução para o alemão (ex.: *ele trabalha* x *ele está trabalhando* e *as portas abrem* x *as portas estão abrindo*), ele fica muito agoniado e diz:

“*Ja, das is’ hier grammatisch falsch, unsere Sprache hier in Pomerode*” (Sim, isso aqui é gramaticalmente errado, essa nossa língua aqui em Pomerode)

E admirando-se que era possível “escrever” um alemão tão errado(!) quanto o dele:

“*Willst du dich das aufschreiben?*” (Tu queres tomar nota disso (que eu estou falando)?)

Como eles têm consciência de que desconhecem alguns itens lexicais na língua alemã, sendo forçados a fazer uma adaptação, já acham que não é mais “alemão” o que estão falando. Em muitos momentos da entrevista, sentiram-se desconfortáveis quando desconheciam um termo e acabavam se justificando, imaginando que estavam sendo testados nesse ponto.<sup>9</sup>

### 1.3.3 Adaptações de análises diacrônicas

Ao verificar se é possível advogar um processo de gramaticalização subjacente à construção progressiva pomerodense, necessariamente tenho que me preocupar com análises diacrônicas. Entendo que qualquer tentativa de sistematização do fenômeno estaria naturalmente comprometida se fosse baseada em um recorte sincrônico atual, tendenciosamente sobregeneralizante. Eu perderia, por exemplo, toda e qualquer possibilidade de questionar o estatuto do elemento *bei(m)* na forma progressiva pomerodense, uma vez que, abstraindo percursos históricos, eu só teria como classificá-lo como elemento locativo, uma preposição, na verdade. Por outro lado, como a literatura explora a reconstrução de sistemas aspectuais no alemão tendo por base formas progressivas com *am*, e essas não foram atestadas

---

<sup>9</sup> Nesses momentos percebo que o meu papel junto aos meus informantes não é o de mera “coletora de dados”. A nossa interação está servindo para que os mesmos reflitam sobre os valores que tentam suprimir em nome de uma suposta superioridade lingüística do português. Mas isso já daria um outro trabalho... Por ora tento estabelecer objetivos mais específicos que dizem respeito a questões de aspecto lingüístico tão somente. Por enquanto ainda tenho informantes do alemão pomerodense para fazê-lo...

em Pomerode, a análise diacrônica de uma outra estrutura que cumpre essa mesma função (na mesma língua) ganha sustentação, inclusive no sentido de reconsiderar descrições feitas para o progressivo no alemão da Alemanha.

Os dados para a presente pesquisa são todos de fonte oral, por razões já justificadas anteriormente. Tentei localizar construções progressivas em alguns textos produzidos por falantes do *Hochdeutsch*-pomerodense. A empreitada se mostrou ineficaz, dado que se trata de meras mensagens afetivas, evidentemente cristalizadas, em cartões festivos, alguns telegramas com mensagens truncadas, relatórios de estoque de fábrica, listas manuais de preços e materiais, e documentos pessoais traduzidos. Resgatei algumas cartas e narrativas produzidas por esses falantes mais idosos, mas que também não continham a construção perifrástica pretendida, nem tampouco outras que pudessem comprovar estágios intermediários do processo de gramaticalização que assumo estar subjacente à forma progressiva, que é o objeto do presente estudo. Em Pomerode, diferentemente da Alemanha onde existe uma história lingüística muito bem documentada que possibilita traçar percursos diacrônicos, tenho como dados reais apenas os meus levantamentos atuais.

Portanto, referências à análise diacrônica das possibilidades de marcar progressividade no alemão até 1860 (época da emigração para Pomerode) serão baseadas no que foi levantado por Reimann (1998), Van Pottelberge (2004) e Langl (2004), complementadas com outras fontes, que são referenciadas localmente, e, a partir daí, conjeturo paralelismos entre a evolução das construções progressivas por eles documentados para o alemão e para línguas e dialetos germânicos em geral, e a perífrase pomerodense do estágio atual. As fontes dicionarísticas pesquisadas na biblioteca etimológica da Ludwig-Maximilians Universität em Munique (ver listagem na referência bibliográfica) apresentaram-se como um entrave metodológico adicional, uma vez que não era claro para os autores da época em que a forma passou a ser detectada em dados da língua (e talvez ainda não para muitos contemporâneos que elencam fontes históricas em forma de gramáticas e dicionários), se ela se enquadrava como uma forma sintática, um fraseologismo, ou uma forma verbo-nominal (*Funktionsverbgefüge*). Também as minhas limitações em pesquisa lingüística histórica devem ter contribuído para tal.

## 1.4 Objetivos e justificativas

### 1.4.1 Objetivo geral

Através de levantamento empírico, mostrar que o alemão de Pomerode apresenta uma construção perifrástica que denota aspectualidade imperfectiva, inclusive com possibilidades de marcação de oposição aspectual e com comportamento sintático similar aos moldes da *progressive form* do inglês, e que, portanto, no alemão de Pomerode está se desenvolvendo uma categoria verbal aspectual, realizada perifrasticamente.

### 1.4.2 Objetivos específicos

→ Demonstrar porque a perífrase progressiva pomerodense está em estágio diferenciado de gramaticalização, se comparada à perífrase alemã que lhe é similar;

→ Mostrar as possibilidades de alastramento da forma nos mais diversos contextos lingüísticos e levantar as restrições, baseada em soluções de tradução dadas pelos próprios informantes bilíngües, contestando, assim, alguns critérios elencados que supostamente limitam a possibilidade de marcação progressiva com *bei(m)*, e que não existiriam para a forma com *am*, conforme advogam trabalhos recentes sobre o progressivo na Alemanha;

→ Levantar hipóteses sobre a não-cliticização do artigo ao *bei* nos contextos transitivos (*Ich bin bei die Treppe reinemachen* / eu sou-PRÄS a-Part a escada limpo-fazer-INF) e sobre o papel semântico do mesmo, do próprio elemento *bei(m)*, do verbo finito *sein* e do infinitivo na perífrase verbal;

→ Propor uma descrição sintático-semântica da perífrase do progressivo no alemão de Pomerode, elencando as restrições semânticas, categoriais e sintáticas a que está sujeita.

### 1.4.3 Justificativas

→ Até onde pude verificar, não existem trabalhos sobre a sintaxe e a semântica do alemão de Pomerode;

→ Também não existem muitos trabalhos sobre as peculiaridades sintáticas e semânticas de dialetos alemães que se manifestam somente na oralidade;

→ Ao passo que a forma com *am* já tenha merecido destaque em vários trabalhos recentes na Alemanha, excetuando-se as gramáticas, a forma com *beim* foi, até certo ponto, estigmatizada nessa literatura, portanto, o meu trabalho se justifica ao visar preencher essa lacuna;

→ “Quanto mais nos aproximamos dos princípios de desdobramento das categorias gramaticais, tanto mais conhecimentos obtemos sobre os princípios cognitivos com os quais nós dividimos, perpetuamos, ordenamos ou perspectivizamos o mundo.” (Leiss (2000:282)) - O estudo do progressivo no alemão de Pomerode certamente irá contribuir nesse sentido.

## CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

### 2.1 Introdução

Neste capítulo faço algumas considerações que dizem respeito à metodologia de pesquisa empreendida junto aos meus informantes bilíngües pomerodenses. Mostro inicialmente como foram desenvolvidas as etapas do teste, justifico também o método escolhido para coleta de dados com os procedimentos similares adotados dentro do Projeto EUROTYP. Explicito como foram “contextualizadas” as sentenças colocadas para tradução e como foi feita a transcrição desses dados. Encerro o capítulo tecendo alguns comentários a respeito dos meus informantes.

### 2.2 Levantamento de dados

A coleta de dados iniciais foi feita de maneira bastante assistemática e intuitiva. Resumiu-se, quase que exclusivamente, a um teste de tradução das mesmas sentenças que Ilari e Mantoanelli analisaram no texto “*As formas progressivas do Português*”, In: Cadernos de Estudos Lingüísticos, nº 5, Campinas: IEL, Unicamp, p.27–60, 1983, evidentemente adaptadas ao contexto imediato de meus informantes, no que diz respeito às escolhas lexicais.

Uma vez confirmada a existência do fenômeno, ou seja, o uso recorrente da construção – verbo *sein* finito + partícula *bei(m)* + infinitivo (como solução de tradução para os *inputs* gerundivos do português), sistematizei a aplicação das sentenças em português, fazendo novos ajustes na escolha lexical, a fim de não comprometer o teste de estrutura. Nessa segunda etapa, já de posse do trabalho de Reimann (1998), ampliei os testes para todos os contextos sintáticos, semânticos e até estilísticos por ela aplicados na Alemanha, complementando-os com testes de pareamento de formas marcadas e não marcadas para progressividade.

Retornei mais uma vez aos meus informantes para re-aplicação dos testes anteriores, para confirmação de soluções dadas por eles e que geraram dúvidas, e para aplicação do questionário (também adaptado) desenvolvido pelo Grupo-6 do projeto EUROTYP<sup>10</sup> a alguns

---

<sup>10</sup> Os resultados do projeto EUROTYP (Typology of Languages in Europe) serão referenciados aqui também nos pontos em que cobrem lacunas existentes nas descrições aspectuais das línguas germânicas, além dos

dos informantes, uma vez que o mesmo abrange pontos não considerados por Reimann em seu teste de aceitabilidade, além de conter informações contextuais que auxiliam em uma interpretação não-ambígua das sentenças-estímulo e, conseqüentemente, das respostas.

Só tive acesso ao questionário proposto pelo Grupo-6 do EUROTYP em uma etapa mais avançada de minha pesquisa, mais precisamente durante o meu estágio sanduíche na Alemanha, de janeiro a maio de 2004. Portanto, a idéia de testar a existência, a abrangência e as restrições da estrutura colocando sentenças para tradução partiu de mim mesma, uma vez que me encontrava diante de informantes bilíngües. Assim, as vantagens desse método (que eu considerava como única possibilidade de chegar mais rápido a um número maior de dados), elencadas e justificadas por Dahl (2000), vieram a dar credibilidade à minha adoção prévia dessa estratégia metodológica.

Dahl (2000:5) desenvolve que o *translation questionnaire*, ou seja, um questionário em que um falante nativo de uma língua L é solicitado a traduzir expressões de alguma outra língua para L, elenca (*samples*) um domínio gramatical de um modo tal que precisa ser guiado pelo conhecimento prévio do investigador desse domínio. Diante da confirmação de que estava diante de uma manifestação aspectual sistemática, apliquei as baterias de testes em etapas posteriores, adaptando o questionário PROGQ (do EUROTYP) na tentativa de contemplar as mais diferenciadas possibilidades e com o intuito de detectar também as restrições.

O autor (*idem*) defende ainda que o *translation questionnaire method* para investigação do uso de itens gramaticais e lexicais nas línguas é extremamente vantajoso, uma vez que está baseado na noção de equivalência de tradução (*translational equivalence*), que tem a propriedade de ser operacionalmente passível de definição, e, portanto, é independente de qualquer teoria lingüística. Para o autor, equivalência de tradução quer dizer ainda que duas expressões são traduzidas da mesma forma pelos informantes, e não que necessariamente exista uma relação mais profunda entre elas. Mesmo que se possa prever uma forte indicação de sinonímia nesses casos, Dahl (*idem*:6) leva em conta possíveis fatores de distúrbio inerentes ao processo tradutório e assim considera que a relação entre a equivalência translacional e a sinonímia seria similar àquela que se estabelece entre *aceitabilidade e gramaticalidade* na teoria lingüística. Afirma ainda: “De modo similar, assumir que duas formas gramaticais são equivalentes translacionais (*translational equivalents*) a partir de um

---

encaminhamentos metodológicos de coleta de dados de progressivo. Observo que o Theme Group-6 não tratou somente de aspecto e tempo nas línguas germânicas, mas nas línguas européias em geral, inclusive no português europeu (fazendo também referências ao português brasileiro).



determinado questionário pode ser altamente relevante para a compreensão dessas formas, mas isso não pressupõe que tenhamos caracterizado previamente o significado das formas em questão” (tradução minha, I.E.).

Tenho que reconhecer que o método também é suscetível a críticas, uma vez que não se trata, na verdade, de dados extraídos de situações de fala naturais, embora sejam soluções dadas pelos informantes, que, por princípio, pressupõem aceitabilidade por sua parte. Mas como diz Dahl (idem:5), “(...) *in order to get anywhere at all, you have to have 'quick and dirty' methods of data collection*”.

Desde já me posiciono diante dessas críticas: mesmo tentando suprir meu informante com informações contextuais, quer dizer, as sentenças em português nunca foram apresentadas isoladamente a ele (ver seção 2.3 onde explicito como isso foi feito, e em todo o Capítulo 5 onde transcrevo os mesmos junto a cada exemplo), tenho ciência de que em muitas situações, o mesmo tenha me dado um solução *ad-hoc*, que jamais seria usada por ele em contextos normais de fala, já que elas são reconhecidamente marcadas<sup>11</sup>. Por outro lado, defendo também a uniformidade relativa que consegui imprimir ao meu levantamento de dados, algo que não se observa nas pesquisas de base empírica realizadas por Krause (2001), Rödel (2003) etc. Como observa Van Pottelberge (2004:14), a base material variada (*corpus* digital, textos escritos, *chats*, gravação de conversas telefônicas, registro de dados obtidos de conversas pessoais, exemplos construídos e avaliados por introspecção etc.) de que esses autores fazem uso certamente têm implicações diretas nas conclusões sobre o comportamento das construções progressivas com *am*, uma vez que se assume que a forma seja marca de um alemão falado, e na avaliação entram parâmetros extraídos de material escrito.

No decorrer do trabalho mostro os pontos onde o questionário do EUROTYP teve de ser adaptado aos meus propósitos específicos, como também discuto as respostas inicialmente não previstas e que me levaram a reavaliar a descrição gramatical. Pomerode, como uma fonte atípica (exclusivamente oral), pressupõe estratégias metodológicas diferenciadas. O questionário do EUROTYP, por exemplo, é apresentado por escrito, em inglês, e com os verbos deixados no infinitivo. Em uma aplicação oral do mesmo isso não é viável, ainda mais diante das características peculiares de meus informantes. As sentenças são apresentadas em português com os verbos conjugados.

---

<sup>11</sup> A avaliação de uma estrutura marcada, nesse caso, está baseada também em minha própria experiência linguística no local, por mais que tenha tentado me manter alheia a considerações individuais durante a pesquisa.

A segmentação do questionário do EUROTYP por categorias<sup>12</sup>, no entanto, foi de especial valia na detecção de outras formas de marcar progressividade no alemão de Pomerode, o que contribui também para situar a forma com *bei(m)* no processo de gramaticalização. A título de ilustração cito aqui, a profusão de formas com o auxiliar *tun*, um dado isolado de construção com *am*, nenhum com *dabei*, a redundância na marcação (com *beim* e com inclusão adverbial *gerade*) e a própria forma não marcada por recurso morfo-sintático especializado para progressividade, que o mesmo informante usou na re-aplicação do teste, ou vice-versa, indicando a opcionalidade da forma em seu estágio atual de gramaticalização.

### 2.3 Aplicação das sentenças para “tradução”

Além de um controle lexical mais próximo possível do vocabulário de meus informantes, as sentenças em português apresentadas para o teste compreenderam, para a contrapartida lexical-gramatical pressuposta na transposição para o alemão, basicamente os seguintes pontos, mas que receberão desenvolvimentos específicos mais adiante:

- Classes de verbos: – verbos fracos (regulares)
  - verbos fortes (irregulares)
  - verbos mistos
- Verbos com prefixo, com prefixo separável e *Aktionsart*
- Verbos plenos, auxiliares, modais e cópula
- Verbos pessoais e impessoais
- Verbos reflexivos
- Verbos intransitivos e transitivos (diretos, indiretos, bitransitivos e preposicionados), com os complementos no singular, no plural, incorporados etc.
- Combinação com outras categorias gramaticais:
  - ligação com tempo *Präsens*, *Präteritum*, *Perfekt*, *Plusquamperfekt*, *Futur I*
  - ligação com modo *Konjunktiv I*, *Konjunktiv II*, *Imperativo* e com a *Voz Passiva (Genus Verbi)*

---

<sup>12</sup> Em 83 perguntas do questionário PROGQ-EUROTYP estão contemplados os seguintes pontos: tentativa de definição, verbos transitivos e valência, incorporação de objetos, verbos de movimento, de fase, posturais, não-durativos, não-intencionais, não-agentivos (processos intransitivos), estativos, cópula, situações *absentive*, advérbios durativos, advérbios de gradação, significado iminente, temporariedade, *backgrounding*, habitualidade e quase-habitualidade, futuridade, seqüência e combinação de eventos, imperativos, voz passiva, negação, verbos modais, localização temporal do evento. (veja a transcrição do questionário no anexo)

Apesar das características inerentes à língua falada, alguns controles estilísticos também foram testados (verbos: “morrer”, “falecer”, “bater as botas”, por exemplo), com o intuito de verificar se a forma com *bei(m)* também era dependente de uma questão de registro (ver observação junto a esse exemplo na seção 5.7.1).

Assumo ainda que a leitura aspectual progressiva não se restringe a um determinado tipo construção, ou a um verbo (motivado pela classificação vendleriana tão somente), adjunção ou complemento, mas na conjunção de vários fatores responsáveis por conferir “imperfectividade” à sentença. A estrutura do argumento do VP, os advérbios modificadores e até a atuação do próprio contexto vão decidir sobre o significado de uma estrutura complexa, que pode, inclusive, possibilitar múltiplas leituras. Tanto Leiss (1992) e (2000) como Verkuyl (1993)<sup>13</sup> exploram essa necessidade de trazer outros componentes sentenciais e contextuais para dentro da análise aspectual. Ressalvo, desde já, que no presente trabalho não explorei a questão da influência exercida pelo argumento externo na interpretação aspectual, e minhas considerações nesse sentido restringem-se a comentários pontuais.

A abrangência dos pontos verificados teve por base também o experimento de Reimann (1998) para o alemão atual da Alemanha (complementados depois com os pontos do questionário PROGQ do EUROTYP), uma vez que seu trabalho é considerado um marco na literatura sobre o progressivo no alemão, referendado pelos seus contemporâneos pela amplitude que conseguiu imprimir ao fenômeno. A proposta dela era, no entanto, de verificar índices de aceitabilidade das sentenças progressivas com *am* apresentadas, via questionário escrito, tipo múltipla escolha, a falantes universitários, estudantes de germanística, em todas as regiões da Alemanha. A pesquisadora estava interessada em índices de difusão da estrutura por toda Alemanha, já que tradicionalmente ela era concebida como um fenômeno restrito ao dialeto *Rheinisch (Ripuarisch)* (ver também seção 3.7.1).

Em Pomerode, por se tratar de falantes bilíngües que não dominam a língua escrita alemã, a estratégia de aplicação foi outra, conforme já comentei acima. Toda entrevista foi gravada e posteriormente transcrita. Assim, repito, parto do princípio de que as soluções apresentadas, uma vez que foram dadas pelos próprios informantes, sejam, a priori, sempre aceitáveis. Concordo, no entanto, com Van Pottelberge (2004:19), que a intuição de leigos só

---

<sup>13</sup> Verkuyl distribui esses “elementos” aspectuais em diferentes níveis estruturais de leitura (aspectualidade interna, aspectualidade externa e aspectualidade contextual), concebe aspecto como perspectiva e o trata composicionalmente. Wachowicz (2003) transpõe a proposta de Verkuyl para o PB e seu trabalho será referenciado nos pontos onde existe uma convergência nos elementos individuais que compõem as perífrases, bem como nas abordagens comuns aos progressivos em geral.

é mais confiável que a intuição de um lingüista pelo fato de não ser, em princípio, maculada por pré-concepções teóricas, mas que isso não significa que estejam totalmente livres de enganos. Assim, na análise dos dados, destaco as hesitações manifestadas diante de algumas sentenças do input, e conjeturo algumas razões para tal, uma vez que demonstram um processamento lingüístico “mais consciente” e que talvez merecesse uma avaliação de aceitabilidade por parte de meu informante em outro momento. Construções estranhas receberam comentários específicos.

O comando geral, dado no início da entrevista e repetido ao longo da aplicação do teste, foi:

“*Wie würdest du das auf Deutsch sagen?*”

(Como você diria isso em alemão?)

Evitei o termo *Übersetzung* (tradução) para não impor um peso sobre a escolha lexical. Como as sentenças em português poderiam fazer parte do cotidiano deles, as respostas fluíram com relativa naturalidade, apesar do gravador. Vale lembrar que, apesar de não mais fazer parte daquela comunidade, toda minha família é conhecida, o que também facilitou a minha aproximação e articulação entre meus informantes, e certamente deve ter amenizado os efeitos do Paradoxo do Observador (Tarallo (1994:20-21)). Procurei não me basear em meu próprio *Sprachgefühl* (por introspecção), uma vez que não sou de origem pomerana, embora na etapa de análise dos dados, em alguns pontos isso foi inevitável. Reconheço também, que o contato permanente com a estrutura durante a pesquisa já tenha resultado em flagrantes de incorporação da mesma por minha parte.

Fiz a coleta no próprio ambiente de trabalho dos informantes, ou seja, em um posto de gasolina, junto às bombas, e no balcão de uma confeitaria e de uma loja, e, com os mais idosos, na residência deles.

## **2.4 Especificação dos contextos**

Muitos dos testes, conforme já comentado e que detalho pontualmente mais adiante, demandaram uma paralela contextualização, uma vez que existem efeitos diferenciados resultantes da própria semântica dos verbos envolvidos, ou da situação verbal em contexto, possibilitando múltiplas leituras a uma determinada sentença. No caso específico da estrutura com *bei(m)* pomerodense, é também o contexto que vai determinar se se trata de uma leitura

(ainda)locativa – conforme advoga a literatura alemã, ou (já)progressiva (ou genérica, ou habitual) – conforme pretendo mostrar com a minha pesquisa.

Informações contextuais agindo sobre as estruturas dadas para avaliação de aceitabilidade não estão previstas no questionário aplicado por Reimann (1998), o que compromete o seu teste em muitos sentidos, embora não lhe tire a relevância. O questionário tipológico PROGQ do EUROTYP, no entanto, incorpora informações contextuais em seu bojo, que incidem diretamente sobre a estrutura posta. Reproduzo a primeira e a terceira sentença, tal como elas são apresentadas no questionário, estas que dentro do teste completo tinham por objetivo estabelecer se uma determinada língua possui uma forma PROG ou não, com o intuito de ilustrar como essa contextualização é feita lá:

S01- */Somebody on the phone wants to know about Ann; the answer is: -Ann is near me.../...*

*She WORK [right now]*

S03- *[Last night at 8 o'clock,] when John came, Ann still WORK*

(Retirado do Apêndice 3, Dahl, Östen (org.)(2000:810))

Adotei a mesma estratégia em meus testes orais, nos pontos onde a apresentação de uma sentença isolada poderia disparar múltiplas leituras. As sentenças para tradução foram apresentadas em português, mas com o verbo já conjugado, conforme já disse. Os contextos, a modelo do questionário PROGQ (onde todo o input é feito em inglês), na maioria dos casos, foram apresentados em português. O contato pessoal também possibilitou encenações de situações, ou retomadas da sentença para tradução, ou ainda complementações em caso de dúvidas com relação ao input etc.

Ilari e Mantoanelli (1983) igualmente fazem referência a esse fato, ou seja, que para a compreensão de certas orações construídas no progressivo é necessário recorrer-se à explicitação de uma situação, no mesmo diálogo ou passível de ser reconstruída a partir de termos da própria oração no progressivo. Para Verkuyl (1993) a atuação do contexto se dá no último nível de leitura aspectual, somando-se aos níveis da aspectualidade interna e externa. Volto a essa questão dos níveis de aspectualidade e da contribuição contextual ao longo do trabalho.

Para testar uma interpretação iterativa, por exemplo, no caso de *saltar* e *saltitar*, tive de prover meu informante de informações contextuais, uma vez que no alemão de Pomerode o verbo é único: *hopsen*. Essas informações eram dadas para que, em sua resposta, o entrevistado soubesse selecionar um dado valor aspectual baseado no contexto de

interpretação. Além disso, também a resposta podia ser ambígua e, nesses casos, era o informante que supria as informações contextuais de desambigüização. Sempre que possível, fiz a mesma na língua em que estava acontecendo a nossa interação no determinado momento, procurando tornar a situação a mais real (ou verossímil) possível.

No caso de dúvidas lexicais específicas, auxiliei na tradução ou estimulei a deixar o termo em português, uma vez que a mudança de código intrasentencial, conforme já comentei, é uma prática comum na localidade. Apresento um exemplo do que aconteceu durante o teste de orações na voz passiva, onde a dúvida lexical se manifestou destacadamente:

estímulo: As dívidas dele estão sendo cobradas.

resposta: *Den seine Schulden* [pausa longa] *wurden, hum,* [outra pausa], *ja?..., cobradas?*

(+/- As dele dívidas foram, hum..., sim..., cobradas?)

reformulação da resposta: *Ja, den seine Schulden werden cobriert.*

(+/- Sim, as dele dívidas são-AUX PASS cobrado-PART)<sup>14</sup>

Ao final da entrevista, ele volta a comentar sobre as dúvidas que tinha em relação à palavra “cobrar”. Ele diz:

“Cobrar em alemão eu não sei, *aber wir sagen ‘cobriert’*<sup>15</sup>(= mas nós dizemos ‘cobriert’), mas eu sei que tem um nome em alemão pra isso”.

## 2.5 Procedimentos de coleta

Com o intuito de manter constantes as situações de teste, o mesmo foi aplicado em locais específicos, próximos um do outro: em um posto de gasolina, em uma confeitaria e em uma loja, conforme já dito. Os comprometimentos acústicos nas gravações foram compensados pela relativa informalidade que consegui impor à coleta. Meus informantes nem sempre se conformaram com as respostas *ad-hoc* que deram e justificaram que, se estivessem em casa e tivessem tempo para refletir sobre cada sentença, “o alemão deles seria melhor”.

---

<sup>14</sup> A análise da voz passiva em si será feita em outro momento.

<sup>15</sup> *cobriert* – adaptação ao sistema morfológico do alemão – particípio passado de verbo regular termina em “t”, além da adaptação ao paradigma verbal, via morfema de desinência *-ieren*, que, aliás, é verificada reiteradamente em Pomerode (*lanch – ieren, cobr – ieren, fabriqu – ieren*, etc.).

Antes da aplicação das sentenças, os mesmos foram abordados informalmente (conversas paralelas informam sobre o carro, o preço da gasolina, o trabalho deles no posto, sobre os bolos, sua qualidade e aceitação na capital, na confeitaria), a entrevista foi encabeçada com coleta de informações pessoais: idade, contato com a língua alemã, escolarização, familiarização com trabalhos de pesquisa em geral, avaliações pessoais sobre a manutenção da língua alemã, avaliações sobre a cidade, a comunidade, o trabalho, a vida familiar e social etc.

Para não viciar as respostas, o que para mim foi um ponto negativo no trabalho de Reimann (1998) (pela seqüenciação ordenada que ela conferiu ao questionário aplicado e que deve ter influenciado certas marcações de aceitabilidade), fui alternando a estratégia, misturando estruturas transitivas com intransitivas, paralelo a tempos e modos verbais diversificados, intercalando-as com estímulos totalmente alheios ao objetivo pretendido (*Distractor Sentences*). Também fiz interrupções para travar conversas paralelas sobre qualquer assunto. Assim, consegui dados espontâneos da estrutura, retirados dessas conversas.

## **2.6 Transcrição dos dados coletados**

Como se trata de dados coletados oralmente, o procedimento escolhido na transcrição segue, sempre que possível, ortograficamente, e sempre com letra minúscula. As pausas e as entonações destacadas foram marcadas. As alterações de código (português x alemão) foram mantidas. A numeração seqüencial dos exemplos é particionada por capítulos e seções de capítulos: o primeiro número indica o capítulo, o seguinte a seção e o último a seqüenciação dentro da respectiva seção. Esse foi o critério adotado por Krause (2001) e que, a meu entender, mostrou-se eficaz para referência e retomada de exemplos e como orientação geral ao leitor. Exemplos que são retomados em seções diferentes receberam nova numeração. Exemplos retirados de outras bibliografias são transcritos como nos originais, as glossas em inglês foram mantidas, as em alemão foram traduzidas para o português. Marcações sintáticas são feitas nos pontos que têm relação com o que se está analisando.

## 2.7 Os informantes

Conforme razões já justificadas na introdução, o meu grupo principal de informantes situa-se na faixa etária entre 30 e 65 anos, de ambos os sexos. Eles foram alfabetizados em língua portuguesa, com quatro anos de escolarização em média. Apenas um afirma saber ler e escrever em língua alemã, mas, conforme pude atestar, isto se restringe ao hinário luterano e ao acompanhamento da liturgia impressa nos cultos em alemão.

Um informante é mais novo (22 anos), e com primeiro grau completo, mas que, apesar de ter tido alemão como Língua Estrangeira por dois anos, não demonstrou habilidades de escrita e leitura nessa língua. As aulas de alemão que teve, segundo seu relato, resumiam-se a “decoreba” de canções populares e religiosas, rimas e ditados populares.

Os informantes acima de 65 anos entrevistados são agricultores aposentados e foram alfabetizados em língua alemã. Ainda praticam a leitura em língua alemã, falam português com bastante dificuldade.

Todos informantes pertencem à mesma classe social e comungam de hábitos familiares e sociais semelhantes, cumprindo também funções profissionais similares.



## CAPÍTULO 3 – SISTEMA ASPECTUAL NO ALEMÃO ?

### 3.1 Introdução

Este capítulo se propõe teórico. Nele faço o resgate das bibliografias lingüísticas gerais que serviram de base para minha pesquisa. Inicialmente retomo algumas questões terminológicas com que nos defrontamos quando tratamos de aspecto. Abordo, em seguida, como aspecto é tratado nas bibliografias lingüísticas gerais e situo aspecto como uma categoria universal, orientando-me, primordialmente, por Leiss (1992, 2000). Afunilando a discussão, retomo a dicotomia básica que se encontra em qualquer bibliografia sobre aspecto, qual seja, a diferenciação entre aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo, situando a minha perífrase no aspecto imperfectivo. Como tenho em Leiss a minha linha mestra nessa discussão, retomo também a classificação primária que ela propõe para os verbos, uma vez que a autora já situa aí a noção de perspectivização. Reporto-me brevemente à bibliografia que situa o PROG como aspecto imperfectivo e explicito como as distinções temporais se comportam em relação a essa marcação aspectual. Ainda nessa primeira parte, retomo a discussão sobre a reconstrução de sistemas aspectuais no alemão. Como Leiss (2000) argumenta em favor dessa reconstrução tendo por base o aspecto perfectivo (exemplificando a reconstrução com estruturas verbo-nominais – FVGs (*Funktionsverbgefüge*), com as quais se consegue “reperfectivizar” verbos perfectivos que se tornaram aspectualmente neutros) e encaminha a contrapartida de reconstrução de aspecto imperfectivo com as perífrases com *am*, reviso também as suas considerações nesse sentido.

Em seguida, já pressupondo que na construção com *am* estou diante de uma construção imperfectiva progressiva, verifico como ela se gramaticalizou, revisando a literatura que aborda essa questão, retomando também o que se diz sobre a forma com *bei(m)* nesse sentido. O pareamento com a evolução do progressivo no inglês é feito, uma vez que se tem aí uma base já “sacramentada” e muito bem documentada. A seção 3.6 se destina à revisão das teorias de gramaticalização. Com essa revisão já me situo dentro do trabalho de Reimann (1998), que trata pontualmente da gramaticalização do progressivo com *am*. A revisão da tese de Krause (2001) é feita em seguida, pois, além de fazer um trabalho comparativo entre os progressivos no alemão (o autor assume, além da forma com *am*, também a forma com *beim*, a estrutura complexa e descontínua com *dabei*, além da forma *absentive* como “tipos” de progressivos no alemão), no holandês e no inglês, também propõe

uma classificação das funções do progressivo (com base na classificação proposta pelo EUROTYP) que também é adotada por mim. Outro trabalho revisado é o de Van Pottelberge (2004), por causa da atualidade e abrangência que conseguiu imprimir ao fenômeno, extrapolando suas considerações para seis línguas/dialetos germânicos, incluindo aí o *Pennsylvaniadeutsch* transcontinental, que possibilita interessantes paralelismos com o alemão de Pomerode. Encerro o capítulo de revisão fazendo um breve comentário sobre referências ao progressivo no alemão falado no Brasil e indicando os pontos do projeto EUROTYP que serão contemplados no meu trabalho e que dizem respeito, principalmente, à classificação do progressivo.

### 3.2 Acertos terminológicos – Aspecto e *Aktionsart*

Qualquer sistema temporal-aspectual, de acordo com Bertinetto e Delfitto (2000), parece apresentar uma “mistura” de três componentes fundamentais: referência temporal, aspecto e *actionality*. Por referência temporal eles entendem a localização do evento com respeito ao momento de fala, mas que não deve ser confundida com a noção de “tempo”. Aspecto seria a perspectiva específica adotada pelo falante, o evento sendo considerado sob uma ótica global ou parcial (“de fora” ou “de dentro”, na concepção de Leiss (2000)), o que serviria para a distinção fundamental entre aspecto “perfectivo” e aspecto “imperfectivo”, conforme vai ser discutido em seguida. Por *actionality* eles entendem o tipo de evento, e, com o intuito de simplificação, já que assumem que subjaz aí uma série de propriedades relevantes; referem-se exclusivamente às classes vendlerianas e as ancoram essencialmente no léxico.<sup>16</sup>

Na literatura sobre aspecto, e particularmente na alemã, existe uma confusão terminológica recorrente quanto às noções aspecto (*Aspekt*), *Aktionsart*, aspectualidade (*Aspektualität*), principalmente nas gramáticas consultadas e que estão referenciadas na bibliografia. Uma das origens para tal confusão é o peso exercido pelas discussões de ordem mais geral empreendidas especialmente por autores clássicos como Comrie (1976) e Lyons (1977), onde a diferenciação entre aspecto como categoria semântico-gramatical e *Aktionsart*

---

<sup>16</sup> Para Bertinetto e Delfitto (2000:190), a categoria *actionality*, que normalmente não engloba marcações morfológicas, pode tê-las para o caso do léxico verbal das línguas eslavas. Assim, a oposição perfectivo/imperfectivo das línguas eslavas, para esses autores, seria enquadrada na categoria *actionality*, e não na de *aspecto*, como fazem a maioria dos autores pesquisados. E complementam a argumentação (p.212) que aspecto e *actionality*, mesmo sendo categorias independentes, não seriam ortogonais entre si, uma vez que os primitivos semânticos em que estão baseados seriam, em última instância, de natureza muito similar.

como categoria semântico-lexical não era feita, o que veio a se tornar um problema quando suas teorias passaram a ser usadas na descrição de outras línguas além do inglês.<sup>17</sup>

Para Tschirner (1991), que se propõe a descrever as implicações das diferentes *Aktionsarten* (nos verbos) sobre o comportamento sintático do alemão, *Aspektualität* corresponde à noção semântica abstrata que era intencionada com o termo *aspect* de Comrie e Lyons, e que vai se equiparar a *Temporalität* e a *Modalität*, igualmente noções abstratas, que se situam em estruturas cognitivas fundamentais, mas que nas línguas individuais vão se manifestar por uma soma de elementos gramaticais e lexicais.

*Aktionsart* talvez seja o termo mais “prostituído”<sup>18</sup> dentro da literatura lingüística sobre aspecto, muitas vezes usado até como sinônimo ao termo “aspecto”. A origem da adoção primeira do termo já é interessante, uma vez que não se destinou originalmente a descrever um fenômeno do alemão. François (1985) diz que ele foi usado pela primeira vez por Agrel (1908)<sup>19</sup>, mas para descrever um fenômeno do polonês, uma língua eslava portanto, no trabalho: “*Aspektänderungen und Aktionsartbildung beim polnischen Zeitwort*”. Para o próprio François (idem:229) o termo *Aktionsart*, na descrição das línguas naturais românicas e germânicas, seguiu um caminho totalmente diferente, uma vez que essas línguas não possuem as regularidades de composição de palavras das línguas eslavas.

É possível adotar uma visão mais homogênea para o termo, fundamentada em critérios morfológicos e numa distinção paradigmática, com base em Steinitz (1981): os verbos prefixados em que o prefixo é o elemento diferenciador do verbo base (ex. os ingressivos *losfahren* (começar-a-andar), *loslachen* (começar-a-rir), *losschreien* (começar-a-berrar), os resultativos *ausschlafen* (dormir-até-descansar-por-completo)); os verbos com sufixo/ínfixo – *l-* ou *-r-* que servem para expressar iteração-diminitiva *werkeln* (obrar/fuçar em coisas), *plätschern* (pisar em poças d’água).

Observo, no entanto, que essa restrição das *Aktionsarten* ao âmbito lexical não goza de unanimidade. A construção perifrástica em estudo é, inclusive, definida como “expressão de uma *Aktionsart* por meio de palavras adicionais” na gramática DUDEN (1998:21), na mesma página onde, em nota de rodapé, é citado o trabalho de Reimann, já referido aqui, para quem a forma não é certamente uma *Aktionsart*, conforme resenhou mais adiante (seção 3.7.1).

Mesmo estando sujeita a críticas, para o presente trabalho adoto a classificação tripartite (com base em critérios morfológicos) proposta por Leiss (1992:41):

---

<sup>17</sup> Ver também Tschirner (1991), especialmente o Capítulo 2 e Rödel (2003:13) para comentários nesse sentido.

<sup>18</sup> Chierchia (2003:489), por exemplo, reserva o *calque* desse termo para a classificação verbal proposta por Vendler (1967).

<sup>19</sup> Não tive acesso ao trabalho de Agrel (1908).

I. Caráter verbal: *singen*(cantar), *lachen*(rir), *sterben*(morrer), *öffnen*(abrir), *kommen*(vir), *lieben*(amar). O tipo da situação verbal é expresso semanticamente por intermédio do significado da raiz verbal.

II. Aktionsarten: aos verbos base são acrescentados prefixos, sufixos ou infixos, resultando em verbos semanticamente modificados. Ao mesmo tempo o verbo altera a classe de perspectivização. A modificação semântica do verbo domina a semântica aspectual.

III. Aspecto: a modificação de um verbo base é de natureza tão abstrata, que o significado básico do verbo não se altera (ou não se altera essencialmente) e assim o modo de perspectivização só pode ser expresso gramaticalmente. Surgem os pares aspectuais quando essa diferenciação acontece no âmbito não-finito (tal como no russo). Mas a função de perspectivização pode acontecer também apenas no âmbito finito, por meio de paradigmas flexionais (como no inglês). (tradução minha, I.E.)

Com essa divisão Leiss intenciona manter os verbos base fora da classificação dos mesmos como *Aktionsart*. Considera ainda que nem todos os verbos prefixados devem ser considerados verbos *Aktionsart*, mas somente aqueles para os quais existe um verbo base.<sup>20</sup>

A função de perspectivização, que será explorada mais adiante, englobaria as três classes acima, e Leiss a vê como uma função gramatical, a *Aspektualität* (idem:45).<sup>21</sup>

### 3.3 Aspecto na literatura lingüística geral

Nos subitens a seguir faço um resgate de referências teóricas gerais sobre as categorias envolvidas na análise aspectual. As referências a autores alemães são feitas nos pontos em que suas considerações convergem com as teorias lingüísticas gerais sobre aspecto enquanto característica universal. Referências específicas ao alemão são feitas a partir do subitem 3.3.6.

#### 3.3.1 Aspecto como categoria<sup>22</sup> universal ou como categoria de línguas individuais

---

<sup>20</sup> Leiss (1992:42) cita: *erblühen* (florescer/desabrochar) seria um *Aktionsartverb*, pois existe o verbo base *blühen*(florir), mas *erlauben* (permitir) deveria ser classificado como caráter verbal (pois não existe o verbo base *lauben*).

<sup>21</sup> Para Leiss(1992:35) os verbos *Aktionsart* seriam *monoperspektivierend* (“mono-perspectivizadores”), ao passo que a oposição aspectual seria sempre *doppelperspektivierend* (“bi-perspectivizadora”).

A discussão em torno das categorias lingüísticas verbais básicas foi objeto de discussão independente de Jakobson (1957) e Guillaume (1929/1965). Por concepções teóricas diversas e experiências lingüísticas diferenciadas, ambos chegaram à mesma conclusão: aspecto constitui a pedra fundamental da arquitetura categorial verbal. Leiss (1992:12-17) desenvolve as abordagens desses autores para sustentar seu argumento em favor de uma concepção universalista da categoria Aspecto. Em Leiss (2000:253) sua argumentação é fortalecida, trazendo a noção de artigo para dentro dessa concepção de categorias fundamentais, em cima das quais outras categorias vão construir. Para a autora, essas categorias são tão básicas que já se manifestam inclusive no âmbito não-finito (citando o exemplo dos verbos no russo), nas próprias palavras (*Wortformen*), ao passo que Caso, Tempo e Modo só vão aparecer no âmbito finito.

Para Jakobson (1957/1971), diz Leiss, aspecto é entendido como modificador nuclear, uma vez que nos revela algo sobre a estrutura temporal interna de um evento, sem referência a outra coisa qualquer. A autora toma de Chung/Timberlake (1985)<sup>23</sup> a definição de Aspecto “como estrutura temporal interna da predicação, ao passo que Tempo (*Tempus*) representa uma categoria verbal dêitica, que localiza a predicação no tempo (*Zeit*), quer dizer, em relação ao momento de fala ou qualquer outra referência temporal imaginável”<sup>24</sup>.(tradução minha, I.E.)

Cann (1993:251) considera que Tempo(*tense*) é uma categoria dêitica que situa um evento no tempo(*time*) com relação a outros tempos(*times*), mas que as relações temporais também podem ser apresentadas de acordo com as propriedades internas percebidas do evento ou da situação que está sendo descrita, isso seria o Aspecto.<sup>25</sup>

Para Van Valin Jr. e La Polla (1997:40), aspecto é uma categoria relacionada à temporalidade, tal como tempo, mas diferente desse, pois não expressa a relação entre tempo de evento e tempo de fala. É o aspecto que vai dizer algo sobre a estrutura temporal interna do próprio evento, se o mesmo é fechado ou não, se está em curso ou se é recorrente, se acontece num momento/instante ou se estende no tempo. Ainda para esses autores (idem:48), Tempo é um operador sentencial, ao passo que Aspecto é um operador frasal. O verbo seria o ponto de ancoragem desse operador, e, portanto, é por isso reconhecido como categoria verbal.

---

<sup>22</sup> A adoção do termo “categoria” nesse trabalho deve ser vista de modo amplo. Remeto o leitor aos Capítulos 1 e 2 de Leiss (1992) onde as especificidades de uma categoria são exploradas.

<sup>23</sup> Não tive acesso a essa bibliografia.

<sup>24</sup> Em 2000 a autora já reconsidera essa definição, principalmente no que tange à qualidade temporal do aspecto enquanto elemento constitutivo.

<sup>25</sup> Em Pires de Oliveira (2001) pode se ver uma abordagem didatizada da diferença entre tempo e aspecto.

Assumo a universalidade da categoria Aspecto, e a intenção deste trabalho é mostrar razões dessa adoção, muito embora na literatura alemã (e mesmo em autores que tratam especificamente de questões de aspecto), por vezes, sejam encontradas observações que podem levar a concepções errôneas de que a marcação aspectual no alemão seria deficitária, ou até mesmo inexistente, como é o caso em muitas gramáticas.

De modo geral, as gramáticas modernas do alemão que foram pesquisadas (ver referências bibliográficas) não fazem uma referência detalhada a essa categoria na descrição das estruturas lingüísticas dessa língua. Algumas a citam marginalmente só para observarem que “não existe aspecto no alemão”<sup>26</sup> (Admoni (1982:5,36)). Evidentemente Admoni aqui se refere a um tipo de marcação aspectual, mas a sua afirmação categórica não deixa muita margem para essa possibilidade.<sup>27</sup>

Diewald (1997:8), na introdução de seu livro onde comenta a gramaticalização do progressivo no inglês comparado ao alemão, diz que não existe *progressive aspect* como categoria verbal no alemão. Também em Thieroff (1992:70) encontrei afirmações de que não existe *grammatical aspect* no alemão, embora ele reconheça que o uso da *Rheinische Verlaufsform*, do tipo *er war am essen* (ele estava a comer) esteja se espalhando por toda a Alemanha. Igualmente em Langer (1991:92) remeto à seguinte passagem textual: “*Standard German has no verbal aspect, i.e. there is no grammaticalised verbal category that changes the internal temporal situation of the sentence proposition with regard to perfectivity or progressiveness*”. Ou ainda em Bertinetto e Delfitto (2000:219), no próprio volume dedicado a Tempo e Aspecto no grupo EUROTYP, pode-se ler:

“*German particle ‘mal’ may receive an aspectual (specifically, terminative) interpretation in certain contexts. However this is far from being a systematic behaviour (...) the particle is used (...) to overcome the poverty of aspectual devices offered by the language*”.<sup>28</sup>

O que acontece no alemão, e acredito possa ser a causa de excluí-lo de muitas considerações e enfoques aspectuais, é que nessa língua não se faz utilização sistemática de marcações aspectuais verbais já que não existe obrigatoriedade para as mesmas no atual estágio de gramaticalização (ou são feitas de maneiras tão diversificadas, uma vez que

---

<sup>26</sup> Tradução minha, I.E..

<sup>27</sup> Também Dressler (1980:640), no *Lexikon der Germanistischen Linguistik*, afirma que no âmbito da sintaxe uma tipologia paradigmática não pode deixar de observar que o **alemão não é uma língua aspectual**, ao passo que o latim, as línguas românicas, as línguas eslavas e o inglês apresentam sistematicamente formas de diferenciação entre aspecto perfectivo e imperfectivo. (grifo meu, I.E.)

<sup>28</sup> Grifo meu, I.E.

nenhuma delas está totalmente gramaticalizada, que fica difícil abrangê-las teórica e descritivamente).(ver também Capítulo 5)

A categoria Aspecto enquanto categoria universal, mas que se realiza diferentemente nas línguas individuais, é também abordada diferentemente pelos autores. Verkuyl (1993), por exemplo, persegue a questão da “composicionalidade” de aspecto, tomando por base a combinação de duas categorias tradicionalmente tratadas individualmente (nominal e verbal). Leiss (1992, 2000) explora questões parecidas, tentando comparar a capacidade funcional similar do artigo (determinação/indeterminação nominal) e do aspecto (determinação/indeterminação verbal). Tendo por base o desenvolvimento das línguas germânicas, defende uma clara relação entre o desaparecimento do aspecto (em forma de pares aspectuais verbais) e o paralelo desenvolvimento do artigo. Também na reconstrução de sistemas aspectuais que Leiss observa no alemão atual, essa interdependência nominal e verbal é explicitada pela autora (ver considerações adicionais nesse sentido nas seções 3.4–3.6).

Já a caracterização de aspecto como “expressão da estrutura temporal interna da predicação”, nos moldes de Verkuyl e outros, é questionada por Leiss (2000:241) no sentido de que seria uma “sobre-determinação” da função do aspecto. Aspecto, para Leiss, pode assumir variadas funções temporais paralelas, mas isso necessariamente não significa serem estas as funções fundamentais do mesmo. Como exemplo cita que aspecto verbal pode desempenhar também tarefas modais, mas que, tradicionalmente, não se teoriza sobre as mesmas com similar empenho, assim, não se pensaria em tomar estas como a função fundamental do aspecto. A autora comenta ainda que também o artigo tem de cumprir funções adicionais, de relações transfrásticas fóricas, por exemplo, e nem por isso se consideram estas como sendo sua função básica. O que Leiss (idem:250) quer com essa argumentação é situar Aspecto e Artigo, respectivamente, como fenótipos verbais e nominais de codificação da perspectivização interna e externa. Artigo e Aspecto constituem a base para referência, são eles que possibilitam a determinação de um “posicionamento gramatical” (*eine grammatische Standortbestimmung*), independente da localização atual e independente de espaço e tempo, a partir de onde referência pode ser estabelecida. Aspecto e Artigo constituem a base da gramática e, conseqüentemente, da constituição de perspectivas (em suas variantes verbais e nominais).

Como foge do escopo de meu trabalho a tarefa hercúlea de encontrar uma definição unificada de aspecto, dada a complexidade de se fazê-lo dentro de um universo tão diversificado, tentei ao menos fazer uma aproximação do que considero ser uma base

necessária para a discussão a ser empreendida aqui. O próximo passo é discutir a primeira subdivisão que é feita quando se trata de questões de Aspecto.

### 3.3.2 Aspecto Perfectivo x Aspecto Imperfectivo: uma oposição binária básica

Enquanto categoria presente em todas as línguas, parto para observações gerais da distinção básica entre aspecto Perfectivo e Imperfectivo<sup>29</sup>, o que já foi advogado por Comrie (1976), especialmente no Capítulo 1, a modelo do que acontece na maioria das abordagens aspectuais, ainda que a unanimidade no tratamento dessa dicotomia esteja longe de ser alcançada. Razão para tal dificuldade, de acordo com Dahl (2000:16-17), que situa o par em seus *core gram types*<sup>30</sup> (ou seja, aqueles que têm, em sua maioria, modos de expressão morfológicos por flexão), reside no fato de que, em termos estruturalistas, é impossível identificar um membro da oposição em termos do outro não-marcado, uma vez que se encontram tanto marcadores imperfectivos como perfectivos. Outro complicador é que, dependendo da língua, há uma morfologia rica para a leitura imperfectiva, como é o caso do PB, por exemplo, onde se têm: *estar + -ndo* e *-ia/-va*, algo que não se observa no inglês (e é por essa razão que Comrie (1976) opõe diretamente o progressivo ao perfectivo)<sup>31</sup>.

Também Leiss (1992:12), já na introdução de sua obra sobre as categorias verbais do alemão, diz que só podemos falar em aspecto se as duas perspectivas podem ser realizadas. Portanto, a categoria de aspecto disponibilizaria lingüisticamente duas perspectivas, mesmo que o falante, com base em sua posição efetiva, só possa dispor de uma delas. Essa adoção bipartite básica de Leiss (e de tantos outros autores que se baseiam nas línguas eslavas como ponto de partida para essa discussão; que seriam *the ideal prototype of an aspectual system*<sup>32</sup>, em termos de Bertinetto & Delfitto (2000:189)) não é, conforme detalho aqui, um ponto tão pacífico quando se trata de abranger o que recai sob o rótulo “imperfectivo” (nessa *garbage can*, segundo Verkuyl (1993)), por exemplo, e que é onde também situo a minha perífrase.

Castilho & Moraes de Castilho (1994), na classificação aspectual para o PB, propõem uma subdivisão interessante: existem três estados de coisas (permansivo, operativo e resultativo) sob ótica aspectual. O estado de coisas operativo mudaria no tempo e poderia ser

---

<sup>29</sup> Utilizo letras maiúsculas para caracterizar notação gramatical tradicional (que foram instituídas nas línguas eslavas) para essas categorias, cfe sugestão de Bertinetto & Delfitto (2000:217)

<sup>30</sup> Dahl (2000:14) situa as construções perifrásticas (o progressivo entre elas) em seus *peripheral gram types*.

<sup>31</sup> Ver também Wachowicz (2003:35, nota 33).

<sup>32</sup> Estudos tipológicos recentes não concordam com essa adoção do sistema eslavo como protótipo de um sistema aspectual, uma vez que se caracteriza mesmo em uma exceção diante do que se observa nas demais línguas levantadas pelo projeto EUROTYP e outras pesquisas tipológicas realizadas. (ver discussão em Thieroff (2000:290-293))



quantificado. Esse, por sua vez, englobaria dois critérios de análise, simultaneamente presentes: um critério qualitativo (perfectivo e imperfectivo) e um critério quantitativo (episódico, iterativo, habitual). Por enquanto interessa-me a oposição de aspecto perfectivo x imperfectivo. Afinal, sempre que falamos de “aspecto”, que pode ser atualizado sob forma de lexemas verbais (*Aktionsarten*), através de morfemas flexionais ou derivacionais, e de perífrases, temos de fazer referência a estas oposições aspectuais.

Dentro da literatura brasileira sobre aspecto, Costa (1997), também baseada em Comrie (1976), diz:

“... o perfectivo expressa o fato enunciado como global, sem parcializá-lo ou marcar de alguma forma a sua temporalidade interna. Já o imperfectivo expressa essa temporalidade interna, ou considerando-a como um fragmento de tempo que se desenrola (expressão de cursividade), ou selecionando fases desse tempo interno (expressão de fase inicial, intermediária ou final), ou expressando, ainda, estados resultativos que dêem relevância lingüística à constituição temporal interna de um processo que os antecedeu.”

Aspecto perfectivo, segundo Partee (1984), apresenta uma situação como temporalmente não diferenciada, mas completa, ignorando qualquer estrutura interna que possa ter. Para Comrie (1976) seria o evento concebido *de fora*. A sentença “João chutou Lulu”, por exemplo, apresenta o evento de *João chutar o Lulu* como uma unidade completa (=finalizada), sem indicar por quanto tempo e quantas vezes isso ocorreu.

Já o aspecto imperfectivo descreve um evento como estando em curso ou incompleto, ou seja, é interpretado internamente. Para Comrie (1976) seria o evento concebido *de dentro*. Usando a mesma sentença modelo: em “João chutava Lulu”<sup>33</sup> e “João estava chutando Lulu” temos uma marcação aspectual imperfectiva do evento *João chutar o Lulu*. Trata-se, nesses casos, de eventos “durativos”, que, segundo Lötschner (1976:127) se caracterizam por poderem começar e terminar, que “perduram”, e que assim podem ser considerados em cada momento de sua duração, sem interpretação das pontas.

Como mostro mais adiante, tanto os progressivos (semelfactivo(=monofocalizado) e o durativo(=plurifocalizado), na classificação de Bertinetto (2000) e demais colegas do EUROTYP), como o habitual (e o genérico) e o iterativo se situam na classificação de imperfectivos, mas que certamente não são iguais entre si para constituírem um par em

---

<sup>33</sup> O Pretérito no alemão, ao contrário do português, não é marcado aspectualmente, só apresentando referência temporal. Ver também Bertinetto & Delfitto (2000:190).

“oposição” aos perfectivos, o que já revela a complexidade teórica com a qual nos deparamos ao tratar de aspecto imperfectivo.

Mantendo a idéia de perspectivização, considerada “clássica”, e que é adotada por muitos autores para a diferenciação de aspecto perfectivo e imperfectivo, mostro o que também Leiss (1992:33) diz nesse sentido:

“Um acontecimento verbal pode ser observado basicamente por duas óticas diferenciadas: uma vez como um todo inseparável, outra, não contemplando essa totalidade. No primeiro caso está implícito que o falante se encontra fora do acontecimento; só assim ele pode perceber um acontecimento como um todo; no segundo caso ele é parte do acontecimento verbal. Este não é mais um todo; os contornos não são mais visíveis”. (tradução minha, I.E.)

Dentro das concepções sobre essas duas categorias na literatura lingüística geral, gostaria de complementar as observações no que se referem à relação entre aspecto e tempo. Para ilustrar o fato: nas línguas eslavas formas verbais perfectivas no Presente não autorizam interpretação presente, mas somente futura. De acordo com Lötschner (idem:138), percebe-se uma incompatibilidade entre núcleos sentenciais perfectivos e o Presente, com referência a presente. Assim, a interpretação perfectiva do núcleo sentencial perfectivo é conservada integralmente, mesmo na marcação temporal Presente, motivando uma modificação na interpretação temporal. Como diz Leiss (2000:49), nas línguas eslavas, não é possível responder com um verbo perfectivo (*finden*(=achar), por exemplo) a uma pergunta do tipo: o que tu estás fazendo aí? (*was machst du da*), uma vez que eles são incompatíveis com referência temporal presente. Uma sentença como *Ich finde die Lösung* (eu acho a solução) implica em que a solução ainda não foi achada, ao passo que *Ich suche die Lösung* (eu procuro a solução) tem referência temporal presente.

Dahl (2000:16) destaca essa interação entre elementos aspectuais e temporais na semântica dos seus *core gram types* (já citados acima) e que vão afetar destacadamente os sistemas aspecto-temporais como um todo. Dá como exemplo a ligação nocional que se observa entre perfectividade e referência temporal passada, e entre imperfectividade e referência temporal presente: estados e processos em andamento são mais naturalmente vistos como se sustentando (*holding*) ou acontecendo em um ponto específico no tempo, no qual eles podem ser observados (esse ponto, no caso *default*, seria o tempo de fala), portanto, existe um elo com a referência temporal presente; já eventos completos são tipicamente referidos após terem sido completados, estabelecendo um elo com referência temporal passada.

Volto mais uma vez a Leiss (1992), onde grande ênfase é dada ao aspecto enquanto categoria de perspectivização (interna/imperfectiva ou externa/perfectiva) e à sua diferenciação com relação à categoria de tempo. No tempo é o acontecimento que é localizado (no agora, no antes e no depois), ao passo que no aspecto quem é localizado é o falante: ou dentro ou fora do acontecimento verbal, não necessariamente fisicamente, mas na posição imaginária que ele escolher. As conotações temporais constroem em cima dessa concepção básica. Elas podem até ser deduzidas do significado aspectual, mas não pertencem ao significado nuclear do aspecto. Para a autora (idem:47), a caracterização de aspecto dada por Comrie como sendo [+ temporal] é reavaliada nesse sentido. Ela não a considera necessária na descrição da oposição aspectual de perspectivização interna ou externa, onde só se manifestam conceitos espaciais. Igualmente, a oposição daí resultante de terminado/não-terminado é, primariamente, de natureza espacial. A leitura temporal da oposição binária é efeito de uma transferência conceitual espacial para dentro de uma dimensão temporal. A noção dêitica de tempo deriva da conceitualização espacial. Essa discussão já coloca em cheque também a caracterização de aspecto como [- dêitico] de Comrie. A oposição aspectual (perspectivação interna x perspectivação externa) está baseada em noções essencialmente espaciais, e não temporais como estabelece Comrie. Para Leiss, portanto, pode-se pensar Aspecto como sendo [+ dêitico] e [-temporal].

A autora destaca ainda que só podemos falar de “oposição aspectual” como categoria gramatical quando nos for possível expressar as duas formas de perspectivização no mesmo verbo, como é o caso no inglês com as *simple forms* e as *expanded forms*, ou na forma de pares aspectuais, no caso das línguas eslavas. As *Aktionsarten* não se prestariam a essas alternativas de perspectivização (em pares). Aqui está uma diferença para as considerações que Comrie faz em relação ao papel semântico dos verbos *Aktionsarten*. Leiss é categórica em afirmar que nesse tipo de verbos somente uma das perspectivas é possível e essa é dada previamente pelo significado lexical do próprio verbo. Mantém, no entanto, o terceiro ponto de Comrie na caracterização de aspecto: *aspects are different ways of viewing the constituency of a situation*. Para a primeira parte, ou seja, *different ways of viewing* servem, segundo Leiss, as referências já feitas à perspectivação interna e externa, mas como ela excluiu a característica da temporalidade, o conteúdo de *constituency of a situation* ainda precisa ser melhor especificado.

O que Leiss quer, em última instância, é manter separadas as categorias Aspecto e Tempo, que de alguma forma são interdependentes e, assim, fonte de confusões conceituais e conseqüentemente de terminologia.<sup>34</sup>

Para determinação da estrutura da situação verbal, Leiss se vale de Bach (1981). Dele ela assume os critérios de aditividade/não-aditividade e de *Teilbarkeit/nicht-Teilbarkeit* (partitividade/não-partitividade), que esse autor toma da Mereologia, da lógica das relações parte-todo. Na próxima subseção eu desenvolvo superficialmente essa adoção mereológica de Leiss.

### 3.3.3 A situação verbal – outras oposições binárias

A noção polarizada de perspectivização também está subjacente à divisão semântica dos verbos, numa ordenação primária proposta por Leiss (1992), adotada também por Reimann (1998) para mostrar interessantes implicações no âmbito da temporalidade, e que considero igualmente pertinentes para o meu trabalho. (ver também seção 3.7.1)

Apresento a síntese do desenvolvimento de Leiss (1992:47-48):

1. Verbos que se mantêm idênticos consigo mesmo. Na divisão em várias fases da situação verbal realizada pelo verbo, o resultado permanece sempre o mesmo: cada fase pode ser designada pelo mesmo verbo. (ex: o verbo *amar*; as *crianças amadas* são crianças que são amadas agora, e agora, e agora etc.). Esses verbos são sempre aditivos e partitivos.
2. Verbos que não se mantêm idênticos consigo mesmo. A situação verbal não pode ser dividida em fases idênticas entre si. (ex: o verbo *achar*; uma chave não pode ser achada agora, e agora, e agora etc.). Situações verbais totalizantes não podem ser igualadas a situações verbais pontuais. As últimas só constituem um subgrupo das primeiras. Todas as situações verbais pontuais são totalizantes (*ganzheitlich*). A recíproca não é verdadeira. Esses verbos são não-aditivos e não-partitivos. Leiss chama a situação verbal onde se encaixam esses verbos de *holística*, pois só é possível de ser percebida, se o observador estiver do lado de fora da mesma. (elas podem ser de longa ou curta duração, ou mesmo não terem duração alguma, como é o caso com verbos pontuais). (tradução e síntese minha, I.E.)

---

<sup>34</sup> No âmbito do meu trabalho não vou conseguir desenvolver em suas minúcias essa questão tão complexa, mas, uma vez que está presente em qualquer discussão sobre aspecto, refiro-a nos pontos onde essas divisas ficam mais obscuras.

No enquadramento dos verbos postos para teste de progressividade em Pomerode, essa ordenação dos verbos em duas classes semânticas principais, fixadas no âmbito lexical, ambas podendo ser transitivas ou intransitivas, deve ser confirmada (ver aqui também seção 5.7.2):

<p>Verbos aditivos “perspectivizadores internos”</p> <p>ex.: <i>lieben</i>(amar), <i>suchen</i>(procurar)</p> <p>se mantêm idênticos consigo mesmo/na divisão da situação verbal, o resultado sempre continua o mesmo</p> <p>+ compatíveis com o progressivo</p>	<p>Verbos não-aditivos “perspectivizadores externos”</p> <p>ex.: <i>finden</i>(achar), <i>erblicken</i>(avistar)</p> <p>não se mantêm idênticos consigo mesmo/a situação verbal não pode ser dividida em fases idênticas</p> <p>– compatíveis com o progressivo</p>
--	---

### 3.3.4 Marcações aspectuais evidentes e não tão evidentes assim

Tradicionalmente, repito, no tratamento da categoria aspecto, parte-se de considerações a respeito de línguas onde essa categoria se manifesta objetivamente, tal como acontece na maioria dos verbos nas línguas eslavas, que são classificados como perfectivos ou imperfectivos. A raiz verbal não derivada, na maioria dos casos, é imperfectiva (= forma não-marcada), sendo a forma perfectiva (= forma marcada) derivada da imperfectiva, via adição de um prefixo<sup>35</sup>. Assim, diferente das manifestações tipológicas mais comuns de perfectividade em outras línguas, nas línguas eslavas essa propriedade parece ser menos atrelada à referência temporal e mais ligada à semântica inerente do verbo como item lexical, uma vez que esses prefixos não são uniformes, e lexicalmente são semanticamente esvaziados<sup>36</sup>. Em Dahl (2003-em preparação), o autor retoma a questão complexa subjacente a essa prefixação de um morfema não específico a um verbo, para ele um caso peculiar de gramaticalização, cuja origem remonta a tempos pré-históricos nas línguas eslavas, e que constitui atualmente a categorização perfectiva em oposição à imperfectiva nessas línguas.

Com um exemplo, mostro como o aspecto verbal representa, assim, uma categoria marcada obrigatoriamente na morfologia gramatical, onde o significado lexical básico da raiz verbal permanece inalterado:

<sup>35</sup> Existem também os casos de imperfectivização secundária, para pares aspectuais que se desenvolveram e se diferenciaram demais semanticamente, onde, via infixo *-va-* (agora sim, um prefixo único), se estabelece secundariamente um novo par imperfectivo para um verbo prefixado perfectivo (ver também Leiss (2000:122)).

<sup>36</sup> Para discussões detalhadas sobre isso, ver Dahl (2000), especialmente a Seção 6.

o verbo “escrever” em polonês:

*pisac'* (Imperfectivo) vs. *napisac'* (Perfectivo);

e o verbo “fazer” em russo:

*delat'* (Imperfectivo) vs. *sdelat'* (Perfectivo).

(exemplos retirados de Leiss (1992) e Wierzbicki (1999))

Enfatizando mais uma vez: para quase todo verbo eslavo existe um parceiro aspectual perfectivo, marcado morfologicamente por um afixo (em negrito nos exemplos acima). Leiss (1992) trata-os como verbos que denotam a mesma ação verbal lexical, mas, dessa vez, concebida como um todo ou na totalidade.

Em outra passagem a autora complementa que:

“A modificação no verbo base é de natureza tão abstrata que o significado básico do verbo sofre praticamente nenhuma ou insignificante modificação, assim sendo, o modo de perspectivização só é expresso gramaticalmente. Se a diferenciação acontece no âmbito não-finito, surgem os pares verbais. Mas essa função de perspectivização também pode acontecer somente no âmbito finito, via paradigmas flexionais, como é o caso do inglês”. (p.41-42) (tradução minha, I.E.)

No inglês a marcação é feita em nível sentencial, via construções analíticas perifrásticas (*to be* + *V-ing*). Manifestação em nível sentencial também, conforme já apresentado aqui, é o que acontece no alemão de Pomerode (*sein* + *beim* + *V*).

Porém, antes de dar continuidade às considerações mais específicas de aspecto imperfectivo, e de situar o progressivo aí, registro que as línguas eslavas não possuem um dispositivo especializado PROG, pois são línguas que não apresentam tempos não-terminativos. Nessas línguas os verbos não-delimitados (*unbounded*) podem expressar qualquer valor não-terminativo, quer dizer, tanto Progressivo como Habitual. Para mais detalhes, ver Bertinetto & Delfitto (2000:223).

### 3.3.5 O progressivo como aspecto imperfectivo

Conforme já comentado, existem várias possibilidades de marcação progressiva nas línguas, entre elas, como categoria verbal no próprio verbo (ex. auxiliar *to be* + o sufixo verbal *-ing* no inglês- *She is reading*), ou como categoria gramatical junto a um argumento nominal, como com objetos preposicionais especiais e com o *article partitif* (ex. *Das Kind ass an dem Fisch als Maria reinkam* ou *L'enfant mangeait du poisson quand Marie entra*. – A criança comia do peixe quando a Maria entrou.). (exemplos retirados de Wierzbicki (1997))

Independente do tipo de marcação, a perspectiva, nesses casos, é sempre a interna e estamos falando então de aspecto imperfectivo.

Lembro aqui que a idéia de “marcação” para as formas progressivas é fundamental, uma vez que não existem marcações morfêmicas de não-progressividade. Para Dahl (2000:13) isso é interessante, pois assim elas podem ser detectadas “mais facilmente” via auxiliares, participios e marcações afixais<sup>37</sup>. O progressivo, além disso, seria a principal fonte de imperfectivos marcados, afirma também o autor (idem:18). O fato de serem formas marcadas significa que a função semântica relativa à sua aspectualidade é bem mais precisa do que na contrapartida não-marcada, cf. Rödel (2003:10).

O pareamento com o inglês é feito em vários trabalhos sobre aspecto no alemão, em muitos casos para se concluir que no alemão não é possível fazer a distinção no sistema verbal, como em *John writes letters : John is writing letters*. Steinitz (1981:119) discute esse exemplo para mostrar que no alemão, caso se queira estabelecer a distinção, esta se realiza por meios lexicais e cita o advérbio *gerade*<sup>38</sup> (justamente) como uma dessas possibilidades, como em *Peter schreibt Briefe : Peter schreibt gerade Briefe*. Mas, segundo a autora, não se pode dizer que o alemão tenha a *Progressive Form* pelo simples fato de existirem diferentes recursos lingüísticos nessa língua (a circunscrição com *gerade* seria apenas um deles) que permitiriam uma forma aproximadamente adequada de traduzir a categoria morfológica existente no inglês. É evidente que as pesquisas atuais sobre o progressivo no alemão já colocam em questionamento essa postura de Steinitz, e formas como *Peter ist am Briefeschreiben* revelam exatamente a mesma “situação verbal” (em termos de Leiss(2000)) que a forma *Peter is writing letters* no inglês: a perspectivização é interna, o aspecto é imperfectivo.

Também o meu trabalho, conforme já deve ter ficado claro até aqui, vai no sentido de advogar a existência dessa *Progressive Form* no alemão de Pomerode, independente de existirem outras formas de se fazê-lo (ou mesmo a opção de não se fazê-lo *at all*). O falante de alemão de Pomerode faz uso de uma construção verbal perifrástica com a qual ele explicita que uma ação verbal, relativa a um determinado ponto temporal (no exemplo, esse ponto seria o momento da fala), está em curso, ou seja: *Peter ist beim briefeschreiben* (Peter está escrevendo cartas).

---

<sup>37</sup> Bertinetto, Ebert e De Groot (2000:520) citam, porém, o exemplo isolado de línguas no domínio báltico-finlandês, onde existem usos progressivos de tempos simples.

Também o Húngaro não apresenta uma marcação morfológica para o progressivo, mas a ordem de palavras e uma entonação especial da sentença autorizam uma interpretação progressiva, sem que isso seja assumido como uma construção progressiva genuína. (idem:525)

<sup>38</sup> A questão da marcação aspectual progressiva via advérbios será discutida na seção 5.8.

Chego ao ponto onde resumo o enquadramento intuitivo do progressivo como forma imperfectiva. Na literatura pesquisada, uma sentença no progressivo denota uma situação em curso, sem demandar a interpretação de seus pontos iniciais e finais, o que, portanto, caracteriza imperfectividade (em termos de Leiss, a perspectiva é interna). Como desenvolvido por Wachowicz (2003:33), “os pontos extremos das situações ou eventos existem, visto que eles devem começar e acabar em algum momento, mas no progressivo esses pontos não são interpretados”<sup>39</sup>.

Rödel (2003:11) lembra ainda que o desenvolvimento do progressivo para outras formas imperfectivas<sup>40</sup>, por exemplo, a habitual, não é uma contradição ao pareamento advogado por tantos autores, uma vez que se trata, ainda assim, da função básica de estabelecimento de “perspectiva interna”.

### 3.3.5.1 O progressivo e as distinções temporais

O progressivo, conforme já tentei deixar claro em algumas passagens até aqui, não é uma variante de tempo, uma vez que o verbo finito da construção pode ser construído, se nos limitarmos só aos tempos simples do alemão por enquanto, tanto no *Präsens* como no *Präteritum*. A maleabilidade temporal pode ser atribuída à flexão do auxiliar *sein*:

(3.3.1) *Er ist beim Arbeiten.*  
ele é-PRÄS a+DEF trabalhar-INF  
'Ele está trabalhando.'

(3.3.2) *Er war beim Arbeiten.*  
ele era-PRÄT a+DEF trabalhar-INF  
'Ele estava trabalhando.'

Bertinetto, Ebert e De Groot (2000:525-526), com base no material colhido pelo projeto EUROTYP, concluem que não existem mais distinções temporais no progressivo do que no não-progressivo, ou seja, muitas línguas autorizam a oposição progressivo: não-progressivo nos tempos passados, mas não no presente. Além disso, o progressivo parece ser incompatível com o aspecto Perfectivo nas línguas eslavas. Já Wachowicz (2003:2), quando trata da maleabilidade temporal das sentenças do PB no progressivo, defende uma maior

---

<sup>39</sup> Mas como observa a autora também, existem os casos (nos verbos com leitura habitual lexicalmente condicionada, como *espirrar*, *quicar*, *aplaudir*) em que essa generalização de não interpretação do ponto final parece estar comprometida. Não explorei essa questão no âmbito deste trabalho.

<sup>40</sup> Nem todos autores concordam que tenha sido essa a ordem. Ver considerações em Bertinetto (2000:576).



amplitude denotacional para estas em relação às localizações temporais passado, presente, futuro, quando comparadas com o presente simples e o passado composto.<sup>41</sup>

No PB (e em todas as línguas ibero-românicas, segundo Bertinetto, Ebert e De Groot (idem, ibidem)) temos, além disso, uma outra situação: O auxiliar *estar* tem conjugação imperfectiva e perfectiva e pode ser usado tanto no passado perfeito como no imperfecto, ou seja, tanto o passado imperfectivo (*eu estava trabalhando quando a luz faltou*) como o perfectivo (*eu estive trabalhando desde que acordei*)<sup>42</sup> podem ser usados com o PROG, embora ele ocorra com mais frequência com os tempos imperfectivos. Mas, para os autores acima, essas distinções aspectuais caracterizam um tipo diferente, não equiparável ao que acontece nas línguas eslavas.

O PROG e as distinções temporais foram colocados para teste em Pomerode e serão abordados aqui na seção 5.5, juntamente com as outras categorias como Modo e Voz.

### 3.3.6 Aspecto na literatura germanística

Antes de desenvolver os percursos históricos e as amarrações teóricas para situar o progressivo das línguas germânicas e, a partir daí, abordar a forma pomerodense, apresento mais detalhadamente a proposta de Leiss sobre reconstrução de sistemas aspectuais, uma vez que aborda questões fundamentais de como isso acontece nas línguas em geral. Outrossim, como a noção de pareamento perfectivo: imperfectivo nos estudos aspectuais parece ser imprescindível, preciso dessa contrapartida de reconstrução de aspecto perfectivo nas línguas germânicas.

A literatura germanística sobre aspecto levantada para o trabalho que estou delineando aqui está baseada nos autores já citados até esse ponto. Leiss (1992) trata das categorias verbais do alemão enquanto fenômeno interdependente. Baseia-se no conceito da cronogênese que foi detalhado pela primeira vez por Guillaume (1929/1925). Aspecto, Modo e Tempo não se referem, como dita a gramática tradicional, a fenômenos de natureza diversificada, mas a fases internas de um único fenômeno: a cronogênese. Aspecto, Modo e Tempo representam o

---

<sup>41</sup> Os exemplos dados por Wachowicz são: a. *O diretor viaja muito* e b. *O diretor tem viajado muito*, que estariam limitados a um período que inclui o presente e a um presente que se estende para o passado, respectivamente; já a. *O diretor está viajando muito*, b. *O diretor estava viajando muito*, e c. *O diretor vai estar viajando muito*, que podem denotar um número maior de significados temporais, respectivamente, para o presente, para o passado e para o futuro.

<sup>42</sup> A dissertação de Rogério Oliveira (1999) trata do progressivo no tempo perfeito em PB. Em Ilari e Mantoanelli (1983) são levantadas as restrições do PROG com o perfeito, que não poderia ser usado com predicado nominal (\*A casa já esteve sendo pequena para nós.), nem tampouco com verbos *achievement* (\*A visita esteve chegando.), por exemplo.

mesmo objeto (*Sache*), visto como momentos diferenciados deles próprios. Enquanto apanhado teórico, faço um resumo de suas considerações fundamentais: 1. As categorias verbais apresentam diferentes graus de complexidade; 2. As categorias verbais apresentam uma classe sígnica não-arbitrária onde todos os traços gramaticais podem ser deduzidos, direta ou indiretamente, a partir da posição do falante - aqui ela desenvolve toda a questão em torno da perspectivização interna/externa, da aditividade/não-aditividade e partitividade/não-partitividade das categorias verbais e nominais; 3. As categorias verbais são categorias de perspectivização; a categoria de Aspecto disponibiliza a escolha entre duas perspectivas, independente da experiência concreta, a de Tempo possibilita a escolha entre agora/não-agora, a de Modo entre real/não-real, e a de Voz (*Genus Verbi*) entre ação/acontecido; 4. Conteúdos categoriais são expressos iconicamente na linearidade necessária das declarações lingüísticas, do conhecido para o desconhecido, do tema para o rema, do definido para o indefinido; violações contra pressuposições dadas iconicamente pela serialização natural precisam ser marcadas; 5. Existem categorias anafóricas e catafóricas; artigos definidos e voz passiva possuem capacidade de encadeamentos anafóricos, artigos indefinidos tem propriedades catafóricas.

Mais especificamente, sobre as categorias verbais do alemão Leiss (1992:287-288) desenvolve três pontos, que eu resumo aqui: 1. O aspecto é uma categoria básica também do alemão; 2. O surgimento de novas formas analíticas aspectuais no alemão atual favorece a construção de um pretérito analítico; 3. Existe um futuro temporal e um futuro modal no alemão, dependendo do tipo de verbo na descrição – defensores da tese modal descreveram o sistema dos verbos perfectivos (não-aditivos), os da tese temporal, os verbos imperfectivos (aditivos). O Futuro de verbos não-aditivos, diz Leiss (*idem*:253) não é um Futuro, mas uma forma modal. (ver também a revisão de Reimann, seção 3.7.1)

Em 2000, a autora amplia as considerações sobre Aspecto enquanto categoria básica, levantando, paralelismos funcionais entre a categoria verbal aspecto e a categoria nominal artigo, conforme já comentado aqui. Ela explora essas relações mediante estudos diacrônicos, tomando por base línguas como o Alto Islandês, o Gótico, o Antigo Alto Alemão e tira algumas conclusões: Artigo e Aspecto nessas línguas se apresentam em uma combinação complexa, podendo se substituir mutuamente; Artigo e Aspecto não são dois objetos gramaticais diferentes, eles representam duas constelações variáveis de uma única função gramatical, aparecendo ou junto ao nome ou junto ao verbo; são “sinônimos” gramaticais.

Também nessa obra ela explora a questão da reconstrução de um sistema aspectual no alemão, por razões de hiper-determinação da função do artigo, e é essa parte que interessa

particularmente ao meu objeto de pesquisa. O artigo, diz Leiss (2000), não conseguindo mais realizar sua função fundamental prototípica (sinalização de definitude/indefinitude), motiva o aparecimento de seu sinônimo funcional, o aspecto verbal, realizado via construção analítica. A autora, nesse trabalho, analisa primordialmente construções verbo-nominais perfectivas (FVG–*Funktionsverbgefüge*), cuja função seria a de apresentar um quadro da totalidade da situação verbal. Com a substantivação do conteúdo lexical do verbo é alcançada a re-perfectivização. Apresento o exemplo por ela explorado:

<i>Er</i> PRON PESS 3PSG	<i>bringt</i> <sup>43</sup> verbo funcional finito	<i>das</i> ART DEF ACU	<i>Stück</i> nome NEU	<i>zu- r</i> PREP DAT+ DEF DAT FEM SG	<i>Aufführung</i> nome finito (deverbal) SING FEM
ele	traz	a	peça	para+a	apresentação

Os verbos prefixados, originalmente perfectivos, *aufführen* (apresentar), *verändern* (mudar), *anerkennen* (reconhecer) sofreram um processo de neutralização e se referem a eventos não-delimitados, aos quais pode ser atribuído o mesmo valor de verdade em qualquer ponto de sua duração, portanto, agora imperfectivos. Pela formação de uma FVG novamente ficam estabelecidos pares aspectuais com os respectivos verbos base. Leiss interpreta o artigo, caso ele ainda apareça nessas construções analíticas, como um elemento fossilizado, um pseudo-artigo<sup>44</sup>. Sua função primária (a de expressão de definitude ou indefinitude) não existe mais, uma vez que não se pode ter \**Er bringt das Stück zu einer*(INDEF DAT) *Aufführung*, o que, segundo a autora (idem:208), indica a perda da oposição, e o que acontece é uma espécie de intransitivização da FVG. Interessante que também nessas construções temos a presença de uma preposição locativa, tal como (historicamente) na perífrase progressiva (no alemão de Pomerode e no alemão da Alemanha e em seus diferentes dialetos), conforme mostro nas seções seguintes.

Leiss (2000) faz referência ao trabalho de Reimann (1998)<sup>45</sup>, a contrapartida de formação de pares aspectuais imperfectivos, via uma forma analítica progressiva. Os dois

<sup>43</sup> Os verbos finitos nessas construções seriam, de acordo com Steinitz (1977:103), “palavras gramaticais” que já perderam sua relação espacial, e, portanto, têm significado próprio reduzido. O que eles pedem são grupos preposicionais, em que os próprios substantivos designam um determinado estado ou processo. A autora os chama de *Nomen actiones* com característica “abstrata”. Sem esse grupo preposicional em adjacência sintática com o verbo funcional, constituindo-se assim em uma unidade semântica, este conservaria suas características de verbo pleno.

<sup>44</sup> Agradeço a Luiz Arthur Pagani a observação de que esse ponto é de difícil sustentação em uma abordagem composicional, por se tratar de uma assimetria entre forma e função, o que motivou a minha particular atenção para a função do artigo na forma perifrástica pomerodense e das línguas germânicas em geral. Remeto o meu leitor aos Capítulos 4 e 6, onde faço algumas considerações sobre a questão do artigo na construção progressiva pomerodense.

<sup>45</sup> Resenhado em seguida.

processos de reconstrução de um sistema aspectual do alemão (o abordado por ela e o da forma imperfectiva progressiva com *am* de Reimann) são vistos por Leiss como uma “tendência”. Em ambas as construções, diz Leiss (2000:213), a diferença aspectual é expressa pela qualidade nome (do verbo nominalizado)<sup>46</sup> presente nas duas, nas perfectivas ele é não-aditivo e não-partitivo, já nas imperfectivas ele apresenta as características da aditividade e partitividade. O aspecto nominal, ou a característica nominal dos substantivos, seria usado sistematicamente para a construção de perífrases verbais analíticas, ou perfectivas, ou imperfectivas, continua a autora. O “desaparecimento” do artigo no alemão (NHD) vai acontecer exatamente onde ele surgiu originalmente, ou seja, em posição remática (onde ele estabelece relação anafórica, e não a sinalização de definitude/indefinitude). Ainda de acordo com Leiss (idem:212), assim que surgem os novos pares aspectuais, os artigos, nesse novo ambiente verbal em constituição, vão perder sua função original. Mas Leiss reconhece que esse raciocínio em relação ao artigo, desenvolvido por ela para as formas perfectivas, vai encontrar barreiras nas novas construções imperfectivas (ela se refere à construção com *am* explicitamente), uma vez que imperfectividade estabelecerá uma afinidade com indefinitude, e não com definitude, contrariando, pois, o que acontece nas construções com *am* (onde temos um artigo definido cliticizado à *an*). Nos casos das construções progressivas (as imperfectivas, portanto), a função do artigo a autora remete então à mera sinalização de conversão de classe de palavra. Mostro no Capítulo 4 que essa simplificação proposta por Leiss vai se chocar com a minha proposta de considerar o infinitivo na construção com *bei(m)* uma forma verbal, e não nominal como assume a autora no paralelo com as FVGs.

Já Reimann (1998:186<sup>47</sup>) não concorda com o fato de Leiss considerar as FVGs como parceiros aspectuais perfectivos no alemão. Não existe, segundo a autora, um correspondente paralelo perfectivo em forma de uma FVG para cada verbo prefixado “não-mais-terminativo”. Vejo que Reimann tem razão quanto às restrições de alastramento dessas construções perfectivas por todo o sistema verbal do alemão. Não verifiquei FVGs, do tipo discutido por Leiss, nas gravações feitas em Pomerode, nem no material escrito coletado. A razão para tal, embora um tanto evidente, consiste no fato de que essas construções, onde o fator de racionalização e de abstração pode ser facilmente percebido, aparecem muito mais nos usos lingüísticos oficiais ou em declarações de natureza técnica, e bem menos na linguagem

---

<sup>46</sup> No Capítulo 4 desenvolvo a questão do estatuto do infinitivo – se nominal ou verbal – dentro da forma PROG pomerodense.

<sup>47</sup> Não tenho certeza se o número da página é esse (o trabalho foi traduzido a partir de microfichas).

coloquial e oral que são a base de minha investigação.<sup>48</sup> Mas isso não compromete o meu ponto aqui, uma vez que só preciso dessa contrapartida para defender que também uma forma imperfectiva está em reconstrução.

### **3.4 Aspecto no alemão – queda e reconstrução de um sistema aspectual**

Ao conceber aspecto como uma característica universal das línguas naturais, preciso comentar o título dado a esse subitem, uma vez que ele pode remeter a uma contradição (se ele é universal, como é que ele pode “desaparecer”?). Apoio-me novamente em Leiss (1992) nesse sentido, especialmente no Capítulo 3 e 8: sistemas aspectuais não “desaparecem” simplesmente, mas continuam mantidos, só que codificados por meios funcionalmente equivalentes. Com esse argumento a autora vai contestar teses paramétricas, ao defender que artigo e aspecto são, na verdade, a mesma categoria, que se ajustam como um “camaleão gramatical” ao seu respectivo ambiente sintático. Assim, ao falar em “queda” e “reconstrução” refiro-me aos sistemas aspectuais em forma de pares, não a Aspecto em geral. Entendo que as análises diacrônicas propostas por Leiss (2000) precisariam ser incorporadas às de Reimann (1998), que só tinha acesso ao trabalho de 1992 dessa autora, mas aqui só me proponho a fazê-lo nos pontos de relevância para o meu trabalho. O pareamento com o inglês é de caráter ilustrativo, só para mostrar como um elemento gramatical pode surgir a partir de um item lexical (qual seria esse item dentro da perífrase ainda vai ser discutido) e destacar elementos paralelos que estão envolvidos no processo de gramaticalização do progressivo nas duas línguas, embora o progressivo no inglês ocupe um lugar diferenciado no sistema verbal daquela língua, incluindo aí a sua obrigatoriedade.

### **3.5 Desenvolvimento histórico de progressivos**

Registro mais uma vez que não existe documentação histórica de dados lingüísticos do alemão de Pomerode, muito menos material escrito que possibilitasse uma análise objetiva do percurso diacrônico da forma que é também uma das propostas da presente pesquisa. As considerações a seguir têm o objetivo de resgatar uma base histórica comum, a partir da qual eu possa hipotetizar e desenvolver o provável percurso do progressivo pomerodense até o

---

<sup>48</sup> Van Pottelberge (1996) em seu trabalho sobre o desenvolvimento das FVGs no alemão também comenta sobre essas peculiaridades das construções verbo-nominais do alemão.

presente estágio, uma vez que existe esse ponto a partir do qual o alemão de Pomerode seguiu rumo próprio, qual seja, a partir de 1880, quando cessa o período de emigração para a região, e junto com ele praticamente todo contato regular com o alemão continental Europeu.

### 3.5.1 As origens e os desenvolvimentos

Línguas tão próximas como o inglês e o alemão apresentam, quando se trata da semântica dos verbos prototípicos, um comportamento totalmente oposto. A maioria dos verbos básicos no inglês é de natureza não-aditiva, assim, o inglês no tempo presente simples não pode denotar um evento em curso. O caráter verbal primário do alemão e das línguas germânicas em geral é, por sua vez, de natureza aditiva. Em Leiss (1992) podemos ver essas considerações atreladas a uma síntese do percurso dessas línguas quando se trata da questão de aspecto e às justificativas para o surgimento da *progressive form* no inglês, em um estágio bem mais remoto, e das “novas” construções analíticas do alemão, na reconstrução dos respectivos sistemas aspectuais outrora existentes nas duas línguas.

No Old English e no Althochdeutsch existiam estruturas comparáveis entre si; no inglês a forma se desenvolveu até a *progressive form* do inglês moderno, ao passo que no alemão a forma desapareceu no final do séc. XV. O desenvolvimento do progressivo no inglês termina quando sua forma se define no sistema verbal do inglês atual, integrando-se ao paradigma e servindo para estabelecer a perspectiva interna, cf. Reimann (1998).

Na desconstrução dos pares aspectuais do alemão foram favorecidos os verbos aditivos, ao passo que no inglês foram os verbos não-aditivos. O alemão conservou seus pares aspectuais por bem mais tempo que o inglês, conseqüentemente, só agora observamos o processo de re-aspectualização, via construções analíticas, nessa língua. O inglês, além disso, desde sempre sofreu mais pressão sistêmica: os verbos “bons” são os aditivos, assim, no inglês teve de ser construída uma forma que cumprisse essa função. (Leiss (1992 e 2000))

Segundo Comrie (1986:269-270), o presente prototípico é perspectivizador interno e aditivo, um “bom” presente no inglês, portanto, só pode ser realizado com verbos na *progressive form*. Com o desenvolvimento da forma analítica do inglês (*expanded form*), os verbos não-aditivos puderam ser complementados com um correspondente aditivo.

Reimann (1998) apresenta, tabelarmente, o que ela deduziu como indícios de queda e a reconstrução do sistema aspectual nas duas línguas, fazendo um pareamento dos processos, chamando a atenção para semelhanças e justificando as diferenças para o desenvolvimento

não mais paralelo, a partir de um determinado estágio, quando se trata das formas progressivas.

Embora a autora, com esse pareamento, leve a entender que o *Althochdeutsch* tenha evoluído para o *Mittelhochdeutsch*, e deste para o *Frühneuhochdeutsch* e, finalmente, para o atual *Neuhochdeutsch*, aliás, uma prática recorrente entre outros autores também, Leiss (2000:157) adverte que isso não é possível sob a ótica da geografia lingüística, embora seja possível sob a ótica cronológica. Recomendo então, que o quadro a seguir (reproduzido a partir de Reimann (1998:57-58) e traduzido por mim, I.E.) seja visto apenas a título ilustrativo, como uma listagem das possibilidades de marcações aspectuais progressivas precursoras em sistemas lingüísticos germânicos (até certo ponto isolados) a que temos acesso, via fontes escritas, ao longo da história, e não causalisticamente como mudança lingüística. O *Althochdeutsch*, na questão de área geográfica, poderia ser comparado com o *Rheinfrankisch* ou o *Alemannisch*, mas não com o *Neuhochdeutsch*, complementa Leiss.

Inglês Antigo (Old English – c.600-1125) <sup>49</sup>	<i>Althochdeutsch</i> (Antigo alto alemão)–AHD
–participio presente em <i>-ende</i> – <i>beor/ wesan</i> + participio presente – junção de forma com <i>Nomina Agentis</i> em <i>-ende</i> –semântica- 5 variantes de significação(primária= estabelecimento da perspectiva interna	–participio presente em <i>-ent</i> + terminação – <i>sin/ wesan</i> +participio presente  –semântica- estabelecimento da perspectiva interna

#### Exemplos:

(01) erat docens > uuas lerenti

(02) secutae sunt eum > uuaren imo folgente

#### Similaridades:

- *ge-/gi-/ga-* prefixo sem marcação do parceiro aspectual perfectivo
- Construções participiais do latim- influência e difusão do progressivo
- Variante facultativa da forma simples
- Conexão quase que exclusiva com verbos aditivos simples, poucas vezes com verbos prefixados, não-aditivos

Inglês medieval (Middle English – c.1125-1500)	<i>Mittelhochdeutsch</i> (Alto alemão medieval)–MHD
– disseminação das construções participiais p/ outros tempos além do presente e do pretérito – início do desenvolvimento de <i>-ande/-ende</i> para <i>-ing(e)</i> em analogia aos substantivos verbais	– ligação com o presente e com o pretérito  – aparecimento paralelo de <i>-ende/-end/-ene/-em</i> + verbo <i>sein</i>

<sup>49</sup> Data e nomes em inglês retirados de Hopper e Traugott (1993:01)

Exemplos:

(03) erant loquentes > warn redent

(04) erat incipiens > was anfachen

Similaridades

- Ligação também com verbos não-aditivos aumenta
- Variante facultativa para a forma simples
- Semântica: estabelecimento da perspectiva interna

Outros autores, entre eles Langl (2003/2004), que enquadram, em sua origem, a outra forma de expressar progressividade no alemão atual, o *Absentiv* (ex.: *Er ist arbeiten*)<sup>50</sup>, na mesma estrutura do alemão medieval, fazem o percurso histórico e situam a fonte da forma progressiva do alemão atual no *Mittelhochdeutsch*, através da construção perifrástica *sîn* + particípio presente, que, mesmo não sendo obrigatória, servia para expressar, em primeira linha, uma ação em seu transcurso.

Frühneuenglisch (Present Day English– c.1750 –)– PDE	Frühneuhochdeutsch – FNHD
<ul style="list-style-type: none"><li>– a partir do séc.XVIII – primeiras aparições nas passivas</li><li>– aparecimento da forma concorrente <i>on/a-</i> + gerúndio</li><li>– utilização obrigatória p/ designação do tempo presente</li><li>– fixação na língua inglesa</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>– supressão de <i>werden</i> + Part.Pres. por <i>werden</i> + Infinitivo</li><li>– em analogia: substituição do particípio em conexão com <i>sein</i> pelo infinitivo</li><li>– perda do significado durativo; desaparecimento do progressivo no alemão</li></ul>

3.5.2 A construção do tipo *I am on/a fishing* – uma estrutura similar e outras equiparações com o inglês

Alguns dos autores pesquisados, para melhor situarem a forma progressiva prepositiva (PROG–PREP) do alemão, fazem referência a uma forma similar que existia no inglês, em um período anterior ao inglês antigo.

Dentre eles, conforme já mostrado até aqui, está Reimann (1998), que sustenta inclusive um paralelismo formal entre a evolução do progressivo no alemão e o do inglês, montando sua argumentação primordialmente com base em uma construção prepositiva do

<sup>50</sup> De acordo com Krause (2001:3), a forma *absentive* tem significado muito similar às formas progressivas, mas cuja função é a de indicar a ausência do sujeito do centro dêitico no tempo de referência. Veja aqui seção 4.2. onde a questão do *absentive* é comentada.



inglês que também continha elementos locativos. O progressivo no inglês antigo *ic eam sprec-ende* (*ser* + particípio presente) remontaria a uma construção locativa ainda mais antiga *on hunting-e* (preposição locativa *on* + dativo de um infinitivo nominalizado (a caçar)). A autora referencia também uma construção, funcionalmente equivalente à forma progressiva participial, resgatada em textos datados entre os séculos XV e XVII, ainda mais parecida com a estrutura atual do alemão: *he was on/a- teaching*, enfatizando similaridades inclusive entre as respectivas preposições (idem:49).

Esquemáticamente, a seqüência do desenvolvimento do progressivo no inglês seria:

construção locativa > verbo *to be* + particípio presente > verbo *to be* + gerúndio

E os estágios, funcionalmente equivalentes<sup>51</sup>, da forma progressiva do inglês:

He is on teaching	>	He is a-teaching	>	He is ø teaching
↑	_____	↑	_____	↑

Assim, a estrutura que interessa a Reimann, para levantar similaridades estruturais entre o inglês e o alemão seria:

<i>He</i>	<i>is</i>	<i>on</i>	<i>teaching.</i> <sup>52</sup>
→ verbo ser + preposição dativa <i>on</i> + particípio presente substantivado			

É com essa estrutura que Reimann traça um paralelo com o que ela acredita ser a evolução da estrutura no alemão (conforme mostrado na seção 3.4.1), detalhando o processo de gramaticalização subjacente, argumentando que o progressivo no alemão se encontra a meio caminho no *continuum* da gramaticalização, ao passo que o progressivo no inglês já teria atingido o estágio final nessa escala. A autora sugere que se retrace o caminho percorrido pela preposição *an*, outrora locativa, em direção a uma preposição semanticamente vazia *am* na perífrase progressiva atual.<sup>53</sup> Ainda para Reimann (1998), o morfema *-ing* da forma progressiva remonta à terminação do particípio presente no inglês antigo e não ao morfema –

<sup>51</sup> Jespersen (1931/1954) já fala dessa equivalência funcional.

<sup>52</sup> A opção pelo particípio presente no inglês se justifica pelo fato de a maioria dos verbos infinitivos nessa língua serem perfectivos, diz Reimann (1998).

<sup>53</sup> Faço o mesmo percurso para a preposição *bei* (ver seção 4.5.1) com o intuito de mostrar que também essa preposição preenche os quesitos que Reimann considera relevantes na gramaticalização da forma com *am*.

*ing* do gerúndio (conforme considera Bartsch, por exemplo – ver em seguida, e também Mittwoch (1988:251)), e que surgiu como evolução do substantivo verbal do inglês antigo em *-nge* e *-unge*. O gerúndio teria se desenvolvido independentemente do progressivo, funcionando por dois séculos como forma concorrente ao mesmo e podendo, em alguns contextos, ser trocado por ele, complementa a autora (idem:49).

Entendo que a proposta de Reimann, abstraindo as críticas que se possa fazer no elencar das línguas como se fossem seqüenciais (*Althochdeutsch* → *Mittelhochdeutsch* → *Frühneuhochdeutsch*), vai no sentido de mostrar possibilidades de reconstrução de sistemas aspectuais, via comparação com uma língua com desenvolvimento diacrônico do progressivo amplamente descrito, nesse caso, o progressivo no inglês. E é com esse propósito que retomei mais detalhadamente as suas considerações aqui.

Referências ao processo de gramaticalização do inglês também são encontradas em Van Pottelberge (2004:3), que, nesse tipo de construção, diz tratar-se de uma frase preposicional com um “abstrato verbal”<sup>54</sup>, que está conectada com o verbo *to be*, designando um transcurso, chamando também a atenção para a falta do artigo na forma inglesa<sup>55</sup>, que ele vai comparar com algumas realizações da forma no alemão em que também o artigo não aparece.

Já para Bartsch (1995:37-38), a origem do progressivo no inglês estaria na forma gerundiva, uma forma que se encontra também em nominalizações do tipo *to start running* e *to stop running*, que denotam externamente os limites do processo *running*, denotado pelo nome gerundivo *running*. Para a autora, então, o progressivo era construído como um estado (*to be in the process of running*), com os traços [+DUR, -RES], sem focalizar os pontos finais, nem o tempo depois do fechamento.

Evidentemente que esse pareamento do alemão com o inglês em suas origens não é consensual, principalmente para Van Pottelberge (2004), que defende desenvolvimentos independentes para as formas progressivas, já em um período posterior à dissolução da unidade germânica, conforme mostro mais adiante. Para ele, a forma moderna *-ing* é uma forma sincrética que resultou da junção do abstrato verbal em *-ing/ -ung* e do particípio presente *-ende/ -inde*.

Porém, Van Pottelberge (2004:268) vê uma relativa convergência atual entre o progressivo com *am* no *Pennsylvaniadeutsch* contemporâneo e a *progressive form* da língua de contato dominante, o inglês. Essa convergência ao modelo inglês, de acordo com o autor, é

---

<sup>54</sup> Termo introduzido por J.V.P.

<sup>55</sup> Esse ponto, no entanto, Van Pottelberge não explora, conforme mostro mais detalhadamente na seção 4.5.2.

observada pela ampliação dos contextos semânticos em que a forma está sendo usada e não em relação à forma em si. Em Pomerode, pode-se-ia então pensar o mesmo com relação ao português, mas, como mostro no Capítulo 5, somente diante de alguns dados isolados tem-se a dúvida se não existiria uma influência do PB.

### 3.6 O processo de gramaticalização<sup>56</sup>

Assumo a noção de gramaticalização de um modo bem geral e dentro desse quadro sirvo-me de duas passagens introdutórias da obra de Gabriele Diewald 1997 (“*Grammatikalisierung- Eine Einführung in Sein und Werden grammatischer Formen*”):

A pesquisa de gramaticalização se ocupa, portanto, com as diferentes possibilidades de expressão de determinados domínios conceituais; ela verifica quais domínios conceituais são (essencialmente) expressos com categorias gramaticais, como essas formas gramaticais surgem e como suas relações com categorias lexicais são estabelecidas. Resulta daí que a pesquisa de gramaticalização se ocupa primordialmente com âmbitos de transição: com transições entre léxico e gramática, entre uma estrutura com significado lexical e uma estrutura com significado gramatical (...). (p.10)

(...) a verificação de processos de gramaticalização demanda ainda uma perspectiva integrativa de fenômenos sincrônicos e diacrônicos, portanto, a supressão de divisões rígidas de sistema lingüístico e desenvolvimento histórico. (p.11) (tradução minha, I.E.)

Ao assumir que a função da estrutura progressiva atestada na Alemanha é similar à forma expandida com *-ing* do inglês, sendo que as duas apresentaram, até certo ponto da história, os mesmos percursos de desenvolvimento, Reimann descreve o que acontece no processo de gramaticalização que ela hipotetiza existir aí. Baseia-se em Hopper/Traugott (1993), cuja idéia geral eu sintetizo e complemento com observações de outros autores aqui: de modo geral, se aceita que uma palavra com conteúdo lexical (“forma lexical autônoma”, em termos de Diewald (1997)) não se transforma abruptamente em uma palavra com conteúdo gramatical (“forma gramatical dependente”, idem Diewald (1997)), mas que a gramaticalização deve ser vista como um *continuum* (um *natural pathway* na concepção de Hopper & Traugott (1993:6)), em cujos extremos estariam “lexical” e “gramatical”,

---

<sup>56</sup> Em algumas referências também se encontra o termo “gramaticização”. Dahl (2003, em preparação), por sua vez, introduz um novo conceito aqui, *Grammatical Maturation*, uma vez que os processos pelos quais itens lexicais se tornam morfemas gramaticais só seriam parte da gênese e da evolução de padrões ou de construções gramaticais (ver seção 4.4 onde exploro um pouco mais essa idéia de Dahl).

respectivamente. No acompanhamento do *continuum* para trás podem ser encontradas as justificativas para o fato de uma preposição originalmente locativa ter se tornado uma preposição semanticamente vazia (nesse caso, o *am*).

Outros autores pesquisados, entre eles, Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), Comrie (1976), Vlach (1981), Ebert (1996 e 2000), situam a origem das construções progressivas de muitas línguas em elementos locativos. Locativos no progressivo, para esses autores, seriam muito naturais, afinal, progressividade expressa *state-in-which one is*<sup>57</sup>(para o alemão especificamente, essa questão da locatividade será abordada mais adiante, no Capítulo 4).

Inclusive, Bybee, Perkins e Pagliuca (1994:133) chamam a atenção para os elementos de significação que entram na formação de perífrases progressivas, cuja função original seria a de dar a localização de um agente no meio de uma atividade. Além disso, afirmam que até na própria *progressive form* atual, já totalmente gramaticalizada, poderiam ser detectadas remanescentes locativas, uma vez que ela expressa mais do que mero significado aspectual, conforme mostro no Capítulo 4, fazendo uma comparação com o que acontece, nesse sentido, no progressivo pomerodense.

Tendo por base a idéia de um *continuum* e fazendo, portanto, o percurso para trás, acredito ter encontrado elementos para justificar que o alemão de Pomerode percorreu outro caminho, e é a forma com *bei(m)* que poderá ser justificada como em processo de gramaticalização na localidade. Antes de listar os passos que seriam necessários para a gramaticalização de um elemento lingüístico, quero ressaltar um ponto que considero relevante para o encaminhamento do meu trabalho.

As observações que faço, de caráter ilustrativo, são ao meu ver bastante pertinentes. Início resgatando uma data do meu levantamento sociolingüístico:1860–1880, a época da colonização alemã em Pomerode. Lembro também que não chegaram novos imigrantes depois disso. Assim, consultas a dicionários e referências ao alemão dessa época são essenciais para mim, uma vez que, abstraídas as limitações estatísticas, constituem-se em um corte sincrônico comum.

Nas fontes dicionarísticas, nas entradas lexicais das próprias preposições são encontradas referências sobre formas perífrásticas. O dicionário de Adelung 1793, por exemplo, refere-se a uma “construção lexicalizada”- *Er ist noch am leben*, onde *leben* é uma

---

<sup>57</sup> Heine, Claudi e Hünemeyer (1991:36), por exemplo, falam similarmente de possíveis fontes para transferências metafóricas (veja também o item a seguir), que eles chamam de *source propositions* que serviriam de modelo estrutural, em combinação com lexemas individuais. Teríamos como proposições-fonte as partitivas, como em *X is part of y*, as dinâmicas, como em *X moves to/from y*, e as locativas *X is at y*, essas que, para eles, evoluiriam para aspecto progressivo (imperfectivo) em muitas línguas.

forma nominal, homônima à forma verbal *leben* (*das Leben* (substantivo singular neutro – a vida), *leben* (verbo intransitivo – viver)). Nos comentários sobre o verbete *bey* (p.972–978) encontrei também, na listagem das utilizações “figuradas” dessa preposição, o seguinte exemplo, mas sem maiores explicações: *Ist er noch bey Leben?* (N.T., I.E.: Ele ainda está vivendo?), sem inclusão de artigo.

O exemplo com *am Leben sein* também é citado pelos Irmãos Grimm (1854 – em cópia fotomecânica) e Paul (1897 – 1ª edição)<sup>58</sup>, mas os Irmãos Grimm, paralelo a esse único exemplo com *am* (talvez uma construção lexical), citam sete exemplos com *beim*: *beim essen/trinken sein, ich bin noch beim lesen (=noch darin begriffen), wir sind beim ankleiden/anziehen/baden*. (p.1349) ((tradução minha, I.E.): estar a comer/beber, eu ainda estou a ler (=ainda ocupada com isso), nós estamos a vestir/colocar-roupas/banhar). Conforme pode ser visto, trata-se de construções verbais certamente e com clara marcação aspectual. Para esses autores parecia existir um paralelismo formal e semântico entre as duas formas. Assim, ambas serviam para solucionar um problema de apresentação de um determinado conteúdo relativamente abstrato, uma vez que estão elencadas, dentro das respectivas obras, nas utilizações “figuradas” ou idiomáticas das respectivas preposições. Na seção 4.5.1, referências sobre as preposições *bei* e *an* serão comentadas mais detalhadamente.

Diante dos dados históricos com base em Adelung e os Irmãos Grimm, Reimann até levanta a hipótese de que na formação dos progressivos no século XIX se preferia as construções com *beim* e que a estrutura com *am* talvez seja resultado de desenvolvimento mais recente, o que para mim seria interessante, uma vez que poderia simplesmente situar o desenvolvimento da forma pomerodense a partir dessa forma com *beim*, aparentemente mais usual na época. Mas situar os primórdios da construção com *am* no século XIX não é mais consenso dentro da literatura atual sobre os progressivos no alemão. Helmut Glück localizou o dado isolado a seguir<sup>59</sup>, que remonta ao período compreendido entre 1494 e 1541, em um diário de um comerciante de Augsburg e que foi publicado em 1861:

---

<sup>58</sup> Para o verbete *bei*, na 9ª edição de Paul (1992), encontra-se, além da explicação das funções pertinentes aqui e que traduzo a seguir, uma observação, mas sem qualquer justificativa, depois do exemplo de Lutero, citado nas edições anteriores:

*bei*: (...) 1. Prep. A) originalmente só possível com dativo e designando estado. No sentido estrito *bei* designa proximidade espacial (...) Em muitos casos *bei etwas sein (scheinen, bleiben)*= ‘mit etwas versehen sein’ (estar munido de algo), ‘*sich in einem gewissen Zustand befinden*’ (se encontrar em determinado estado), compare com ‘*bei Gelde*’(ter dinheiro), ‘*Jahren*’(ter idade), ‘*Stimme*’(ter voz), ‘*Kräften*’(ter forças), ‘*guter Gesundheit*’(estar com boa saúde)(...), ‘*beim Alten*’ (estar envelhecendo), *beim Ankleiden* (estar se vestindo); *da er beim Leben war* (Luther) (**jetzt am Leben**)(agora: estar a viver) (...). (grifo e tradução meus, I.E.)

<sup>59</sup> Rödel (2003:46) e Van Pottelberge (2004:233) creditam o resgate desse dado a Helmut Glück, passado para eles via comunicação pessoal.

(3.6.1) *Fand wir king Philips, der am herausreiten was.*<sup>60</sup>

achamos nós rei Philip, que a +DEF para-fora-montar-INF estava -PRÄT

(glossa minha, I.E.)

Com esse dado de Glück, a linha argumentativa de Reimann (1998) precisa, pois, ser reconsiderada, uma vez que a forma com *am* não se desenvolveu a partir de uma forma com *beim* que seria a sua precursora. Com base no caso de Pomerode, mesmo que na época da emigração era essa estrutura com *beim* a mais registrada pelas fontes históricas de então (na verdade, primordialmente dicionarísticas) para estabelecimento da perspectiva interna, quero defender que potencialmente tanto uma como a outra estrutura puderam se desenvolver ao mesmo tempo, uma vez que os dados comprovam que ambas existiam paralelamente, e tudo indica que estavam, portanto, em variação. No Capítulo 4 desenvolvo essa minha argumentação, trazendo para discussão as potencialidades iguais das duas formas para estabelecimento da perspectiva interna, uma vez que em Pomerode é certamente a forma com *beim* que está em processo de gramaticalização. Vejo, por outro lado, que um certo estigma que circunda essa forma na literatura alemã precisa ser afastado.

Os dados pomerodenses também não autorizam sustentar que a forma com *am*, por ter uma história supostamente mais remota, seja a mais gramaticalizada, e, portanto, mais propensa a ser usada em contextos mais diversificados em razão desse estágio “mais remoto”. A forma com *beim*, à qual a maioria dos autores pesquisados nem confere o estatuto de denotação de progressividade, pelo que verifiquei, nem sequer foi levantada nesse *corpus* anterior ao século XVII de onde saíram os dados mais remotos da estrutura com *am* no alemão e com *aan het* no holandês<sup>61</sup>.

Preciso ressaltar, no entanto, que a gramática prescritiva DUDEN (1994:94) recomenda que, na forma escrita, se utilize o *beim* e o *im* ao invés do progressivo com *am*, mas não apresenta razões para se fazê-lo (o estigma então estaria incidindo sobre a forma com *am*). Ebert (2000:630) considera essa instrução inapropriada, uma vez que na linguagem escrita, as formas “recomendadas” são tão escassas quanto a forma com *am*. Para a autora, além disso, os marcadores progressivos com *beim* e com *im* seriam bem mais específicos do que os com *am*, o *beim* combinaria somente com verbos agentivos e o *im* apenas com algumas expressões idiomáticas. Mostro aqui que tanto a recomendação da gramática DUDEN, como

<sup>60</sup> Esse exemplo, de acordo com Van Pottelberge (2004), mostra a estrutura já na forma como é usada na atualidade e sem qualquer indício de locatividade. (ver também seção 3.7.3)

<sup>61</sup> Van Pottelberge (2004) faz esse resgate no holandês.

as restrições que Ebert e outros autores atribuíram à forma com *beim* não correspondem ao levantamento feito.

O que levantei em Pomerode mostra que a forma com *beim* se presta aos mesmos contextos registrados para as formas mais gramaticalizadas com *am* na Alemanha, embora se apresente em uma estrutura diferente dessa, no caso de inclusão de argumentos internos (objetos diretos referenciais não-incorporados), o que mostra um desenvolvimento autônomo a partir de um gênese comum. Mas a própria história dos pomerodenses e a conseqüente separação geográfica da pátria-mãe já se encarregaram disso também...

Na impossibilidade de resgatar os percursos diacrônicos desde a imigração até a atualidade, hipotetizo que Pomerode segue o processo de gramaticalização já com a preposição *bei(m)* (o que pretendo mostrar mais especificamente na seção 4.5 onde trato do *bei(m)*) e vendo as possibilidades de utilização dessa preposição em níveis mais abstratos (ou seja, para além dos significados básicos locativos<sup>62</sup>, temporais etc. que se atribui às preposições primárias) e, assim, juntar elementos para enquadrá-lo como partícula gramatical para marcação de aspecto progressivo em conjunção com o infinitivo verbal e o verbo auxiliar *sein*.

Em relação à gramaticalização de preposições, conforme explorado mais especificamente por Diewald (1997:45), diz-se que pelo uso de uma expressão provinda de um âmbito relativamente concreto (no nosso caso as preposições locativas *an* e *bei*, por exemplo), ou com significado cognitivo até então concreto, mas cognitivamente mais simples, passa-se a ter um conteúdo cognitivo novo mais abstrato, ou seja, mais complexo. Trata-se de metáforas categoriais como são conhecidas nas teorias de gramaticalização e que também são desenvolvidas e discutidas por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), por Hopper e Traugott (1993) e Bybee e Pagliuca (1985).

---

<sup>62</sup> Para Diewald (1997:71) a pesquisa de gramaticalização é compatível com a Teoria Localística, complementando-a em certo sentido. Assim, na gramaticalização de preposições assume-se como ponto de partida na esfera de significação básica não-marcada o significado “local”. Os outros âmbitos de significação seriam “derivados”, com crescente complexidade, sendo a função gramatical o extremo dessa complexificação. Como mostro em seguida, Van Pottelberge (2004) vai contestar a tese localística.

Os pressupostos clássicos da teoria de gramaticalização de um elemento lingüístico, listados em um crescente no *continuum*, com base no levantamento de Heine e Reh (1984), e confirmados, em linhas gerais, em trabalhos mais recentes<sup>63</sup>, podem ser resumidos assim:

- a) quanto mais ele perde em complexidade semântica, significado funcional e/ou valor expressivo;
- b) quanto mais ele perde em significação pragmática e ganha em significação sintática;
- c) quanto mais reduzido for o número de membros pertencentes ao mesmo paradigma morfo-sintático;
- d) quanto mais a variabilidade sintática se reduz, quer dizer, quanto mais sua posição se torna fixa dentro da sentença;
- e) quanto mais ele se torna obrigatório em certos contextos e agramatical em outros;
- f) quanto mais ele se agrega semanticamente, morfo-sintaticamente e foneticamente com outras unidades;
- g) quanto mais ele perde conteúdo fonético.

Reimann (1998) também situa a construção *sein + am + infinitivo* dentro desse quadro e conclui que, no atual estágio de desenvolvimento da forma na Alemanha, essa já teria perdido sua complexidade semântica e ganho significação sintática (gramatical), uma vez que é usada para marcar a perspectiva interna; possuiria um campo maior de aplicação que as pretensas concorrentes (a forma com *beim* estaria entre elas); a frase preposicional se situaria em posição similar às partes verbais não-finitas, que constituem as formas perifrásticas. Conclui dizendo que os pontos e, f, e g ainda não são atestados, e que, portanto, a forma não estaria totalmente gramaticalizada.

O meu intuito com essa pequena síntese de considerações teóricas sobre processos de gramaticalização é preparar o caminho para melhor situar a forma progressiva pomerodense em relação a sua contrapartida alemã. Os aspectos relacionados à teoria de gramaticalização em trabalhos recentes sobre o progressivo que pretendo discutir são: a possibilidade de marcar progressividade com a estrutura perifrástica com *beim* nos mesmos moldes da estrutura com *am* (tirando da primeira as remanescências locativas que impedem aos outros autores de situá-la como tal); a possibilidade de “des-cliticizar”<sup>64</sup> elementos nos processos de gramaticalização

<sup>63</sup> Ver para tanto Hopper e Traugott (1993), Diewald (1997), Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), entre outros.

<sup>64</sup> Essa questão se refere ao *beim* (um amálgama de preposição e artigo definido dativo= *bei + dem*), que, como mostro nos capítulos 4 e 5, não aparece cliticizado quando da inclusão de objetos-DPs na forma progressiva



e verificar como fica o critério da unidirecionalidade; a possibilidade de reanálise da preposição como elemento gramatical e a conseqüente implicação estrutural. Pretendo, além disso, levar em consideração algumas críticas que Van Pottelberge (2004)<sup>65</sup> faz às teorias de gramaticalização de base localística, uma vez que os dados de Pomerode sustentam essas críticas em certo sentido.

### **3.7 Trabalhos recentes sobre o progressivo no alemão e nas línguas e dialetos germânicos em geral**

Passo agora à resenha geral dos trabalhos sobre progressivos que constituem a base de análise para o progressivo pomerodense. Pontos específicos serão explorados mais detalhadamente ao longo dos Capítulos 4 e 5, sempre que as considerações feitas e as posições adotadas tiverem relação direta com o que os autores resenhados a seguir exploraram (ou deixaram de explorar!).

#### **3.7.1 A tese de Reimann (1998)<sup>66</sup>**

Até esse ponto já fiz algumas incursões no trabalho de Reimann no que diz respeito ao seu pioneirismo, abrangência e conseqüente relevância dentro dos estudos do progressivo no alemão, bem como nas suas considerações sobre a questão histórica da desconstrução e reconstrução de sistemas aspectuais nessa língua, em comparação com o inglês. Na resenha geral do seu trabalho chamo a atenção para alguns pontos que merecerão considerações críticas de minha parte. Referências pontuais serão feitas também nos capítulos 4 e 5.

O objetivo de Reimann em retrazar as etapas de desenvolvimento do progressivo, do inglês antigo até o inglês atual, foi o de mostrar como um sistema aspectual pode acontecer. Fazendo a comparação entre as formas participiais do inglês antigo e do inglês medieval com as do antigo alto alemão e do alto alemão medieval, ela procurou mostrar que durante aquele período também existia um progressivo no alemão, similar ao do inglês. Com a junção do infinitivo e do particípio presente no *Frühneuhochdeutsch*, o progressivo não pôde se desenvolver no alemão. Sendo assim, somente com o aparecimento da forma *sein + am +*

---

pomerodense, o que vai levar a reconsiderações no critério da unidirecionalidade (dentro da teoria de gramaticalização).

<sup>65</sup> Resenhado a seguir.

<sup>66</sup> Eu tive acesso a essa tese somente em forma de microfichas e fiz a cópia (traduzida) manualmente e em condições fotomecânicas muito precárias para tanto. Portanto, em algumas passagens o número da microficha não foi lançado por esquecimento e a referência às páginas pode ser por vezes aproximada.

infinitivo no alemão da Alemanha, em recente período, “novamente está sendo possível teorizar sobre o fato se o alemão está desenvolvendo uma correlação aspectual”, registra a autora (idem:59).

Baseada em teorias variacionistas de gramaticalização, atesta que o progressivo na Alemanha pode ser situado em um *continuum*, o que já comentei no item anterior. O extremo não foi atingido ainda, ou seja, a forma ainda não está totalmente gramaticalizada, pois a obrigatoriedade está restrita a poucos contextos. Para Reimann só a forma com *am* expressa uma relação gramatical abstrata e revela uma mudança lingüística em curso. As outras formas, inclusive a que eu advogo para Pomerode, não podem ser consideradas sinônimas da forma com *am* em seu estágio atual, pois sofreriam de restrições maiores. Mas concorda que existe grande semelhança semântica entre as duas preposições e acredita que a construção com *am* seja mesmo resultado de um desenvolvimento recente, uma vez que a maior incidência de exemplos com *beim* nos dicionários do século XVIII e XIX por ela pesquisados deve refletir uma preferência para o uso dessa forma então, conforme já comentado aqui.

Para saber do alastramento da forma progressiva na Alemanha, a pesquisadora montou um questionário contendo 43 sentenças, especialmente construídas para abrangerem os mais diversificados contextos sintáticos, semânticos e pragmáticos e aplicou-o a quase 500 informantes de 12 universidades espalhadas por diversas regiões da Alemanha. Conforme já disse no capítulo 1, o intuito de Reimann era detectar a aceitabilidade da forma quanto à coloquialidade, a aceitabilidade enquanto fenômeno dialetal e a não-aceitabilidade. Os informantes eram todos estudantes de germanística e, nesse sentido, já vejo uma diferença qualitativa entre a minha pesquisa e a sua, uma vez que o posicionamento desse tipo de informante diante de questões lingüísticas não é certamente o mesmo do que um falante comum da língua alemã<sup>67</sup>. Além disso, não considero o contexto de aplicação o ideal para fazer testes de aceitabilidade desse tipo de fenômeno, uma vez se fez uso de um teste escrito para averiguar uma forma que se manifesta quase que exclusivamente na linguagem oral. Metodologicamente também a ordenação das sentenças (construídas e destituídas de um contexto maior) no questionário é problemática, principalmente aquelas com inclusão de objetos (ver também capítulo 5, onde discuto isso com base em meus exemplos), onde existe uma previsibilidade de não-aceitação da sentença, dado o contexto anterior e posterior em que ela está colocada no próprio questionário.

---

<sup>67</sup> Ver também as críticas de Krause (2001:15), nesse sentido.

Lanço aqui algumas conclusões a que chegou Reimann com o seu trabalho de base empírica: O progressivo está se espalhando por toda Alemanha, não mais se restringindo apenas ao dialeto *Rheinisch*, onde ele é situado por vários autores e por algumas gramáticas. É a forma com *sein + am +* infinitivo que apresenta menos restrições e é a que serve para o estabelecimento da perspectiva interna, aparecendo em um contexto lingüístico com o traço [+ *aktional*], uma classificação primária (de base pragmática) no sistema, que Reimann toma de Bache (1985, 1996)<sup>68</sup>, uma vez que a classificação semântica dos verbos em aditivos e não-aditivos<sup>69</sup> não seria suficiente para explicar porque os modais e os verbos cópula (aditivos e, portanto, destinados para o estabelecimento da perspectiva interna) não são passíveis de progressivização. Ela remete também a Comrie (1976:49) onde esse, ao invés de classificar os verbos em dinâmicos ou estáticos, fala em “situações dinâmicas” (como em *John is running*, onde as fases da situação são distintas entre si) e “situações estáticas” (como em *I know where John lives*, onde a situação é sempre a mesma), ainda que o próprio Comrie reconheça a precariedade dessa classificação. Para Bache, diz Reimann, as situações estativas seriam sempre [- *aktional*], o que para ela é interessante, pois, na medida em que uma situação é marcada com esse traço, no âmbito do aspecto passa a admitir apenas uma variante do respectivo verbo, ou seja, a não-progressiva. O seu exemplo para ilustrar o fato é o par (a) *He is lying in bed* x (b) *Würzburg lies in a beautiful valley*, onde em (a) a situação é marcada com o traço [+ *aktional*] e (b) em um contexto [- *aktional*]. Assim, o verbo em (a) pode ser “progressivizado”, ao passo que no mesmo verbo aditivo em (b), pelo fato da situação ser marcada primariamente pelo traço [- *aktional*], “fica excluída a sua ligação com o progressivo”, diz Reimann (idem:28).<sup>70</sup>

Na classificação semântica dos verbos utilizados nas sentenças do questionário conclui que os aditivos mantém, na forma progressiva no *Präsens* (*Ich bin am Arbeiten: Eu estou trabalhando*), *Präteritum* (*Ich war am Arbeiten: Eu estava trabalhando*), *Futur I*<sup>71</sup> (*Ich werde morgen am Arbeiten sein: Amanhã eu vou estar trabalhando*), o mesmo significado temporal

---

<sup>68</sup> Não tive acesso a essa bibliografia.

<sup>69</sup> Classificação semântica dos verbos, de base mereológica, que ela toma de Leiss (1992:47-48). Aqui, ver definição na seção 3.3.3.

<sup>70</sup> Krause (2001:43) vai contestar essa classificação primária situacional de Reimann, pois entende que com a mesma ela exclui a variante progressiva do tipo durativo (na classificação de Bertinetto, Ebert e De Groot (2000)), já que nesse tipo o ponto de referência não é dado explicitamente. Para Rödel (2003:37), Krause interpretou Reimann erroneamente, uma vez que, embora o ponto de referência não seja dado explicitamente, o mesmo pode ser resgatado situativamente, tal como advoga Reimann, com base na diferenciação proposta por Bache (1986) entre situação verbal e conteúdo semântico de um lexema verbal. Como não vou adotar essa classificação primária de Reimann, não entrarei em detalhes dessa discussão, uma vez que ela parece ser de ordem terminológica, e não de essência.

<sup>71</sup> Como não existe correspondência entre os tempos verbais do alemão e do PB, mantenho os nomes em alemão. O leitor pode ver uma tentativa de comparação dos tempos verbais dessas duas línguas em Welker (1992).

que os verbos não-aditivos nos respectivos tempos da construção perifrástica. As formas progressivas no passado tendem a ser formadas com o *Präteritum* (*Ich war am Arbeiten: Eu estava trabalhando*<sup>72</sup>) e não com o *Perfekt* (*Ich bin am Arbeiten gewesen: +/- Eu estive trabalhando*). A ligação de verbos não-aditivos intransitivos permite estabelecer relação com o presente. O *Futur I* ganha um significado modal (*Er wird am Arbeiten sein: Ele deve estar trabalhando*; interpretação modal, quando não tiver inclusão adverbial). A única possibilidade de realizar um verbo não-aditivo intransitivo em uma sentença com relação ao passado, e, ao mesmo tempo, estabelecer a perspectiva interna é usando o *Präteritum* (*Er war am Aufstehen: Ele estava levantando*). Com isso contesta a hipótese de o *Präteritum* estar desaparecendo na língua alemã, dando lugar ao *Perfekt*. O *Präteritum* ganha assim uma nova função e sustenta a formação de formas analíticas. O progressivo pode ser formado com verbos de prefixo separável e sem prefixo (*Er war das am Überarbeiten / am essen: Ele estava re-trabalhando isso / estava comendo*). Objetos diretos são aceitáveis no PROG, porém na forma incorporada (*Er ist am Kartoffelschälen: Ele está descascando-batatas*). Uma ligação do progressivo com advérbios de tempo, causais, concessivos, adversativos<sup>73</sup> etc. e com partículas modais não imperativas é possível. Pela forma progressiva é possível reverbular derivações *-en* (*Ich bin am Autofahren/ Das Autofahren macht mir Spass: Eu estou andando-de-automóvel/ O andar-de-automóvel me dá prazer*). Os verbos *Aktionsart* diminutivos-iterativos são passíveis de progressão (*Das Kind ist am Werkeln: A criança está 'obrando' (?) / fuçando*). Finalmente, sob a ótica estilística, o progressivo se liga melhor com verbos que são marcados com o traço [+ coloquial] (*Die Pflanzen sind am Kaputgehen: As plantas estão indo-pro-brejo*) (p.190-191). Sobre as restrições da forma com *beim*, Reimann os limita aos verbos aditivos (e agentivos), valendo-se do exemplo \* *Ich bin beim Verhungern* (estou a morrer-de-fome), mas que em Pomerode não apresentou restrição (ver discussão no Capítulo 5, também com outros verbos não-aditivos).

Reimann chegou também a um quadro geral de restrições e que resumo aqui: o progressivo não aparece em contextos marcados com o traço pragmático [– *aktional*]. Verbos não-aditivos transitivos só excepcionalmente aparecem na forma progressiva, sentenças imperativas não acontecem. As características da voz passiva colidem com o progressivo. Verbos modais e cópula não são aceitos nessa forma. Objetos, pronomes pessoais e reflexivos não-incorporados bloqueiam a forma progressiva de certa forma (é nesse ponto que eu vou me

<sup>72</sup> Os exemplos entre parêntesis são meus (I.E.), a título de ilustração, dos pontos citados por Reimann (1998).

<sup>73</sup> Montei um exemplo, com base em Reimann: *Ich bin heute hier an der UFSC leider sehr viel am Arbeiten: Eu estou hoje aqui na UFSC infelizmente trabalhando muito.*

concentrar particularmente, pois existe uma clara diferença entre os dados de Pomerode e os testes de aceitabilidade de Reimann aqui – ver Capítulo 5). Características semânticas das FVGs (construções verbo-nominais, conforme desenvolvido na seção 3.3.6) falam contra uma ligação com o progressivo, verbos impessoais resistem à progressivização, exceto alguns de fenômenos da natureza, adverbiais modais *gern* não aceitam a forma. (p.191-192)

Praticamente todos esses aspectos foram testados também em Pomerode, na medida em que se podia criar uma sentença em português para solicitação de tradução por parte do informante (ver considerações específicas no Capítulo 5)<sup>74</sup>. Mostro no meu trabalho que a forma pomerodense com *bei(m)* é usada em contextos não atestados no alemão coloquial atual da Alemanha, inclusive em alguns que os informantes de Reimann consideraram como não-aceitáveis<sup>75</sup>, e que as restrições atestadas lá só demonstram que a forma está em um estágio diferenciado no *continuum* da gramaticalização, ou melhor, que ela tomou um caminho distinto. Se esse estágio é mais adiantado ou mais atrasado em relação à forma alemã com *am* (embora essa comparação seja irrelevante, já que cada língua seguiu seu próprio caminho), conforme ainda vou mostrar, vai depender de re-avaliação de certos parâmetros da teoria de gramaticalização com base no que foi observado em Pomerode (ver seção 4.6). Ao descrever o PROG pomerodense também quero neutralizar afirmações categóricas de Reimann que nega a outras realizações formais da categoria progressiva no alemão o estatuto de um potencial parceiro aspectual, uma vez que a forma com *bei(m)* no alemão de Pomerode serve igualmente para apresentar um evento a partir da perspectiva interna, que eu assumo, tal qual faz Reimann, como sendo a função primária de progressividade.

### 3.7.2 A tese de Krause (2001)<sup>76</sup>

Em seu trabalho “*Progressive Verbalkonstruktionen im Deutschen – Ein korpusbasierter Sprachvergleich mit dem Niederländischen und dem Englischen*”<sup>77</sup> (2001), Krause se propõe a levantar as formas verbais da categoria *Progressiv*, que ele define como descrevendo uma situação que é percebida como um todo, mono ou plurifocalizada (valendo-

---

<sup>74</sup> Foram feitos alguns testes de gramaticalidade, onde não foi possível testar determinados pontos com inputs em português (os mesmos foram detalhados especificamente ao longo dos próximos capítulos).

<sup>75</sup> Aqui me refiro particularmente aos testes de Reimann de inclusão de objetos diretos referenciais entre a preposição e o infinitivo do verbo transitivo.

<sup>76</sup> Quero agradecer a Olaf Krause que se dispôs a ler e comentar os meus dados, mesmo não estando mais envolvido com o meio acadêmico.

<sup>77</sup> “Construções verbais progressivas – uma comparação com o holandês e o inglês baseada em corpus” (tradução minha, I.E., do título da tese). Já existe publicação dessa obra, mas eu, como já disse, usei a versão disponibilizada na rede. (ver nas referências bibliográficas).

se, para tanto, da terminologia de Bertinetto (1986, 2000)), no que diz respeito à sua referência temporal, e que se apresenta como não-completada, portanto, a partir da perspectiva interna. O autor dedica especial atenção às concepções clássicas que concebem como função primária de progressividade a noção de duração delimitada ou mesmo de duratividade, a modelo de Lyons (1971), ou ainda, o que Jespersen (1954) definia como *temporal frame* para utilização de formas progressivas. Para Krause, essas concepções por si só não são suficientes para dar conta das funções do progressivo, uma vez que entram em jogo outros elementos, tais como a semântica dos verbos, o respectivo tempo e também o contexto em que o acontecimento é apresentado (idem:39).

Na seção dedicada à interdependência entre progressividade e locatividade, o que interessa particularmente ao meu trabalho, Krause, além de comentar a origem locativa dos próprios auxiliares nas perífrases progressivas de diferentes línguas, discute também as supostas remanescências de significados locativos nas construções com *beim*, que não seriam mais perceptíveis nas construções com *am*. As construções com *beim*, na sua opinião e com base nos levantamentos feitos, estariam menos gramaticalizadas, uma vez que só autorizariam sujeitos agentivos, complementos só na forma incorporada, utilização só com tempos simples (*Präteritum* e *Präsens*) e no indicativo, e, aparentemente, não permitiriam a expressão de interpretação habitual. Concorda com Reimann (1998) no sentido de que a razão para tal estaria na semântica da própria preposição *an*, que apresentaria relações “menos específicas”<sup>78</sup> com o acontecimento descrito pelo verbo. Evidentemente, esse argumento, um tanto superficial e só citado nesse ponto, vai merecer considerações mais específicas aqui, na seção 4.5, onde discuto o papel da partícula *bei* na perífrase pomerodense, bem como no pareamento de minhas análises com as de Krause, quando mostro que em Pomerode as construções com *bei(m)* não apresentam as restrições quanto à interpretação progressiva, motivadas pela semântica da preposição envolvida.

O autor apresenta uma análise metódica de várias construções perifrásticas de que as línguas em questão (o alemão, o holandês e o inglês) dispõem para marcar progressividade, fazendo a comparação entre as suas apresentações formais, respectivamente com verbos posturais (posicionais, em sua terminologia, e que acontecem particularmente no holandês), construções preposicionadas (entre elas, a forma com *am* e a forma com *beim*) e outras possibilidades que podem ser subsumidas sob a função primária de apresentação de uma ação ou acontecimento em seu transcurso, a partir do ponto-de-vista interno. Ele trata de três

---

<sup>78</sup> Grifo meu (I.E.)

potenciais variantes do progressivo, baseado na subdivisão proposta por Bertinetto, Ebert e De Groot (2000), que vai ser retomada na seção 3.8: o *Focalized Progressive* (Foc-PROG), em que um determinado momento é focalizado durante o transcurso de um acontecimento e em qual existe uma indeterminação quanto ao fechamento da ação ou do acontecimento, além da condição da semelfactividade, constituindo-se no caso prototípico; um segundo tipo, o *Durative Progressive* (Dur-PROG) em que, através de determinação adverbial (ou contextual), qualquer momento do determinado acontecimento ou ação pode ser focalizado, revelando-se em um quadro situacional único (portanto, residindo aí a diferença para a leitura habitual)<sup>79</sup>; e entre essas variantes inclui ainda a *Absentive* (ABSV), que, segundo ele, apresenta significado similar, uma vez que serve igualmente para estabelecimento da perspectiva interna, mas cuja função primária é a de indicar a ausência do sujeito do centro dêitico no tempo da referência, não sendo, portanto, propriamente uma forma concorrente.<sup>80</sup> Outras construções progressivas também foram levantadas por Krause, mas não tendo a contrapartida registrada para as mesmas nos dados de Pomerode, elas só serão comentadas brevemente ao longo dos próximos capítulos, onde for pertinente.<sup>81</sup>

Sua pesquisa está baseada em um *corpus* de língua falada e escrita (*corpora* de língua falada, exemplos da televisão e do rádio, dados pessoais de língua coloquial coletados, dados de textos jornalísticos, dados de *chat*), a partir do qual levanta o comportamento semântico e sintático das formas, a co-ocorrência com diferentes classes de verbos, de onde conclui, só para citar um ponto que é relevante para mim, o maior alastramento da forma com *am* em relação com a forma com *beim*, por levantamento estatístico quantitativo dos respectivos registros no seu corpus, e nas restrições a que cada forma está sujeita. Verifica, além disso, a possibilidade de combinação com outras categorias gramaticais, e também elenca distribuições funcionais complementares entre as formas por ele discutidas.

Mesmo diante de um material lingüístico diferenciado, em certo sentido, Krause complementa o trabalho de Reimann, uma vez que as conclusões a que chega para o alemão são muito similares às daquela autora e que já foram elencadas acima. Detalha, melhor do que

---

<sup>79</sup> É essa classificação de Bertinetto, Ebert e De Groot (2000) que eu também adoto aqui, uma vez que Krause já a aplicou para o alemão. Ver aqui também seção 3.7.

<sup>80</sup> Exemplo de uma forma *Absentive*: *Er ist arbeiten* (ele está trabalhar – auxiliar *sein* + infinitivo do verbo), uma forma, normalmente sem complementos, construída primordialmente com verbos *activity*, e que outros autores, entre eles Reimann (1998:54), classificam como uma forma que talvez tenha se desenvolvido a partir de uma elipse de participio passado de um verbo de deslocamento: *Er ist arbeiten (gegangen)* (ele foi trabalhar – ele + aux. *sein* + infinitivo (+ elipse participio passado)). Volto a essa forma no Capítulo 4, onde a situo nas considerações de Engelberg (2003).

<sup>81</sup> São elas: a construção *im+kommen* (só registrada na forma escrita) e a forma com *dabei*, com elementos desintegrados e pouca unidade sintática, que poderia ser pareada à construção *être en train de + V* do francês (ver detalhes em Krause (2001:322)).

Reimann, as classes de verbos usadas nas formas progressivas, comprovando estatisticamente uma utilização preferencial com verbos *activity*. Conclui também que, na maioria das vezes, não existem complementos (objetos), e se existem, são preferencialmente incorporados. Os verbos pontuais, quando aparecem na forma progressiva, apresentam uma referência ao processo que antecede o acontecimento verbal, algo usual para formas progressivas, diz o autor (conclusão a que chega também o Grupo-6 do EURO TYP). O ponto defendido por Krause (idem:170) que quero discutir também com base em meus dados é a sua hipótese de que entre a preposição (com o artigo cliticizado) e o infinitivo não poderia existir nenhum elemento, o que revelaria conexão clara e forte entre os constituintes individuais da perífrase, e, conseqüentemente, um estágio de gramaticalização mais avançado para a forma com *am*, principalmente se comparado com a forma com *beim*, que, para ele, não apresentaria essa unidade (a forma com *beim* autorizaria complementações genitivas ao núcleo, bem como atribuições adjetivas). Nos casos raros em que existe um complemento verbal, os dados levantados por Krause mostram que o mesmo é colocado antes ou depois do grupo preposicional. Os exemplos isolados de que tem conhecimento (e também citados por Reimann), em que foram registrados até dois complementos integrados no grupo preposicional, ele trata como exceção (ex.: *Die waren die ganze Zeit nur am Knaller auf die Strasse Schmeissen*: eles estavam o tempo todo a jogar bombinhas na estrada).

Mas sua abordagem é mais restrita que a de Van Pottelberge (2004) quando se trata da análise das construções progressivas do holandês. Os critérios para conferir graus de gramaticalização diferenciada para a forma alemã e a forma holandesa são totalmente contrárias às concepções de Van Pottelberge. Para Krause, é a fusão da preposição locativa com o artigo no alemão que vai determinar um grau mais avançado da forma com *am* no *continuum*, para ele, uma manifestação típica dentro dos processos de gramaticalização, caracterizada por uma perda de substância no caminho em direção a um morfema gramatical, ao passo que para Van Pottelberge, é a possibilidade de inclusão de argumentos internos (de objetos) que vai conferir maior grau de gramaticalização à construção *aan-het* holandês, estendendo essas considerações para os outros dialetos onde a forma também autoriza inclusão de objetos.

Finalmente, diferente de Reimann (e de Leiss (1992, 2000), em certo sentido), não concorda que a forma progressiva se comporte como “parceiro aspectual” em forma de uma oposição binária, a modelo do inglês (idem:318). Mas no pareamento com o inglês explora a questão de a forma com *am* também autorizar a interpretação habitual, uma evolução típica de estruturas progressivas em direção a um significado generalizado imperfectivo.



Retomarei questões pontuais do trabalho de Krause na parte de análise de dados, Capítulo 5.

### 3.7.3 Van Pottelberge (2004)

A publicação mais recente no que diz respeito ao progressivo nas línguas germânicas ocidentais continentais a que tive acesso é a de Jeroen Van Pottelberge<sup>82</sup>, “*Der am-Progressiv – Struktur und parallele Entwicklung in den kontinentalwestgermanischen Sprachen*”<sup>83</sup>, Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2004, em que o autor se propõe a descrever o aparecimento simultâneo de progressivos com *am* em seis línguas germânicas continentais ocidentais. O quadro de Van Pottelberge, reproduzido parcialmente a seguir, tem como intuito dar um panorama geral de como a forma se apresenta nessas seis línguas:

(1) <i>Hochdeutsch</i> (alemão padrão/alto alemão)	<i>Ich bin am Lesen</i>
(2) <i>Niederdeutsch</i> (baixo alemão)	<i>De Vögel was an't Singen, as of he't betahlt kreeg.</i>
(3) <i>Niederländisch</i> (holandês)	<i>Ik ben aan het lezen.</i>
(4) <i>Westfriesisch</i> (frísio ocidental)	<i>Der is ien oan it sjongen.</i>
(5) <i>Afrikaans</i> (africaans)	<i>Ek is aan die lees.</i>
(6) <i>Pennsylvaniadeutsch</i> (alemão da Pensilvânia)	<i>Ich bin am lese.</i>

Essas línguas, resumindo o desenvolvimento de Van Pottelberge (2004:2), utilizam-se das mesmas formas herdadas como constituintes, ou seja, a estrutura dessas construções progressivas é etimologicamente idêntica: a mesma forma para o verbo germânico *sein*, que

<sup>82</sup> Quero agradecer a Van Pottelberge pela gentileza de comentar os meus dados e de discutir possíveis encaminhamentos para a forma pomerodense em vários contatos, via correio eletrônico.

<sup>83</sup> O progressivo-*am* – Estrutura e desenvolvimento paralelo nas línguas germânicas ocidentais continentais (tradução minha, I.E., do título do livro).

funciona como verbo finito, em combinação com uma frase preposicional<sup>84</sup>, que é construída com uma preposição que remonta à preposição germânica \**ana*. A frase preposicional é constituída por um artigo definido e um infinitivo substantivado<sup>85</sup>. A frase preposicional também está estabelecida formalmente, não sendo possível ampliações via atributos e aposições etc., exceto em algumas situações bem definidas. Essas “exceções” receberão destaque no próximo capítulo.

Nesse trabalho, o autor defende que a origem dessas formas progressivas com *an / aan* mais um infinitivo substantivado não pode ser remetida a um estágio comum anterior<sup>86</sup>, herdado de uma língua-fonte germânica ou germânica-ocidental, uma vez que ela só é registrada após a dissolução da unidade germânica, e, somente a partir de 1500, reconhecida como recurso inequívoco de marcação de progressividade, portanto, uma época em que o alemão e o holandês, mesmo sendo parentes, já eram línguas individuais. Assim, trata-se de traços secundários não-herdados, uma vez que os traços primários são os que determinam o próprio parentesco entre as línguas, e são, evidentemente, herdados (elencas como exemplos os sufixos dentais nos verbos regulares das línguas germânicas e as séries de *Ablaut* nos verbos irregulares). Como exemplo de traços secundários cita o perfeito, tanto no germânico (*Perfekt*) como no românico, a ditongação germânica [i:] e [u:] no germânico ocidental etc., o que mostraria que as construções-*am*, como traço secundário comum, não são um fenômeno singular (idem:6–7). Por outro lado, como Van Pottelberge mostra também, uma origem monogenética da forma progressiva que depois teria se espalhado (tal qual uma “mancha de óleo”, sua metáfora na p.241) a partir desse núcleo para as demais línguas é de difícil sustentação, uma vez que, desde sempre, foi o alemão que exerceu maior influência sobre o holandês e não o contrário. Mas é no holandês que a forma progressiva-*aan-het* comprovadamente aparece mais cedo com um campo de aplicação mais diversificado, o que seria também determinante para estabelecimento de graus de gramaticalização. Portanto, um empréstimo do progressivo-*am* no alemão a partir do holandês constituiria uma exceção<sup>87</sup>, já

---

<sup>84</sup> Van Pottelberge (idem:23) cita também os autores que consideram a frase preposicional como um predicativo substantivo e que conseqüentemente classificam o verbo *sein*, nessas construções, como sendo um cópula. O mesmo enquadramento é feito por Engelberg (2003), cujo trabalho constitui a base de discussão do Capítulo 4, a seguir.

<sup>85</sup> No desenrolar do trabalho, o autor reconsidera a classificação do infinitivo para algumas línguas e dialetos germânicos (ver aqui também, seção 4.3 ).

<sup>86</sup> Embora ele tenha incluído o *Pennsylvaniadeutsch* e o *africaans* no quadro introdutório acima e generalizado as considerações iniciais para as seis línguas, no transcorrer do texto assume que essas duas não se enquadram exatamente no mesmo paradigma das demais, atribuindo a elas desenvolvimento independente, porém já partindo de uma forma herdada.

<sup>87</sup> É de senso comum que no campo lexical essas influências mútuas acontecem sempre.

que não são registradas outras inovações do gênero por razões de contato lingüístico entre as duas línguas (idem:10).

Com a reavaliação do argumento monogenético para a forma, ele pressupõe apenas a existência de um modelo comum – a possibilidade de construções perifrásticas, que se desenvolveram em cada vez mais tipos desde o antigo alto alemão – ao qual o progressivo com *am* pudesse se amoldar. O que seria comum à forma em todas as variedades seria a substantivação do infinitivo e a função da preposição *an* (idem:242). No caso de Pomerode, esses pressupostos terão que ser melhor analisados, o que será feito ao longo do Capítulo 4.

A tese da origem locativa da forma (locativo > progressivo, como defendida para muitas línguas), diferentemente de Krause (2000), Reimann (1998), Diewald (1997) e outros já citados aqui, é contestada por Van Pottelberge, que, na análise da evolução da forma em seis línguas germânicas continentais ocidentais, mostra, com os três exemplos mais antigos resgatados da forma holandesa *aan-het V + sijn*<sup>88</sup>, e também pelo exemplo mais antigo do alemão que lhe foi fornecido por Helmut Glück (já citado aqui), que a base não era de interpretação locativa, mas sim, desde o início<sup>89</sup> aspectual, ou melhor, progressiva. Conseqüentemente, coloca em cheque também parte da argumentação das teorias de gramaticalização (de cunho universalista) que defendem que o desenvolvimento de certas construções sintáticas seja resultado de determinados *pathways*, ou melhor, que certas formas gramaticais sofram o mesmo tipo de mudanças, ou que estabeleçam as mesmas relações, em uma ordem similar. Pela análise diacrônica o autor vai mostrar que as construções com *am*, em sua gênese, não deveriam e nem poderiam ser remetidas a uma expressão espacial ou a um

---

<sup>88</sup> Os três exemplos pioneiros elencados por van Pottelberge (2004:83) com a respectiva fonte histórica, cuja estrutura com *sijn* é considerada por ele a forma precursora da forma holandesa atual, mas ainda sem poder ser considerada sistemática, dada a baixa incidência no *corpus* pesquisado, seriam:

(XX) Want doe alst **was ant graken**.// Luudde hi zire clocken clanc?? Ende in enen stilren zan. 'Denn beim Anbrechen des Tages// ließ er sein Glockengeläut// und einen stilleren Gesang erklingen.' (glossa da perífrase: ...o dia estava amanhecendo... (I.E.))

Jacob van Maerlant, *Leven van St.-Franciscus*, 4608-4610 (~1300-1350)

(YY) Sine moencke **waren int visieren**// Ant werc van ere maysieren. 'Seine Mönche dachten nach// beim Errichten einer Trennwand.' (glossa da perífrase: seus monges estavam pensando... (I.E.))

Jacob van Maerlant, *Spiegel historeel* III7, 28, 17-20 (~1300-1325)

(ZZ) Om dat copenschap hevet in// Un desen name of dit teekin.// Ende het ooc **ant werken si**// Staet het desen capittel bi. 'Weil die Kaufmannschaft// diesen Ruf oder diese Eigenschaft aufweist// und sie auch wirksam ist// gehört sie in dieses Kapitel.' (glossa da perífrase: ela está sendo eficaz (?) (I.E.))

*Spiegel der sonden*, 4549-4552 (~1440-1460) (grifos meus, I.E.)

O que é particularmente interessante nesses exemplos pioneiros levantados por Van Pottelberge é a tradução proposta para o alemão (não está claro se é do próprio autor), onde a forma progressiva que ele afirma estar presente aí no holandês, não aparece aspectualmente marcada no alemão, mas em forma de um PP-locativo em (XX) e (YY) (inclusive com a preposição *bei*), ou na forma simples não marcada em (ZZ). O que se esperaria aqui, na correspondente forma com *am*, seria, por exemplo: (XX') *weil der Tag am abbrechen war*, (YY') *seine Mönche waren am 'visieren'*, (ZZ') *und sie auch am werken sind*.

<sup>89</sup> Evidentemente que aqui se pode contestar o autor em vários sentidos.

esquema locativo (conforme já comentado aqui), mas que a progressividade seria/é dada pelo elemento principal da perífrase: o infinitivo, com o significado – “transcurso da ação verbal” (*Verlauf der Verbalhandlung*). Essa propriedade, resumindo o que desenvolve Van Pottelberge, já caracterizava o infinitivo substantivado antes do desenvolvimento do progressivo com *am*, constituindo-se em um pressuposto para a formação da forma e não a sua consequência<sup>90</sup>. Assim, resumindo as conclusões a que chega o autor, nem o verbo auxiliar *sein* nas sentenças mais antigas resgatadas em seu *corpus*, nem tampouco a preposição *an* poderiam ser remetidos a um significado original locativo nessas construções, indicando que o sujeito da construção estivesse em um lugar determinado, executando a ação verbal denotada pelo infinitivo substantivado, sendo o estágio atual da forma resultado de metaforização desses elementos dentro da perífrase. Desde sua origem, tanto o auxiliar *sein* como a preposição *an* mostrariam a sua inespecificidade (gramatical-abstrata), podendo assumir funções diversificadas, além da utilização locativa concreta (ver p. 87 para o holandês, e p.234 para o alemão). Dentro da construção, esses elementos não teriam ficado “menos lexicais” ao longo do desenvolvimento da forma, mas desde antes da formação do progressivo com *am*, e depois dela, representavam e representam palavras funcionais altamente freqüentes também em outros contextos sintáticos (idem:238).

Van Pottelberge quer mostrar que até no exemplo mais antigo com *am* resgatado até o momento (repetido a seguir) não seria possível estabelecer um significado locativo (espacial) subjacente, esse que vem de uma época onde outros autores pesquisados situam a origem da forma, uma vez que o que é expresso, segundo o autor, se resume exclusivamente ao transcurso temporal:

(3.7.1) *Fand wir king Philips, der am herausreiten was* (do diário de Lucas Rem, dos anos 1494–1541)

Com esse exemplo, Van Pottelberge (2004:232–235) contesta a teoria localística quando essa trata dos progressivos no alemão e no holandês, tal como defendida por Bybee et al. (1994), Ebert (1996), Comrie (1976), Krause (2001) etc., que vêem como significado original da forma progressiva com *am* um *location scheme*: “encontrar-se em um local, onde o processo ou atividade do infinitivo substantivado acontece, (...) que o sujeito se encontra em um determinado local, especialmente no local onde se executa (normalmente) a atividade do infinitivo substantivado” (tradução minha, I.E.)

---

<sup>90</sup> Com isso ele sugere uma inversão na conhecida fórmula de Givón (1971) *Yesterdays syntax is today's morphology* para: *Yesterdays morphology is today's [periphrastic]syntax*. (cf. Van Pottelberge (2004:323))

Algumas considerações cabem aqui: no meu entender, reconhecidamente bastante intuitivo nesse ponto, uma vez que foge totalmente aos meus propósitos, e baseado tão somente nas justificativas dadas por Van Pottelberge para se opor à tese localística, o processo de reconstrução interna<sup>91</sup> e o paralelo desenvolvimento semântico das formas progressivas perifrásticas no alemão, por não violarem nenhuma lógica racional subjacente, só precisariam, talvez, ser reavaliados cronologicamente (implicando, conseqüentemente, em uma reavaliação na questão aspectual).

Por outro lado, por se tratar de um exemplo isolado, talvez fosse possível remetê-lo a essa “potencialidade” de a forma poder expressar progressividade, uma vez que o foco perspectivizador deve estar no verbo. Afinal, estamos falando de processos muito lentos, e um dado isolado não vai refutar tantos argumentos que foram usados para fundamentar a tese localística.

Voltando ao texto de Van Pottelberge, o desenvolvimento do progressivo com *am* em direção a uma categoria gramatical é entendido assim como uma gramaticalização “alternativa” (grifo de Van Pottelberge (2004:12)), que começa sem um étimo espacial ou concreto, desde o início já com significado progressivo, sem nunca ter apresentado efeitos de *semantic bleaching*<sup>92</sup> nos seus elementos constituintes e que, pelo menos sob a ótica semântica, não transcorreu gradualmente (no sentido de: +lexical → +gramatical). Segundo sua concepção (idem:324), não seria necessário pressupor, como se faz nas teorias de gramaticalização, que todas as formas gramaticais seriam remetidas, em última instância, a expressões concretas (ou locativas), ou mesmo a formas “menos gramaticais”. Também o falante não dependeria de metáforas “concretas”, quando determinadas relações abstratas não pudessem ser realizadas com uma forma gramaticalizada própria em sua língua. O falante poderia recorrer, sem problemas, também a expressões abstratas não metafóricas para designar relações aspectuais ou temporais “abstratas”. Com reanálises de desenvolvimentos recentes nas formas progressivas nas diversas línguas germânicas por ele levantadas, Van Pottelberge apresenta elementos que vão me autorizar a propor um caminho alternativo, mas não essencialmente diferente, para a forma pomerodense.

---

<sup>91</sup> Uma reconstrução interna analisa o significado original (etimológico) dos componentes individuais de formas perifrásticas ou morfológicas. No caso do progressivo com *am* isso significa que foi tomado o significado locativo original da preposição *an* e do verbo *sein* e se concluiu que a etimologia da construção toda seria locativa.

<sup>92</sup> O termo *bleaching*, dentro das teorias de gramaticalização, tendo em vista a forte correlação entre a sintaxe e a semântica, é usado para descrever o processo em que um morfema, que está sendo gramaticalizado, gradativamente vai perdendo seu significado. Para Krause (2001:99) seria a perda do significado próprio (auto-semântico) em favor do surgimento de um significado gramatical.

Para o *africaans*<sup>93</sup> e o *Pennsylvaniadeutsch*<sup>94</sup> afirma que essas línguas já teriam, desde o final do século XVII, o progressivo preposicionado com *am*, em sua forma mais simples, como base herdada (respectivamente do holandês e do alemão), mas que a forma e a abrangência atuais seriam resultado de desenvolvimentos individuais, conclui o autor (idem:4). Os desenvolvimentos elencados por Van Pottelberge para essas duas línguas (*Tochtersprachen*), mas primordialmente para o *Pennsylvaniadeutsch*, por se tratar do alemão, podem ser comparados com a forma progressiva pomerodense, uma vez que as condições sociolingüísticas são muito similares, mesmo que para Pomerode eu tenha que fixar a metade do século XIX como início de um desenvolvimento independente, e, evidentemente, justificar uma outra preposição como constituinte da perífrase.

Diacronicamente, Van Pottelberge (2004:304) divide o progressivo com *am* no *Pennsylvaniadeutsch* em duas fases, sendo 1945 o divisor entre a forma mais antiga e a forma moderna. Para a forma mais antiga vale-se das considerações feitas por C. E. Reed (1947)<sup>95</sup>, baseado em uma coluna de jornal publicada entre 1888 e 1893 (*Boonastiel* – de 230 páginas, com apenas 12 registros da forma progressiva). Para Reed, o progressivo com *am* lembra um sistema aspectual, do qual também faziam parte a forma simples e a perífrase com *dū*<sup>96</sup>. Os exemplos do sistema tripartite citados são (as traduções dos exemplos são minhas, (I.E.), com base nas traduções para o alemão padrão de J.V.P.):

1. forma verbal simples, sem limitação com respeito a aspecto:

[*ar me:d s gra:s*] `Ele corta a grama.`

2. perífrase com *dū*: para indicar iteração<sup>97</sup>:

[*ar du:d s gra:s me:ə*] `Ele corta grama (regularmente)`

3. *progressivo*: para indicar continuação com respeito a determinado ponto no tempo:

[*ar is am gra:s me:ə*] `Ele está a cortar grama`

<sup>93</sup> Língua originada de variedades faladas de holandês, que se desenvolveu desde o século XVII na África do Sul, resultado das influências do mundo colonial. (Van Pottelberge (2004:271))

<sup>94</sup> O *Pennsylvaniadeutsch* é uma língua que remonta ao tempo colonial, falada por uma minoria religiosa (menomitas) no estado da Pensilvânia nos Estados Unidos e, a partir de lá, registra-se a emigração para a província de Ontário no Canadá, no início do século XIX. Por se tratar de uma comunidade fechada e conseqüentemente de ilhas lingüísticas, a língua falada por eles difere substancialmente da língua levada por outros emigrantes alemães nos séculos XIX e XX para os Estados Unidos, que, a cabo de três gerações, praticamente desapareceu em favor do inglês. O *Pennsylvaniadeutsch* moderno não pode ser considerado como sendo uma variedade do alemão, pois não faz parte desse sistema diastásico. (Van Pottelberge, 2004:294-301)

<sup>95</sup> Não tive acesso ao trabalho de Reed (1947).

<sup>96</sup> Essa perífrase com o auxiliar *tun* também é feita em Pomerode, mas não necessariamente com interpretação iterativa. Para tanto, ver seção 5.8.4.

<sup>97</sup> Ver na seção 5.8.3, onde exploro o papel do *tun* no alemão pomerodense.

A forma simples, de acordo com Reed, seria neutra com relação à marca de progressividade e poderia expressar ações verbais progressivas ou não-progressivas. Conseqüentemente, a marcação progressiva não era obrigatória. E não podia reger nem o acusativo, nem um objeto preposicionado (exceto por incorporação, ou, como prefere Van Pottelberge, “frases infinitivas substantivadas com um objeto direto”). Para Reed (1947, apud Van Pottelberge (2004:306)), de modo geral, o progressivo com *am* no *Pennsylvaniadeutsch* por volta de 1945, além de apresentar baixa frequência, só era utilizado em construções verbais absolutas (intransitivas), ou com objetos incorporados. Depois de 1945, ampliam-se sensivelmente os contextos de uso da forma e são observadas alterações no nível estrutural. De acordo com o levantamento de Van Pottelberge (2004:309), observa-se, em alguns casos, o desaparecimento do artigo definido dativo *dem* cliticizado à preposição *an*, variante que também registrou no *Niederdeutsch*, o que também poderia ser caracterizado por uma redução fonética, sua ampliação para contextos transitivos diversificados, além de exemplos na voz passiva<sup>98</sup>.

Além disso, o autor comenta que no *Pennsylvaniadeutsch* moderno, as frases infinitivas substantivadas (ou seja, em contextos transitivos não incorporáveis)<sup>99</sup> na forma progressiva com *am* muitas vezes são reanalisadas como frases infinitivas verbais e a partícula *am/an* como partícula infinitiva que introduz essa frase infinitiva verbal, que pode ser preenchida com qualquer objeto e outros elementos sentenciais. Nessa reanálise, complementa, “não se teria mais uma frase preposicionada que seria preenchida com um infinitivo substantivado, mas realmente teria se formado uma nova forma de conexão sentencial sintática, que introduz um infinitivo com elementos sentenciais” (tradução minha, I.E.). Cita os exemplos:

(3.7.2) *Er is am die P.G. Sprooch Studyja.*<sup>100</sup>

(Ele está a+DEF a língua alemã da Pensilvânia estudar-INF. (glossa minha, I.E.)

*‘Er lernt im Moment die pennsylvaniadeutsche Sprache`* (tradução de J.V.P)

---

<sup>98</sup> Um exemplo citado (de voz passiva e de concomitante desaparecimento do artigo): *Die Gleeder sin an gmacht Warre bei die Anna* (Os vestidos estão sendo feitos pela Anna.) (tradução minha, I.E.). As observações sobre a redução fonética da partícula *am* Van Pottelberge retirou de M.Huffines (1980) e as da voz passiva, de J. Costello (1998). Infelizmente não tive acesso a essa bibliografia.

<sup>99</sup> Ebert (2000:634) cita também o progressivo com *am* no *Pennsylvaniadeutsch* como dado curioso, mesmo assim fala em ‘incorporação de objetos definidos’, onde a preposição não estaria contraída (cliticizada) com o artigo e dá como exemplo: *ar is an sai bugi fikse* (glossa minha (I.E.): ele está a seu Buggy consertar).

<sup>100</sup> Não fica claro se esse exemplo é uma transcrição de um dado oral, ou se é um dado escrito. Não houve a ‘redução fonética’ de *am* para *an* nesses exemplos. Essa “duplicação” de artigos não acontece em Pomerode (uma diferenciação acústica entre *beim* e *bei* nas gravações pode ser feita com segurança), o que revela que ele é interpretado de alguma forma na sua cliticização ao elemento *bei* nos contextos absolutos ou na “intransitivização”, valendo-me do termo adotado por Van Pottelberge (2004), via incorporação. Ver também seção 4.6, onde exploro mais detalhadamente essa questão.

(3.7.3) *Da aeltest von die Buwe war am die Maschine fahre.*

(O mais velho dos meninos estava a+DEF a máquina guiar-INF) (glossa minha, I.E.)

'*Der älteste der Jungen war dabei, die Maschine zu betreiben.*' (tradução de J.V.P.)

Os exemplos elencados por Van Pottelberge como dados de expansão e reanálise da forma, fato também observado isoladamente no *africaans*, no alemão falado na Suíça<sup>101</sup> e no dialeto *Rheinisch*, onde o objeto direto pode aparecer também entre a preposição e o verbo, e não somente antes da preposição como acontece tradicionalmente, vão merecer considerações detalhadas de minha parte, pois é nessa posição em que ele aparece na forma pomerodense. Para tanto, veja seção 5.4.

O autor desenvolve também que as similaridades levantadas para as formas com *am* nessas seis línguas no plano formal etimológico e no semântico mostram que não se trata de uma expressão assistemática de *Aktionsart*<sup>102</sup>, mas sim de uma forma verbal progressiva, tal como ela existe também em outras línguas, mesmo que sob outras regras de utilização (p.5). Tendo essas similaridades em vista, sob ótica sincrônica o autor delimita a construção em cada uma das línguas e apresenta a análise das diferentes possibilidades de utilização sintática e semântica, em moldes similares a Reimann e Krause, inclusive quanto às restrições. A não-observação da forma progressiva na voz passiva nas demais partes da Alemanha ele remete ao fato de que a sua utilização em contextos transitivos, um pressuposto para passivização, ainda seja menos difundida nesses locais, portanto, resultando em uma restrição que indicaria um estágio menos gramaticalizado. Sob ótica diacrônica vai perseguir as origens e os desenvolvimentos paralelos das respectivas formas, não se concentrando em uma mesma origem possível para as mesmas, já que essa, conforme disse acima, não poderia ser remetida a uma fase germânica comum. Ao invés disso, vai se concentrar nos elementos sistemáticos de que se fez uso e que possibilitaram reanálises similares em cada qual dessas línguas, como também nas evoluções e variações nos respectivos contextos sintáticos e semânticos. Evidentemente que essa proposta é interessante para mim, pois entre essas possibilidades também é viável argumentar em favor do desenvolvimento de uma forma que tem como elemento constituinte uma preposição diferente e uma distribuição sintática sistemática alternativa.

---

<sup>101</sup> Van Pottelberge observa que no alemão falado na Suíça o progressivo com *am* está mais gramaticalizado que na Alemanha, paralelizando-o com o dialeto *Rheinisch* em termos de estágio de gramaticalização, já que também se registra inclusão de objetos. Credita a Ebert (2000) o pioneirismo de incluir o alemão suíço nas considerações sobre o progressivo com *am*. (lembro que Ebert (1989) discute o progressivo também no Frísio do Norte (Fering), e é considerada uma das pioneiras na discussão do PROG nas línguas germânicas).

<sup>102</sup> Ver definição na seção 3.2.



Van Pottelberge (2004:56–57) explora ainda as características sintáticas subjacentes à substantivação do verbo principal na forma progressiva ou mesmo à substantivação de frases infinitivas (para ele, portanto, o infinitivo nesses casos não é verbal), uma vez que prefere se valer de regras tradicionais da composição de palavras, ao invés de criar novas regras sintáticas de incorporação, termo que para ele ainda é obscuro na lingüística germânica, principalmente para diferenciar situações como *aan het boeken inpakken zijn* (segundo o autor, claramente um objeto incorporado; glossa minha, (I.E.): a+DEF livros-empacotar ser) de *boeken aan het inpakken zijn* (com o objeto fora do sintagma preposicional; glossa, I.E.: livros a+a empacotar ser), mas que designariam a mesma coisa, apresentando as mesmas condições de verdade. As restrições que se observam nas chamadas incorporações são, na sua opinião, as mesmas que na conversão das frases infinitivas, uma vez que também não autorizam a inclusão de pronomes e de artigos, mas podem se combinar com um advérbio ou um predicativo<sup>103</sup>.

Para o alemão, na questão geográfica atual, o autor divide o progressivo com *am* em dois grandes tipos. O primeiro tipo englobaria uma reanálise em uma forma verbal perifrástica (em analogia a tantas outras que surgiram nas línguas germânicas) que depois passou a englobar construções transitivas (para a região Rheinland-Westfalen e para a Suíça, mas sem mútua interferência para essa ampliação para contextos transitivos, dada a não-contigüidade geográfica); o segundo tipo, para o restante da área em que se fala alemão, com caráter essencialmente substantivo e bem menos freqüente no uso (idem:240).

Pela abrangência descritiva dada ao fenômeno, as questões pontuais do trabalho de Van Pottelberge não foram resenhadas até aqui, mas merecerão considerações no capítulo dedicado à análise de meus dados, onde retomo pontos que têm relação direta com o meu objeto de estudo e também alguns exemplos citados aqui, fazendo comparações com o que foi observado em Pomerode.

---

<sup>103</sup> Os exemplos citados por Van Pottelberge de incorporação de advérbios e de predicativos são do holandês (lembro que as convenções ortográficas são diferentes das do alemão, onde essas incorporações estariam escritas juntas com infinitivo). Reproduzo-os parcialmente aqui a título de ilustração:

Incorporação adverbial: (...), *soms is men gewoon aan het gek doen* (do exemplo (11), p. 55)

Incorporação predicativa: (...) *ben ik aan het ouder werden* (do exemplo (12), p. 55) (glossa minha (I.E.): estou eu a +DEF velho ficar-INF)

### 3.8 O progressivo dentro do Projeto EUROTYP

Ao Theme Group–6 dentro do Projeto EUROTYP coube o estudo de processos de gramaticalização e a identificação, descrição e explanação de tendências peculiares referentes a sistemas temporais-aspectuais das línguas européias. Os textos da publicação resultante desse estudo (e que se referem ao progressivo) serão referenciados aqui em passagens específicas, mas nesse ponto quero deixar registrada a classificação do progressivo que foi proposta por esse grupo, e que já foi adotada (e adaptada em certo sentido) também por Krause (2001) no seu trabalho sobre o progressivo no alemão (cf. seção 3.6.2). Justifico a adoção dessa classificação também para o alemão de Pomerode, pelo fato de Krause (2001) já ter “preparado o caminho”, e também por eu ter adotado a mesma metodologia de coleta de dados proposta pelo grupo e que, por sua vez, contempla os pontos teóricos com base nessa classificação.

Lembro que sob o ponto de vista semântico, a noção de progressividade pode ser expressa por diferentes recursos gramaticais também no alemão, conforme já foi desenvolvido aqui e que, para o caso do alemão de Pomerode, serão explorados no Capítulo 5 com base nos dados levantados (via construção com *beim*, com auxiliar *tun*, em combinação com marcações adverbiais, por exemplo). A classificação proposta a seguir baseia-se, no entanto, unicamente no progressivo expresso pelo dispositivo morfosintático especializado para tal (no caso de Pomerode *bei(m) + V + sein*, no caso do PB seria o *estar + GER*), e que será referenciado pela abreviatura PROG<sup>104</sup> daqui por diante.

Bertinetto, Ebert e De Groot (2000:527) isolam três tipos principais (ou funções) que podem ser expressos por esses dispositivos morfosintáticos especializados para expressão de progressividade, cujas especificações eu resumo aqui, em parte, retomando o que já foi resenhado em 3.7.2:

(i.) “*Focalized*” *progressive constructions* (Foc-PROG), que expressam a noção de um evento visto como estando em curso em um determinado ponto no tempo, chamado de “ponto de focalização”. Esse ponto de focalização não localiza o evento progressivo em si, mas simplesmente indica um ponto no tempo em torno do qual esse evento se desenvolve,

<sup>104</sup> Infelizmente, uma vez que já está estabelecida, a mesma notação vai ser usada depois para o operador semântico do progressivo.

enquanto que a duração efetiva do mesmo permanece indeterminada. Esse ponto pode estar expresso diretamente na sentença, ou pode ser resgatado via contexto, sendo objeto de uma pressuposição.

(ii.) “*Durative*” *progressive constructions* (Dur-PROG), que são avaliados em relação a um intervalo de tempo maior, mas em que também a duração efetiva do evento é indeterminada. Mesmo que um advérbio temporal durativo esteja presente na sentença, ele não delimita o evento, mas simplesmente estabelece um ponto a partir do qual a situação é observada.

(iii.) “*Absentive*” *constructions* (ABSV), com as quais se designa um evento que ocorre em um lugar (caracteristicamente reservado para um determinado propósito), deslocado do centro dêitico.

### 3.9 Referências ao progressivo no alemão falado no Brasil

Até onde pesquisei, nenhuma referência teórica é feita a uma forma progressiva nos diferentes falares de alemão no Brasil. Só na tese de doutorado de Tornquist, Ingrid Margareta (“*Das hon ich von meiner Mama*” – *zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul*, Uppsala-Suécia, Swedisch Science Press, 1997), publicada pela Umeå University, na parte onde lista as características morfológicas e sintáticas do *Hunsrück*-riograndense, uma pequena referência é feita e que traduzo aqui:

“Reescrituras com *am* + Infinitivo, a *Aktionsart* durativa, só existem no alemão dialetal. Ela corresponde aproximadamente a *progressive form* do inglês e é muito usada no português brasileiro, onde é realizada com o verbo *estar* + particípio I<sup>105</sup> do verbo principal. No alemão riograndense ela aparece recorrentemente na seguinte forma:

*er iss am Fläschche trinke'* para *er trinkt gerade*  
(glossa minha, (I.E.): ele bebe-PRÄS nesse momento)  
*er iss am spiele'* para *er spielt gerade*  
(glossa minha, (I.E.): ele brinca-PRÄS nesse momento)  
*(sie) sinn fort am gehe'* para *sie gehen gerade fort*  
(glossa minha, (I.E.): eles vão-PRÄS nesse momento embora)”

<sup>105</sup> Na verdade, é o gerúndio (talvez a autora tenha optado pelo particípio presente para dar uma melhor idéia ao leitor alemão, uma vez que não existe o gerúndio nessa língua, e muitos usos gerundivos são rendidos no Particípio Presente, na sua transposição para o alemão).

Vale lembrar que a origem da maioria desses imigrantes é exatamente a região da Alemanha onde se fala o dialeto *Rheinisch* e que é considerado o berço da *Verlaufsform* (progressivo) com *am*.<sup>106</sup>

O capítulo teórico contemplou dois grandes eixos: situar o progressivo no alemão dentro de uma concepção universalista de aspecto e verificar como a construção surgiu e se espalhou dentro do sistema lingüístico do alemão. Assumo que essa base seja necessária para contemplar a perífrase com *bei(m)* em suas minúcias, propósito do próximo capítulo.

---

<sup>106</sup> Para um dado levantado por mim com a forma *PROG-an*, ver nota no final da seção 4.3.

## Capítulo 4 – O PROGRESSIVO NO ALEMÃO DE POMERODE–SC

### 4.1 Introdução

A minha proposta neste capítulo é descrever os componentes individuais que constituem a forma progressiva no alemão de Pomerode, tendo por base as considerações teóricas desenvolvidas no capítulo precedente, complementando-as nos pontos que dizem respeito à especificidade do PROG pomerodense em comparação às formas progressivas no alemão da Alemanha e seus dialetos.

O capítulo contempla inicialmente discussões sobre o que aparenta ser um sintagma preposicional nessas construções progressivas, em seguida desenvolvo o estatuto do infinitivo dentro da construção, juntando elementos para situá-la como forma perifrástica. Nesse sentido também o papel do verbo *sein* é abordado objetivamente. Por último discuto a partícula *beim* e retomo a construção como um todo para então ter todos os elementos necessários para proceder a parte de análise de dados.

Retomo os três exemplos que encabeçam a presente tese e que retratam situações de fala espontânea de falantes bilíngües de Pomerode–SC, bem como as primeiras questões elencadas naquele ponto, encaminhando as análises no sentido de verificar as hipóteses colocadas.

(4.1.1) *er ist beim aufräumen.*

ele é a+DEF arrumar-INF

‘ele está arrumando/fazendo arrumação’

(4.1.2) *ich un’ meine mama war’n beim kartoffelschülen, wo mein kousin kam*

eu e minha mãe éramos a+DEF batatas-descascar-INF, onde-VIC meu primo chegou

‘eu e minha mãe estávamos descascando batatas, quando meu primo chegou’

(4.1.3) *du bist immer beim arbeiten und hast nie zeit für mich.*

tu és sempre a+DEF trabalhar-INF e tens-PRÁS nunca tempo para mim

‘tu sempre estás trabalhando e nunca tens tempo pra mim’

Questão colocada: Que estrutura gramatical recorrente subjacente é essa e qual é a diferença semântica com relação às respectivas formas simples a seguir:

(4.1.4) *er räumt auf*

ele arruma-PRÁS Part.

a. 'ele tem o hábito de arrumar/ de fazer arrumação`

b. 'no momento, ele arruma/ faz arrumação`

(4.1.5) *ich und meine mama schälten kartoffeln, als mein kousin kam*

eu e minha mãe descascávamos-PRÄT batatas, quando meu primo chegava-PRÄT<sup>107</sup>

a. 'eu e minha mãe descascávamos batatas, quando meu primo chegou`

b. eu e minha mãe descascamos batatas, assim que meu primo chegou` (não preferencial)

(4.1.6) *du arbeitest immer und hast nie zeit für mich*

tu trabalhas-PRÄS sempre e tens-PRÄS nunca tempo para mim

'tu trabalhas sempre e nunca tens tempo prá mim`

Num olhar ingênuo, pode-se supor que o que é recorrente nos três exemplos (4.1.1, 4.1.2 e 4.1.3) acima, conforme já mostrado aqui, é a seguinte estrutura:

<i>sein</i>	+	<i>beim</i>	+	V
(verbo 'ser' conjugado)		(preposição dativa +artigo definido neutro cliticizado = <i>bei + dem</i> )		(verbo no infinitivo com a informação lexical)

Como nos exemplos (4.1.2) e (4.1.3) existem outros fatores também determinantes da interpretação aspectual, analiso aqui os componentes individuais subjacentes ao exemplo (4.1.1), em que se tem, basicamente, só os elementos recorrentes, acrescidos do argumento externo, que não pode ser omitido em sentenças do alemão. É essa forma que Van Pottelberge (2004) vai chamar de “absoluta”<sup>108</sup>, e eu adoto esse termo aqui também. O V nesse exemplo é um verbo *activity* (no alemão), que, de acordo com Vendler (1957), é caracterizado pelos traços [+durativo], [+dinâmico] e [-télico], portanto, faz parte da classe de verbos que por princípio não apresentam restrição (ver aqui também seção 5.7.2) alguma para apresentação do acontecimento a partir da perspectiva interna. No próximo capítulo, onde contemplo os dados coletados via teste de tradução, amplio as análises para os exemplos do tipo (4.1.2) e (4.1.3) e lá também analiso os dados que não se enquadram nos exemplos típicos acima, justificando as diferenças detectadas.

<sup>107</sup> Não é possível equiparar o *Präteritum* do alemão com o Imperfeito do português, uma vez que ele abrange tanto o pretérito perfeito como o imperfeito (ver Welker (1992:74-75), para maiores detalhes)

<sup>108</sup> O termo foi introduzido por Van Pottelberge (2004) para referir-se à forma progressiva com *am* com verbos intransitivos, sua forma “mais simples”, com graus de aceitabilidade mais representativos.

## 4.2 PPs ou não-PPs, eis a questão!

Diante dos elementos sentenciais de (4.1.1), seria natural assumir que se trata de uma frase preposicional em que o infinitivo nominalizado é governado pela preposição dativa *bei*, um PP, portanto. Como essa não é a única posição sintática em que um *beim*-PP (com infinitivo nominalizado) pode ocorrer no alemão e a cada uma dessas diferentes posições está ligada uma determinada interpretação semântica, que seria obtida composicionalmente, conforme mostra Engelberg (2003), acho interessante verificar o que caracterizaria a interpretação do PP nessa estrutura (4.1.1), segundo a concepção desse autor, apresentando-a aqui. Ao elencar três dessas possibilidades em que o *beim*-PP aparece no campo do meio (*Mittelfeld*<sup>109</sup>) de sentenças no alemão e que tradicionalmente são tratados como adverbiais, o autor quer mostrar que (4.2.1)b. e (4.2.1)c (exemplificadas a seguir) são estruturalmente ambíguas entre uma leitura como adjunto e como argumento<sup>110</sup>, o que não tem relação direta com o meu trabalho, já que vou me concentrar na estrutura subjacente a (4.2.1)a. Na verdade, faço um recorte no trabalho do autor que atende exclusivamente aos meus propósitos. O que ele traz para discussão como argumento acessório, para mim se constitui no foco essencial. A justificação para tanto é feita em seguida.

O trabalho de Engelberg (2003), conforme pude verificar, é pioneiro no sentido de assumir uma análise de marcação de progressividade no alemão a partir de uma estrutura com *beim*, e não partindo da estrutura com o *am* como fazem todos os outros autores pesquisados. Esses concluem que a estrutura com *beim*, por apresentar componentes e contextos de aplicação diferentes da estrutura com *am*, não deveria ser interpretada como uma forma “concorrente” (cf. Reimann (1998)), ou mesmo negam-lhe por completo as possibilidades de marcar progressividade. Como é de se esperar, o autor acaba comparando também as duas formas, uma vez que na Alemanha é a forma com *am* a mais recorrente, conforme já comentado reiteradamente aqui. Assim, além da maior incidência, por critérios diversos

---

<sup>109</sup> Weininger (2000) resgata os modelos estruturais subjacentes a qualquer sentença do alemão, tal como proposto por vários autores, com algumas variações. Aqui reproduzo o modelo citado de Schulz & Griesbach (1984:390), fazendo uma síntese dos comentários de Weininger (idem:74):

Vorfeld	P <sup>1</sup>	Mittelfeld (Satzfeld)	P <sup>2</sup>	Nachfeld
.....		.....		.....
(campo anterior)		(campo da frase/campo do meio)		(campo posterior)

O campo do meio é delimitado pelos dois elementos do predicado, o elemento finito forma o P<sup>1</sup> e o elemento que determina o significado é o P<sup>2</sup>. O limite esquerdo do campo do meio é formado ou pelo elemento predicativo finito, ou pelo elemento de conexão; já pelo lado direito o campo do meio é fechado pelo elemento predicativo infinito (P<sup>2</sup>), ou pelo predicado finito, nos casos onde a periferia esquerda é formada pelo elemento de conexão (V), como é o caso das subordinadas. P<sup>1</sup> e P<sup>2</sup> constituem uma *Verbalklammer* (“moldura verbal”, ou “estrutura verbal descontínua”, por inércia terminológica na passagem para o português)

<sup>110</sup> Remeto o leitor interessado nessa diferenciação ao próprio trabalho de Engelberg (2003).

também atribui à forma com *am* um grau de gramaticalização mais avançado, mas não nega à estrutura com *beim* a possibilidade de expressar progressividade, o que para o meu caso é de especial relevância, já que em Pomerode a forma com *am* não foi registrada de maneira sistemática (dois dados apenas). Três pontos me interessam particularmente no trabalho de Engelberg. Lembro, no entanto, que seus objetivos extrapolam os meus em certo sentido. Assim, concentro-me nas suas considerações sobre o *beim*-PP na forma que ele chama de *predicative*. São estes os pontos:

- 1) a análise da ocorrência do *beim*-PP nessa posição e o significado que atribui ao mesmo;
- 2) o paralelismo semântico-sintático proposto para o *beim*-PP em relação ao *am*-PP;
- 3) o levantamento feito das restrições para as duas formas, que serão desenvolvidas nos pontos de convergência e divergência com os meus dados.

Reproduzo os exemplos dados (e as respectivas glossas) das diferentes posições sintáticas de base para o *beim*-PP só a título de ilustração, uma vez que não concordo que se possa colocar a forma que Engelberg classifica como *predicative* no mesmo parâmetro de classificação das outras duas (*object-internal* e *object-external*)<sup>111</sup>, dentro dos critérios e análises por ele propostos, embora existam convergências interessantes:

(4.2.1) a. *ihr Mann ist beim Spülen*

her husband is by-DEF do-the-dishes-INF

‘her husband is doing the dishes’

b. *sie hat ihren Mann beim Spülen beobachtet*

she has her husband by-DEF do-the-dishes-INF observed

‘she observed her husband (who was) doing the dishes’

c. *er hat beim Spülen seine Frau geküsst*

he has by-DEF do-the-dishes-INF his wife kissed

‘he kissed his wife (while he was) doing the dishes’

<sup>111</sup> Essa questão já foi discutida com o autor, mediada por Daniel Hole (LMU-Munich), e meus agradecimentos vão para os dois nesse momento. Engelberg (comunicação pessoal) admite que só em posição adverbial do *beim*-PP é que se exige dois argumentos de eventos (aquele introduzido pelo infinitivo interno ao PP e aquele denotado pelo verbo principal), mas que na realidade só apresentariam um tipo de relação de sobreposição entre os dois tempos de eventos. Já na utilização predicativa (onde não se tem dois eventos), embora a tenha equiparado com o *beim*-PP em *object-external position*, e na derivação proposta realmente aparecerem sempre dois eventos, que seriam, segundo o autor, respectivamente o do verbo matriz – mas esse, no caso da *predicative position*, não existe evidentemente, e meu questionamento a ele foi nesse sentido – e o do evento realizado pelo PP, afirma que se estabelece uma relação entre tempos: nesse caso, entre o tempo de evento do evento realizado pelo PP e o tempo que é introduzido pelo cópula. Para ele, em ambos os casos o *beim* seria uma relação entre tempos. Ainda permanece a dúvida, se existe evidência para dois intervalos na construção *predicative*. O autor ficou de reavaliar essa equiparação proposta em seu trabalho, com base nas questões colocadas. Por ora mantenho então que não é possível sustentar um paralelismo entre a forma *predicative* e a *object-external*, e que correções teriam que ser empreendidas por Engelberg na derivação proposta.



A estrutura sintática (4.2.1)a. é a que ele denomina *predicative position* e que pode ser equiparada com o meu exemplo (4.1.1) acima, a (4.2.1)b. ele chama de *object-internal position* (onde a interpretação da frase preposicional é dependente de um outro predicado, constituindo-se, assim, em um argumento) e a (4.2.1)c. de *object-external position* (onde a contribuição do *beim*-PP é independente do significado do verbo matriz, constituindo-se, pois, em um adjunto). Por vários testes Engelberg vai isolar a análise de (4.2.1)b. em relação às outras duas, que, para ele, comungam de certas propriedades semânticas, incluindo aí a contribuição temporal e aspectual e o modo como o agente do infinitivo nominalizado é identificado. A partir desse ponto, portanto, não tratarei mais das considerações feitas pelo autor sobre o fenômeno subjacente a 1b (*object-internal position*), uma vez que não dizem respeito ao meu propósito.

A posição predicativa é entendida por Engelberg como uma posição não usual para PPs contendo infinitivos nominalizados. A combinação desse tipo de PP com o que ele chama de “uma forma do cópula *sein*”<sup>112</sup>, portanto uma sentença estativa com um sintagma preposicionado adverbial, só aconteceria com as preposições *bei* e *an*<sup>113</sup>. Ambas exibem significado progressivo e apresentam as restrições lexicais típicas ao progressivo: não podem ser usadas com verbos estativos como *lieben* (amar) e pontuais como *zerbrechen* (quebrar). Fala também que as duas construções ainda são optativas no paradigma verbal do alemão, podendo ser substituídas pelas formas com verbo simples.

Com o intuito de mostrar a interpretação aspectual progressiva do infinitivo nominalizado dentro do *beim*-PP na posição *predicative* (4.2.2)a. e na *object-external* (4.2.2)b. cita os exemplos a seguir, em que o Paradoxo do Imperfectivo (mas que não será explorado nesse ponto) aparece nas duas posições, ou seja, nenhuma das duas sentenças implica que Rebecca tenha completado a montagem da prateleira:

(4.2.2)a. *Rebecca ist beim Aufstellen des Bücherregals*<sup>114</sup>

Rebecca is by-DEF up-put-INF the bookshelf-GEN

‘Rebecca is putting up the bookshelf’

b. *Rebecca hat beim Aufstellen des Bücherregals einen Herzinfarkt bekommen*

Rebecca has by-DEF up-put-INF the bookshelf-GEN a heart attack got

<sup>112</sup> Grifos meus (I.E.). Esses pontos são retomados mais adiante.

<sup>113</sup> Outros autores, entre eles Krause (2001:93), Andersson (1989:97), Rödel (2003:22) e Reimann (1998:69), também incluiriam a preposição *in* aqui, mesmo que as restrições, nesse caso, sejam bem maiores, principalmente no que se refere ao tipo de verbo que pode aparecer em combinação com a mesma (ex: *Peter ist im Kommen* (+/- Peter está chegando/prestes a chegar). Em Pomerode nenhuma forma progressiva com *in* foi atestada.

<sup>114</sup> Atribuições genitivas desse tipo não são registradas em Pomerode, conforme mostro na seção 4.3 (os complementos verbais são inseridos entre o *bei* e o verbo, ou incorporados a esse).

'Rebecca had a heart attack (while) putting up the bookshelf'

Para Engelberg (2003:08), se assumimos uma interpretação modal do progressivo, *beim Aufstellen eines Bücherregals* ('while putting up a bookshelf') refere a um subevento *e* de um possível evento 'of somebody completely putting up a bookshelf'. Ignorando a interpretação modal exata, ele define:

The *beim*-PP (in predicative and object-external position) denotes an event in progress, i.e. an event *e* which is part of a possible complete event of the type denoted by the NI (=nominal infinitive). In short:  $\lambda e$  [PROG(*e*, 'NI)]

Retomo agora o exemplo-modelo (4.1.1) pomerodense, repetido abaixo, ainda sem qualquer tipo de complemento, portanto, na forma absoluta, situando-o isoladamente na proposta de Engelberg desenvolvida até esse ponto (complementada com algumas referências a outros autores pesquisados), fixando-me inicialmente nos pontos que permitiriam interpretar a forma com *beim* + infinitivo como um sintagma preposicional (PP), em que o infinitivo nominalizado (NI - *nominalized infinitive*) é governado pela preposição *bei*:

(4.2.3) *er ist beim aufräumen.*

ele é a+DEF arrumar-INF

'ele está arrumando/na arrumação'

→ a preposição *bei* em (4.2.3) governa um NP-NEU no caso dativo que está marcado no determinante cliticizado à preposição (*bei + dem = beim*), e que não tem outra marcação de caso no infinitivo. A contração (cliticização), tal como em outros contextos prepositivos no alemão (*zu+dem = zum*, *in + dem = im*, *an + dem = am* etc.<sup>115</sup>), seria obrigatória, uma vez que o determinante não é acentuado (*unstressed*) nesse tipo de estrutura;

→ o *beim*-PP em (4.2.3) ocorre com um verbo *sein* conjugado (para Engelberg, "uma forma de cópula");

→ a construção (4.2.3) é opcional também no alemão de Pomerode e poderia ser substituída pela forma simples: *er räumt auf* (ele arruma-Part/ 'ele está fazendo arrumação'); as duas podem ser interpretadas aspectualmente como descrevendo um evento em progressão; sem levar em consideração qualquer relação contextual, essa interpretação seria dependente apenas

---

<sup>115</sup> Em Pomerode, na verdade, essas contrações dativas são pouco usuais, cuja razão eu remeto ao sincretismo observado no local entre o caso acusativo e dativo, mas que mereceria uma análise mais apurada. O que registrei efetivamente em Pomerode são cliticizações acusativas com as preposições *in*, *auf* etc. (diretiva): *ich gehe nun ins Bett* (eu vou agora para+DEF/ACU cama), *leg' die Wäsche aufs Bett!* (coloca a roupa sobre+DEF/ACU cama). Para outras considerações ver Emmel (2005).



Os tópicos listados até aqui autorizariam a adotar a classificação proposta por Engelberg (2003) de que em (4.2.3) estaríamos diante de uma estrutura predicativa, ou melhor, diante de um PP introduzido por um cópula. O último ponto listado, o da identificação do agente do evento-*beim*, no entanto, ainda precisa ser melhor analisado dentro de sua proposta, antes que eu passe a tratar dos componentes individuais que compõem a forma progressiva pomerodense.

Para a interpretação do agente do evento-*beim* na posição de *object-external*, o autor mostra que existem várias possibilidades em que o sujeito do evento-*beim* não é o mesmo do verbo matriz, e diz que o mesmo se aplica para o evento-*beim* na posição *predicative*, em que o sujeito da sentença nem sempre seria o agente do evento-*beim*, tirando daí mais um argumento em favor de um paralelismo entre a forma *predicative* e a de *object-external*.

Nesse ponto, novamente vou levar em conta apenas as observações que dizem respeito ao *beim*-PP em posição predicativa para fazer a identificação do agente do evento introduzido por esse PP.

Na maioria dos casos, o sujeito da sentença é também o agente do evento-*beim*, tal como no exemplo dado por Engelberg, reproduzido a seguir, e também no meu exemplo padrão (4.2.3):

(4.2.4) *Rebecca ist beim Essen*

Rebecca is by-DEF eat-INF

`Rebecca is eating`

Engelberg, porém, analisa um exemplo, que já se tornou clássico na literatura sobre progressivos no alemão, em que isso não acontece necessariamente, onde o agente do evento denotado pelo infinitivo nominalizado seria dependente do contexto.

(4.2.5) *Rebecca ist beim Röntgen*

Rebecca is by-DEF x-ray-INF

`Rebecca is x-raying/ is being x-rayed (by somebody)/ is at a place where somebody is x-raying somebody`

Como a mesma estrutura (4.2.5) com *am* só autorizaria interpretação de Rebecca ser o agente do evento, conclui que esse seria um indício de que a forma com *beim* ainda retém a interpretação locativa, e que, portanto, estaria menos gramaticalizada que a forma com *am*. Engelberg chega mesmo a afirmar que em (4.2.6) abaixo existiria uma interpretação implícita de que o lugar onde o evento acontece não seria o mesmo de onde a sentença é proferida e que

a mesma não seria enunciada se o falante, ao falar com alguém no telefone, estivesse perto da piscina onde Rebecca estivesse nadando.

(4.2.6) *Rebecca ist beim Schwimmen*

Rebecca is by-DEF swim-INF

'Rebecca is swimming (at some other place'<sup>117</sup>).

No entanto, complementa que, para o exemplo (4.2.4) acima com o verbo *essen* (comer), o mesmo não caberia, o que remeteria a uma dependência parcial quanto ao tipo de verbo, da própria posição predicativa e também do contexto. Engelberg propõe então deixar essa questão em aberto.

Não nego a possibilidade de se atribuir uma leitura de afastamento do agente do evento do centro dêitico em que essa sentença (4.2.6) é proferida (ver nota abaixo), motivada talvez unicamente pelo tipo de verbo (*schwimmen*), que automaticamente remete a um lugar afastado do centro dêitico, mas entendo que as generalizações a que se refere Engelberg, na verdade, dizem respeito à estrutura identificada como *absentive* e para tal valem as suas considerações categóricas. Em termos de De Groot (2000:693), estruturas *absentive* se caracterizam por: X não está presente no centro dêitico (uma propriedade invariável) / X está longe / X está envolvido em uma atividade denotada pelo verbo lexical e, por conhecimento pragmático: é predizível quanto tempo X vai ficar fora / X vai retornar depois de um certo período de tempo. A estrutura *absentive*<sup>118</sup>, tal como definida por De Groot (2000), Langl (2003/2004) etc., e já comentada aqui na revisão de Krause (2001) na seção 3.7.2, apresenta-se, na verdade, assim:

(4.2.7) *Rebecca ist schwimmen*<sup>119</sup>

---

<sup>117</sup> É uma interpretação possível, mas claramente marginal. Se, por exemplo, o telefone tocasse onde fica a piscina, essa sentença poderia ser proferida junto à mesma, só indicando a atividade em que Rebecca estaria envolvida, não podendo, por conseguinte, atender a ligação. Já para (4.2.7) (sem a preposição *beim*) isso não seria possível, pois essa estrutura (uma *Absentive*) pressuporia as condições elencadas por De Groot (2000), conforme aqui listadas.

<sup>118</sup> Nas perífrases PROG e ABSV (nome dado por Bertinetto, Ebert e De Groot (2000:541) às respectivas formas especiais do progressivo e do *absentive*), na maioria das línguas descritas pelo EUROTYP onde essa última é encontrada, não existe coincidência morfológica entre elas, o que também pode ser observado aqui (o finlandês e o faroense seriam as exceções).

<sup>119</sup> Conforme De Groot (2000:701), essa construção é apropriada para responder a pergunta: *Onde está X?*, e, portanto, de caráter essencialmente estativo, e não serviria como resposta à pergunta: *O que Rebecca está fazendo?* A construção poderia ser parafraseada com um complemento adverbial do tipo: *Sie ist im Schwimmbad* (Ela está na piscina/no clube), onde o *sein* seria um cópula. Evidentemente que na paráfrase adverbial deixam de ser contemplados elementos da significação subjacentes à forma *absentive*, respectivamente, a inclusão de dois movimentos direcionais (de afastamento e de retorno ao centro dêitico), bem como a pressuposição sobre a duração da ausência do sujeito-referente, além da atividade deste em um lugar afastado. Portanto, pode-se dizer que no *absentive* entra em jogo uma interpretação pragmática ou uma atitude do falante em relação ao evento ou ao estado descrito. A estrutura do evento, de acordo com Bertinetto, Ebert e De Groot (2000:534), seria: *go to*

Rebecca é nadar-INF

‘Rebecca foi nadar (ela não está aqui, mas vai voltar)’

Gostaria de observar que aqui não teríamos também uma restrição em relação a certos tipos de verbos, como *essen* (comer)<sup>120</sup>, por exemplo, que Engelberg afirma existir para impedir uma possível interpretação *absentive* do agente em (4.2.4) acima.

(4.2.8) *Rebecca ist essen*

Rebecca é comer-INF

‘Rebecca foi almoçar (ela não está aqui, mas vai voltar)’

Portanto, se o argumento de interpretação locativa nas estruturas exclusivamente *absentive* (ou seja, de *sein* + INF) não pode ser remetido a uma preposição, uma vez que ela nem sequer aparece nessa forma, também acredito que o papel locativo do *beim* em uma estrutura essencialmente progressiva possa ser questionado. Outrossim, a proposta de reavaliar a função do *beim* no exemplo padrão (4.2.3) acima também vai implicar na reanálise do verbo *sein* como sendo um cópula (ver seção 4.4), e, evidentemente, do infinitivo como sendo um nome (ver seção 4.3). Seria, pois, possível uma outra análise em que não teríamos um PP.

Quanto ao exemplo (4.2.5) com o verbo *röntgen* (radiografar) em que é possível a interpretação locativa na forma com *beim*, também não gostaria de atribuí-la a uma distinção na contribuição semântica diferenciada da preposição *an* em relação à preposição *bei*, conforme sugere o autor, e sim à peculiaridade desse verbo exatamente.<sup>121</sup>

---

*remote location- perform the action- return to source location.* (ver também Langl (2003/2004:20-21) para complementações nesse sentido)

Langl (2003/2004), em seu trabalho sobre a origem do *Absentiv* no alemão, desenvolve uma hipótese, também levantada por Reimann (1998:54), Krause (2001) e Bertinetto, Ebert e De Groot (idem:542), de que a base poderia ser uma estrutura de *Perfekt*, com elipse de particípio passado de um verbo de deslocamento, que no exemplo citado ficaria:

(XXa) *Rebecca ist schwimmen gegangen*

Rebecca é nadar-INF ido-PART (*Perfekt*)

‘Rebecca foi nadar (ela não se encontra)’

<sup>120</sup> Evidentemente existem restrições quanto ao tipo de verbo: de acordo com de Groot (2000:705), “the *absentive* is almost entirely limited to those verbs which are agentive”. Quando usado com verbos não-dinâmicos (‘dormir’ e ‘sentar’, por exemplo), as construções *absentive* vão se referir a situações que incluem as atividades “ir até um lugar” e “voltar”: ex. *Paul ist sich eine Stunde hinlegen* (‘Paul está fora tirando um cochilo por uma hora’) (idem:708).

<sup>121</sup> Não verifiquei a razão de muitos autores citarem exatamente esse verbo. Deduzo que possa ser remetido à etimologia do mesmo, baseado no inventor do raio-X (Röntgen), e, portanto, ficaria estranho a utilização do mesmo com *lassen* (complemento AcI): ?? *Ich bin mich am röntgen lassen*. Não consegui localizar no alemão um outro verbo que tivesse as características do verbo *röntgen* (*kopieren* talvez fosse um candidato, mas a similaridade com *röntgen* é evidente): em ‘*ich bin beim kopieren*’, tanto eu posso ser agente do evento denotado pelo infinitivo, como alguém pode estar fazendo as cópias para mim, mas não sei se a interpretação pode ser a de

Além disso, temos que nos lembrar também que a idéia de localização é um pressuposto para quase todos os eventos, e que a forma progressiva pode ser usada, conforme já comentado, também para render perguntas essencialmente locativas, em línguas onde o progressivo já está gramaticalizado, como é o caso do inglês e do PB:

(A) *Where is she? She is taking a bath.*

(B) *Onde ela está? Ela está tomando banho.*

A resposta na forma progressiva nesses casos autoriza a interpretação da informação locativa apenas pressuposta (*'in the bathroom'* e *'no banheiro'*, respectivamente). Não questiono um possível paralelismo que se pode traçar entre a forma progressiva e a *absentive*. Em ambas, afinal, aparece o *sein* + o infinitivo do verbo base, mas, como desenvolve Langl (2003/2004:36), as respectivas funções são de natureza diferente: o *absentive* serviria primordialmente como expressão gramatical de *Abwesenheit* (ausência/afastamento), ao passo que o progressivo serviria para apresentar o transcurso de uma ação.<sup>122</sup> Nesse sentido, “(...) devemos nos perguntar, se uma determinada ação verbal acontece normalmente em um lugar específico e se remete implicitamente a esse lugar, independente de estarmos diante de uma forma progressiva ou não”, afirma Van Pottelberge (2004:199), ao tratar da questão da locatividade subjacente às formas progressivas. (tradução minha, I.E.)

Segundo Bertinetto, Ebert e De Groot (2000:542), na maioria dos casos, “(...) a proximidade semântica do ABSV e PROG, (...), pode ser resultado da similaridade geral dos contextos em que esses dispositivos gramaticais aparecem, mais do que efeito de uma convergência efetivamente evolutiva” (tradução minha, I.E.). Considero o exemplo (4.2.4) de Engelberg resultado dessa “proximidade”, mas, repito, a estrutura é ambígua entre uma leitura *absentive* (certamente não a preferencial) e uma leitura progressiva propriamente dita. Já em (4.2.7) e (4.2.8) a leitura é a *absentive*, com as condições interpretativas elencadas por de Groot (ver acima).

Como em Pomerode o *absentive* não foi atestado como resposta aos testes do EUROTYP desenhados para tal (ver aqui 5.7.4), não exploro essa questão à exaustão, uma vez que minha argumentação se resume a restringir o papel locativo do *bei* dentro do progressivo pomerodense, valendo-me, para tanto, de uma comparação com essa estrutura em que o elemento *bei* nem aparece, mas na qual, mesmo assim, a locatividade constitui a essência interpretativa. Remeto o leitor interessado nessa “*newly discovered grammatical*

---

eu estar num lugar onde alguém está fazendo cópias para alguém. Já no caso *'ich bin kopieren'* claramente a leitura (não-ambígua) é a *absentive*.

<sup>122</sup> Krause (2001) considera o *absentive* uma variante (com restrições) do progressivo no alemão; ver capítulo de revisão teórica aqui, seção 3.7.2.

*category*” a De Groot (2000), e a Langl (2003/2004) para o resgate histórico do *Absentiv* no alemão especificamente.

A seguir, retomo Engelberg (2003) nos pontos onde o autor faz observações sobre os componentes individuais da forma, incluindo outras que deixaram de ser abordadas, com o propósito de abrir caminho para propor uma abordagem alternativa, que talvez descreva e explique melhor o exemplo modelo acima, também os desvios de que sua proposta não dá conta, e, principalmente, a gama diferenciada, ou melhor, ampliada de usos do progressivo com *bei(m)*<sup>123</sup> levantada em Pomerode, e que indicam, portanto, que talvez eu não devesse me restringir a essa forma “absoluta”. Seria, pois, importante explorar a hipótese de que não se trata de um PP.

### 4.3 O infinitivo: uma forma nominal ou verbal?

Como estou diante de uma estrutura complexa, referências aos componentes individuais implicam em considerações sobre as funções dos outros constituintes da mesma, assim, questionar uma determinada função vai resultar em reconsiderações sobre as demais. Início verificando o estatuto do infinitivo dentro da construção prepositiva progressiva. A opção por iniciar pelo infinitivo parece-me a mais indicada, já que, além de carregar a informação semântica, do estatuto que eu vier a lhe atribuir vai depender tanto a classificação do elemento *bei(m)*, como do verbo *sein*.

Reporto-me nesse ponto às discussões empreendidas por Rödel (2003:49) sobre a inexistência de um critério claro pelo qual se pudesse situar o infinitivo nas construções progressivas do alemão. Chama atenção, também, que na conversão infinitiva, a que pertence potencialmente o infinitivo do progressivo, estaríamos diante de “substantivos atípicos”, uma vez que não existem formas plurais para os mesmos, por exemplo. Além disso, o estágio de gramaticalização da forma também pode implicar em sobreposições nas possibilidades de interpretação do infinitivo (já como verbo, ou ainda como nome), uma vez que se trata de um *continuum* (idem:54).

Lembro que Reimann (1998) situa o infinitivo da forma com *am*, por ela considerada a mais gramaticalizada dentre as possibilidades de marcar progressividade em alemão, ainda entre os dois pólos (nominal e verbal), uma vez que seus testes revelaram índices bastante representativos de aceitabilidade de atribuição nominal desse infinitivo (atribuição adjetivas e

---

<sup>123</sup> Essa notação diferenciada será justificada mais adiante, na seção 4.5.2.



genitivas). A pendência entre uma interpretação nominal ou verbal do infinitivo acontece, em alguns testes de avaliação empreendidos, também em Pomerode, para a forma com *bei(m)*.

Rödel (2003) propõe que se persiga o comportamento “normal” de infinitivos (exceções são pressupostas) e que se faça comparações com outros modos de utilização “verbal” ou “substantivada” inequívoca dos mesmos, uma vez que os infinitivos no alemão podem ser tanto nominais como verbais. Adoto semelhantes estratégias nas considerações abaixo.

Uma comparação translingüística talvez auxilie também na compreensão da complexidade inerente à classificação do infinitivo dentro das respectivas construções progressivas do alemão com *am*, e, principalmente, do progressivo pomerodense com *beim*, já que não existe um paralelismo que se possa remeter a determinada família lingüística (nesse caso, o inglês, por exemplo). Diferentemente do PB, onde a forma com a terminação *-ndo* tem comportamento essencialmente verbal (conforme desenvolvido por Wachowicz (2003:29)) e que dentro da sentença se apresenta em posições ocupadas por verbos, não podendo aparecer em sintagmas preposicionados (\* *Os meninos estavam no brincando*), no alemão, a terminação *-en* (que tanto pode ser de nome como de verbo) tem comportamento bastante diversificado, não permitindo uma classificação morfológica independente do contexto sintático em que a mesma aparece. O gerúndio no português parece não poder ser usado para nomear eventos (não fiz uma pesquisa exaustiva nesse sentido)<sup>124</sup>, o que pode ser visto em exemplos como \* *Brincando é bom*, ao passo que no inglês, onde se afirma que a forma também derivou de um sintagma preposicionado (conforme desenvolvido por Reimann (1998:47), resenhado aqui na seção 3.7.1), e, portanto, nesse ponto equiparável à forma atual do alemão, a forma *-ing* serve para nomear um evento<sup>125</sup>, como exemplificado por Wachowicz (idem:30): *Joking is good*. Mas, pelo critério do parentesco lingüístico histórico não é possível estabelecer total paralelismo, uma vez que não é a forma gerundiva<sup>126</sup> a que se

---

<sup>124</sup> Baseei-me tão somente em Wachowicz (2003) para as considerações sobre o gerúndio poder ou não nomear eventos em PB. Sentenças como *Brincando a gente se realiza*, ou *Brincando eu esqueço dos meus problemas* certamente levariam a uma reavaliação do que defende Wachowicz, ou pelo menos receberiam um tratamento mais abrangente. Fica para uma empreitada futura.

<sup>125</sup> Interessante discussão nesse sentido é empreendida por Parsons (1990:132), que trata dos gerúndios nominais e verbais do inglês e da possibilidade de os mesmos nomearem eventos.

<sup>126</sup> O alemão não tem essa forma; o particípio presente (terminação *-end*), que lhe é similar em certos contextos (ex: *ein schlafendes Kind* ~ *a sleeping child*), só é usado em contextos atributivos. Ela é, portanto, uma modificação pré-nominal, indicada pelo afixo participial *-d-*, que carregaria um significado aspectual-temporal, em termos de Bhatt & Schmidt (1993:80). Em *das Kind ist schlafend* não temos mais a possibilidade de interpretação progressiva ‘a criança está dormindo’, mas somente, ‘a criança é dormente’. Historicamente existia essa possibilidade (ver Langl (2004), Reimann (1998), ver aqui também seções 3.4 e 3.5). Em Parsons (1990:236-245) podem ser acompanhadas considerações mais detalhadas sobre participios como adjetivos (no inglês).

apresenta no alemão para expressar progressividade, e sim uma infinitiva. E é com a forma infinitiva que se nomeia eventos no alemão: *Spielen ist gut*, portanto, tal qual ao português: *Brincar é bom*. Assim, também no progressivo, pelo fato de não existir um gerúndio, essa função passa a ser desempenhada por um infinitivo substantivado, que, de acordo com Krause (2001:98), “vai então, passo-a-passo, novamente perdendo seu caráter nominal ao longo do processo de gramaticalização”. (tradução minha, I.E.)

Já que o próprio Engelberg considera infinitivos na posição *predicative* como não-usuais nos grupos preposicionais e os restringe às regências das preposições *an* e *bei*, entendo que a classificação dos mesmos como “infinitivos nominais” não parece tão óbvia. Em Pomerode localizei evidências adicionais que corroboram para essa “estranheza” detectada quando se trata da forma com *bei*; algumas podem ser transpostas para a forma com *am*, uma vez que não dizem respeito à semântica individual dessas preposições, mas a propriedades comuns às duas.

Os infinitivos do *beim*-PP em posição *predicative*, mantendo por ora a denominação de Engelberg, ou seja, aqueles em combinação com *sein*, acontecem, em Pomerode, sistematicamente em posição final do campo do meio (*Mittelfeld*), que normalmente coincide com o final da oração<sup>127</sup>, portanto, uma posição ocupada por todas as formas verbais descontínuas do alemão (fechando a *Verbalklammer*). Elenco algumas dessas possibilidades e remeto o leitor interessado ao trabalho de Weininger (2000), para exploração teórica dessa característica do alemão:

(4.3.1)a. *er hat gestern aufgeräumt* (estrutura de *Perfekt*)

ele tem-AUX ontem Part-arrumado-PART

‘ele fez arrumação ontem’

b. *er räumte gestern auf* (estrutura de *Präteritum*)

ele arrumou-PRÄT ontem Part.

‘ele fazia arrumação ontem’

c. *es wurde gestern aufgeräumt* (estrutura *Passiv-Präteritum*)

EXPL foi ontem Part-arrumado-PART

‘ontem foi arrumado’

d. *er wird morgen aufräumen* (estrutura de *Futur I*)

ele vai amanhã Part-arrumar-INF

‘ele vai arrumar/fazer arrumação amanhã’

<sup>127</sup> O campo posterior (*Nachfeld*) nos progressivos com *beim* rendidos em Pomerode foi ocupado com o complemento do infinitivo na forma sentencial, como no exemplo a seguir, retirado do meu *corpus*: *Ich bin noch beim denken, was is’ noch drann zu machen.*(C.) (ver seção 5.4.2.7), e também com complementos preposicionados (inclusive com objeto indireto preposicionado). (ver também exemplos 5.4.26 e 5.4.27 e respectivos comentários)

- e. *er muss morgen aufräumen* (estrutura com modal)  
 ele deve amanhã Part-arrumar-INF  
 'ele deve arrumar/fazer arrumação amanhã`
- f. *er wird morgen aufgeräumt haben* (estrutura de *Futur II*)  
 ele vai amanhã Part-arrumado-PART ter-INF  
 'amanhã ele terá arrumado/ terá feito a arrumação`
- g. *er würde morgen aufräumen* (estrutura de *Konjunktiv*)  
 ele iria amanhã Part-arrumar-INF  
 'ele iria arrumar/faria arrumação amanhã`
- h. *er scheint morgen aufzuräumen* (estrutura com o verbo *parecer*)  
 ele parece amanhã Part-Part INF<sub>zu</sub>-arrumar-INF  
 'ele parece arrumar/fazer arrumação amanhã`
- i. *das ist noch aufzuräumen* (estrutura infinitiva)  
 isso é ainda Part-Part INF<sub>zu</sub>-arrumar-INF  
 'isso ainda está por ser arrumado`
- j. *er ist aufräumen* (estrutura *absentive*)  
 ele é arrumar-INF  
 'ele foi arrumar/ foi fazer arrumação, ele não se encontra`

Com essa listagem pretendo mostrar que também a sentença modelo de que vinha tratando (e que repito aqui (4.3.2)) se encaixa perfeitamente nesse paradigma, se levarmos em conta a configuração estrutural de construções descontínuas do alemão:

(4.3.2) *Er ist beim aufräumen.*<sup>128</sup> (estrutura progressiva pomerodense)

Pode-se observar o verbo finito sempre ocupando a segunda posição (em oração principal) e todas as outras formas verbais (as partículas dos verbos separáveis nos tempos simples, os particípios passados nos tempos compostos, os infinitivos nos tempos futuros, nas estruturas modais, nas estruturas infinitivas introduzidas por *zu* e na *absentive*) estão reconhecidamente em final de oração, ou, como especifica Reimann (1998) para a forma com *am* na Alemanha, em posição reservada para as partes verbais não-finitas, e constituem a *Satzklammer* (a moldura verbal, ver também nota 104). Esse ponto, no *continuum* da gramaticalização de um elemento lingüístico, constituiria o item d. do levantamento de Heine e Reh (1984), conforme elencado aqui (seção 3.6): a redução da variabilidade sintática e a fixação dentro da sentença (lembro que um *beim*-PP, conforme mostra também Engelberg (2003), pode ocupar diferentes posições dentro da sentença, mas o *beim*-progressivo tem

<sup>128</sup> Assumindo, nesse ponto, que se trata de um infinitivo verbal, a escritura do verbo agora é minúscula (pelas regras ortográficas do alemão).

posição fixa, ou seja, o infinitivo está em posição final). Por um processo analógico, de acordo com Van Pottelberge (2004:149), é possível argumentar a favor de uma reanálise como forma verbal perifrástica, já que no sistema do alemão (e do holandês) já existiam construções perifrásticas com um verbo finito não-lexical, e um verbo lexical no infinitivo, formando um complexo sentencial descontínuo. E, em muitas dessas construções (ver os exemplos acima), a forma do verbo principal é um infinitivo claramente verbal. A relação paradigmática entre o infinitivo na forma perifrástica e os verbos lexicais, de acordo com o autor (idem:148), é direta e transparente, portanto, também não devem ser colocadas restrições adicionais à potencialidade de a forma ser ampliada para contextos transitivos. Como esses objetos (diretos, indiretos e preposicionados) são “trabalhados” na forma progressiva pomerodense será mostrado no próximo capítulo.

A mera configuração, evidentemente, não constitui um argumento definitivo para a classificação do infinitivo como sendo verbal dentro da sentença modelo (4.3.2) do alemão pomerodense acima, mas pelo menos lhe confere essa possibilidade. Um outro passo seria verificar se o infinitivo, uma vez que é introduzido pelo que parece ser uma preposição, o que lhe daria o estatuto de nome, aceita complementações atributivas (adjetivos internos), contendo marcações evidentes de caso, para não ser confundido com um advérbio. Engelberg (2003:3) nega essa possibilidade às duas formas com o exemplo a seguir:

(4.3.3) *she ist \*am / \*beim harten Arbeiten*  
 she is at-DEF / by-DEF hard(ADJ) work-INF  
 ‘she is working hard’

Não consegui, como já era de se esperar, criar um input nominal (progressivo) em português para testar isso na tradução para o alemão pelos meus informantes, uma vez que o gerúndio *-ndo*, por ser verbal, não autoriza atribuições adjetivas. Assim, desviando-me do critério metodológico assumido para coleta de dados, fiz testes de aceitabilidade da estrutura (4.3.4) a seguir, mesmo sabendo que entraria aí um critério de percepção acústica do elemento não acentuado *-en*, marca da declinação secundária<sup>129</sup> na atribuição adjetiva:

(4.3.4)a. *er ist beim ständigen Aufräumen*  
 ele é a-DEF constante-ADJ arrumar-INF  
 ‘ele está arrumando/fazendo arrumação constantemente’  
 b. *er ist beim ständig-aufräumen*  
 ele é a-DEF constante-ADV-arrumar-INF  
 ‘ele está arrumando/fazendo arrumação constantemente’

<sup>129</sup> A marca da declinação primária está no próprio artigo, amalgamado à preposição.

O informante B. somente na terceira apresentação do par em questão, depois de uma pausa longa, afirma que a primeira opção “soa melhor”, embora, para ele “não faça diferença”. Nas duas apresentações anteriores afirmou não entender o que eu estava lhe pedindo. A discussão empreendida com o informante não sustenta a minha hipótese de que o infinitivo é verbal, mas não quero abandoná-la tão de imediato.

O mesmo informante, para o input nominal altamente marcado a seguir, deu como solução uma estrutura como a seguir:

(4.3.5) input em PB: Eu estou no trabalhar duro.<sup>130</sup>

solução de tradução: *ich bin beim schwer'n arbeiten* (B.)  
 eu sou a/em+DEF pesado-ADJ(?) trabalhar-INF

Mas para a própria solução dada, aparentemente nominal, alguns comentários são necessários. Primeiramente lembro que um contexto contrastivo para (4.3.5) acima não pôde ser criado tampouco (?? *Eu estou nos trabalhares pesados*). Um segundo ponto a ser lembrado, mas que tem relação com o que se discute aqui, é que em posição nominal os pomerodenses fazem as marcações inequívocas de caso nominativo neutro para infinitivos nominalizados:

(4.3.6)a. *ständig* *Aufräumen* *ist* *langweilig*  
 constante-ADJ(NOM/NEU) arrumar-INF-N *é* monótono  
 ‘constante arrumar é monótono’

b. *das* *ständige* *Aufräumen* *ist* *langweilig*  
 o(NOM/NEU) constante-ADJ(NOM/NEU) arrumar-INF-N *é* monótono  
 ‘o constante arrumar é monótono’

Destaco isso, pois em Pomerode, conforme já dito, marcações dativas não são mais feitas e há sincretismo de caso (acusativo x dativo) sistematicamente, mas que na forma progressiva vai se revelar como um complicador para análise. Verbos nominalizados recebem gênero neutro conforme exemplificado em (4.3.6), o que vale também para complexos prepositivos nominalizados ou mesmo predicativos nominalizados (ex.: *das Sich-Benehmen* (o comportar-se), *das Älterwerden* (o ficar-mais-velho) etc.). Assim, esperar-se-ia que na estrutura prepositiva progressiva a regência dativa seria feita também seguindo o paradigma acusativo, como, por exemplo, é feito normalmente em Pomerode:

(4.3.7) a. *ich stehe bei das fenster / die tür / den stuhl*

<sup>130</sup> Alertei o meu informante sobre a estranheza do input.

eu paro junto-a-PREP(DAT) a-DEF/NEU/ACU janela-NEU a-DEF/FEM/ACU porta-FEM a-DEF/MASC/ACU  
cadeira-MASC

b. *ich sitze auf das dach / die dächer / sein dach*

eu sento sobre-PREP(DAT) o-DEF/NEU/ACU telhado-NEU / os-DEF/PLU/ACU telhados-PLU / seu-  
PRON/NEU/ACU telhado-NEU

Porém, na forma progressiva, a marca de caso no artigo amalgamado à preposição, caso mantivermos que o que está aí é mesmo um artigo definido neutro, é de dativo. Com base no exposto em (4.3.7), do informante pomerodense deveria se esperar algo como (4.3.8), mas que não foi observado:

(4.3.8) *ich bin bei das schwere Arbeiten*  
eu sou a-PREP(DAT) o-DEF/NEU/ACU pesado+NEU/ACU trabalhar-INF/N

Como meu informante não apresentou esse tipo de solução no caso de verbos intransitivos (veja também a solução dada em (4.3.5) mesmo para um input inquestionavelmente nominal), talvez o que esteja em jogo aí seja mesmo sempre uma estrutura essencialmente verbal. A instabilidade na marcação de caso poderia ser atribuída a dois processos de gramaticalização paralelos que talvez estejam ocorrendo aí: o desaparecimento das marcações dativas e o desenvolvimento do progressivo. Desenvolvo essa questão um pouco mais na seção 4.5.2, onde discuto o papel do artigo dentro da construção.

Volto, pois, às considerações que dizem respeito ao estatuto do infinitivo no progressivo do alemão. Além de não autorizarem pluralização e inclusão de determinantes, outra característica das derivações *-en* com interpretação progressiva do alemão, inclusive, para alguns autores, entre eles Andersson (1989)<sup>131</sup>, a única possibilidade de expressar complementos (objetos diretos) nessas estruturas (além de incorporações ao verbo, conforme mostro em seguida), é por atribuição genitiva interna. Novamente reproduzo um exemplo de Engelberg (2003:3) dessa possibilidade, plenamente aceitável para a forma com *beim*, mas colocada por ele como duvidosa para a forma com *am* (ambas no alemão da Alemanha), o que indicaria conservação de propriedades nominais da primeira:

(4.3.8) *sie sind ?am / beim Planen ihrer Reise*<sup>132</sup>

<sup>131</sup> Cito Andersson (1989) nesse ponto por ter sido um dos pioneiros a tratar do estatuto gramatical de construções com *beim* (paralelo àquelas com *am* e *dabei*) no alemão padrão, abordando também brevemente características semânticas, sintáticas e estilísticas da forma, portanto, as informações dadas por ele são mais abrangentes do que as de qualquer gramática da época, quando se trata dos marcadores de progressividade no alemão.

<sup>132</sup> Em Pomerode, formas progressivas com objeto direto referencial (DPs) (portanto, tradicionalmente assumido como não passível de incorporação), conforme mostro ao longo do Capítulo 5, são colocados sistematicamente

they are at-DEF / by-DEF plan-INF their journey-GEN  
'they are planning their journey'

Essa propriedade de atribuição genitiva interna (DPGEN) da forma com *beim* é usada como outro indicativo de estágio mais atrasado no *continuum* da gramaticalização dessa em relação à forma com *am*. No progressivo com *am* tratar-se-ia, em função dessa limitação na aceitabilidade de exemplos como em (4.3.7) acima, de uma aproximação maior de um infinitivo verbal, portanto, mais gramaticalizado.

Em Pomerode, conforme pude verificar, e que já foi elencado aqui na caracterização do alemão falado na localidade (seção 1.2.1), além do sincretismo nas marcações de caso acusativo e dativo, também o caso genitivo parece ter desaparecido da morfologia produtiva, e nenhuma sentença do tipo (4.3.8) citada acima foi levantada, ou seja, de um *Genitivus objectivus*. O que se observa é que os falantes rendem contextos genitivos com auxílio da preposição *von* + ACUS (*von*-PP), ou ainda, preferencialmente, com pronomes possessivos:

(4.3.9)a. (no alemão da Alemanha) *der Hut des Vaters ist schön*

o chapéu do-GEN pai-GEN é bonito

'o chapéu do pai é bonito'

b. (no alemão de Pomerode) *der Hut von den Vater ist schön*

o chapéu de o-ACU pai é bonito

'o chapéu do pai é bonito'

c. (preferencial em Pomerode) *der Vater sein Hut ist schön*

o pai seu-POSS chapéu é bonito

'o chapéu do pai é bonito'

Se os falantes da localidade não se valem do genitivo em estruturas estritamente nominais, constituiria uma exceção se fizessem complementações DPs-genitivas para expressar o complemento interno de um verbo nominalizado.

Quanto a incluir um objeto via frase preposicional com *von*, que inclusive é uma possibilidade levantada por Van Pottelberge (2004:64) para o holandês, onde qualquer objeto direto pode ser conectado a um abstrato verbal (termo usado por J.V.P.) do respectivo verbo transitivo via preposição *van* (ex.: *een tekst lezen* (ler um texto) → *het lezen van een tekst* (o ler de um texto)), e, por princípio, possível de ser ligada a qualquer construção *aan-het* (as construções progressivas no holandês), também poderia conjecturar que em Pomerode esse

---

entre a partícula *bei* e o V: *sie sind bei ihre reise planen* (eles são a-Prep sua viagem planejar-INF/ 'eles estão planejando sua viagem) / *sie sind bei ihre treppe putzen* (eles são a-Prep sua escada limpar-INF/ 'eles estão limpando sua escada')

recurso de circunscrever a forma genitiva poderia ser usado no lugar do *Genitivus objectivus* de que falei acima, baseada em outras estruturas nominais onde isso é feito (cfe exemplo (4.3.9)b. acima). Mas estruturas como (4.3.10) a seguir **não** puderam ser atestadas na localidade, nem diante de um input em PB, reconhecidamente muito marcado: 'eu estou no arrumar das casas' (para outros exemplos desse tipo, ver seção 5.4.2).

(4.3.10) a. (não atestado em Pomerode) *ich bin beim Aufräumen von die/den Häuser/n*  
 eu sou a+DEF arrumar-INF de as(ACU/DAT) casas/DAT  
 'eu estou arrumando as casas/ no arrumar das casas'

Uma solução que poderia ser apresentada para o input, mas que não foi atestada tampouco em Pomerode (exceto para um caso<sup>133</sup>), é a que foi “oferecida” pelos meus informantes (nativos) de alemão padrão:

b. *ich räum' gerade die häuser auf*  
 eu arrumo-PRES nesse momento/justamente as casas Part  
 'Eu estou arrumando as casas nesse momento'

A inclusão adverbial *gerade* (e de outros advérbios do gênero) como marcação da perspectiva interna, tal como foi apresentada no exemplo (4.3.10)b. vai ser tratada na seção 5.8.

Mesmo que nenhuma solução como a em (4.3.10)a. foi feita em Pomerode, coloquei dois pares de sentenças para avaliação de aceitabilidade para o informante (B.):

(4.3.11) /Eu vou te apresentar um par de sentenças e tu me dizes o que te parece melhor. Certo?/

*er ist beim häuseraufräumen* ou *er ist beim aufräumen von die häuser ?*  
 ele é a+DEF casas-arrumar-INF ou ele é a+DEF arrumar-INF de as casas?

/Resposta de (B.), sem nenhuma hesitação:/

***er is' beim häuseraufräumen*** (B.)

ele é a+DEF casas-arrumar-INF

'Ele está arrumando casas.'

(4.3.12) /Agora eu vou te apresentar mais um par:/

*er ist bei die häuser aufräumen* ou *er ist beim aufräumen von die häuser ?*

/Informante (B.) pede para que eu repita o par e eu o faço/

/Resposta de (B.):/

***er is' bei die häuser aufräumen, ja, so würde ich es sagen*** (B.)

ele é Part as casas arrumar-INF, sim, assim AUX-KONJ eu isso dizer-INF

'Ele está arrumando as casas, sim, desse jeito eu diria isso.'

<sup>133</sup> Ver o exemplo na seção 5.8.1.



O que merece destaque aqui é a opção sem hesitação da versão incorporada em (4.3.11), e também, no exemplo (4.3.12). Após a repetição das duas sentenças, atendendo à solicitação do informante para tal, a resposta contempla também o que se observa regularmente na localidade, e, além disso, mais a complementação que é desse jeito que ele (o informante) o diria, segundo suas próprias palavras.

Duas conclusões provisórias poderiam ser tiradas: em princípio, diante de um nome, a frase preposicional com *von* seria possível em Pomerode, mas na prática ela não seria usual nesse tipo de construção (com infinitivos nominalizados); segundo, se ela não é usada, é provável que realmente o meu falante não interprete o infinitivo em (4.3.2) como um nome, mas sim como um verbo.<sup>134</sup>

É certo que as análises das não-ocorrências de atribuições adjetivas ao abstrato verbal nos dados de tradução (uma característica exclusivamente nominal), mesmo que o critério de aceitabilidade desse tipo de atribuição por parte dos informantes deva ser levado em consideração, e das atribuições genitivas e preposicionais (NPGEN / *von*-PP), que dizem respeito à estrutura argumental do verbo subjacente ao infinitivo (uma característica exclusivamente verbal), devem ser mantidas funcionalmente separadas, mas aqui, a conjunção de ambas, mais a configuração similar aos paradigmas descontínuos (a constituição de uma *Verbalklammer*), autorizam-me a assumir que em Pomerode, no atual estágio de gramaticalização da forma progressiva com *bei(m)*, estou, em princípio, mais próxima de um infinitivo verbal. Evidentemente, conforme anunciado no início da seção, isso vai implicar reavaliações dos outros componentes da estrutura (do verbo *sein*, e do elemento *bei(m)*, por consequência), o que, por sua vez, também vai contribuir para que eu possa afirmar que não se trata mais de um PP no atual estágio da forma.

Mas antes de passar a analisar o papel do verbo *sein* na construção progressiva pomerodense, um último ponto que deve ser abordado com respeito às derivações *-en* do alemão, e que tem relação com o infinitivo na estrutura progressiva, é a possibilidade de incorporação de outros elementos ao núcleo verbal. No alemão, no holandês e também no alemão de Pomerode, além de objetos (ex: *das Treppenputzen* (o escadas-limpar), *das Kartoffelschälen* (o batatas-descascar)), também elementos predicativos (ex: *das Grösserwerden* (o maior-ficar), *das Älterwerden* (o mais-velho-ficar)), adverbiais (ex: *das Kaputtgehen* (o estragado-ficar), *das Hartkochen* (o duro-cozer)) e até elementos sentenciais

---

<sup>134</sup> Portanto, se é verbo (e agora é usado inclusive transitivamente) a inclusão de objeto deverá se dar de outra forma. E o exemplo (4.3.12) é exatamente como o informante (B.) faria essa inclusão, tal qual observado nas situações de teste de tradução, conforme mostro no Capítulo 5.

múltiplos (ex: *das In-die-Ecke-Stellen* (o colocar-de-castigo/no-canto) *das Sich-nicht-mehr-erinnern-Können* (o não-mais-conseguir-se-lembrar))<sup>135</sup> são exemplos de incorporação e podem, por princípio, aparecer também na estrutura progressiva, o que, para Van Pottelberge (2004:56-57), é um complicador, se assumimos o critério da incorporação como uma possibilidade de “processar” objetos dentro da estrutura progressiva. Também nas “outras” incorporações elencadas acima são observadas restrições quanto à inclusão pronominal e de determinantes, assim, os critérios não podem ser mantidos separados com base nessas peculiaridades, que outros autores atribuem à incorporação de objetos tão somente. Também em Dahl (2003:215-217, em preparação) a incorporação é entendida em uma perspectiva ampliada, incluindo padrões da composição. Para o autor, a incorporação é a fonte principal de estruturas lexicais complexas, constituindo-se em particular interesse, pois parecem exercer o papel que normalmente é relegado à sintaxe. E cita como exemplo exatamente as construções progressivas no alemão e em seus respectivos dialetos, onde também vê a incorporação como única possibilidade de acomodação de um objeto direto nessas estruturas. A incorporação seria ainda muito mais restrita do que padrões transitivos sintáticos, uma vez que só nomes nus podem ser incorporados (exemplo 4.3.11); para qualquer frase nominal complexa ou definida, outras construções deveriam ser utilizadas, como no exemplo (4.3.14) reproduzido a seguir, que o autor retirou de Ebert (2000:610):

(4.3.13) Frísio do Norte<sup>136</sup> (Öömrang) *Hat as uun't eerdaapler-skelin.*

she is in/at the potato(es)-peeling

'She is peeling potatoes'

(4.3.14) Frísio do Norte (Öömrang) *Hat as diarbei 6 pünj eerdaapler tu skelin.*<sup>137</sup>

she is there-at 6 pounds potatoes to peel

'She is peeling 6 pounds of potatoes'

Dahl (2003) não comenta os exemplos de Karen Ebert (acima) mais detalhadamente, inclusive não cita a agramaticalidade que esta prevê para essas mesmas estruturas quando não-incorporadas, ou seja, o objeto direto nu sendo “processado” fora do grupo preposicional:

(4.3.15) Frísio do Norte (Öömrang) \* *Hat as eerdaapler uun't skelin.*

(4.3.16) Alemão *Sie ist am Kartoffel-schälen* / \* *ist Kartoffel am Schälen.*

she is IN/AT\_ the potatoe(es)-peeling / is p. IN/AT\_ the peeling (glossa de K.E.)

<sup>135</sup> Exemplos retirados de Van Pottelberge (2000:52-53).

<sup>136</sup> Segundo Houaiss (2001:1394), o frísio é uma língua que constitui um ramo do baixo-alemão, atualmente falado no Norte da Holanda, no estado de Schleswig-Holstein (Alemanha).

<sup>137</sup> Krause (2001) também cita as construções bisentenciais correlativas com *dabei* como uma possibilidade de construções progressivas com objetos diretos no alemão, que caíam na classificação IV, rotulada por Ebert (2000:607) como *Busy*. (ver também tabela resumo de Ebert, reproduzida aqui na seção 4.4)

Assim, para Ebert (2000:609), o PROG-PREP do frísio do norte e do alemão padrão não combinam com um objeto direto; a frase verbal deve ser “intransitivizada” via incorporação. Uma exceção seriam os casos onde o objeto direto é pronominal e anteposto (*Das sind wir noch am Diskutieren* ‘We are still discussing that’)<sup>138</sup>, que seriam aceitos pela maioria dos falantes de alemão, independente do dialeto (idem:628). Entende, outrossim, que para o dialeto *Rheinisch* e para o *Züritiütsch* essa condição da incorporação não se faz necessária, uma vez que as formas já estariam mais gramaticalizadas e autorizariam também verbos transitivos.

Nos testes aplicados em Pomerode, também não foram levantadas estruturas correlativas com advérbio pronominal *dabei* do tipo: *Er ist dabei, die Kartoffeln zu schälen* / ‘ele é lá\_a, as batatas PartINF descascar’ na tradução dos exemplos do português que pudessem justificá-las como uma possibilidade de circunscrição dos progressivos com verbos transitivos<sup>139</sup>. Outros contextos correlativos, porém, são muito comuns na localidade (*Er kommt nicht dazu, sich ein Haus zu bauen* / ele vem não lá\_a, para si uma casa part.Inf. construir / ‘ele não consegue construir uma casa para si’, *Er sorgt dafür, dass du kommst* / ele trata lá\_a, que tu venhas / ‘ele está tratando da tua vinda’). Como se pode observar, essa estrutura é bastante complexa sintaticamente, o que dificulta seu enquadramento como forma verbal perifrástica (são duas sentenças). Diz Krause (2001:111) que ela é muito pouco gramaticalizada e, portanto, só passível de ser enquadrada sintático-semanticamente (*synsemantisch*), o que dificultaria uma análise dos elementos individuais que a constituem. Acredito que Krause esteja se referindo aqui ao fato de a forma com *dabei* se distribuir ao longo de duas sentenças, algo que, pelos critérios da gramaticalização, seria um complicador. A pesquisa de Krause (2001) ainda assim revelou índices bastante significativos da forma com *dabei*<sup>140</sup>, tanto na linguagem oral como na escrita de seu corpus.

<sup>138</sup> Claramente uma estrutura de tópico, mas que o autor nem aventou.

<sup>139</sup> Tenho, no entanto, dois exemplos similares e que merecem ao menos serem citados. Para o input PROGQ-S24 com verbos de fase (*phasal verbs*, na nomenclatura do EUROTYP), dois informantes deram como solução uma estrutura coordenativa com *bei/dabei*, mas com o auxiliar *tun* + INF (e não uma estrutura infinitiva *zu* + INF como nos exemplos de Krause e outros). Para considerações específicas sobre o uso do auxiliar *tun*, ver seção 5.8.4.

PROGQ: /Alguém no telefone quer saber da Maria; a resposta é: -A Maria está perto de mim, .../

S24- ...ela está terminando de consertar o chuveiro [agora mesmo]

a. *sie is'dabei un' tut den chuveiro heilmachen* / ela está lá-a e faz o chuveiro consertado-ficar (H.)

b. *ah, sie is'gerade bei un' tut den chuveiro consertieren* / ah, ela está a-Prep e faz o chuveiro consertar (M.)

<sup>140</sup> Em um total de 408 registros de formas progressivas (incluindo aí as formas com *im* (8,8%) e o *Absentiv* (10,3%) em seu corpus, Krause (2001:116) contabilizou 37,5% estruturas com *am*, apenas 6,1% com *beim* e 37,3% com o advérbio pronominal *dabei*. (ver tabela resumo de Krause, reproduzida aqui, ainda nessa seção)

A incorporação adverbial já foi comentada acima e é ela que vai favorecer uma interpretação verbal do infinitivo na forma progressiva pomerodense (ex.: *Ich bin beim älterwerden* / eu sou a velho-ficar/ 'Eu estou ficando velho').

Na questão da incorporação de substantivos ao infinitivo (*Objektinkorporierung*<sup>141</sup>), trata-se de um procedimento muito comum no alemão (e em muitas outras línguas, conforme Baker (1988:81)), e que tradicionalmente é remetido a propriedades de composição de palavras, em que “uma raiz nominal é fusionada à raiz verbal e as duas juntas vão resultar em um verbo complexo”, de acordo com Krause (2001:136, tradução minha, I.E.). Para Van Pottelberge (2004:56), os exemplos (glossas minhas, I.E.) do holandês a seguir, conforme já disse aqui, designariam o mesmo, embora em a. se tenha uma frase infinitiva substantivada (*substantivierte Infinitivphrase*) e em b. efetivamente um objeto sintático. Não fica, porém, claro, conforme já comentado no capítulo de revisão, o que este autor entende por “incorporação” no exemplo a. dado:

(4.3.17) a. *aan het boeken inpacken zijn*

a DEF livros-empacotar ser

'estar empacotando livros'

b. *boeken aan het inpacken zijn*

livros a DEF empacotar ser

'estar empacotando livros'

Ainda em Van Pottelberge (2004:312), quando descreve a construção com *am* no Pennsylvaniadeutsch, cujas características eu concebo como mais próximas do progressivo pomerodense do que a forma alemã, outro exemplo parece corroborar com a sua defesa de paridade na denotação de um objeto incorporado e do mesmo em outra posição sentencial, uma vez que as duas possibilidades (antes do grupo preposicional e incorporado ao núcleo infinitivo) aparecem juntas, no mesmo exemplo extraído do *Pennsylvaniadeutsch*:

(4.3.18) *Mir sin yuscht zu viel Englisch um<sup>142</sup> schwetze! Wann mier am Deitsch schwetze sin zuh ebber, so geschwind kann mer net's recht watt denke in Deitsch, noh geht mer zu Englisch adder halb Englisch!* (“En Katz Deitsch Schtick”, 22.12.99)

---

<sup>141</sup> Conforme já comentado, para alguns autores, como é o caso de Ebert (2000:609-610), trata-se de uma “obrigatoriedade” para o alemão padrão: “The North Frisian and Standard German Prep and Pos **do not** combine with a direct object. In order to use the progressive, the verb phrase **has to be intransitivized by way of incorporation.**” (grifos meus, I.E.)

Para os dialetos *Rheinisch* e *Züritüütsch* essa restrição não existiria, a construção com *am* seria usada tanto com verbos transitivos como intransitivos, complementa Ebert em outras palavras.

<sup>142</sup> O *um* aqui seria uma variante do *am*, de acordo com Van Pottelberge (2004:312, nota 14)

‘Nós estamos mesmo falando inglês demais! Quando estamos falando alemão com alguém, e a gente não acha tão rápido a palavra certa em alemão, aí mudamos pro inglês ou pro meio-inglês’ (tradução minha, I.E., da tradução de J.V.P.)

Krause (idem:137) não fala em “denotações iguais” nesses casos e remete a Reimann (1998:160), quando desenvolve que nesse processo o nome perderia o seu estatuto sintático ao se conectar com o verbo, formando um “predicado intransitivo”, com o qual se denotaria um conceito (*Konzept*) único. Van Valin e La Polla (1997:122) tratam esses casos como tendo um “argumento inerente”, uma vez que ele aparece como parte do verbo e não como um constituinte individual, portanto, ele seria qualitativamente diferente de outros tipos de argumento. Reportando-me mais uma vez à obra clássica de Baker (1988:229), em linhas gerais, incorporação é o movimento sintático de uma categoria  $X^{\circ}$  para se juntar ao seu regente  $X^{\circ}$ , ou, o movimento sintático de uma categoria no nível da palavra de sua posição de base para se combinar com outra categoria no nível da palavra (idem:424).

Na questão da incorporação na estrutura progressiva muitos pontos ainda estão por merecer uma análise mais apurada. A seguinte passagem de Glück (2001:88) revela essa preocupação quando se trata do alemão:

“(...) Aqui entram em jogo possibilidades da composição de palavras. Não solucionada permanece também a questão, porque o suposto objeto “incorporado” também pode aparecer transposto para a esquerda, entre  $V_{fin}$  e *am*, e assim ser sintaticamente “incorporado” em PROG, e nessa posição, como objeto lexical autônomo, também passar a aceitar inclusive artigos ([+/-definido]).”(tradução minha, I.E.)

Em Pomerode, conforme já comentado, nos casos em que temos um argumento interno (ver exemplo (4.3.19)b. e c.), o objeto vai ser colocado sistematicamente entre a partícula *bei* e o infinitivo (exceções englobariam tão somente os objetos pronominais e os pronomes reflexivos, conforme mostro no Capítulo 5), o que vai implicar em considerações complementares sobre a questão da “incorporação”, uma vez que o objeto referencial (DP) vai aparecer na mesma posição topológica do objeto incorporado (NP-nu), lugar “não-autorizado” para tal de acordo com os autores estudados (mais destacadamente em Bhatt e Schmidt (1993), que levantam as propriedades de linearização da forma, na descrição sintática do *am* como elemento lexical  $Asp^{\circ}$ , sintaticamente projetado, conforme mostro aqui no Capítulo 6).

(4.3.19) a. *Ich bin beim aufräumen* (estrutura intransitiva)

eu sou a+DEF Part-arrumar-INF

‘eu estou arrumando/na arrumação’

b. *Ich bin beim Schubladenaufräumen* (estrutura com objeto incorporado)

eu sou a+DEF gavetas-arrumar-INF

‘eu estou arrumando gavetas’

c. *Ich bin bei die/meine/viele Schubladen aufräumen* (estrutura com objeto referencial)<sup>143</sup>

eu sou a(Ø) as/minhas/muitas gavetas arrumar-INF

‘eu estou arrumando as/minhas/muitas gavetas’

Essa possibilidade, porém, também já foi registrada como “dado curioso” para a forma com *am* nos dialetos *Züritüütsch* e também no *Pennsylvaniadeutsch*, infelizmente sem maiores comentários por parte dos autores que os elencaram.

Para o *Pennsylvaniadeutsch*, Van Pottelberge (2004:314) cita os seguintes exemplos em que o objeto direto (DP) aparece entre a partícula *am* e o infinitivo, que ele tomou de Enninger (1980)<sup>144</sup>:

(4.3.20) (no *Pennsylvaniadeutsch*)

*Er ist am die P.G. Sprooch Studya*

ele é a+DEF a língua P.G. estudar-INF (glossa minha, I.E.)

‘Er lernt im Moment die pennsylvaniadeutsche Sprache’ (tradução de J.V.P.)

‘Ele está estudando a língua P.G.’

(4.3.21) (no *Pennsylvaniadeutsch*)

*Da aeltest von die Buwe war am die Machine fahre.*

O mais velho de os meninos era a+DEF a máquina dirigir-INF (glossa minha, I.E.)

‘Der älteste der Jungen war dabei, die Maschine zu betreiben’ (tradução de J.V.P.)

‘O mais velhos dos meninos estava dirigindo a máquina.’

Os exemplos do *Züritüütsch* são de Ebert (2000:611):

(4.3.22) (no *Züritüütsch*)

*Si isch am t’hüener us em huus jage*

she is AT the chicken out the house chase (glossa de K.E.)

‘She is chasing the chicken out of the house.’

(4.3.23) (no *Züritüütsch*)

*Si isch (grad) am t’ herdöpfel schele*

She is just AT the potatoes peel (glossa de K.E.)

‘She is peeling the potatoes.’

<sup>143</sup> Essa “subida” do DP seria uma evidência a mais para se assumir a forma infinitiva como sendo verbal. Agradeço a Ruth V. Lopes por me chamar a atenção para o fato.

<sup>144</sup> Não tive acesso a essa bibliografia.

Teria sido interessante saber se se trata de exemplos orais ou escritos. Em Van Pottelberge (2004:309) lê-se também sobre “reduções fonéticas” de *am* para *an* que foram registradas no *Pennsylvaniadeutsch* moderno, e até mesmo de uma omissão total da partícula e assim a forma não estaria mais associada ao caso dativo (o que, por sua vez, cairia como uma luva na questão dos passos subjacentes à gramaticalização). Lamentavelmente nenhum exemplo é citado, embora eu possa conjecturar que no caso da omissão total da partícula poderia se tratar da forma *absentive*. Nas outras duas “variantes” (com *am* e com *an*), com base em exemplos talvez se pudesse traçar paralelos com Pomerode.<sup>145</sup> Com os dados de Pomerode certamente algumas conclusões a que chegaram alguns dos pesquisadores do progressivo no alemão precisam ser reavaliadas, primordialmente a que diz respeito à não-interpretação do *-m* no *am*. Não tenho informações sobre o rigor com que foi feita a transcrição dos exemplos aqui reproduzidos (4.3.18) e (4.3.19)<sup>146</sup>, com o que também contribui a sutil diferenciação perceptual entre um fonema *-m* em *am*, e um *-n* em uma contrapartida com *an*.

No caso de Pomerode *bei* e *beim* foram transcritos conforme a produção oral por parte dos informantes. Voltarei a essa questão mais adiante, quando trato do artigo cliticizado ao *bei*.

O que eu pretendia com essa pequena incursão na questão complexa da incorporação (que será retomada no Capítulo 5, na análise dos exemplos que tradicionalmente são assumidos como “incorporados”, bem como no Capítulo 6) e das derivações *-en* era encaminhar para uma análise unificada desse *slot* aberto entre a partícula *bei* e o infinitivo, que talvez só seja possível se a frase infinitiva for interpretada como verbo.

Passo agora a tratar do verbo finito na construção; a opção de fazê-lo antes de abordar o elemento *bei(m)* vai no sentido de estabelecer uma estrutura perifrástica complexa para o

---

<sup>145</sup> Eu tenho um dado muito interessante de um falante de alemão (estudante de Letras-Alemão), de uma outra região de Santa Catarina (São Bonifácio), cujos antepassados falam o dialeto *Hunsrück*, dialeto que ela também traz como primeira língua. São dados escritos (e-mail), e os transcrevo tal como aparecem: 1. *Heute ist es Sonntag, und ist schon an kalt werden... mann kann schon gut mit dem Mantel schlafen* (Hoje é Domingo e já está ficando frio... e a gente já pode dormir bem de cobertor), e 2. *M. ist nicht mehr in seine Arbeit, ist sehr bosse geworden und ist eine andere Arbeit an suchen... aber ist auch sehr froh.* (M. não está mais em seu emprego, ficou muito braba e está procurando um outro trabalho... mas também está bem contente) Em 1. temos uma construção predicativa progressiva e em 2. uma progressiva com objeto direto colocado antes do grupo prepositivo. Em nenhum dos dois exemplos aparece o *am* (*an + dem*), mas tão somente a “preposição” *an*. É nesse sentido que o papel do artigo aí pode ser questionado, uma vez que esses exemplos indicam claramente que ele não está mais aí para cumprir a função de conversão de classe de palavra, assim, os infinitivos são, sem sombra de dúvida, verbais e o *sein* é um auxiliar.

<sup>146</sup> Fiz uma consulta específica sobre esse ponto a Van Pottelberge, mas ele disse que os poucos dados do *Pennsylvaniadeutsch* a que teve acesso não lhe permitiram aprofundar essa questão.

progressivo, fixando-a primeiro formalmente, para então poder refutar de vez que se trata de um PP, e, por conseqüência, ter de conferir um outro estatuto também a esse *bei(m)*.

#### 4.4 O verbo *sein*: mudança de estatuto

Na seção precedente reuni elementos que parecem indicar que no progressivo pomerodense talvez o infinitivo não esteja mais sendo interpretado como nome, mas sim, preferencialmente, como verbo. Como o progressivo ainda não se estabeleceu como forma obrigatória dentro do paradigma verbal no alemão da localidade, a modelo do inglês e do português onde ele já está totalmente gramaticalizado, os casos acima (e outros que serão referenciados no capítulo de análise de dados), onde há dúvida em relação ao estatuto do infinitivo, podem, a meu entender, ser remetidos a um estágio mais atrasado no *continuum* da gramaticalização, mas em dependência direta do que for desenvolvido a seguir.

Se o infinitivo for verbal, então também o verbo finito, nesse caso o verbo *sein*, não pode mais ser interpretado como um verbo pleno, ou um “tipo de cópula” (segundo Engelberg (2003)), que introduz um predicativo nominal (nesse caso, um PP, onde P rege um infinitivo nominalizado), mas sim como um auxiliar de perífrase.

No entanto, devo lembrar que muitas gramáticas tradicionais do alemão, por não reconhecerem as formas progressivas como tais, enquadram o *sein* como sendo um verbo funcional e a estrutura *beim + V\_en + sein* como uma *FVG* (*Funktionsverbgefüge*, ver definição aqui seção 3.3.6). Na gramática Helbig/Buscha (1993:90) em nota de rodapé lê-se: “*Das FV ‘sein’ hat durative Bedeutung*” (O verbo funcional *sein* tem significado durativo). O exemplo *beim Arbeiten sein* dentro da lista elencada por esses autores como sendo representantes do *sein* cumprindo papel de verbo funcional claramente traz características diferentes dos outros exemplos lá citados. Entendo que em *in Gefahr sein* (estar em perigo) não se tem um componente verbal subjacente ao nome *Gefahr*, o que seguramente demonstra que essa diferenciação não está devidamente contemplada nesse compêndio gramatical.<sup>147</sup> Ao meu entender, isso é também um indicativo de que *beim Arbeiten sein* talvez não devesse ser

---

<sup>147</sup> Mais elementos poderiam ser levantados para argumentar em favor de uma não adoção do verbo *sein* como um verbo funcional e da estrutura como *não* sendo uma *FVG*, mas foge do propósito do meu trabalho discutir o enquadramento da estrutura (não como uma ‘progressiva’) nas gramáticas do alemão, trabalho que já foi feito por Reimann (1998) e o leitor interessado pode acompanhá-lo lá.



analisado como uma sendo uma *FVG*, mas não encontrei na gramática citada questionamento algum nesse sentido.

Para não me restringir tão somente ao alemão nas considerações sobre o estatuto do auxiliar na perífrase progressiva, refiro-me mais uma vez às línguas pesquisadas pelo EUROTYP. Um ponto interessante que merece ser comentado é que existem três tipos de frases verbais para expressão de progressividade que se valem de um cópula como auxiliar. Um primeiro tipo, de acordo com Bertinetto, Ebert e de Groot (2000:521), para línguas como o catalão, o inglês, o italiano, o PB (!), o espanhol, o kalmyk e o karachai, seria aquele em que um cópula se combina com um gerúndio (ex. *She is working*); um segundo tipo é caracterizado pela combinação de um auxiliar copular e um infinitivo (ou uma forma relacionada) em línguas como o estoniano, o finlandês etc. que compõem as línguas finlandesas, mas que em línguas como o holandês, o alemão e o húngaro interessantemente denotam o ABSV (*absentive*) (ver seção 3.8). Um terceiro tipo combina um auxiliar copular com um grupo preposicional (PROG-PREP), e dentro desse grupo com uma forma não-finita de um verbo. E esses estão divididos em dois subtipos:

- (i) preposição + infinitivo (islandês, italiano, PE, bretão)
- (ii) preposição + artigo + infinitivo (holandês, alemão)

É nesse segundo subtipo (ii), embora apresente variações que não foram registradas nos levantamentos do EUROTYP (excetuando-se os exemplos classificados como “curiosidade”), é que eu situo também o progressivo de Pomerode. E são exatamente essas “variações” que vão ser determinantes para mostrar que no alemão dos pomerodenses o progressivo seguiu seu próprio caminho.

Ebert (2000:628), ao elencar os diversos padrões tipológicos e as fontes de marcadores progressivos nas línguas germânicas (ver quadro resumo ilustrativo a seguir), escreve que as construções prepositivas (portanto, as do subtipo (ii) acima) estariam todas “dessemantizadas” e que sintaticamente não se comportariam mais como *be + locative complement*. Exclui, no entanto, dessa generalização o alemão padrão e o frísio do norte, onde, dado a uma restrição maior à aceitação de objetos diretos, ainda seria possível estabelecer uma analogia a frases locativas.

Tabela: Marcadores Progressivos (3.pessoa do singular) nas línguas germânicas (- inglês)

	I POS	IIa PREP	IIb 'bei`	III HOLD	IV BUSY
Islandês	sittur og	er að			
Sueco	sitter och			hålla på och/att	er i färd med att
Dinamarquês	sidder og	er ved at			er i gang med
Wiidinghiird	sät to / än	äs oon`t	äs bai to / än		
Fering-Öömrang	sat tu	as uun`t	as bi tu / an		
Frísio	sit te	is oan`t			is oan`e gong mei
Holandês	zit te	is aan het			is bezig te
<b>Alemão</b>	–	<b>ist am</b>	<b>ist beim</b>		<b>ist dabei zu</b>
Züritütsch	–				isch draa z`
Faroese	sit og	er og			er fáast við at
Norueguês	star og			holde på(med)	
Yiddish				halt in	
Baixo Alemão	sit un	is an`t	is bii un		

Retirada de Ebert (2000:607)(tradução e destaque meus, I.E.)

Ebert (2000) resume os tipos de construção usadas em contextos progressivos típicos da seguinte maneira, onde o verbo auxiliar *be* se concentra nas construções PREP para várias línguas:

I. Construções com verbos posturais: (POS)	“sit” + to + INF (frísio e holandês) “sit” + and + V (escandinavo)
II. Construções prepositivas (PREP)	be +in/at+the+ INF (holandês, frísio,alemão) be + at + to + INF (dinamarquês) be+to+INF (islandês)
III. Construções com “hold” (HOLD)	hold on/in (sueco, norueguês, Yiddish)

Extraído de Ebert (2000:607)(tradução minha I.E.)

Reimann (1998), embora comente o estatuto desse verbo no desenvolvimento diacrônico da forma progressiva com *am* no alemão da Alemanha, quando se propõe a descrever os componentes individuais que constituem a perífrase progressiva atual, não faz qualquer referência a ele, o que indicaria que seu estatuto como auxiliar é inquestionável. Já em Krause (2001) encontram-se referências específicas ao verbo finito *sein*. Ele cita Lehmann (1995)<sup>148</sup>, que resenha o “desenvolvimento” do verbo *sein*, para ele um verbo típico dentro

<sup>148</sup> Não tive acesso direto a essa bibliografia, mas trata-se de um clássico.

das construções perifrásticas progressivas (do alemão, do inglês e de parte das construções do holandês<sup>149</sup>):

“ It [o verbo ‘to be / sein’] starts out as a ‘verbum substantivum’, a verb of existence. Subsequently, it comes to be used in location predication, with the meaning ‘to be in a place’. Then it appears as the copula in nominal sentences. As such, it may be employed when the predicate is a nominalized verb form, and in this way it ends up as an auxiliary.”

Por ter um conteúdo lexical restrito, Krause (idem:98) considera não ser mera casualidade serem exatamente verbos desse tipo (*lexikalische Leichtgewichte*= “pesos-leves lexicais”)<sup>150</sup> os que aparecem no desenvolvimento de um lexema para um auxiliar e, assim, constituindo-se em um morfema gramatical em várias estruturas, nas mais variadas línguas. Ele fala, inclusive, em “predestinação” para sua utilização como morfema gramatical, dado a esse esvaziamento semântico inerente.

Entretanto, tanto Krause (2001) como Reimann (1998) colocam em cheque o estatuto do *sein* quando se trata da construção com *beim*, que, para ambos, está menos gramaticalizada que a forma com *am*. Reimann nega-lhe inclusive a condição de “forma concorrente”. Assim, tal qual Engelberg (2003), concebem que a mesma retém saldos de sua significação locativa original. Em alguns exemplos levantados, e entre eles está, evidentemente, o já citado aqui (4.2.5) *Er ist beim Röntgen*, ficaria difícil diferenciar se *beim* + INF estaria sendo usado como um complemento adverbial, como um complemento verbal ou como uma forma progressiva. Os constituintes dentro da construção que poderiam ser remetidos a essa “locatividade” seriam, segundo Reimann e Krause, o próprio *sein* (*Ich bin hier* (Eu estou aqui), como complemento adverbial) e também a preposição locativa *bei* (*Ich stehe bei der Tür* (Eu estou parado junto à porta)). Evidentemente que o mesmo raciocínio pode ser feito em relação à preposição *an* em sua utilização locativa, e não vejo aí um diferencial para a utilização de uma ou de outra preposição na estrutura progressiva, conforme exploro mais adiante.

Novamente faço uso de considerações translingüísticas com o objetivo de mostrar como a complexa questão da auxiliaridade se manifesta em outras línguas. Wachowicz (2003) comenta os testes para auxiliaridade propostos para o inglês (via construções interrogativas e negativas, que apresentam padrões diferentes quando se trata da auxiliaridade), mas que não funcionariam para o português. Também no alemão não precisamos de um auxiliar onde vai

<sup>149</sup> É que o holandês, além do *zijn* (ser), também apresenta outros verbos finitos nas construções progressivas prepositivas, entre eles, os assim chamados posturais.

<sup>150</sup> Não entro aqui na discussão sobre a validade dessa discussão. Para tanto, ver alguns comentários em Wachowicz (2003) sobre esse tipo de verbos no português.

incidir a negação (*John doesn't eat chocolate x Johann isst nicht/keine Schokolade*), nem tampouco precisamos de um auxiliar nas interrogativas (*Does John eat chocolate? x Isst Johann Schokolade?*), assim, o estatuto do *sein* como auxiliar na construção progressiva precisa ser justificado por outros recursos. Um deles seria verificar a propriedade de não-atribuição de papel temático, que caracteriza os auxiliares (com base em Haegmann (1995)), que também é explorada por Wachowicz (2003), e essa vale igualmente para o alemão de Pomerode.

(4.4.1)a. *João arruma a gaveta.*

b. *João está arrumando a gaveta.*

(4.4.2)a. (no alemão em geral) *Johann räumt die Schublade auf.*

b. (no alemão de Pomerode) *Johann ist bei die Schublade aufräumen.*

Faço o mesmo percurso descritivo de Wachowicz (2003) do critério- $\theta$ : o papel temático “agente” é atribuído ao NP *João* no português e a *Johann* no alemão (os argumentos externos), e o papel temático “tema” é atribuído a *a gaveta* e a *die Schublade* (os argumentos internos), respectivamente, pelos verbos *arrumar* e *aufräumen*. O exemplo (4.4.1)b. é gramatical e a solução de tradução para esse input (4.4.2)b. também é considerada gramatical, uma vez que foi dada pelo informante, o que significa que todos os papéis temáticos dos verbos são atribuídos e que todos os NPs referenciais têm papéis temáticos a eles atribuídos. Com base em Haegmann (1995) e no modelo GB, como a propriedade de atribuição de papel- $\theta$  é exclusividade dos verbos plenos e as sentenças (4.4.1)b. e (4.4.2)b. não têm outros NPs a serem contemplados com esse papel, os verbos *estar* e *sein* nessas sentenças só podem ser auxiliares.

O critério da “conexidade sintática” entre o verbo auxiliar e o verbo principal, que é assumido como definitivo para identificação de auxiliaridade para o inglês, e que Hopper & Traugott (1993:133), por exemplo, interessantemente qualificam como “clítico frasal”, também é abordado por Wachowicz (2003:16) para mostrar que isso nem sempre é o caso para o português, onde intercalações, mesmo que restritas, foram levantadas em seus dados do banco VARSUL, o que, por sua vez, evidenciou um comportamento heterogêneo do verbo *estar* na perífrase do progressivo no PB (mais adiante na seção faço comentários adicionais sobre esse comportamento não homogêneo do auxiliar). Esse critério não pode, evidentemente, ser usado para o alemão. Voltando a referir a questão da *Satzklammer* acima, que caracteriza os constituintes sentenciais do alemão e determina o posicionamento de

complexos verbais descontínuos, o critério nem se aplica por razões estruturais. Por pretender advogar que no processo de gramaticalização da forma progressiva pomerodense houve uma reanálise no domínio sintagmático, os dois componentes verbais da forma perifrástica vão constituir as fronteiras do *Mittelfeld*, assim, a contigüidade não cabe aqui.

Não vou rebater as restrições que dizem respeito aos exemplos com *beim* registrados no alemão da Alemanha, contudo intenciono discutir as abordagens que negam a possibilidade de a forma *beim + V\_en + sein* denotar progressividade, com base no estatuto do verbo *sein* nessa construção (e também com base no estatuto do elemento *bei*, que será abordado na próxima seção).

A seguir, portanto, desenvolvo o comportamento desse verbo finito na frase verbal complexa que constitui o dispositivo morfo-sintático especializado para expressar progressividade, uma vez que em Pomerode, exceto para um exemplo isolado<sup>151</sup>, não foram registrados outros verbos finitos em combinação com o progressivo *bei(m)*, os assim chamados *motion* e *postural verbs*, que o projeto EUROTYP levantou para tantas outras línguas européias. O alemão, portanto, não apresentaria construções progressivas com verbos posturais (ex: 'sit' + to + INF ou 'sit' + and + V)<sup>152</sup>. Não se pode negar que esses verbos (os *motion* e os *postural verbs*), além da informação temporal, carregam inerentemente também alguma informação aspectual<sup>153</sup>, uma propriedade que se quer negar para o auxiliar *sein* na forma progressiva com *am*, mas que se quer manter na qualificação do progressivo com *beim* na Alemanha. A diferença entre esses *seins* (na forma com *am* em que ele seria exclusivamente um auxiliar e na forma com *beim* em que ele continuaria retendo informações

---

<sup>151</sup> O verbo auxiliar postural apareceu no teste dos verbos bitransitivos:

Egon está passando um avental pra ela, [ele não pode agora].

a. *Egon steht beim plätten*

Egon pára-em-pé a+DEF passar

'Egon está passando-roupa'

/intervenção minha: pra ela?/

b. *Egon sitzt bei eine Schürze plätten für ihr*

Egon senta a um avental passar para-ACU ela-DAT

'Egon está passando um avental para ela'

<sup>152</sup> Bertinetto (2000:562), para o português, cita como exemplo do Motion-PROG: *ir/vir* + Gerúndio; para as línguas germânicas (excetuando-se o alemão), Ebert (2000:607) elenca os verbos posturais *sit*, *stand*, *hang* e *go(around)*, que são usados, por exemplo, no sueco, no holandês, no dinamarquês etc., mas não no alemão. Seria interessante verificar melhor porque o informante Pomerodense usou auxiliares posturais, e ainda dois diferentes, no exemplo citado na nota anterior, mas isso foge dos meus intentos aqui.

<sup>153</sup> A discussão sobre a questão da informação aspectual inerente aos verbos *ser* e *estar* também acontece em relação ao PB. Em nota de rodapé, Wachowicz (2003:18, nota 8) refere Viotti (c.i.) que considera os verbos *ser* e *estar* "verbos leves" (que, ao lado de informações temporais, também carregariam informações aspectuais), que são vazios de significado e não atribuem papel-θ: *Ele está desanimado* localiza uma situação restrita no tempo, já *Ele é desanimado* refere a uma situação aberta e sem limites temporais. Essa diferença vai se manifestar também nas construções perifrásticas, juntamente com a flexão *-ndo*: *\*Ele é desanimando* x *Ele está desanimando*.

locativas) só poderia então ser remetida a uma diferença na contribuição semântica do *an* e do *bei*, o que não é certamente o caso, conforme vou explorar na próxima seção.

O verbo *sein* (ser/estar), paralelo a *haben* (ter) e *werden* (tornar/vir) constitui uma classe fechada de verbos auxiliares para formação de tempo no alemão, assim, nessa função eles são signos gramaticais. Os mesmos verbos podem funcionar também como uma categoria lexical, como verbos plenos, portanto. Existem também casos que constituem uma categoria disjuntiva, cuja classificação é sempre problemática. Os exemplos a seguir são de Diewald (1997:3) e dizem respeito ao verbo *haben*<sup>154</sup>:

- (4.4.3)a. *Sie hat gelacht.*  
 ela tem-AUX rido-PART PASS  
 ‘Ela riu’
- b. *Sie hat das Zimmer aufzuräumen.*  
 ela tem-AUX o quarto Part+Part.INF<sub>zu</sub>+ arrumar-INF  
 ‘Ela precisa arrumar o quarto’
- c. *Sie hat eine Katze.*  
 ela tem-PRÄS um gato  
 ‘Ela tem um gato’

Eu acrescentaria aqui ainda uma outra utilização de *haben*, registrada na fala dos pomerodenses, uma construção estativa de difícil classificação, já que aqui o particípio passado funciona como adjetivo<sup>155</sup>:

- d. *Hast du dein’ Hund lose? Nein, ich habe ihn immer (an)gebunden!*  
 tens tu teu cachorro solto? não, eu tenho ele sempre prendido-PART  
 ‘Deixas o teu cachorro solto? Não, eu sempre deixo ele preso.’

Em a. temos um exemplo de *haben* como auxiliar de *Perfekt* com verbo regular intransitivo. Já em c. o verbo *haben* é pleno, de regência acusativa. Em b. a classificação é problemática, aqui o *haben* não está atuando como um auxiliar de *Perfekt*, já que o verbo principal não é um particípio, mas sim um infinitivo + uma partícula infinitiva *zu*, o que dificulta uma classificação inequívoca de *haben* como sendo “gramatical” ou “lexical”, assim, ele é considerado como *quasi-auxiliar* por muitos autores (a leitura é modal).

Volto mais uma vez à lista de exemplos de Engelberg (2003) para mostrar como é complexa essa questão de diferenciar as estruturas com *am* e com *beim* com base em uma suposta diferença na contribuição semântica do verbo *sein* nas respectivas construções:

<sup>154</sup> As glossas, evidentemente, são minhas I.E.

<sup>155</sup> Parsons (1990:244) trata de construções similares no inglês moderno em comparação com construções adjetivais do Old English.

(4.4.4) *Rebecca ist beim Röntgen*

Rebecca é a-DEF radiografar-INF

‘Rebecca is x-raying/ is being x-rayed (by somebody)/ is at a place where somebody is x-raying somebody’

(4.4.5) *sie sind ihre Reise am/ \*beim Planen*

eles são sua viagem-ACU a-DEF/a-DEF planejar-INF

‘eles estão planejando sua viagem’

(4.4.6) *sie sind ??am/beim Planen ihrer Reise*

eles são a-DEF/a-DEF planejar-INF sua viagem-GEN

‘eles estão planejando sua viagem’

Evidentemente que nos exemplos (4.4.5) e (4.4.6) de Engelberg (2003), reproduzidos aqui, a discussão do autor gira em torno do posicionamento diferenciado do argumento interno do verbo *planen* (planejar) nas respectivas estruturas no alemão da Alemanha (o que eu também comentei acima, e que vou abordar mais detalhadamente na seção 5.4.2, estabelecendo paralelos com Pomerode), mas estou aproveitando esses exemplos para questionar o critério da locatividade, defendido, também por Engelberg, como inerente a todas as formas com *beim*, e que não mais estariam manifestas nas formas com *am*. Enquanto que em (4.4.4) essas remanescências locativas podem até ser remetidas ao *sein* (um verbo estativo), ou à preposição *bei* (uma preposição locativa *par excellence*), não vejo como fazer o mesmo em (4.4.5) para a estrutura gramatical de *am*, concordando, pois, com o argumento acima. Mas nem tampouco em (4.4.6) para a estrutura gramatical com *beim*, e é esse o meu ponto aqui.

Nos exemplos (4.4.5) e (4.4.6) citados por Engelberg (2003), o verbo *sein* não traz informações aspectuais (estativas) às respectivas sentenças. Se o seu comportamento locativo é dúbio em alguns casos, ou mesmo possível conforme em (4.4.4), e em tantos outros que se possa garimpar por aí, isso se deve, entendo eu, ao próprio processo de gramaticalização subjacente, ou, como já disse aqui, pode ser remetido indiretamente à pressuposição que os eventos acontecem em algum lugar. Por outro lado, o que possibilitou a reinterpretação do *sein* como auxiliar na estrutura progressiva não viola nenhum princípio lógico intralingüístico conforme já mostrado acima. O que autoriza essa reinterpretação reside exatamente no fato da inespecificidade do *sein*, o que permite que ele cumpra diferentes funções, mas sempre em dependência do contexto sintático em que ele aparece, portanto, existe uma relação entre os elementos lexicais e a construção progressiva em si.

Nesse sentido também, Dahl ((2003:126)-em preparação) desenvolve a noção *grammatical maturation*:

“A lexical item cannot by itself come to serve a grammatical function; it must do so by force of being a fixed part of a larger pattern – a grammatical construction. The processes by which “lexical items become grammatical morphemes”- grammaticalization – are thus only parts of the genesis and evolution of grammatical patterns or constructions, which I shall call **grammatical maturation** for convenience. When a lexical item becomes a fixed part of a grammatical pattern, I shall say that it is **trapped**<sup>156</sup> in the pattern. For instance, the English verb *go* is trapped in the *be going to*-construction, and the French noun *pas* ‘step’ is trapped in the negation construction *ne...pas*. I find the trapping metaphor suitable since the lexical item as used in the construction loses its autonomy semantically and eventually also formally, and its further destiny is dependent on what happens to that construction. In a way, the properties of the element may be said to be epiphenomenal or at least secondary to the properties of the construction.”

Entendo assim, que tanto o *sein* como o *bei(m)*, mais a derivação *-en* no verbo, constituindo a essência eminentemente funcional da forma progressiva, vão resultar nesse padrão gramatical de que fala Dahl: *sein + bei(m) + V\_en* estão *aprisionados* na construção progressiva, valendo-me da metáfora do autor. Existe, pois, uma estreita correlação sintático-semântica aí, que é característica em qualquer processo de gramaticalização.

No desenvolvimento de Engelberg (2003), no entanto, um item deixou de ser contemplado, mas que se constitui como relevante no enquadramento do *sein* como verbo auxiliar ou como cópula<sup>157</sup>. Trata-se da determinação do papel do mesmo em sentenças do tipo *Ele está aqui do meu lado trabalhando*, em que temos uma combinação de um predicativo (=locativo espacial) e de um progressivo, e onde o comportamento do verbo finito *estar* no PB (ou *sein*, na contrapartida no alemão) está longe de ser homogêneo. No levantamento de Krause (2001:166-167) esse tipo de combinação também foi registrado. Quantitativamente a atribuição predicativa locativa seria mais significativa em combinação com a forma *absentive*, o que Krause atribui ao próprio significado locativo desta. Wachowicz (2003) explora essa questão para o PB e mostra que o verbo *estar* ora atende aos critérios de auxiliaridade e ora não, o que parece comprovar as teorias de gramaticalização que defendem que as fases por quais passa um item que se está gramaticalizando se sobrepõem

---

<sup>156</sup> Grifos do autor, O.D.

<sup>157</sup> Engelberg (1993), por assumir que a estrutura *beim* +INF é um PP, não questiona o estatuto do *sein*.



sincronicamente (idem:195)<sup>158</sup>. No Capítulo 5 (seção 5.6.2) mostro quão diversificadamente essa combinação predicativa locativa x progressiva se apresentou entre meus informantes e, inclusive, no mesmo informante, o que indica que muita pesquisa ainda está por ser feita para se entender que tipo de estrutura(s) representaria(m) essa duplicidade de interpretação dos verbos finitos *estar / sein* nesses casos coordenativos, bem como a respectiva implicação no processo de gramaticalização. Assumo, abstraindo os casos dúbios citados acima, que o *sein* na construção pomerodense é um auxiliar.

Passo a desenvolver agora como o elemento *bei(m)* se comporta dentro desse padrão.

#### 4.5 A partícula *bei(m)*

Até aqui foram levantados pontos que parecem indicar que o alemão pomerodense dispõe mesmo de uma categoria funcional de aspecto, que é realizada por uma construção constituída por uma forma verbal auxiliar de *sein* como verbo finito e de um infinitivo (verbal) de um verbo pleno, fixados formalmente em combinação com uma partícula *bei(m)*, tópico da presente seção. Trata-se, portanto, de uma construção perifrástica especializada, que segue o modelo de tantas outras construções verbais perifrásticas que foram registradas diacronicamente na evolução das línguas germânicas continentais (*Perfekt, Futur*, estruturas com verbos modais etc.), constituindo uma *Satzklammer*, que eu considero uma pré-condição para haver a mudança lingüística. Van Pottelberge (2004:334-338) levanta alguns pontos importantes nesse sentido, quando trata do progressivo com *am*, que eu resumo aqui, pois o mesmo pode ser pensado para a construção com *bei(m)*: a analogia com formas perifrásticas verbais traz consigo uma irregularidade, uma vez que antes de ter havido a reanálise (tal como é concebida pelas teorias de gramaticalização<sup>159</sup>) a estrutura não constituía uma forma verbal. Sob o ponto-de-vista sincrônico, os componentes continuam sendo unidades funcionais inequívocas nas respectivas línguas - *an* no alemão e *aan* no holandês continuam sendo preposições, e *dem/het* respectivamente continuam sendo artigos; cliticizações entre preposições e artigos também não são exclusivas às construções progressivas com *am*. Trata-

---

<sup>158</sup> Não adoto aqui os termos clássicos “predicação primária” e “predicação secundária”, uma vez que a bibliografia alemã sobre a forma *absentive* nesses contextos complexos não o faz tampouco.

<sup>159</sup> Na definição clássica de Langacker (1977), apud Hopper e Traugott (1993:40): “change in the structure of na expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation”.

se, além disso, de uma construção atípica nas línguas em questão, uma vez que o constituinte verbal infinitivo é introduzido por um “elemento” não usual para tal (que no alemão, como se sabe, é o *zu*<sup>160</sup>, no holandês o *te*), nesse caso, o *am* e o *aan het* (uma preposição + artigo). Para o autor seria a substituição de uma anomalia por uma outra anomalia morfosintática. Estaríamos diante de um modelo, a partir do qual poderia haver uma reanálise, tanto por parte do falante que poderia criar a forma progressiva dentro desse “padrão” perifrástico, como para o ouvinte que poderia, por sua vez, interpretá-la.

A reanálise como forma perifrástica possibilita agora ampliação de aplicação da mesma também para contextos transitivos, algo impossível se o infinitivo é interpretado como nome<sup>161</sup>, introduzido por uma preposição.

Proponho, pois, discutir essa questão da preposição que se gramaticalizou, mas sempre dentro da estrutura perifrástica (no sentido de “ser aprisionada”, conforme Dahl acima), como um elemento essencialmente funcional, que marca aspecto em AspP, sintaticamente projetado, conforme mostro superficialmente no Capítulo 6. Segundo Glück (2001:92), a construção toda seria um “morfema gramatical” que apresenta um paradigma sintático, cuja base gramatical seria sintático-semântica: o *sein* e o *am* seriam gramemas puros (elementos funcionais) e o verbo no infinitivo carregaria a essência semântica da construção. Considerações similares eu assumo para a forma perifrástica pomerodense.

O que vem a seguir tem como propósito juntar argumentos no sentido de assumir o *bei* como um elemento funcional, dependente de outros elementos funcionais dentro de uma construção perifrástica.

#### 4.5.1 A preposição *bei*

Começo com uma brevíssima incursão nas referências à etimologia da preposição *bei* e à difusão de usos da mesma levantada em obras dicionarísticas<sup>162</sup>, concentrando-me tão somente nas referências sobre a multiplicidade de interpretações possíveis que se pode dar a essa preposição, bem como nos paralelismos que foram traçados em relação à preposição *an*. A preposição *bei* pode ser remetida ao germânico *\*bi* e ao indo-europeu *\*ambhi/\*bhi*, com o

---

<sup>160</sup> Mas lembro que tal qual no *bei* e no *an*, também o *zu* é fonologicamente e graficamente igual à respectiva preposição locativa. A partícula infinitiva derivou do *zu* preposição, assim também o *am* e o *beim* resultaram em uma partícula, cuja função é a de expressar PROG lexicalmente. Portanto é uma anomalia com “regularidade”.

<sup>161</sup> E como nome estaria sujeito às propriedades da composição, o que remete à incorporação de objetos não-referenciais (NPs-nus), conforme desenvolvido acima na seção 4.3, e, mais adiante, na seção 5.4.1.

<sup>162</sup> Em Reimann (1998) o leitor interessado pode encontrar uma ampla revisão nesse sentido, principalmente em relação à preposição *an*.

significado original *na proximidade, em volta de*. Ela está relacionada com o *by* do inglês, com o *ambi* do latim, e com o *amphi* do grego (Kluge, edição revisada de 2002). Para Paul & Betz (1ª edição-1897), como preposição, o *bey* originalmente só podia ser usado com o dativo, designando um estado. Em Adelung (séc XVIII, re-edição 1970, p.972-978) lê-se que *bey* é uma preposição que está ligada ao dativo, para determinação tanto de um lugar como também de um tempo, um estado ou uma ação. Na especificação de um lugar, ela determinaria uma ação ou um estado na superfície lateral de uma outra coisa e, nessa significação, o *bey* em muitos casos poderia ser substituído pelo *an*. A utilização do *bey* não estaria sujeita a limites fixos e nos dialetos da Baixa Saxônia a utilização dessa preposição seria bem mais ampla, sendo observada lá em muitos contextos onde no *Hochdeutsch* se encontraria o *an*. Na nota 3 (p.978) faz-se referência a uma época em que a preposição *bey* podia significar *durch, nach, für, von, aus, wegen, fast, uma duração temporal, unter* etc., e praticamente nenhuma restrição quanto a outros possíveis usos da mesma. Também no dicionário de Anderson, Goebel e Reichmann (1989: 842-858) do *Frühneuhochdeutsch* são feitas referências às inúmeras transposições de significados, partindo de uma semântica espacial para utilização em contextos temporais, modais etc. e a autores que elencaram nada menos que 24 significados diferentes para a preposição *bei*. Um quadro geral parece poder ser delineado: a história do *bei* mostra que ele sempre se manifestou polissemicamente, ao menos de um ponto-de-vista descritivo.

A maioria dos autores alemães já citados trata das diferenças nos estágios de gramaticalização da forma progressiva com *am* em relação à forma com *beim* no alemão da Alemanha. Andersson (1989:97) remete essa diferença a uma distinção na contribuição semântica revelada pelas próprias preposições *an, bei* e *in*. Com *an*, a área em questão é contactada a partir de fora e em um ponto somente, com *bei* se denota presença, estar em algum lugar, estar ocupado fazendo algo, e com *in* se faz referência à área toda, desenvolve o autor em linhas gerais. Assim, para Andersson (idem, ibidem), a preposição *an* denotaria *a less specific kind of relation to the action/activity/process referred to by the verb*.

Uma vez que em Pomerode formas progressivas com *am* não são utilizadas sistematicamente (na verdade, só tenho dois dados da mesma), esses critérios com base na semântica das preposições precisam ser discutidos mais detalhadamente. Assumindo, como faz Engelberg (2003), que só *an* e *bei* podem aparecer diante desse tipo de construção (que ele chama, como já disse, de *PP with nominalized infinitives*), gostaria de encaminhar a análise no sentido de levantar as similaridades entre ambas, ou melhor, as potencialidades comuns

que autorizariam tanto uma como outra a se gramaticalizar como partícula marcadora de progressividade.

A base teórica para tratar das propriedades sintático-semânticas das preposições, eu tomei de Cláudio Di Meola, Cláudio (2000), *Die Grammatikalisierung deutscher Präpositionen*, mais especificamente nos pontos em que trata das propriedades das preposições primárias, de Jie Li (1994) *Räumliche Relationen und Objektwissen am Beispiel 'an' und 'bei'*<sup>163</sup>, no capítulo onde trata dos aspectos semânticos das preposições locativas *an* e *bei* (exatamente as que estão em discussão aqui), e também de Gabriele Diewald (1997), *Grammatikalisierung – Eine Einführung in Sein und Werden grammatischer Formen*, especialmente no capítulo onde desenvolve os processos subjacentes à gramaticalização de preposições, além dos comentários feitos dentro da literatura sobre os progressivos (já citadas reiteradamente aqui).

Em algum momento do processo de gramaticalização, tanto a preposição *an* como a preposição *bei* devem ter representado potencialmente uma fonte de significado comum (quer seja locativo ou apenas relacional), que autorizou o desenvolvimento da forma progressiva em combinação com os outros constituintes da perífrase, caracterizando um modelo regular que confere uma semântica progressiva ao infinitivo dentro da construção. O curso de mudança poderia ser até predito pela semântica similar (ou até idêntica em certos pontos) inerente a ambas. Mas ele não é determinístico, uma vez que não existe uma causa, mas apenas um fator favorável ou uma motivação, resumindo o que enfatizam Diewald (1997:111) e Hooper e Traugott (1993:95) quando tratam das condições para gramaticalização de um item lingüístico. De acordo com Bybee, Perkins e Pagliuca (1994:14) essa predição, no entanto, não desautoriza instanciações de gramaticalização específicas para uma determinada língua, ou mesmo instanciações particulares de gramaticalização que podem surgir devido à seleção idiossincrática do material fonte. Mas dado que o material lingüístico de base que entra na gramaticalização é similar inter-lingüisticamente, prevê-se similaridade intra-lingüística nos estágios de desenvolvimento (ver tabela de Ebert (2000), reproduzida aqui na seção 4.4)

No caso de Pomerode, como não é possível acompanhar o desenvolvimento diacrônico da forma progressiva desde a época da colonização até o presente, uma vez que não existem registros lingüísticos para se fazê-lo, posso hipotetizar que o uso e desenvolvimento da forma com a preposição *bei* em detrimento daquela com *an* pode ter sido fruto de uma mera

---

<sup>163</sup> Chamo a atenção do leitor que Li (1994) trata exatamente das duas preposições em questão aqui, com o propósito de levantar as sutis diferenças e as reais semelhanças entre as mesmas.

casualidade<sup>164</sup>, se tomar como base que as duas estavam em variação (nas construções progressivas absolutas/intransitivas: *er ist beim Arbeiten* (ele está trabalhando)) na época da colonização, conforme já hipotetizado aqui e com base em Reimann (1998). Uma vez que as utilizações das formas progressivas em contextos ampliados (transitivos) são vistas como desenvolvimentos recentes para as formas com *am*, tanto na Alemanha, como no *Pennsylvaniadeutsch*, também em Pomerode essa ampliação pode ser assumida como tendo acontecido depois de ter-se perdido o contato com o sistema diastásico alemão, o que, inclusive, pode ser justificado pela diferente configuração estrutural desses objetos (DPs) em relação à forma alemã ampliada, conforme já comentado aqui.

Antes, porém, quero discorrer sobre o significado dessas preposições, com o intuito de contestar as afirmações de que a forma com *bei* não pode se gramaticalizar como forma progressiva, dada uma semântica “diferenciada” dessa preposição em relação à preposição *an*.

As preposições primárias (entre as quais estão o *an* e o *bei*) são, de acordo com Diewald (1997:66-68), em sua maioria monossilábicas, representam uma classe relativamente fechada, com função delimitável; possuem, além disso, poucos traços semânticos, e seu uso é determinado, em parte, por regras gramaticais, algumas das quais bem específicas (obrigatórias): por exemplo, *von* e *durch* na inclusão do agente da passiva, *von* na substituição de contextos genitivos, e as preposições específicas que aparecem em verbos preposicionados (exemplos na nota abaixo). Elas são, além disso, etimologicamente opacas, uma vez que em sua forma externa não se assemelham a outras palavras de conteúdo, nem tampouco a outras palavras funcionais (Di Meola (2000:38)). A gramática de Buscha e Helbig (1993:412) também faz referências à questão do significado das preposições: uma semântica própria elas só teriam quando utilizadas para expressar relações adverbiais, e citam como exemplo mais representativo os verbos preposicionados (na formação analítica de objetos), em que seria difícil determinar algum significado lexical das mesmas.

Di Meola (idem:139), por sua vez, fala ainda de diferenciações sintáticas “máximas” quando uma preposição primária não rege mais um NP, mas dela depende uma outra estrutura sintática.<sup>165</sup> Nesses casos, a preposição passaria a exercer uma nova função gramatical, como

---

<sup>164</sup> Evidentemente que essa conclusão careceria de alguns argumentos mais robustos, mas que fogem ao meu propósito aqui.

<sup>165</sup> Di Meola (200:158), similarmente a Diewald (1997), elenca essas possibilidades, sem, contudo, desenvolvê-las também: “Preposições prototípicas apresentam possibilidades variadas de combinações sintagmáticas e autorizam uma utilização exclusivamente sintática em determinadas construções (...) o *von* pode assumir a função de um caso oblíquo: em objetos preposicionais (*sich erholen von*, *sich lossagen von* etc.), como ligação do agente da passiva nas passivas (por ex. *sie wurde von einem Amokläufer erschossen*), como substituição ao genitivo (*das Auto von Stefan* (o carro de Stefan) ao invés de *Stefans Auto* (Stefan+GEN Stefan) (...)). A preposição *zu* pode servir para introduzir infinitivas (*sie hofft zu gewinnen* (ela espera Part.INF vencer) ou para

é o caso do *zu* + infinitivo, que o autor (idem:140) situa no último estágio de um processo de gramaticalização sintática, propriedade que seria exclusiva das preposições primárias (para ele, as “prototípicas”). Assim, a preposição *zu* é usada com função puramente sintática. Tudo indica que o *bei* no progressivo pomerodense está cumprindo também uma função puramente gramatical, a modelo do que acontece com o *zu* (+INF). Ainda com base em Di Meola (idem:33), chamo a atenção para o fato de que o aumento no significado gramatical do *bei* não deve ser paralelizado ao desaparecimento gradativo de seu significado lexical, uma vez que o significado gramatical é de ordem mais geral e mais abstrata do que o significado lexical, englobando categorias gramaticais tradicionais como gênero, caso, número, pessoa, tempo, modo e aspecto (grifo meu, I.E.)

Já para Li (1994:6), a diferença semântica entre *an*[-dir]<sup>166</sup> e *bei*, intuitivamente bastante óbvia, é difícil de ser determinada metodologicamente em sua interpretação locativa. Dada essa complexidade, todas as “outras utilizações” dessas preposições (incluindo aí as temporais e os demais usos não-locativos das mesmas) o autor afirma ter excluído de suas considerações, tal como faz Di Meola. Portanto, nenhum dos dois se compromete com as utilizações do *an* e do *bei* em contextos progressivos, por exemplo. Entretanto, como no caso das construções progressivas com *bei* na Alemanha se quer manter a idéia de locatividade subjacente a essa preposição, as considerações desses dois autores sobre a sua semântica locativa podem ser referenciadas aqui. Um dos problemas que Li (1994:41) vê na especificação do significado espacial reside na propriedade referencial das preposições locativas, uma vez que a preposição *local*<sup>167</sup>, diferentemente dos substantivos (que denotam objetos), expressa uma relação entre objetos. E sobre a natureza dessa relação ainda não existe consenso, embora se assuma que ela seja abstrata (Li, na verdade, faz gradações de abstração, mas eu não sei até que ponto isso pode ser sustentado). Nesse sentido, por mais subjetiva que seja a noção de abstração, vale o que Li (idem:82) considera como a potencialidade do *bei* de ser subespecificado em sua referência espacial. O autor fundamenta seu argumento com base nos exemplos a seguir, em que a preposição *an*[-dir] (ou uma outra preposição locativa,

---

comparação de adjetivos/advérbios (*zu Gross* (*zu* + grande/ grande demais), *zu oft* (*zu* + freqüente/ freqüente demais) etc.). As preposições prototípicas ainda podem reger um não-NP (*bis morgen* (até amanhã), *von draussen* (de fora) etc.)” (tradução e glossas minhas, I.E.)

<sup>166</sup> A preposição *an* (tal qual as demais preposições “locais” no alemão, exceto *bei*) pode ser também [+dir], como em: *Ich hänge das Bild an die Wand*. (Eu penduro o quadro na parede), uma propriedade inerente também às demais preposições locativas, a saber, *auf*, *unter*, *neben*, *über*, *in*, *hinter*, *vor*, *zwischen*. A preposição *bei* não apresenta essa possibilidade.

<sup>167</sup> A caracterização *lokale Präpositionen* é uma divisão primária que inclui tantos as locativas diretivas [+dir], como as locativas não-diretivas [-dir], uma caracterização semântica. Se aqui falo em *preposições locais* é no sentido de envolver os dois critérios semânticos. Remeto meu leitor a qualquer gramática do alemão onde a diferença entre ambas é explorada.

dependendo do contexto) é utilizada para reforçar a referência espacial dada pela preposição *bei*, mas que o contrário não se aplicaria (p.84):

(4.5.1) a. *Der Koffer steht beim Schrank, noch genauer, am Schrank.*

‘A mala está parada junto ao armário, mais precisamente, encostada no armário.’

b. \**Der Koffer steht am Schrank, noch genauer, beim Schrank.*

‘A mala está encostada no armário, mais precisamente, parada junto ao armário.’

Outro exemplo citado por Li (ibidem:68) talvez elucide melhor o que quero marcar aqui:

(4.5.2) a. *Das Bild hängt an der Wand*

‘O quadro está pendurado na parede’

b. *Das Bild hängt bei der Tür.*

‘O quadro está pendurado junto à porta’

Em a. o PP *an der Wand* designaria exatamente o lugar onde o que é denotado por *Bild* está afixado, já em b. o PP *bei der Tür* só denotaria onde o que é denotado por *Bild* se encontra aproximadamente, e nenhuma especificação exata é dada sobre o lugar da fixação. Isso mostraria que a preposição *an* especifica o componente “fixação” contido na significação de *hängen*, ao passo que a preposição *bei* não faz isso.

Com essas propriedades inerentes à preposição *bei* já é possível contra-argumentar que seria com o *an* que se estabeleceria “*a less specific kind of relation to the action/activity/process referred to by the verb*”, conforme afirma Andersson (ver acima) tendo por base a semântica da preposição.

Por meio de outros exemplos do tipo citado em (4.5.2), Li (1994:92) vai demonstrar também a subespecificidade como uma propriedade do *bei* (para ele uma propriedade essencial) em relação a *an*[-dir] (e a outras preposições locativas em que uma parte da referência locativa é determinada por uma parte do objeto de referência), através do fato dessa não designar uma disposição locativa explícita, já que não estabelece um contato físico entre o objeto a ser localizado e o objeto referencial. Inclusive “um certo distanciamento estaria sempre implicado”, resumindo o que complementa o autor.

Remetendo mais uma vez a considerações feitas sobre o papel da preposição *an / aan*, mas agora no progressivo, respectivamente do alemão e do holandês, Van Pottelberge (2004:330) diz que é o componente dentro da perífrase mais difícil de ser explicado, uma vez que não pode ser detectado nele uma função específica que pudesse revelar uma “predisposição” (termo de J.V.P.) para expressão de progressividade. No alemão medieval

(MHD) ela podia cumprir funções temporais (mas isso ela pode até hoje!), já no holandês ela não pode mais assumir uma função sintática autônoma, ela seria “idiomática”, um “resquício petrificado de uma possibilidade de utilização temporal já desaparecida” (palavras de J.V.P., tradução minha, I.E.).

Em referências teóricas mais antigas igualmente já se encontram considerações sobre a possibilidade de uma preposição locativa reger um abstrato. Sekiguchi (1957/1994), por exemplo, em seu estudo abrangente sobre a semântica das preposições alemãs, quando explora o significado das locativas/espaciais em suas múltiplas e diferenciadas aparições, reporta a dificuldade que representa a tentativa de se chegar à “essência” de uma preposição. O fenômeno, e com isso o autor se refere a concepções como “superfície”, “interno” etc., só tem a função de indicar como a substância (na verdade, a aplicação da preposição) se parece aproximadamente e onde ela se situa. A partir do momento em que se tenha essa visão, deve-se, necessariamente, desprender-se dela. Em outra passagem (p.49) o autor diz que o significado concreto de muitas preposições locais/espaciais percorre vários caminhos para chegar às suas utilizações abstratas, simbólicas, analógicas ou metafóricas. No caso da preposição *bei*, é o substantivo que é regido por ela que vai determinar o seu significado, o que não valeria para todas as preposições. Se *bei* rege um *abstraktum*, diz Sekiguchi, que designa uma extensão temporal, então ela significa “durante”, “enquanto”.

Ainda com referência a relações abstratas que podem ser estabelecidas pelas preposições primárias que extrapolam o significado concreto locativo original das mesmas, e em particular do *bei*, retomo novamente Di Meola (idem:151). Com os exemplos a seguir ele pretende dar uma dimensão das possibilidades de alastramento dessa abstração: a. *bei der Tür* [locativo] (junto à porta); b. *bei der Bundeswehr* [abstrato-locativo] (junto ao exército), *bei Nacht* [temporal] (à noite), *bei nähere Betrachtung* [modal] (sob observação mais específica), *bei seinen Fähigkeiten* [causal] (dado às suas capacidades), *bei all seiner Klugheit* [concessivo] (por toda a sua esperteza). Em muitas das utilizações “transmitidas” de que fala Di Meola não se teria mais a codificação de relações entre duas entidades, mas entre uma entidade e uma ação, um processo ou um estado. O *bei* no progressivo pomerodense certamente pode ser enquadrado aí.

Mesmo que os exemplos que acabaram de ser citados não demonstrem uma alteração sintática da preposição (ela está sempre regendo um NP), já que Di Meola, apesar de levantar essa possibilidade (ver acima e a respectiva nota de rodapé), a exclui intencionalmente de suas



considerações, o campo de atuação amplo da mesma merece destaque e tem relação com minha argumentação a seguir.

Um segundo ponto em direção à atribuição de características não específicas da preposição *bei* eu tiro de dados de aquisição levantados em Pomerode para um outro trabalho (ver Emmel (2005)). No acompanhamento de uma criança bilíngüe dos três aos cinco anos de idade observei que na fase inicial do levantamento de dados essa criança fazia uso quase que exclusivo da preposição *bei* em todos os contextos prepositivos. Di Meola (2000:145) sustenta, em certo sentido, o que intuo existir aí, uma vez que as preposições primárias<sup>168</sup>, para ele “representantes prototípicas de uma categoria”, são adquiridas primeiro. Por outro lado, elas apresentam propriedades polissêmicas (idem:151), assim, a utilização ampliada do *bei* pelo meu informante em fase de aquisição parece indicar uma propensão à utilização da mesma abstratamente. Listo alguns exemplos a título de ilustração:

- (4.5.3)a. *so, komm mal bei die veranda hin*  
 portanto, venha PartMOD junto-a a varanda Part  
 ‘Me acompanha até a varanda!’ (a preposição esperada: *auf*)
- b. *un’ denn war da noch eine lakatische bei mein zimmer*  
 e então era lá ainda uma lagartixa junto-a meu quarto  
 ‘E então tinha ainda uma lagartixa lá dentro do meu quarto.’ (a preposição esperada: *in*)
- c. *eine war bei mein buga reingegangen*  
 uma era junto-a meu umbigo entrado-PART  
 ‘Uma (bolinha de sabão) entrou dentro do meu umbigo.’ (a preposição esperada: *in*)
- d. *schuhe! die muss heute bei ihre oma hinfahr’n*  
 sapatos! essa precisa hoje junto-a sua avó lá-ir-INF  
 ‘(Vamos colocar) sapatos (na boneca), pois essa vai para a casa da avó hoje.’ (a preposição: *zu*)
- e. *da hinten, da doch bei die steine*  
 lá trás, lá PartMOD junto-a as pedras  
 ‘Lá trás, (a lagartixa correu) por cima das pedras.’ (preposição esperada: *auf* ou *über*)
- f. *wegen, wegen sonst geht das immer in die augen bei ihre augen*  
 porque, porque senão vai isso sempre em os olhos junto-a seus olhos  
 ‘(Vamos colocar o tic-tac), senão os cabelos vão entrar nos olhos (da boneca).’ (preposição: *in*)
- g. *da hat’s... ich hab’ mal, ich hab’ mal das schon hingehalt’n bei der sapo*  
 lá tem-EXPL ... eu tenho PartMOD, eu tenho PartMOD isso já segurado-PART junto-a o sapo  
 ‘Eu já segurei uma vez isso (um pano) por cima do sapo.’ (preposição: *über*)
- h. *hier! Hier muss ma’ die papagaios raustun beim<sup>169</sup> wasser, wegen sonst schimm’n die ab*

<sup>168</sup> Optei por manter a terminologia proposta por Di Meola. Evidentemente que poderia transpô-la para termos mais usuais, respectivamente, ‘preposições funcionais’ x ‘preposições lexicais’.

<sup>169</sup> A criança fez uma marcação dativa aqui. Remeto a Emmel (2005) para comentários a respeito dessa marcação.

aqui! aqui precisa a gente os papagaios fora-tirar-INF junto-a+DEF água, pois senão nadam eles Part

Mas a criança também usou outra preposição em uma passagem em que se esperaria um *bei* (porém, só tenho um exemplo disso, que está reproduzido a seguir):

i. *ach das war so in die wand, so dranne!*

Ah, isso era assim dentro da parede, assim junto-a

‘Isso (um bicho) estava na parede do quarto, grudado nela.’ (preposição: *bei*)

O *bei* servia, pois, como um tipo de coringa para estabelecimento de relações locativas de qualquer ordem, o que demonstra também que a noção de contato (que vale para o *an*, mas não em todas as situações) e de não-contato (que valeria sempre para o *bei*, mas não nos exemplos de aquisição levantados em Pomerode) não parece ser determinante em se tratando do grau de abstração maior que se deseja atribuir a uma preposição em relação à outra. Ao longo dos dois anos que acompanhei a criança observei que a preposição “polivalente” *bei* foi aos poucos sendo substituída pelas locativas específicas, o que indica que o *bei* se especializou. Em Pomerode, vale lembrar também, o espectro semântico das preposições em geral é o mesmo do alemão da Alemanha, o que vale também para as duas preposições em questão aqui em sua utilização em contextos locativos ou abstratos<sup>170</sup> para além do uso na perífrase progressiva. A única diferença é a questão da regência das mesmas, uma vez que na localidade se observa um sincretismo de caso, algo que pode ser remetido às características observadas no *Niederdeutsch*. É evidente que essa argumentação mereceria um tratamento menos intuitivo de minha parte, mas isso foge aos meus propósitos aqui.

Com o exposto o leitor pode perceber que tanto *an* como *bei* potencialmente se prestam às mesmas condições para serem “aprisionadas” na construção perifrástica especializada para marcar progressividade no alemão dado à sua inespecificidade na utilização em contextos abstratos. Afinal, não é qualquer preposição que encontramos aí, mas

---

<sup>170</sup> O *am*, por exemplo, obviamente também em Pomerode é usado nos superlativos (*am schönsten*, *am schlechtesten*), o que vale igualmente para outros usos do *bei* como em *bei uns* e *bei mich*, no sentido do *chez* do francês. As considerações sobre o espectro semântico das preposições em Pomerode ser igual ao do alemão da Alemanha é feito com base em minha própria experiência linguística no local e o contato que tenho com o alemão moderno da Alemanha, como professora de alemão (embora eu tenha afirmado que me manteria alheia a avaliações introspectivas). Entretanto preciso citar um desvio registrado em um dos informantes, que usa a preposição *bei* em um contexto partitivo, no qual se esperaria um *an*+COMPL ou um *daran* (ou mesmo *dadran*), mas o que novamente parece ser um indício para a intercambialidade interpretativa dessas duas preposições nas utilizações chamadas “abstratas”:

/ Nós estamos trabalhando nisso, pode deixar/  
*ah, wir arbeiten bei dies’, kannst’s so lassen* (M.)

/ Exatamente nisso eu estava trabalhando agora/  
*ah, gerade bei das hab’ ich jetzt gearbeitet* (M.)

exatamente essas duas, o que indica que elas devem fazer parte de um campo semântico bastante restrito e que pode ser paralelizado.<sup>171</sup>

A partir do momento em que conferimos propriedades essencialmente gramaticais às mesmas dentro de uma estrutura perifrástica complexa, não podemos mais procurar por diferenças que ambas apresentam quando em sua utilização essencialmente locativa. Por outro lado, se na utilização das mesmas em construções progressivas mesmo assim ainda pudermos detectar remanescências locativas, isso não pode ser remetido a uma diferenciação na contribuição semântica das duas preposições em questão. Afinal, como já disse aqui, nas estruturas *absentive* nem sequer temos uma preposição e a interpretação da construção é, mesmo assim, locativa.

Concebo, portanto, a combinação *bei* + morfema *-en* como um elemento “imperfectivizador”, cujo significado dominante seria o de mostrar que o acontecimento verbal está em curso. O *bei* em combinação com o morfema *-en* expressa o significado categorial [+imperfectivo]. Como mostro esquematicamente mais adiante (Capítulo 6), o *bei* é reflexo de uma categoria funcional AspP, projetada sintaticamente, que vai selecionar a flexão *-en* morfológicamente (com base no que foi desenvolvido por Bhatt&Schmidt (1993))

Retomando agora a questão da gramaticalização da preposição como elemento gramatical de expressão de progressividade, volto a situar a mesma no *continuum*: dentro do ambiente perifrástico, o *bei* passa a cumprir uma determinada função sintática. A reanálise do *bei* nesse ambiente constitui-se no pressuposto necessário para a re-interpretação do mesmo na mudança categorial geral do signo. A ampliação do uso da forma com *bei* em contextos não autorizados anteriormente (ou seja, em contextos transitivos) demonstra que houve avanço no *continuum* da gramaticalização. O significado lexical “locativo” nessa nova constelação sintática, se ainda não totalmente encoberto, certamente está bastante reduzido.

#### 4.5.2 O artigo amalgamado à preposição

Na seção 4.2 de meu trabalho chamei a atenção para a adoção da notação “*bei(m)*” para o elemento imperfectivizador na construção em discussão. Chego ao ponto em que vou me ocupar com esse *-m* amalgamado ao *bei*, tentando levantar hipóteses sobre a sua função aí nos contextos progressivos intransitivos ou com objetos incorporados. Na seção precedente, o leitor deve ter percebido que o *-m* (classificado originalmente como um artigo neutro dativo)

---

<sup>171</sup> Nesse sentido também vai a argumentação de Von Stechow (2004:177): “(...)the origins of functional items do not lie in any old lexical concepts. The source items are usually found in fairly restricted semantic fields.”

desapareceu das considerações sobre a preposição. Aqui, porém, preciso retomá-lo, uma vez que em Pomerode ele parece exercer alguma função dentro da perífrase.

Novamente começo com o que a literatura pesquisada diz a respeito do artigo cliticizado à preposição *an* em suas diversas manifestações dialetais da forma progressiva. As referências nesse sentido são, no entanto, muito esparsas. Entre as variantes morfológicas do elemento preposicional registro: *an + dem* (= *am*) no alemão padrão coloquial e no dialeto *Rheinisch*, *an' t* com o enclítico 't no *Niederdeutsch*, somente *an* no dialeto bávaro e em algumas manifestações no dialeto transcontinental *Pennsylvaniadeutsch*, ou até a repetição da preposição (*am + V + am + V*<sup>172</sup>) no dialeto *Rheinisch* e, em configuração semelhante, (*am + V + an*) no *Westfälisch*.<sup>173</sup> Na literatura pesquisada, no entanto, nenhuma consideração é feita sobre o artigo na forma com *beim*, ou possíveis variantes desse.

Lembrando dos critérios indicadores de ocorrência de processos de gramaticalização, que foram desenvolvidos no Capítulo 3, mais especificamente na seção 3.6, retomo aqui a questão da cliticização de elementos como sendo um indício de estarmos diante de um processo dessa ordem (especificamente o ponto f. no crescente proposto por Heine e Reh(1984), reproduzido lá). Por “clítico” se entende aqui um conjunto de formas não acentuadas que tendem a se achar “atachadas” a uma forma mais fortemente acentuada (conhecida como hospedeira) (Hopper e Traugott (1993:132)). Na forma progressiva, esse seria o caso do artigo cliticizado ao *am* (= *an + dem*) ou ao *beim* (= *bei + dem*), de acordo com os autores que tratam do desenvolvimento dos progressivos nas línguas germânicas dentro de uma teoria de gramaticalização.

Outrossim, entra nessa discussão também o critério da “unidirecionalidade”, assim definido por Hopper e Traugott (1993:94):

“The lexical items that become grammaticalized must first serve commonly needed discourse functions. They then become syntactically fixed (they become constructions), and may eventually amalgamate morphologically, say, as stem and affix. The basic assumption is that there is a relationship between two stages A and B, such that A occurs before B, but not vice-versa. This is what is meant by unidirectionality.”

Algumas observações, porém, mostram que a cliticização do artigo à preposição na forma progressiva não deveria ser assumida como fator determinante para estabelecimento de estágios de gramaticalização, uma vez que esse argumento leva a contradições. Se por um

---

<sup>172</sup> ex.: *Et Marie is am möd am wäde* – a Maria é a cansado a ficar/ Maria está ficando cansada

<sup>173</sup> Retirado de Van Pottelberge (2004), Bhatt&Schmidt (1993) e Krause (2001).

lado se advoga que elementos cliticizados são indícios de estágios mais avançados de gramaticalização de uma forma gramatical (e pelo critério da unidirecionalidade eles não poderiam mais ser “des-cliticizados”), por outro lado se afirma que é a expansão da forma para além de contextos intransitivos (ou “intransitivizados” via incorporação) que revelaria estágios mais avançados da estrutura no *continuum*. O primeiro impasse, permanecendo por ora nas línguas que já tiveram suas formas progressivas descritas, já se revelaria no holandês: lá *aan het* não apresenta a mesma conexidade que o *am* no alemão, inclusive, foi o que levou Krause (2001:171) a situar o progressivo nessa língua em um estágio mais atrasado em relação ao progressivo no alemão<sup>174</sup>. Mas exatamente no holandês são observadas ampliações de usos da forma para os mais diversos contextos transitivos onde antes ela não era autorizada, também não apresentando algumas das restrições que foram levantadas para o alemão padrão (ver desenvolvimentos mais detalhados nesse sentido em Van Pottelberge (2004)), além de já ser obrigatória no esquema incidental (inclusive, conforme reportado por Ebert (2000:629), *a simple form would be infelicitous*), o que a situaria em um estágio mais adiantado no *continuum*. O segundo impasse é o que foi observado em Pomerode: o *-m* em *beim* se “descliticiza” sistematicamente quando o contexto é transitivo (e o argumento interno é um DP), mas não em contextos intransitivos ou com objeto incorporado ao núcleo verbal (NP+V), conforme mostro em seguida através de alguns exemplos de meu corpus. Lembrando ainda que no alemão não podemos ter combinação de determinantes (*a sua mãe* →\* *die deine Mutter*), e o meu informante não realiza mais o fonema *-m* ao inserir o objeto-DP entre o *bei* e o infinitivo, deduzo que ele interprete esse morfema de alguma forma, pois o D de objeto e *-m* se apresentam, por assim dizer, em “distribuição complementar”. Em Pomerode, portanto, a forma deveria ser assumida como “menos gramaticalizada”, pois não apresentaria indícios de fusão (permanente) entre os constituintes da forma, mas, ao mesmo tempo, “mais gramaticalizada”, por autorizar a inclusão de toda sorte de objetos ao núcleo verbal (NPs–incorporados ou DPs), conforme pode ser conferido no próximo capítulo.

O leitor pode acompanhar esse desenvolvimento exposto acima em prosa no exemplo a seguir:

–com verbo intransitivo:  
*sein*(finito) + *beim* + V(infinitivo)

<sup>174</sup> Krause (2001), diferentemente de Van Pottelberge (2004), não leva em consideração que *aan het*, mesmo não sendo cliticizado, já se constitui em uma expressão fixa, idiomatizada em certo sentido.

4.5.4 /Alguém me convida para passear e eu digo:/

Eu não posso agora, eu 'tou trabalhando.

**ich kann nun nich', ich bin beim arbeiten** (C.)

eu posso agora não, eu sou a+DEF trabalhar-INF

'Eu não posso agora, eu estou trabalhando.'

–com verbo transitivo temos duas possibilidades:

a. *sein*(finito) + *bei* + DP(objeto) + V(infinitivo)

b. *sein*(finito) + *beim* + NP(Inc)-V(infinitivo)

4.5.25 /Você está lá vendo alguém que está faxinando e diz:/

Ela não pode vir agora, ela está limpando escadas (Input: plural nu)

a. *die kann jetzt nich' kommen, die is' bei die leiter reinemachen* [pausa longa]

essa pode agora não vir, essa é a-Part. a escada-SING limpo-fazer-INF [pausa longa]

*oder, bei die treppe<sup>175</sup> reinemachen* (I.)

ou a-Part. a-DEF escadaria-SING limpo-fazer-INF

'Ela está limpando a escada, ou limpando a escadaria'

/intervenção minha: e se forem mais escadas?/

b. *die kann jetzt nich' kommen, die is' beim treppenreinemachen* (I.)

essa pode agora não vir, essa é a+DEF escadas-PLU-limpar-INF

'Ela não pode vir agora, ela está limpando escadas'

c. *der kann jetzt nich' kommen, der is' jetzt bei die treppen reinemachen* (C.)

esse pode agora não vir, esse é agora a-Part as-PLU escadas-PLU limpo-fazer-INF

'Ele não pode agora, agora ele está limpando as escadas'

O que acontece no holandês e no alemão de Pomerode viola as generalizações acima em certo sentido. Também o já conhecido “efeito Tostines” parece estar em jogo aí: os progressivos nessas línguas autorizam mais complementos, pois são mais freqüentes, ou são mais freqüentes por autorizarem mais complementos?

Também a “conexidade sintática”, ou seja, o fato de as formas progressivas preposicionadas “não autorizarem” inclusão de elementos (para além daqueles que são passíveis de incorporação) entre o núcleo prepositivo e o verbo no infinitivo é tido como indício de estágio mais avançado de gramaticalização. Para o dialeto *Rheinisch* (o mais gramaticalizado), inclusive, diz-se haver uma “preferência” para processamento de objetos

<sup>175</sup> Para *escada* temos dois lexemas em alemão: *die Treppe* = a escadaria, *die Leiter* = a escada (móvel).

fora do complexo *am* + *V\_en* (até mesmo dos objetos que “antes” eram incorporados) (Glück,2001:88). Em Krause (2001) a “conexidade sintática” maior da forma com *am* é equiparada, principalmente, com a variante com *dabei*, que é, como já disse, uma forma bisentencial em que os constituintes individuais não apresentam essa unidade que o autor considera determinante na atribuição de estágios de gramaticalização. Igualmente os baixos índices de aceitabilidade dessa disposição sintagmática (do objeto inserido entre a partícula *am* e o infinitivo) no levantamento de Reimann (1998) são remetidos a formas não estáveis e, portanto, pouco gramaticalizadas<sup>176</sup>. Novamente para Pomerode a localização da perífrase no *continuum* se mostraria problemática: ela estaria “mais avançada”, pois sua utilização compreende contextos que não eram autorizados quando do surgimento da forma (mantendo que a forma alemã e a forma pomerodense tenham uma gênese comum, a partir da qual cada qual seguiu seu caminho independente), mas estaria “menos avançada”, já que viola o critério da conexidade sintática, por autorizar “elementos” entre o *bei* e o infinitivo.

Com tudo o que acaba de ser colocado, eu estaria em um ponto de ter de refutar a própria teoria da gramaticalização, mas sinto-me mais confortável em apenas propor reconsiderações em certas passagens da argumentação de Krause (2001) e dos autores citados acima que estabelecem parâmetros de gramaticalização das formas progressivas nas línguas germânicas, tendo por base o amálgama do *an* + *dem*, e, conseqüentemente, situando também nesse amálgama o critério da unidirecionalidade. Graficamente, o que defendem os autores está baseado na escala de gramaticalização de Lehmann (1995), cuja adaptação, feita por Diewald (1997), eu reproduzo a seguir:

<u>Plano</u> :	discurso	→	sintaxe	→	morfologia	→	morfo-fonologia
<u>Forma</u> :	combinação livre <sup>177</sup>	→	sintagma	→	cliticização	→	afixo → marcação fonológica → zero
<u>Conteúdo</u> :	significado lexical	→	significado gramatical				

Retirado de Diewald (1997:18) (Tradução minha, I.E.)

<sup>176</sup> Os exemplos de Reimann (1998) colocados para teste de aceitabilidade nesse sentido foram: (16.) *Ich bin am das Frühstückmachen* (eu sou a+DEF o-DEF lanche-fazer) e (18.) *Nein, ich bin noch am sie schälen* (eu sou ainda a+DEF elas descascar). Os graus de aceitabilidade para os dois exemplos caíram na faixa entre 0% e 19% e foram, portanto, considerados “primordialmente não-aceitáveis” dentro do critério estabelecido pela autora. Contribuíram para essa avaliação por parte dos informantes certamente também alguns detalhes de ordem ortográfica (dois determinantes seriados, seguidos das escritura do objeto junto com o infinitivo, indicando incorporação, no exemplo 16; e a serialização de determinante e pronome em 18., por exemplo), que em um teste oral seriam mais difíceis de serem marcados assim, caso fosse essa a interpretação pretendida por Reimann.

<sup>177</sup> O termo usado pela autora é este mesmo, e foi tomado da obra pioneira de Lehmann.

Até esse ponto não foram feitas observações a respeito do papel semântico desse artigo na construção. Existe, evidentemente, uma influência mútua entre os marcadores aspectuais no verbo e marcadores quantificacionais no objeto<sup>178</sup>, conforme já comentado aqui na revisão de Leiss (2000), mas que nesse caso se mostra especialmente complexa.

Se assumimos o infinitivo na construção progressiva com *beim* como verbal, o artigo amalgamado ao *bei* perde a sua função de indicar conversão de classe de palavra, o que poderia ser justificado, se ele não fosse nem mais interpretado, conseqüentemente a partícula indicadora de progressividade seria o *beim*. Mas no caso de Pomerode, nas estruturas progressivas com verbos transitivos, quando o objeto é acompanhado de um artigo ou qualquer outro marcador quantificacional, a marca *-m* no *beim* não é mais pronunciada, o que parece indicar que há ainda interpretação do mesmo. Os objetos, nesse caso, mesmo assim parecem estar de alguma forma amalgamados à ação em si, constituindo uma parte inseparável da mesma, tanto que, conforme mostro no próximo capítulo, o informante ora os incorpora, ora não, independente do input apresentado ser quantificado ou não. Estudos adicionais seriam necessários para explicar essa sutil relação.<sup>179</sup>

#### 4.6 “Fechando” a perífrase

Faço o resgate dos pontos mais relevantes que foram abordados ao longo desse capítulo, no sentido de ter preparado uma base que servirá como pano de fundo para o capítulo de análise de dados a seguir.

Primeiramente mostrei que a proposta de Engelberg (2003) em tratar o progressivo com *beim* como um PP, situando-o no mesmo parâmetro de análise dos *object internal*-PPs e dos *object external*-PPs, não pode ser sustentada perante dados como os de Pomerode. Para tanto juntei elementos para refutar que estaríamos diante de um PP na estrutura progressiva pomerodense (no atual estágio de gramaticalização da forma), situando-a como uma estrutura perifrástica. Para tanto fiz o levantamento do estatuto do infinitivo (se verbal ou nominal), do verbo finito *sein* (se auxiliar ou cópula) e da própria partícula *beim*. Concluí que o infinitivo

---

<sup>178</sup> E também no sujeito, evidentemente, mas que aqui nem foram levadas em consideração.

<sup>179</sup> A literatura sobre aspecto em línguas como o búlgaro se constituiria em uma base para início desse tipo de estudo, uma vez que essa língua apresenta também um jogo sutil de marcações aspectuais no verbo em relação ao nome (quantificado ou não) associado ao mesmo, o que não ocorre nas outras línguas eslavas. Kabakčiev (1989) e Slabakova (2001) são citados aqui apenas como sugestão. No Capítulo 6 faço também alguns encaminhamentos adicionais nesse sentido.



na forma progressiva pomerodense apresenta características essencialmente verbais, principalmente se levarmos em conta que a inclusão de objetos (em forma de um DP referencial) se dá de maneira sistemática (portanto, muito além das limitações impostas para a incorporação), mostrando também que em Pomerode não se poderia esperar que esses objetos pudessem ser “processados” via atribuição genitiva. O verbo *sein* pôde ser classificado como auxiliar, permanecendo em aberto o estatuto do mesmo em casos de combinação do progressivo preposicionado com um predicativo locativo, uma discussão que será retomada no Capítulo 5 diante dos dados diversificados coletados nesse sentido (veja seção 5.6.2). Finalmente, dediquei-me à partícula *bei(m)* com duplo propósito: para mostrar que não existe uma diferença semântica dessa em relação à partícula *am* que pudesse ser responsabilizada pela promoção da gramaticalização da forma com *am* em detrimento da forma com *beim*, e para encaminhar discussões no sentido de situar o *bei* + *-en* como partícula gramatical responsável por conferir progressividade à estrutura. Indiquei ainda que o morfema *-m* cliticizado ao *bei* aparentemente ainda é interpretado em Pomerode, mesmo que mais nenhuma marca dativa seja feita entre os falantes da localidade, o que mereceria um estudo mais apurado, já que dois processos simultâneos de gramaticalização parecem estar em jogo aí<sup>180</sup>.

O capítulo a seguir tem por objetivo elencar todas as possibilidades de utilização da forma progressiva testadas, a combinação da mesma com diversas categorias gramaticais (tempo, modo, voz etc), as diferentes bases verbais em que ela pode ser utilizada, bem como levantar as restrições a que está sujeita.

---

<sup>180</sup> Bayer (1993), no texto onde estabelece as propriedades sintáticas do *zum* (*zu* + *dem*) no dialeto bávaro em relação ao *zu*-infinitivo no alemão padrão, discute sobre o desaparecimento da morfologia dativa nesse dialeto (no MHD o *ze* atribuía caso dativo ao gerúndio: ... *ze heilenn-e ir wunden* (to heal-(DAT) her wounds)). Defende que existe uma clara conservação do mesmo no determinante cliticizado. Como no dialeto bávaro inclusive os massivos, muitos nomes abstratos e nomes próprios também demandam um artigo, Bayer vê aqui a justificativa da presença do determinante (definido) antes do gerúndio, e essa presença deve ter contribuído para a não mudança do *zum* para o *zu*, conseqüentemente uma mudança da preposição *zu* em direção a um núcleo funcional, tal como ocorreu nas construções infinitivas do alemão padrão. Talvez pudesse ser traçado um paralelo com as construções progressivas pomerodenses nesse sentido, mas eu não me aventurei nessa empreitada. Por outro lado, na estrutura holandesa, de acordo com Glück (2001:90), o *het* (em *aan het*) não é marcado com caso, o que ele vê como um complicador na correspondência direta que se quer fazer com a estrutura com *am* no alemão. Não encontrei na literatura pesquisada outras referências no sentido de levantar razões para essa diferença.

## CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DOS DADOS

### 5.1 Introdução

Dos desenvolvimentos empreendidos até aqui, em que foram discutidos os fundamentos semânticos e sintáticos para formação de progressivos em geral e no alemão em particular, retomo alguns pontos que constituirão a base para o presente capítulo de análise de dados:

- o alemão de Pomerode dispõe de uma construção verbal constituindo-se em uma perífrase com a qual os falantes da localidade explicitam que uma ação verbal está em curso em relação a um determinado ponto no tempo, portanto, a partir da perspectiva interna, caracterizando-se como uma categoria aspectual. Retomando os pontos teóricos que desenvolvi no Capítulo 3, essa utilização prototípica, chamada tradicionalmente de incidental, ou *Focalized progressive construction* (em termos de Bertinetto, Ebert e De Groot (2000:527)), duas outras considerações são essenciais: a indeterminação quanto ao fechamento da ação ou do acontecimento denotado pelo verbo e a condição da semelfactividade. Porém, com essa mesma construção também no alemão de Pomerode é possível referir-se a eventos que podem ser focalizados em qualquer momento de seu transcurso, utilização essa que é denominada *Durative progressive construction* (na classificação dos autores acima). Com a inclusão de advérbios durativos fica excluída a interpretação focalizada nesses casos, já que o evento precisa ser concebido como se estendendo sobre um intervalo de tempo, ao invés de um instante particular (cf. Bertinetto (2000:565)). Esse tipo, embora na prática nem sempre seja tão simples diferenciá-lo da utilização prototípica, uma vez que também existe a indeterminação quanto ao fechamento da ação ou do acontecimento, distingue-se da leitura habitual por apresentar-se como um quadro situacional único, ou, em termos de Krause (2001:42), *die Einmaligkeit des Situationsrahmens* (a semelfactividade da moldura situacional);
- a forma *absentive*, que Bertinetto vê como uma terceira variante do progressivo (também assumido assim por Krause (2001) para o alemão da Alemanha), não foi atestada em Pomerode através da metodologia de coleta proposta para o presente trabalho, exceto para um caso dúbio que ainda será discutido aqui (ver seção 5.7.4). Igualmente a construção com *dabei* + INF com *zu*, que constitui um subtipo de marcação de progressividade nas línguas

germânicas, não foi atestada via os questionários aplicados em Pomerode, embora, por minha experiência lingüística no local, não seja possível descartá-la em termos de aceitabilidade por parte dos falantes de alemão em Pomerode, e certamente apreensível por outro tipo de estratégia.

Por ser uma forma ainda não totalmente gramaticalizada, o que pode ser deduzido a partir de sua não-obrigatoriedade e conseqüente possibilidade de marcação por outros recursos morfo-sintáticos (inclusive com a opção de não se fazer marcação alguma, e é por isso que essas soluções são listadas juntamente com o respectivo exemplo aqui também), esse capítulo se propõe a apresentar os resultados dos testes aplicados em Pomerode para verificação das possibilidades de utilização da perífrase PROG-*bei(m)* e a elencar as variações que se apresentaram na mesma em função de determinados ambientes sintáticos, bem como a discorrer sobre as restrições observadas.

Dados contrastivos com outras línguas e dialetos germânicos são lançados nas passagens em que se fizer necessária a confirmação de similaridades formais e funcionais em se tratando do progressivo, e também para mostrar diferenças sincrônicas que se verificam na forma pomerodense em relação às formas alemãs. As análises já feitas para o alemão também são importantes, uma vez que, até onde verifiquei, não existem descrições do progressivo no alemão de Pomerode (conseqüentemente nunca foram empreendidas comparações desse com o alemão e seus dialetos) em que eu pudesse me basear para discutir o fenômeno em questão.

O capítulo se propõe, portanto, a contemplar os mais variados contextos de uso de marcadores progressivos, alguns, evidentemente, “mais típicos” que outros. Algumas classificações também se interpenetram (modo e tempo, por exemplo), mas são apresentadas individualmente. Assim, em um primeiro momento elenco esses contextos que sofrem menos restrições, ou seja, os progressivos na forma absoluta (com verbos intransitivos ou usados intransitivamente), portanto, uma estrutura argumental preenchida apenas pelo argumento externo. Em seguida verifico como em Pomerode são rendidos os verbos transitivos e preposicionados a partir de um input transitivo e preposicionado na forma progressiva e também a questão complexa da incorporação. Dedico uma seção a comentários sobre a referência temporal e sobre como meus informantes situaram qualquer localização de evento com respeito ao tempo de fala, verificando também como foram administrados os advérbios de duração na forma progressiva. Depois elenco a combinação do progressivo com diferentes bases verbais, referindo também as restrições observadas em relação aos tipos de verbos e respectivos argumentos. Por último faço um apanhado de outras construções utilizadas em

Pomerode para além da forma com *bei(m)*. Também comento a marcação de progressividade por meio de advérbios e, inclusive, a redundância na marcação aspectual progressiva.

## 5.2 Teste de uso de marcadores progressivos

No questionário tipológico PROGQ (do Grupo-6 do EUROTYP) as perguntas iniciais colocadas para tradução (duas delas reproduzidas a seguir) tinham como objetivo, conforme já comentei aqui, levantar se uma determinada língua dispunha de uma forma especial para marcar progressividade e se essa forma poderia ser usada em outros casos específicos.

(PROGQ: S01)

/Somebody on the phone wants to know about Ann; the answer is: - Ann is near me.../

She WORK [right now]

(PROGQ: S02)

A: What does Ann do every Saturday morning?

B: She CLEAN THE HOUSE / READ

De acordo com Bertinetto, Ebert e De Groot (2000:517) a diferença entre S01 e S02 é que em S01 o evento é visto como estando em progressão em um determinado momento relevante (aqui, o momento da fala), ao passo que em S02 nenhum momento particular é focalizado e a sentença indica uma situação habitual. Assim, para dizer que uma determinada língua tem uma forma específica para PROG, deveria ser possível:

- (i) para cada uma das sentenças acima existir uma forma diferente, ou
- (ii) existir pelo menos para a primeira sentença uma forma alternativa que não existiria para a segunda.

Para o alemão de Pomerode, tenho as seguintes traduções para as duas sentenças acima, repetidas aqui do modo como foram apresentadas aos informantes<sup>181</sup>.

(PROGQ: S01 adaptado)

/Alguém está no telefone e quer saber da Ana; a resposta é: A Ana está aqui do meu lado .../

... Ela está trabalhando [nesse momento]<sup>182</sup>

5.2.1 a. *sie is' beim arbeiten* (G.)

ela é-AUX a+DEF trabalhar-INF<sup>183</sup>

<sup>181</sup> Relembro mais uma vez que, por ser um teste oral e apresentado a informantes que não dominam a leitura e a escrita em alemão, os verbos, diferentemente do teste apresentado dentro do projeto EUROTYP, aparecem na forma finita (*estar* finito + *ndo*, sempre que for o caso).

<sup>182</sup> A inclusão da frase adverbial locativa (“aqui do meu lado”) foi proposital no sentido de evitar a interpretação *absentive* por parte do informante. Para essa forma foi aplicado um teste específico, uma adaptação das perguntas do questionário PROGQ: S44-S47 (ver aqui, seção 5.7.4).

‘Ela está trabalhando.’  
 b. *ana is’ bei mich un’ is beim arbeiten* (I.)  
 ana é-COP junto-a me-ACU e é-AUX a+DEF trabalhar-INF

‘Ela está trabalhando aqui ao meu lado.’

/Repito o mesmo input em outro momento da entrevista par o informante (I.)/

c. *er is’ gerade beim arbeiten diesen moment, diese zeit* (I.)  
 ele é-AUX justamente a+DEF trabalhar-INF nesse momento, nesse tempo

‘Ele está trabalhando nesse momento, nessa hora.’

d. *die arbeitet un’ kann jetzt nich’* (H.)  
 essa trabalha-PRÄS e pode agora não

‘Ela está trabalhando.’

/e para H. perguntei como ficava a estrutura em *Platt*, e ele respondeu na primeira pessoa:/

e. *ick bin bim arbeit’n*<sup>184</sup> (H.)  
 eu sou-AUX a+DEF trabalhar-INF

‘Eu estou trabalhando’

f. *sie arbeitet gerade* (W.) (falante nativo)  
 ela trabalha-PRÄS justamente

‘Ela está trabalhando.’

g. *die arbeitet diesen moment* (M.)  
 essa trabalha-PRÄS nesse momento

‘Ela está trabalhando.’

(PROGQ: S02)

A: O que a Ana faz todo sábado de manhã?

B: Ela está limpando a casa/está lendo

5.2.2 *die macht das haus sauber / die liest* (G.)<sup>185</sup>  
 essa faz-PRÄS a casa limpo-Part / essa lê-PRÄS

‘Ela limpa a casa. / Ela lê.’

Como pode ser observado, para sentenças do tipo PROGQ:S01 também foram registradas marcações de leituras aspectuais por meio de advérbios (5.2.1)f.,g., ou mesmo nenhuma marcação especial é feita (5.2.1)d., o que parece demonstrar (com esse exemplo na forma absoluta) que a forma com *bei(m)* ainda não está totalmente gramaticalizada, uma vez

<sup>183</sup> Para facilitar a leitura, as glossas, em sua maioria, são feitas palavra-por-palavra ao invés de glossas morfêmicas. Essas, por sua vez, são feitas nos pontos onde são relevantes para o teste em questão. Os tempos verbais são marcados em forma absoluta, o que não significa correspondência na língua traduzida. Por exemplo: o *Perfekt* do alemão não corresponde ao Pretérito Perfeito composto do PB em todos os seus usos. Para explicação sobre os tempos verbais no alemão em relação ao PB, veja a gramática de Welker (1992).

<sup>184</sup> Eu (I.E.) não falo e nem tampouco entendo *Platt*; a transcrição de exemplos do *Platt* são não-fonéticas.

<sup>185</sup> Só para esse informante foi colocada exatamente essa questão do PROGQ. Mas veja seção 5.7.3 para os testes de habitualidade.

que também em Pomerode essa marcação não é obrigatória.<sup>186</sup> Porém, o estágio de gramaticalização também é dependente da abrangência de utilização da forma em ambientes sintáticos e semânticos ampliados, e, nesse sentido, o quadro que se apresenta em Pomerode (ver seções 5.4 e 5.5) é extremamente diversificado, o que indica um avanço no *continuum* da gramaticalização. O exemplo S01 é prototípico para a leitura focalizada de que falam Bertinetto, Ebert e De Groot (2000) (revisado aqui na seção 3.8 e ao longo da seção 3.7.2). Nesse caso acima, o ponto de focalização coincide (implicitamente) com o momento da fala.

Uma marcação habitual via perífrase com *bei(m)* não foi registrada para esse input particular em Pomerode (todavia, seria perfeitamente possível: *Sonnabends ist sie beim aufräumen / lesen*). Mas tenho exemplos dessa possibilidade via inclusão adverbial *immer* (sempre) (advérbio que, segundo Ebert (2000:628), invoca a “plurifocalização”), conforme já indicado entre os exemplos que encabeçaram a tese (encaminhados no início do Capítulo 4 aqui), ou ainda a possibilidade de interpretação habitual via contexto, e que serão discutidos mais adiante (seção 5.7.3). Por ora vou me concentrar nas expressões que estão relacionadas diretamente com o verbo ou com o sintagma verbal.

### 5.3 A construção verbal progressiva absoluta

No levantamento estatístico empreendido por Krause (2001) foram registrados índices significativos de construções progressivas sem complementos verbais (quer sejam eles em forma de objetos ou de grupos preposicionais), tanto para a forma com *am* – 132 em um total de 153 levantadas (=86,3%) – e igualmente para a forma com *beim* – 20 em um total de 25 (=80,0%) –, o que indica uma incidência muito maior de formas absolutas quando se trata do progressivo. Reproduzo a tabela resumo de complementações verbais que Krause levantou na Alemanha, nas variantes progressivas que ele assume para o alemão contemporâneo. Meus testes contemplaram também a maioria dessas categorias, no intuito de verificar se para a forma pomerodense com *beim* existiriam as limitações e a abrangência que foram registradas pelo autor no alemão da Alemanha.

---

<sup>186</sup> Agradeço a Ruth V. Lopes por me chamar a atenção para o fato de que também em línguas em que a forma progressiva está totalmente gramaticalizada, esses recursos adverbiais continuam existindo como possibilidade de marcação de progressividade.

Tabela: Complementos verbais nos progressivos do alemão da Alemanha<sup>187</sup>

Progressivo com *am*

	ACU	PREP	PRO	INC	SEN	FCT	<b>0</b> <sup>188</sup>	Σ
	2	2	4	7	5	1	<b>132</b>	153
%	(1,3)	(1,3)	(2,6)	(4,6)	(3,3)	(0,7)	(86,3)	

Progressivo com *beim*

	GEN	INC	<b>0</b>	Σ
	1	4	<b>20</b>	25
%	(4,0)	(16,0)	(80,0)	

Construção com *dabei*

	ACU	ACU + DAT	ACU + PREP	ACU + FCT	DAT + FCT	PREP	PREP + FCT	PRO	PRD	SEN	FCT	RFL	<b>0</b>	Σ
	89	3	11	1	1	15	1	3	2	2	6	10	<b>8</b>	152
%	(58,6)	(2,0)	(7,2)	(0,7)	(0,7)	(9,9)	(0,7)	(2,0)	(1,3)	(1,3)	(3,9)	(6,6)	(5,3)	

Construção *Absentiv*

	ACU	PRO	INC	FCT	<b>0</b>	Σ
	5	2	4	1	<b>30</b>	42
%	(11,9)	(4,8)	(9,5)	(2,4)	(71,4)	

Extraído de Krause (2001:120)(adaptação e destaque meus, I.E.)

Também em Van Pottelberge (2004) os comentários gerais vão no sentido de advogar uma preferência para utilização do progressivo com verbos intransitivos ou “usados intransitivamente” (termo introduzido pelo autor) para as seis línguas e dialetos germânicos por ele analisados, confirmando o que já dizia Andersson (1989:98): “*the nominalized infinitive is in the overwhelming majority of cases used without complements in the am-/im-/beim-periphrasis*”. Considerando ainda a questão da aceitabilidade de sentenças no progressivo com inclusão de objetos referenciais (portanto, não-incorporados), o trabalho de Reimann (1998:164) indicou baixos índices de aceitabilidade entre os seus mais de 500

<sup>187</sup> Para melhor visualização, reproduzo o significado das abreviações aqui (algumas também estão na listagem de abreviaturas): complementos verbais não-incorporados acusativos (ACU), dativos (DAT), pronominais (PRO) e preposicionais (PREP), incorporações de objeto (INC), atributos genitivos (GEN), predicativos (PRD), complementos sentenciais (SEN), construções verbo-nominais (FCT), pronomes reflexivos (RFL) e, finalmente, sentenças em que os verbos se apresentavam sem nenhum complemento (0), e também as totalizações numéricas (Σ).

<sup>188</sup> “0” significa aqui intransitivo.

informantes por toda a Alemanha nesse quesito<sup>189</sup>. Assumo que esses dados corroboram em certo sentido com o que levou outros autores a concluírem que a forma não seria usual com um objeto direto referencial ou com um objeto preposicionado<sup>190</sup> no alemão padrão, embora reconheçam existir essa possibilidade em algumas variedades regionais (ver Ebert (1996:44), Andersson (1989:99), entre outros já citados até aqui).

Assim, também em Pomerode era de se esperar que seriam as formas “absolutas” as “promotoras” da presente tese, conforme explicitado no início do trabalho. Deduzo que sejam também elas as mais recorrentes na localidade, embora não esteja no âmbito do presente trabalho o levantamento quantitativo dessas ocorrências; a razão principal para tal sendo o próprio design do teste.

A listagem a seguir, de sentenças progressivas (na forma “absoluta”) produzidas (muitas delas serão retomadas ao longo do capítulo por apresentarem outras características semânticas e sintáticas relevantes para análise do progressivo como expressão de aspecto imperfectivo), foi feita com o intuito de mostrar o grau de generalização que essa forma “absoluta” pode assumir no universo das formas progressivas atuais pomerodenses, bem como de reforçar as propriedades estruturais da mesma, conforme discutido no capítulo precedente:

(5.3.1) Eu acho que a Ana deve estar estudando agora /ela não está aqui/

*ah, a ana, die is' wohl jetzt beim lernen* (V.)

ah, a Ana, essa é-AUX provavelmente agora a+DEF estudar-INF

‘A Ana deve estar estudando.’

(5.3.2) /Um pássaro voou contra a janela e eu digo:/

Olha lá, o passarinho está morrendo, coitado!

*guck mal da, der vogel is' beim sterben* (V.)

olhe PartMod lá, o pássaro é-AUX a+DEF morrer-INF

‘Olhe lá, o pássaro está morrendo!’

(5.3.3) O Valmor corria, quando eu cheguei.<sup>191</sup>

a. *valmor war beim laufen, wo ich gekommen bin* (V.)

Valmor era-AUX a+DEF correr-INF, onde-VIC eu chegar-PART sou-AUX

<sup>189</sup> Pelos critérios adotados por Reimann (1998:129), índices de 0-19% indicariam que a forma seria “primordialmente não-aceitável”, e, entre 20-39%, ela seria “incompatível, a princípio”. No caso dos testes de aceitabilidade de inclusão de objetos nas formas progressivas, em suas mais diferentes configurações (pronominais, com ou sem artigo etc.), em nenhum caso foram computados índices acima dessa faixa.

<sup>190</sup> Krause (2001:119) sugere que ao invés de “objetos” se fale em “complementos” (*Ergänzungen*), um termo, para ele e para as gramáticas de valência, mais genérico que englobaria elementos “obrigatórios” ou não. Também adoto esse termo aqui, embora reconheça a fragilidade dessa adoção.

<sup>191</sup> Esse é um dos exemplos em que o input não foi apresentado na forma gerundiva.



‘Valmor estava correndo/corria, quando cheguei.’

b. (Platt)

**valmor wea bim loppem, wo ick komma bin** (L.)

Valmor era-AUX a+DEF correr-INF, onde-VIC eu chegar-PART sou-AUX

‘Valmor estava correndo/corria, quando cheguei.’

(5.3.4) /Alguém me convida para passear e eu digo:/'

Eu não posso agora, eu ‘tou trabalhando.

**ich kann nun nich’, ich bin beim arbeiten** (C.)

eu posso agora não, eu sou-AUX a+DEF trabalhar-INF

‘Eu não posso agora, eu estou trabalhando.’

(5.3.5) O João estava acordando, quando eu cheguei lá.

**der johann war beim aufstehen, wo ich da hingekommen bin** (C.)

o Johann era-AUX a+DEF Part.+levantar-INF, onde-VIC eu lá Part.+chegar-PART sou-AUX

‘O João estava acordando, quando cheguei lá.’

(5.3.6) Não estás vendo, a criança não pode falar agora, ela ‘tá mastigando.

a. **seht ihr das nich’, das kind kann jetzt nich’ sprechen, das is’ beim essen** (C.)

vêem-PRÄS vocês isso não, a criança pode-MOD agora não falar, essa é-AUX a+DEF comer-INF

‘Vocês não estão vendo que a criança não pode falar agora, ela está comendo.’

b. **seht ihr das nich’, die kann doch jetzt nich’ sprechen, sie is’ beim essen** (V.)

vêem-PRÄS vocês isso não, essa pode-MOD Part.MOD agora não falar, ela é-AUX a+DEF comer-INF

‘Vocês não vêem que a criança não pode falar agora, ela está comendo’

c. **siehst du nich’, die kann jetzt nich’ sprechen, weil die jetzt beim kauen is’** (I.)

vês-PRÄS tu não, essa pode-MOD agora não falar-INF, pois essa agora a+DEF mastigar-INF é-AUX

‘Tu não vêes que ela não pode falar agora, pois ela está mastigando.’

(5.3.7) /Vendo alguém entrando no carro, eu digo:/'

Ele está justamente indo embora.

**der is’ auf den moment jetzt beim abfahren** (C.)

esse é-AUX em o momento agora a+DEF Part.+dirigir/ir-INF

‘Ele está indo embora nesse momento.’

(5.3.8) /Alguém me pergunta do Valmor e eu digo:/'

Ele está descansando.

**er is’ beim ausruhen** (I.)

ele é-AUX a+DEF Part.+descansar-INF

‘Ele está descansando.’

(5.3.9) /Estamos observando um ninho de passarinhos e eu digo:/

Olha lá, os passarinhos estão nascendo.

***guck mal da die vögel, die sin' beim auskommen*** (I.)

olhe PartMod lá os pássaros, esses são-AUX a+DEF Part+vir-INF

‘Olha lá os pássaros, eles estão nascendo/saindo da casca.’

(5.3.10) /Como você diria essas duas sentenças em alemão?/

Os cachorros latem e Os cachorros estão latindo

***die hunde bläppern e die hunde sin' sehr beim bläppern, muss wohl*** (L.)

os cachorros latem-PRÄS e os cachorros são-AUX muito a+DEF latir-INF, deve certamente

‘Os cachorros latem e os cachorros estão latindo (deve ser).’

(5.3.11) /E como você diria esse par em alemão?/

A Maria fuma e A Maria ‘tá fumando.

***die maria raucht und die maria is' beim rauchen***<sup>192</sup> (I.)

a Maria fuma-PRÄS e a Maria é-AUX a+DEF fumar-INF

‘A Maria fuma e a Maria está fumando’

(5.3.12) /Olhando pela janela eu digo:/

As crianças estão correndo.

a. ***die kinder sin' beim laufen*** (L.)

as crianças são-AUX a+DEF correr-INF

‘As crianças estão correndo.’

b. ***die kinder laufen [pausa] sind beim laufen*** (I.)

as crianças correm-PRÄS [pausa] são-AUX a+DEF correr-INF

‘As crianças estão correndo.’

(5.3.13) /Eu pesco regularmente no nosso rio e digo:/

No Rio do Testo os peixes estão desaparecendo.

a. ***in unser'n fluss sin' die fische beim weggehen [pausa longa] oder beim verschwinden*** (L.)

em nosso rio são-AUX os peixes a+DEF Part+ir-INF, ou a+DEF desaparecer-INF

‘No nosso rio os peixes estão desaparecendo.’

b. ***in rio do testo in pomerode sin' die fische beim verschwinden*** (V.)

em Rio do Testo em Pomerode são-AUX os peixes a+DEF desaparecer-INF

‘No Rio do Testo em Pomerode os peixes estão desaparecendo.’

(5.3.14) /Telefone para um colega de trabalho e digo:/

Eu acordei tarde. Vai abrindo o posto pra mim que eu já ‘tou chegando.

***ich bin zu spät aufgestanden. mach auf, ich bin schon beim kommen*** (L.)

<sup>192</sup> Esse exemplo será retomado depois, em 5.7.3.2, com a avaliação do próprio informante sobre essa diferença.

eu sou-AUX demais tarde Part+levantado-PART, faz aberto, eu sou-AUX já a+DEF chegar-INF  
'Eu acordei tarde demais, abre aí que eu já estou chegando.'

(5.3.15) /Olho para o céu e digo:/'

O sol está quase brilhando.

a. *die sonne is' bald beim scheinen* (L.)

o sol é-AUX logo a+DEF brilhar-INF

'O sol está quase brilhando.'

b. *die sonne is' beinahe beim scheinen* [pausa] *ziemlich beim scheinen* (I.)

o sol é-AUX quase a+DEF brilhar-INF [pausa] bastante a+DEF brilhar

'O sol está quase brilhando.'

Sem entrar ainda no mérito da natureza semântica específica dos verbos principais nos exemplos listados acima, chamo a atenção para a questão estrutural subjacente que caracteriza a construção como forma perifrástica, *a full-fledged analytical form*, em termos de Andersson (1989:100), constituindo uma *Verbalklammer*, conforme discutido no Capítulo 4: o verbo *sein* (na posição II em oração principal) que carrega a marcação temporal, a parte verbal infinitiva (no final da sentença) que é responsável pela denotação da ação ou do acontecimento em transcurso, mais a partícula *beim* responsável por conferir progressividade à sentença. A próxima seção será dedicada a explorar toda sorte de complementações verbais que podem (potencialmente) ocorrer, ou seja, o propósito é levantar as expansões internas que a forma PROG pomerodense autoriza.

#### 5.4 A construção verbal progressiva com complementos

Mesmo que o levantamento de Krause (2001) tenha registrado índices proporcionais mais que significativos de construções progressivas que não apresentaram complementos, é interessante verificar que tipos de complementos caracterizaram a percentagem restante (13,7% de um total de 153 realizações com *am*, e 20,0% de um total de 25 realizações com *beim*) de seu quadro resumo apresentado na seção anterior, contrastando-o com o que foi observado em Pomerode, onde foram colocados exemplos similares para tradução, na medida em que se podia criar um input em português que contemplasse o tipo de verbo+complemento registrado na Alemanha (fazendo a adaptação lexical ao vocabulário dos informantes). Igualmente dos testes de aceitabilidade de Reimann (1998), em que foram incluídas toda sorte de categorias verbais e classes sintáticas para além da forma absoluta, foi possível extrair

exemplos para o teste de tradução em Pomerode abrangendo complementos verbais diversos. O questionário PROGQ do EUROTYP, como para outros pontos de que ainda tratarei aqui, conforme indicado no Capítulo 2, foi usado para comprovação de dados já levantados, ou para complementação de aspectos não previstos nos testes aplicados inicialmente. Muitas vezes, as questões propostas no questionário foram contempladas com outros quesitos que tinham relações outras com o fenômeno em questão. É por isso que, depois da especificação da pergunta, também lancei o tipo de teste a que a pergunta se destinava, o que nem sempre está em acordo com o tópico de que se está tratando.

#### 5.4.1 A incorporação

Complementos verbais incorporados (INC), conforme já comentado aqui, são considerados por muitos autores<sup>193</sup> a única possibilidade de “processamento” de objetos dentro das construções PROG no alemão (excetuando-se alguns dialetos em que os objetos são processados livremente na forma progressiva, pelo fato de o infinitivo nominalizado já ter se gramaticalizado como verbo e o *am* funcionar como elemento lexical aspectual projetado sintaticamente), e é também nessa forma que os índices de aceitabilidade se mostraram mais significativos<sup>194</sup> nos testes aplicados por Reimann (1998). Outra possibilidade seria via atribuição genitiva, mas como em Pomerode formas genitivas não são mais registradas (exceto para os casos já citados na seção 4.3), não vou retomar essa questão aqui.

Por restrições impostas pela própria língua, não foi possível criar um input verbal<sup>195</sup> já com objeto incorporado no progressivo em PB que pudesse ser colocado para tradução. A opção por formas progressivas que contemplassem atividades típicas em que meus informantes pudessem potencialmente estar envolvidos em seu dia-a-dia (encher pneus, cozinhar feijão, descascar batatas, arrumar gavetas, lavar roupa, limpar escadas etc.), além de uma aproximação maior com o vocabulário utilizado por eles, foi escolhida para esse teste baseado em um comentário de Ebert (2000:609). Embora a autora reconheça que seja uma caracterização bastante vaga, considera que a incorporação “é comum no alemão, no frísio e

---

<sup>193</sup> Entre eles, Dahl (2003), Glück (2001), Ebert (2000) etc.

<sup>194</sup> A aceitabilidade média de um objeto incorporado (sem artigo (evidentemente) e em uma situação atética) atingiu um índice de 91,9% entre os informantes de Reimann (1998).

<sup>195</sup> Colocar inputs nominais bastante marcados do tipo *'Eu estou no descascar de batatas'* que pudessem constituir o teste de incorporação não me pareceu apropriado em função do critério metodológico para o levantamento de dados adotado. Isso me levaria a ter de testar a forma “absoluta” também nominalizadamente: *“Eu estou no trabalhar”*, por exemplo.

também no holandês, se a combinação nome+verbo designar uma atividade “típica”<sup>196</sup>. Os meus testes para verificação de incorporação na tradução para o alemão de Pomerode se restringiram, portanto, a contextos transitivos que denotavam atividades corriqueiras de meus informantes. Conseqüentemente já foi imposta uma homogeneidade quanto à questão da agentividade que poderia influenciar também a interpretação aspectual. Lembrando ainda que nos inputs em português tentei usar somente formas transitivas gerundivas, portanto, um dispositivo morfo-sintático (por uma questão de uniformização, não optei pelo imperfeito simples aqui<sup>197</sup>), e que essas podem ser usadas tanto com plurais nus (*eu estou descascando batatas*), com singulares nus e/ou massivos (*eu estou descascando batata*), com definidos e indefinidos plurais (*eu estou descascando as/suas/umas/poucas batatas*), com definidos e indefinidos singulares (*eu estou descascando a/sua/uma/qualquer batata*) em que assumo que é a marca morfológica verbal *-ndo* do progressivo que invariavelmente vai determinar o valor aspectual qualitativo imperfectivo (ou “durativo” na terminologia de Verkuyl (1993)) da sentença, independente dos valores dos constituintes individuais (responsáveis pela leitura quantitativa), conforme explorado por Wachowicz (2003), que adapta, conforme já disse aqui, a teoria aspectual de Verkuyl (1993) para o progressivo no PB. Procurei verificar como essas sentenças com argumentos internos, nus ou não, singulares ou não, são traduzidas para o alemão pelo meu informante bilíngüe e se as aparentes “incorporações” estão sujeitas a uma regularidade que pudesse ser abstraída a partir do input diversificado em PB.

Voltando ao alemão, uma condição básica parece subsumir os critérios e as restrições, já desenvolvidos na seção 4.4, que dizem respeito à questão da incorporação de objetos ao núcleo verbal infinitivo: para haver incorporação o objeto precisa ser não-referencial, ou, conforme Ebert (1996:45), ao menos fracamente referencial, e assim possibilitar a “intransitivização” do predicado. Variações no input deveriam revelar então quais critérios seriam favorecidos na interpretação de “não-referencialidade” ou de “fraca-referencialidade” por parte do informante, levando-o a fazer ou não a incorporação.

Faço uma listagem dos inputs transitivos colocados para tradução, onde pelo menos um dos informantes deu como resposta uma forma que pode ser assumida como incorporada (os exemplos em que não houve incorporação dos objetos serão tratados nas seções seguintes). Paralelamente listo também as soluções não incorporadas apresentadas para o mesmo exemplo (que também serão retomados nas seções seguintes), ou para exemplo

---

<sup>196</sup> Nas sociedades germânicas “caçar borboletas” seria uma atividade típica, mas não “caçar elefantes”, por exemplo.

<sup>197</sup> Apenas em alguns exemplos o Imperfeito em PB foi usado (*-va, -ia*), mas que só foi percebido na transcrição da fita. Faço referência localizada a eles.

similar, uma vez que nem todos os informantes responderam exatamente às mesmas questões colocadas, por razões já explicitadas aqui:

– input com plurais nus (número indeterminado de indivíduos/cardinalidade indefinida)

(5.4.1) /Você está lá vendo alguém que está faxinando e diz:/

Ela não pode vir agora, ela está limpando escadas

a. *die kann jetzt nich' kommen, die is' bei die leiter reinemachen* [pausa longa] *oder, bei die treppe*<sup>198</sup> *reinemachen* (I.)

essa pode agora não vir, essa é-AUX a-Part<sup>199</sup> a escada-SING limpo-fazer-INF [pausa longa] ou a-Part. a-DEF escadaria-SING limpo-fazer-INF

‘Ela está limpando a escada, ou limpando a escadaria’

/intervenção minha: e se forem mais escadas?/

b. *die kann jetzt nich' kommen, die is' beim treppenreinemachen* (I.)

essa pode-MOD agora não vir-INF, essa é-AUX a+DEF escadas-PLU-limpar-INF

‘Ela não pode vir agora, ela está limpando escadas’

c. *der kann jetzt nich' kommen, der is' jetzt bei die treppen reinemachen* (C.)

esse pode-MOD agora não vir-INF, esse é-AUX agora a-Part as escadas-PLU limpo-fazer-INF

‘Ele não pode agora, agora ele está limpando as escadas’

d. *die kann jetzt nich' kommen, die is' eine treppe reinemachen, die is' beim treppereinemachen*<sup>200</sup> (V.)

essa pode agora não vir, essa é uma escada limpo-fazer, essa é-AUX a+DEF escada-SING-limpar-INF

‘Ela não pode agora, ela está limpando uma escada, ela está limpando escada’

/intervenção minha: ja, treppenreinemachen(PLU), ja, ganz gut?/

/ele diz:/

*ja, treppen, ja, escadaS!*

sim, escadas-PLU, sim, escadaS

e. *die kann jetzt nich' kommen, die is' bei die calçadas saubermachen* (G.)

essa pode-MOD agora não vir-INF, essa é-AUX a-Part as calçadas-PLU<sup>201</sup> limpo-fazer-INF

‘Ela não pode vir agora, ela está limpando as calçadas’

(5.4.2) Eu e minha mãe estávamos justamente descascando batatas, quando meu primo chegou.

a. *ich un' meine mama war'n beim kartoffelschälen, wo mein kousin gekommen is'* (V.)

eu e minha mãe éramos-AUX a+DEF batatas-PLU-descascar-INF, onde-VIC meu primo chegado-PART é

‘Eu e minha mãe estávamos descascando batatas, quando meu primo chegou’

b. *ich un' meine mama wir war'n gerade beim kartoffelschälen, is' mein kousin gekommen* (C.)

<sup>198</sup> Para *escada* temos dois lexemas em alemão: *die Treppe* = a escadaria, *die Leiter* = a escada (móvel).

<sup>199</sup> Uma vez que assumo que o *bei* aqui é uma partícula gramatical, não o qualifico mais como preposição (PREP), mas sim como partícula (Part).

<sup>200</sup> O informante claramente não pronunciou o *-n*, marca de plural em *Treppe(n)*

<sup>201</sup> O informante entendeu “calçadas” ao invés de “escadas”.

eu e minha mãe nós éramos-AUX justamente a+DEF batatas-PLU-descascar é meu primo chegado-PART  
‘Eu e minha mãe estávamos justamente descascando batatas, quando meu primo chegou’

c. *ich un’ meine mutter war’n beim kartoffeln(?)schälen, wo der kousin gekommen is’* (G.)

eu e minha mãe éramos-AUX a+DEF batatas(PLU?)-descascar-INF<sup>202</sup>, onde o primo chegado-PART é  
‘Eu e minha mãe estávamos descascando batatas, quando o primo chegou’

(5.4.3) /Alguém te pergunta: O que tu estás fazendo aí? Sua resposta é:/

Eu estou descascando batatas

a. *ich schäl’ kartoffeln* (C.)

eu descasco-PRÄS batatas-PLU

1. ‘Eu estou descascando batatas.’

2. ‘Eu descasco batatas.’

/peço para repetir incluindo a pergunta/

b. *ich bin beim kartoffelschälen* (C.)

eu sou-AUX a+DEF batatas-PLU-descascar-INF

‘Eu estou decascando batatas.’

(5.4.4) (PROGQ: S23, no teste de verbos de fase)

/Alguém está no telefone e quer saber da Maria, a resposta é: A Maria está perto de mim.../

... ela está começando a descascar batatas [agora mesmo]

a. *die is’ gerade beim kartoffelnabschälen in diesen moment* (I.)

essa é-AUX justamente a+DEF batatas-PLU-Part-descascar-INF em esse momento

‘Ela está justamente descascando batatas.’

/mais tarde repito a pergunta, para ver como faz com os verbos de fase/

b. *er fängt an un’ tut die kartoffeln abschälen* (I.)

ele começa Part. e faz-AUX as batatas-PLU Part.+descascar-INF

‘Ele está começando a descascar as batatas.’

c. *die maria sitzt neben mich un’ fängt an un’ schält die kartoffeln ab* (M.)

a maria senta-PRÄS lado me-ACU e começa Part e descasca-PRÄS as batatas Part

‘A Maria está ao meu lado começando a descascar as batatas.’

(5.4.5) /Alguém quer saber da Maria e eu digo:/

Nesse momento, a Maria está fritando bifés.

a. *diesen moment, maria is’ beim bifbraten* (I.)

nesse momento Maria é-AUX a+DEF bife-SING-fritar-INF

‘Nesse momento a Maria está fritando bife’

b. *in diesen moment tut die marie bif braten* (G.)

em esse momento faz-AUX a Maria bife fritar-INF

‘Nesse momento a Maria está fritando bife’

<sup>202</sup> O *n*, marca de plural, é muito pouco perceptível na gravação (não fiz uma análise acústica de laboratório).

c. *diesen moment tut maria fleisch braten* (L.)  
 nesse momento faz-AUX Maria carne-MASS fritar-INF  
 'Nesse momento a Maria está fritando carne.'

– input com massivos

(5.4.6) Ele estava lavando roupa, quando a luz faltou.

a. *er war beim zeuchwaschen, wenn [pausa longa] wo kein strom war* (I.)  
 ele era-AUX a+DEF roupa-MASS-lavar-INF, quando [pausa longa] onde-VIC nenhuma energia tinha  
 1. 'Ele estava lavando roupa, quando não teve energia.'

b. *ich war beim zeuchwaschen, wo ging das licht weg* (C.)  
 eu era-AUX a+DEF roupa-MASS-lavar-INF, onde-VIC foi-PRÄT a luz embora  
 'Eu estava lavando roupa, quando a luz foi embora'

c. *er hat wäsche gewaschen, wo der strom weg war* (G.)  
 ele tem-AUX roupa lavado-PART, onde-VIC a energia embora era  
 'Ele lavou roupa, durante a falta de energia.'

d. *ich hab' gewaschen, dann hat das licht gefehlt* (V.)  
 eu tenho-AUX lavado-PART, então tem-AUX a luz faltado-PART  
 1. 'Eu lavei (roupa) e aí a luz faltou.'  
 2. 'Eu estava lavando (roupa) e então faltou luz.'

(5.4.7) Quando o cachorro fugiu, a mãe estava cozinhando feijão.

a. *wo der hund ausgerrissen is', war die mutter beim bohnenkochen* (L.)  
 onde-VIC o cachorro fugido-PART era-AUX, era-AUX a mãe a+DEF feijões-PLU-cozinhar-INF  
 'Quando o cachorro fugiu, a mãe estava cozinhando feijão'

b. *wie der hund ausgerissen is', dann hat die mama bohnen gekocht* (V.)  
 como-VIC o cachorro fugido-PART é, então tem-AUX a mãe feijões cozinhado-PART  
 1. 'Quando o cachorro fugiu, a mãe cozinhou feijão.'  
 2. 'Quando o cachorro fugiu a mãe estava cozinhando feijão.'

- input com definidos e indefinidos singulares

(5.4.8) Ele estava escrevendo uma carta, quando o telefone tocou três vezes.

a. *er war beim briefschreiben, wo der telefon drei mal geklingelt hat* (V.)  
 ele era-AUX a+DEF carta-SING-escrever-INF, onde-VIC o telefone três vezes tocado-PART tem  
 'Ele estava escrevendo carta, quando o telefone tocou três vezes'

b. *er war beim briefschreiben, wo der telefon hat drei mal geklingelt* (C.)  
 ele era-AUX a+DEF carta-SING-escrever-INF, onde-VIC o telefone tem três vezes tocado-PART  
 'Ele estava escrevendo carta, quando o telefone tocou três vezes.'



- c. *ich war bei ein brief schreiben un' der telefon hat drei mal geklingelt* (I.)  
 eu era-AUX a-Part uma carta escrever-INF e o telefone tem três vezes tocado-PART  
 'Ele estava escrevendo uma carta e o telefone tocou três vezes.'

(5.4.9) /Alguém me chama e eu digo: Eu não posso agora, /  
 eu estou fazendo/ ou preparando o lanche.

- a. *ich bin beim frühstückessen* (I.)

eu sou-AUX a+DEF lanche-MASS-comer-INF

'Eu estou comendo lanche'

/intervenção minha: eu disse "preparando o lanche"/

- b. *ah, ich bin beim frühstückmachen* (I.)

ah, eu sou-AUX a+DEF lanche-MASS-fazer-INF

'Eu estou fazendo lanche'

- c. *ich bin jetzt beim frühstücksmachen*<sup>203</sup> (V.)

eu sou-AUX agora a+DEF lanches-PLU(?) -fazer-INF

'Eu estou fazendo lanches agora.'

- d. *ich bin beim frühstückfertigmachen* (C.)

eu sou-AUX a+DEF lanche-SING-pronto-fazer-INF

'Eu estou preparando o lanche.'

Esse exemplo (5.4.9) é particularmente interessante para mostrar a questão da incorporação: *das Frühstück* é um nome neutro (também para os pomerodenses<sup>204</sup>), como em *Das Frühstück ist fertig* (O lanche está pronto.). As nominalizações de verbos também recebem gênero neutro, conforme já comentado aqui, o que justificaria o *-m* amalgamado ao *bei*, caso estivéssemos diante de um PP. Se assumíssemos que o informante (I.) não tivesse feito a incorporação em (5.4.9)a. e b., ele, levando em conta o que acontece regularmente em Pomerode, deveria ter apresentado como solução: a' *ich bin bei das frühstück essen* (eu sou a-Part o-ACU/NEUT lanche comer-INF) e, para b. *ich bin bei das frühstück machen* (eu sou a-Part o-ACU/NEUT lanche fazer-INF), considerando que o que está aí é um objeto direto quantificado (DP), que ele precisa marcar com caso acusativo. Como ele não fez a inclusão do determinante *das* (ACU NEU), parece-me evidente que houve incorporação. O mesmo raciocínio pode ser feito para os exemplos do informante (V.) em (5.4.9)c., e informante (C.) em (5.4.9)d. Assumo, pois, que houve incorporação de objeto e extrapolo as considerações para os demais contextos

<sup>203</sup> Nesse exemplo o *s* parece ser uma marca de plural. Em Pomerode eu registrei: *Ich habe heute zwei Frühstücks gegessen* / Hoje eu comi dois lanches/dois sanduíches/. Em Pomerode também não se usa *frühstück* como verbo.

<sup>204</sup> Mas observa-se muita troca de gênero no alemão de Pomerode, cujas razões mereceriam ser levantadas (ex.: *der Auto* ao invés de *das Auto*, *der Telefon* ao invés de *das Telefon*, *der Dach* ao invés de *das Dach* etc.).

(masculinos, femininos e plurais), conforme pode ser constatado pela notação adotada nos outros exemplos desta seção 5.4.1, em que os informantes não incluíram um quantificador (com marcação acusativa) no argumento interno do verbo.

– input com definidos plurais

(5.4.10) Quando eu cheguei o Valmor estava enchendo os pneus do carro.

a. *wo ich gekommen bin, war valmor beim pneuvollmachen* (L.)

onde-VIC eu chegado-PART sou-AUX, era-AUX Valmor a+DEF pneus-PLU(PB)-cheio-fazer-INF

‘Quando eu cheguei, o Valmor estava enchendo pneus’

b. *wo ich beim posto kam, dann war der valmor bei die pneus vollmachen* (V.)

onde-VIC eu no posto(PB) vinha, então era-AUX o Valmor a-Part os pneus-PLU cheio-fazer-INF

‘Quando eu cheguei no posto o Valmor estava enchendo os pneus.’

(5.4.11) (PROGQ: S79, na testagem de verbos modais)

/Alguém pergunta do João e eu digo:/

O João deve estar alimentando os porcos, [eu acho!]

a. *joão is’ wohl bestimmt beim schweinefüttern* (I.)

João é-AUX Part.Mod certamente a+DEF porcos-PLU-alimentar

‘O João certamente está alimentando os porcos.’

b. *joão is’ bestimmt bei die schweine füttern* (V.)

João é-AUX certamente a-Part os porcos alimentar-INF

‘João certamente está alimentando os porcos.’

c. *der joão, glaub’ ich, füttert die schweine* (H.)

o joão, acredito eu, alimenta-PRÁS os porcos

1. ‘Eu acredito que o João alimenta os porcos.’

2. ‘Eu acredito que o João está alimentando os porcos.’

O leitor pode observar que nos exemplos citados na seção 5.4.1 acima, por intermédio das informações contextuais (colocadas entre barras), eu tentei delimitar as interpretações ambíguas que as estruturas das sentenças poderiam ter disparado se tomadas isoladamente. Afastada a questão da ambigüidade (com algumas exceções!), pode-se ver que parece não existir uma regularidade nas soluções de tradução para inputs com objetos plurais nus. O mesmo exemplo é rendido como incorporado (5.4.1)b., como definido plural (5.4.1)a., c., e. e até como indefinido singular (5.4.1)d.. No exemplo (5.4.2) observa-se somente a incorporação, e sempre no plural, mesmo que em c. interferências acústicas tenham deixado dúvidas sobre a inclusão de marca de plural. No exemplo (5.4.3), o informante apresentou a

solução primeiramente na forma simples. Quando solicitado a traduzir para o alemão também a pergunta feita, refez a resposta na forma progressiva, incorporando o nome ao verbo, uma vez que a inclusão adverbial *ai* do input prevenia de uma leitura não focalizada, e assim o informante deve ter percebido que a primeira solução dada era ambígua entre uma leitura focalizada e uma leitura habitual. Na aplicação do teste (adaptado) PROGQ do EUROTYP (S23–S27), exemplo (5.4.4), com o qual se verificava a existência de “verbos de fase” (*phasal verbs* – termo utilizado pelo Grupo–6) como *começar...*, *terminar de...*, e *continuar a ...* em determinada língua em contextos progressivos, um de meus informantes ignorou a informação ingressiva e rendeu o input com um advérbio *gerade* (justamente) + incorporação do objeto no plural, e, na reaplicação do teste, fez uma estrutura bi-sentencial com auxiliar *tun* + infinitivo (ver aqui também seção 5.8.4). No exemplo (5.4.5) o lexema *bife* foi mantido na tradução (uma prática muito comum em Pomerode, conforme já comentado aqui), mas no singular (ou melhor, sem marcação de número), o que parece indicar uma interpretação como massivo nesse caso.<sup>205</sup> No entanto, o outro informante não fez a incorporação do massivo *Fleisch* (carne). Os exemplos com massivos (*Zeuch* seria um massivo, *Bohnen* seria aqui um contável plural, e no input *feijão* era claramente um massivo) foram incorporados (5.4.6 e 5.4.7).

Igualmente com inputs definidos e indefinidos singulares também não foi possível estabelecer uma regularidade quanto à incorporação. Para *preparando o lanche* houve incorporação sempre, mas em (5.4.8)c. tem uma marca de plural não usual em *Frühstücks*. Para *escrevendo uma carta* foi feita tanto a incorporação como a inclusão de objeto com indefinido (ou numeral), intercalado entre a partícula *bei* e o infinitivo. Finalmente, nos definidos plurais como *enchendo os pneus do carro*, chamo a atenção para inclusão do objeto referencial com artigo no plural, bem como para a incorporação em que o informante inclusive ignorou a partitividade de *do carro* colocada no input (o que deve ter relação com o fato de *encher pneus* constituir uma atividade usual em um posto de gasolina).

Assim, vejo que no caso de Pomerode a questão da incorporação nos progressivos não pode ser remetida a uma diferença quanto à referencialidade dos indivíduos objetos, conforme hipotetizam Krause (2001), Ebert (2000), Reimann (1998) e todos os demais que defendem que no alemão padrão, e nas línguas germânicas em geral, pelo menos no atual estágio de gramaticalização, o PROG não pode ser formado com objetos diretos quantificados (DPs). A variação nas soluções apresentadas indica que parece não existir um fator determinante para

---

<sup>205</sup> Mas em Pomerode se diz também: *Ich esse mittags immer zwei Bifs.* ('Eu como sempre dois bifés no almoço')

haver incorporação, nem tampouco ela pode ser remetida a opções idiossincráticas de determinado informante. A incorporação, entendida aqui de acordo com as possibilidades oferecidas pela língua, no caso de Pomerode parece ser uma opção e não uma obrigatoriedade quando o contexto é o progressivo. Nesse sentido, concentrando-me agora nas sentenças em que não houve “incorporação”, registro as possibilidades levantadas e comento as restrições detectadas. Um ponto, no entanto, eu gostaria de frisar antes disso. Tanto os objetos incorporados quanto os quantificados (e que, portanto, não seriam passíveis de incorporação) ocupam a mesma posição sentencial, ou seja, entre a preposição *bei* e o verbo no infinitivo.

#### 5.4.2 Os complementos não incorporados

Nos exemplos transitivos elencados acima em que não foi registrado o que normalmente se chama de incorporação (essa que pode ser traduzida por: *sein + beim* (NP+V\_ *en*)), o que revelou que também parece não existir obrigatoriedade da mesma na questão dos progressivos com verbos que exigem complementos, o leitor já deve ter percebido que os complementos de verbos introduzidos por algum tipo de determinante/quantificador (complementos que a literatura alemã sobre progressivos trata como “referenciais”) resultam em uma mudança junto à partícula *bei*, conforme já tinha sido anunciado aqui na seção 4.5. Nesta seção pretendo mostrar como os objetos diretos e demais complementos exigidos pelo verbo são trabalhados pelos pomerodenses nas sentenças no progressivo. Os trabalhos de Krause (2001) e Reimann (1998) serviram de base para esses testes (bem como o questionário PROGQ).<sup>206</sup>

Para o alemão moderno da Alemanha, de acordo com o levantamento de Krause (2001), foram registradas as complementações verbais não-incorporadas para a forma progressiva com *am*, conforme mostrado no quadro geral reproduzido no início da seção 5.3, totalizando apenas 9,2% das 153 realizações com *am*).

Para a forma com *beim*, Krause levantou apenas um dado com atribuição genitiva nas 25 realizações com *beim* (as outras quatro eram de incorporação), o que levou o autor a concluir que sentenças do tipo *Sie ist die Zeitung beim Lesen* (Ela está lendo o jornal / jornal) não seriam aceitáveis em alemão.

---

<sup>206</sup> Talvez, metodologicamente, aqui eu esteja entrando em um conflito entre as opções no alemão apresentadas pelos informantes e o que foi colocados para eles em português. Não houve tempo hábil de rever esses detalhes e de fazer os ajustes necessários.

Mas certamente o *são* em Pomerode, embora com o objeto (DP) localizado entre o *bei* (sem o *-m*) e o infinitivo. Abro um parêntesis para neutralizar essa afirmação e ao mesmo tempo justificá-la em certo sentido. É que essa posição (entre o verbo finito *sein* e o grupo prepositivo), conforme mostro mais adiante (seções 5.4.2.5 e 5.4.2.8), embora não tenham sido registrados nela objetos quantificados (DPs) em Pomerode, é, no entanto, ocupada com formas pronominais, e, principalmente, com pronomes reflexivos. Ainda assim, para confirmar que os pomerodenses não colocam DPs aí antes do *bei* (e novamente fugindo do padrão metodológico previsto para o levantamento de dados) apliquei a sentença que Krause diz não ser aceitável no alemão da Alemanha *Sie ist die Zeitung beim Lesen* para avaliação de aceitabilidade por parte do informante (B.), com o intuito de verificar essa possibilidade também no alemão de Pomerode, uma vez que nos testes de tradução ela não foi apresentada como possível solução:

(5.4.12) /Eu vou te apresentar duas sentenças e tu me dizes qual tu achas melhor. Certo?/

/ *sie ist bei die zeitung lesen* e *sie ist die zeitung beim lesen* ?/

***das is' dasselbige, aber wir sagen 'sie is' bei die zeitung lesen*** (B.)

isso é o-mesmo, mas nós dizemos 'ela é-AUX a-Part o jornal ler-INF'

O complemento na resposta do informante é auto-revelador daquilo que os demais testes mostraram. A estrutura é interpretada, mas o falante parece deixar claro que a mesma não faz parte do sistema lingüístico dos falantes de alemão de Pomerode. Observo que esse teste foi aplicado em data separada do teste de tradução, no meio de uma conversa informal, e o informante estava envolvido em atividades domésticas, quer dizer, a resposta foi bastante natural, e certamente não “viciada”.

Voltando para o levantamento de Krause das variantes do progressivo no alemão atual da Alemanha, para a forma com *dabei* o autor registrou uma gama considerável de tipos de complementos, porém nenhum dado de incorporação (uma limitação imposta pela estrutura) e um número pouco representativo de formas absolutas, o que o levou a fazer considerações sobre distribuições complementares entre as respectivas construções (principalmente entre a forma com *am* e a forma com *dabei*).

A forma com *dabei*, conforme já foi dito, não foi dada como solução ao input apresentado aos pomerodenses, mas outras soluções foram “oferecidas” para além da forma com *bei(m)*, inclusive a de não marcar progressividade *at all*, o que parece mostrar, como já

disse, que a forma não é obrigatória dentro do paradigma verbal do alemão pomerodense atual. A seguir, então, são apresentadas as formas não-incorporadas de DPs no progressivo pomerodense, bem como as “variantes” (que serão retomadas e comentadas na seção 5.8). Listo também os exemplos em que não foi feita marcação de progressividade, com o intuito de deixar registrado a não-obrigatoriedade.

#### 5.4.2.1 Os objetos diretos nominais (DPs)

(5.4.13) /Alguém diz irritado para alguém:/

Não me incomoda, eu ainda estou fazendo meus deveres-de-casa.

a. *tut mich nich' inkomodier'n, ich bin noch bei meine schulaufgaben machen* (C.)

fazei-AUX me não incomodar-INF(PB), eu sou-AUX ainda a-Part. meus deveres-de-casa fazer-INF

‘Não me incomodem que eu ainda estou fazendo meus deveres-de-casa.’

b. *tu' mich nich' stör'n, ich bin noch bei meine schularbeiten machen* (I.)

faz me não incomodar-INF, eu sou-AUX ainda a-Part. meus trabalhos-de-escola fazer-INF

‘Não me incomoda, eu ainda estou fazendo meus trabalhos escolares.’

c. *tu mich nich' inkomodier'n, ich bin jetzt bei meine* [pausa] *wie war das?*

faz-AUX me não incomodar-INF(PB), eu sou-AUX agora a-Part meus[pausa] como era isso?

/eu digo: deveres de casa!/  
*bei meine arbeit zu hause machen* [pausa] *am machen* (exemplo com *am*)

a-Part meine-ACU trabalho em casa fazer-INF[pausa] a+DEF fazer-INF

/eu pergunto: “*am machen*”? e ele responde somente:/

*ja!* (V.)  
 sim

1. ‘Não me incomoda, que eu agora estou fazendo meus deveres em casa.’ (habitual?)

2. ‘Não me incomoda, que eu estou fazendo meu trabalho em casa nesse momento.’

d. *lass' mich nich' stör'n, ich mach' meine deveres zu haus* (G.)

deixe me-ACU não incomodar, eu faço-PRÄS meus deveres em casa

1. ‘Não deixe ninguém me incomodar que eu vou fazer meus deveres em casa.’

2. ‘Não deixe ninguém me incomodar que eu estou fazendo meus deveres em casa.’

(5.4.14) Nós estamos fazendo os nossos deveres-de-casa, nós não podemos agora.

*wir sin' bei die schulaufgaben machen, wir könn'n jetzt nich'* (H.)

nós somos-AUX a-Part. os deveres-de-casa fazer-INF, nós podemos agora não

‘Nós estamos fazendo os deveres-de-casa, nós não podemos agora.’

(5.4.15) (PROGQ: S18 adaptado, na testagem de incorporação de objetos)

/Alguém no telefone quer saber da Ana/João; a resposta é:/ -

Ana/João está perto de mim cozinhando seu almoço [e eu acho que ela/ele nunca vai terminar]

- a. *er is' bei sein mittag kochen, aber ich glaub' er kriegt das nich' fertig* (I.)  
 ele é-AUX a-Part seu almoço cozinhar-INF, mas eu acredito-PRÄS ele consegue isso não pronto  
 'Ele está cozinhando seu almoço, mas acho que não vai conseguir fazê-lo.'
- b. *joão kocht sein mittag, ich glaub', der wird nie fertig* (G.)  
 joão cozinha-PRÄ seu almoço, eu acho esse fica-PRÄS nunca pronto  
 'João está cozinhando seu almoço, eu acho que ele nunca vai terminar.'

(5.4.16) Nós estávamos pendurando as cortinas, quando o carro chegou.

- a. *wir war'n bei die gardinen anhängen, wo das auto kam* (I.)  
 nós éramos-AUX a-Part as cortinas Part.-pendurar-INF onde-VIC o carro chegava-PRÄT  
 'Nós estávamos pendurando as cortinas, quando o carro chegou.'
- b. *wir war'n bei die gardinen anhängen, wo das auto kam* (H.)  
 nós éramos-AUX a-Part as cortinas Part.-pendurar-INF, onde-VIC o carro chegava-PRÄT  
 'Nós estávamos pendurando as cortinas, quando o carro chegou.'
- c. *wir war'n bei die gardinen anhängen, wo der auto gekommen is'* (M.)  
 nós éramos-AUX a-Part as cortinas Part.-pendurar-INF, onde-VIC o carro chegou-PART é  
 'Nós estávamos pendurando as cortinas, quando o carro chegou.'  
 /peço para a informante repetir para eu poder reparar as terminações de plural/
- d. *wir war'n bei die gardinen anhängen, wo der auto gekommen is'* (M.)  
 nós éramos-AUX a-Part as cortinas Part.-pendurar-INF, onde-VIC o carro chegou-PART é-AUX  
 'Nós estávamos pendurando as cortinas, quando o carro chegou.'
- e. *er machte gardinen an, wo der auto kam* (V.)  
 ele fazia-presos-PRÄT cortinas Part., onde-VIC o carro chegava-PRÄT  
 'Ele colocava cortinas, quando o carro chegou.'

(5.4.17) / faço o input acima no singular:/

Nós estávamos pendurando a cortina quando o carro chegou

/o informante (M.) não entende a diferença para o exemplo anterior/

/e eu lhe digo que se trata de apenas uma cortina agora/

*ah, wir war'n bei die gardine anhängen, wo der auto gekommen is'* (M.)

ah, nós éramos-AUX a-Part. a cortina-SING Part.-pendurar-INF, onde-VIC o carro chegou-PART é-AUX

'Nós estávamos pendurando a cortina, quando o carro chegou.'

(5.4.18) (PROGQ: S31 adaptado, na testagem de verbos não-durativos)

[Nesse momento] o Carlos está alcançando o topo do Schmidtsberg.

*carlos is' bei den schmidtsberg hochgehen* (I.)

carlos é-AUX a-Part o morro do schmidt para-cima-ir-INF

'Carlos está subindo o Morro do Schmidt'

(5.4.19) (PROGQ-S24 adaptado, na testagem de verbos de fase)

/ Alguém no telefone quer saber da/o Maria/João; a resposta é: - A/O Maria/João está perto de mim.../  
ela está terminando de consertar o chuveiro [agora mesmo]

a. *er is' gerade beim* [pausa longa] *der chuveiro, como é em alemão?* (I.)

ele é-AUX justamente a+DEF[pausa longa] o chuveiro, como é em alemão(PB)?

/eu ajudo: *Dusche!*/

b. *ah, er is' gerade bei die dusche heilemachen* (I.)

ah, esse é-AUX justamente a-Part. o chuveiro arrumado-fazer-INF

'Ele está justamente arrumando o chuveiro.'

c. *die tut gerade die dusche fertigmachen,*

essa faz-AUX justamente o chuveiro pronto-fazer-INF

*oder die is' bei die dusche fertigmachen* (G.)

ou essa é-AUX a-Part. o chuveiro pronto-fazer-INF

'Ela está justamente arrumando o chuveiro.'

(5.4.20) (PROGQ: S06 adaptado, na testagem de verbos transitivos e valência)

/ Alguém no telefone quer saber do João; a resposta é: - O João está perto de mim.../

ela está limpando uma panela

a. / o informante entendeu "janela" ao invés de "panela"/

*joão is' dicht bei mich ein fenster reinemachen* (I.)

joão é(AUX/COP?) perto a-PREP me-ACU uma janela limpo-fazer-INF

/ mais tarde repito o exemplo com ele e troco o nome do agente para Ana/

b. *wo is' die ana? ana macht* [pausa longa] *is' gerade bei ein topf reinemachen* (I.)

onde é a ana? Ana faz-PRÁS [pausa longa] é-AUX justamente a-Part. uma panela limpo-fazer-INF

'A Ana está justamente limpando uma panela.'

(5.4.21) /Você está lá vendo alguém que está faxinando e diz:/

Ela não pode vir agora, ela está limpando escadas

a. *die kann jetzt nich' kommen, die is' bei die leiter reinemachen* [pausa longa]

essa pode agora não vir, essa é-AUX a-Part. a escada-SING limpo-fazer-INF [pausa longa]

*oder bei die treppe reinemachen* (I.)

ou a-Part. a-DEF escadaria-SING limpo-fazer-INF

'Ela está limpando a escada, ou limpando a escadaria'

/intervenção minha: e se forem mais escadas?/

b. *der kann jetzt nich' kommen, der is' jetzt bei die treppen reinemachen* (C.)

esse pode agora não vir, esse é-AUX agora a-Part as escadas-PLU limpo-fazer-INF

'Ele não pode agora, agora ele está limpando as escadas'

c. *die kann jetzt nich' kommen, die is' bei die calçadas saubermachen* (G.)

essa pode-MOD agora não vir, essa é-AUX a-Part as calçadas-PLU(PB) limpo-fazer-INF

'Ela não pode vir agora, ela está limpando as calçadas'



(5.4.22) Ela estava escrevendo uma carta, quando o telefone tocou três vezes.

*ich war bei ein brief schreiben un' der telefon hat drei mal geklingelt* (I.)  
eu era-AUX a-Part uma carta escrever-INF e o telefone tem-AUX três vezes tocado-PART  
'Eu estava escrevendo uma carta e o telefone tocou três vezes.'

(5.4.23) Quando eu cheguei o Valmor estava enchendo os pneus do carro.

*wo ich beim posto kam, dann war der valmor bei die pneus vollmachen* (V.)  
onde-VIC eu no posto vinha, então era-AUX o Valmor a-Part os pneus-PLU(PB) cheio-fazer-INF  
'Quando eu cheguei no posto o Valmor estava enchendo os pneus.'

(5.4.24) /Alguém pergunta para você: As batatas já estão prontas?, e você responde:/

Não, estás vendo que eu ainda 'tou descascando elas?  
*siehst du das nich', dass ich die kartoffeln*[pausa]  
vêes-PRÁS tu isso não, que eu as batatas[pausa]  
*dass ich noch immer bei die kartoffeln abschälen bin?* (H.)  
que eu ainda sempre a-Part as batatas descascar -INF sou-AUX  
'Não estás vendo que eu ainda estou descascando as batatas.'

(5.4.25) (PROGQ: S79 adaptado, na testagem de verbos modais)

/Alguém pergunta do João e eu digo:/

O João deve estar alimentando os porcos, [eu acho!]

*joão is' bestimmt bei die schweine füttern* (V.)  
João é-AUX certamente a-Part os porcos alimentar-INF  
'João certamente está alimentando os porcos.'

Os exemplos acima dão uma pequena amostra das possibilidades de inclusão do argumento interno do verbo nas estruturas PROG em Pomerode, quando não incorporado. O determinante se apresenta nas mais diversas formas: artigo definido e indefinido (no singular e no plural), possessivo, e nos diversos gêneros (masculino, feminino, neutro e plural), sempre com marcação acusativa. Em todos os exemplos listados também não se tem mais a realização do fonema *-m* junto ao *bei*, quando entra um objeto-DP nessa posição sintagmática. Portanto, ele parece ser interpretado de alguma forma, uma vez que na incorporação e nos contextos intransitivos o *-m* está lá, junto ao *bei*, conforme já foi discutido aqui no capítulo anterior. A função que ele cumpre lá (se é que ele cumpre alguma), no entanto, só pode ser conjecturada e mais estudos seriam necessários, inclusive um tratamento acústico seria imprescindível.

#### 5.4.2.2 Os objetos diretos “nulos”<sup>207</sup>

Considerações sobre omissão de objetos em estruturas progressivas transitivas são encontradas tanto em Krause (2001) como em Van Pottelberge (2004). Para esse último, inclusive, a omissão é vista como uma maneira de “solucionar” a questão de processamento desse objeto dentro da forma. A desambigüização se daria então via co-texto ou via contexto situacional (o que valeria também, em parte, para alguns de meus exemplos a seguir).

Existe a omissão do objeto em meu exemplo-modelo (explorado no capítulo anterior) *Ich bin beim aufräumen* em contraposição a *Ich bin beim schubladenaufräumen*, ou a *Ich bin bei die Schublade aufräumen*. É evidente que a questão da valência varia de língua para língua, inclusive para o mesmo verbo. E no exemplo-modelo, além disso, pode-se conjecturar uma influência do verbo *faxinar* em PB, e que no alemão da Alemanha *aufräumen*, usado intransitivamente, talvez soe mesmo muito estranho. Van Pottelberge (2004:141) observa que nas construções *aan-het* do holandês essas “intransitivizações estranhas” são muito freqüentes, e hipotetiza que sejam remanescências das restrições que existiam para a forma lá no século XVIII, em não autorizar inclusão de objetos. Para Krause (2001:143), com base em Reimann (1998), a realização do objeto seria inadmissível, se o mesmo extrapolasse suas funções para além da modificação, ou seja, assumisse um caráter especificador e conseqüentemente “desviasse a concentração”<sup>208</sup> para além do caráter verbal em si, que concentra a essência da marcação progressiva.

(5.4.26) /Numa oficina alguém pergunta: ‘Estás pronto aí com o rádio?’: a resposta é/

Não, eu ainda estou instalando.

**não, ich bin noch beim einbauen** (H.)

não, eu sou-AUX ainda a+DEF instalar-INF

‘Não, eu ainda estou instalando.’

Diferentemente do exemplo (5.4.26) acima, onde o próprio input era de objeto nulo, o exemplo a seguir (5.4.27) foi apresentado com um objeto pronominal. Inclusive, o mesmo exemplo foi colocado repetidamente (em momentos separados do teste) ao mesmo informante (I.) e ele não fez a inclusão pronominal em nenhuma das respostas, o que indica que talvez

<sup>207</sup> Não sei se em todos os exemplos elencados esse termo se aplica.

<sup>208</sup> Grifo meu (I.E.). Esse comentário bastante subjetivo de Krause pode ser relativizado em função do que intuo em relação à “pseudo-incorporação” de objetos-DP na forma progressiva. Veja seção 6.3.2 aqui.

exista uma restrição quanto a isso na forma progressiva pomerodense. Volto a esse ponto em 5.4.2.5, pois não é uma regra geral.

(5.4.27) /Alguém pergunta para você: ‘As batatas já estão prontas?’: e você responde:/

Não, estás vendo que eu ainda ‘tou descascando elas?

a. *nein, ich bin noch beim schälen* (G.)

não, eu sou-AUX ainda a+DEF descascar-INF

‘Não, eu ainda estou descascando’

b. *die kartoffeln sind noch nicht fertig, ich bin noch beim schälen* (V.)

as batatas são-PRÁS ainda não prontas, eu sou-AUX ainda a+DEF Part-descascar-INF

‘Não, eu ainda estou descascando’

c. *não, ich bin erst gerade beim abschälen* (I.)

não, eu sou-AUX só justamente a+DEF Part-descascar-INF

‘Não, eu estou descascando agora.’

/repite o teste com o mesmo informante em outra data/

d. *sieh’ hier, ich bin doch noch beim abschälen* (I.)

vejam aqui, eu sou-AUX Part.MOD ainda a+DEF Part-descascar-INF

‘Veja aqui, eu ainda estou descascando.’

/e eu repito com ênfase no pronome “elas”/

e. *siehst du nicht, ich bin noch beim abschälen* (I.)

vêes-PRÁS tu não, eu sou-AUX ainda a+DEF Part-descascar-INF

‘Tu não estás vendo, que eu ainda estou decascando?’

Com relação ao alemão de Pomerode, o que pode ser concluído a respeito da omissão do argumento interno nos verbos transitivos na forma progressiva, com base nos exemplos acima é:

- a omissão não é determinada por restrições quanto à inclusão de objetos diretos na forma progressiva, já que esses acontecem sistematicamente;
- a omissão pode ter alguma relação com o fato de o objeto ser pronominal, uma vez que esses não são processados internamente ao complexo prepositivo no alemão pomerodense, como acontece com os demais objetos;
- a elipse pode ocorrer, pois o objeto pode ser resgatado contextualmente;
- a omissão pode ocorrer, uma vez que a concentração está realmente no caráter verbal da forma, o que não seria possível na forma simples (\* *siehst du nicht, ich schäle noch ab/ não vêes, eu ainda descasco/* ).

No exemplo (5.4.27) aplicado, dois informantes apresentaram a solução com inclusão de objeto, porém, só (C.) o faz na forma pronominal (e fora do núcleo prepositivo, ver aqui também 5.4.2.5), (H.) retoma o DP, ao invés do NP-pronome:

f. *nein, ich bin sie noch beim schülen* (C.)  
 não, eu sou-AUX elas ainda a+DEF descascar-INF  
 'Não, eu ainda estou descascando-as.'

g. *siehst du das nich', dass ich die kartoffeln*[pausa]  
 vêes tu isso não, que eu as batatas[pausa]  
*dass ich noch immer bei die kartoffeln abschülen bin?* (H.)  
 que eu ainda sempre a-Part as batatas descascar -INF sou-AUX  
 'Não estás vendo que eu ainda estou descascando as batatas?'

### 5.4.2.3 Os bitransitivos

Para o caso de Pomerode, nesse teste em particular, vários pontos foram destacadamente relevantes, principalmente em relação à minha hipótese de estarem ocorrendo dois processos simultâneos de gramaticalização no alemão da localidade, conforme já levantado no capítulo anterior: a queda da marcação de caso dativo e constituição de um sistema aspectual, via formas PROG, o que poderia ser a causa para algumas “instabilidades” para as quais não encontrei uma explicação. Nos exemplos a seguir, portanto, algumas marcações adicionais em relação a Caso foram feitas nas glossas, com o intuito de indicar onde a questão se manifesta mais visivelmente.

Em outro trabalho (Emmel(2004)) mostro que no alemão de Pomerode os objetos indiretos (benefactivos) são sistematicamente rendidos via preposição *für* (de regência acusativa)<sup>209</sup> e que a linearização esperada então seria a de OD+OI (*Er gibt eine Geschenk für die Mutter*), ao invés de OI+OD (*Er gibt der Mutter ein Geschenk*) como observado no alemão padrão. No mesmo trabalho mostro que existe uma tendência de se “jogar” os objetos indiretos (preposicionados) inclusive no *Nachfeld* (o campo posterior), como, por exemplo, *Er hat ein Geschenk gegeben für seine Mutter/* ele tem-AUX um presente-ACU dado-PART para sua mãe/ 'Ele deu um presente para a sua mãe.'

Como os exemplos de objetos diretos não incorporados já são raros no alemão da Alemanha, segundo o levantamento de Krause (2001) (apenas dois casos), o autor também

<sup>209</sup> Talvez possa ser hipotetizado uma influência do PB aqui, mas também lembrando que a não-marcação dativa pode resultar em sentenças ambíguas como, por exemplo: *Sie gibt die Mutter die Tochter x Die Tochter gibt sie die Mutter x Die Mutter gibt sie die Tochter*, em que todos os componentes sentenciais podem, ao mesmo tempo, ser agentes e pacientes e temas.

não registrou nenhum caso de regência bi-transitiva entre os exemplos coletados para a forma com *am* e para a forma com *beim*. Assim, colocar um input bitransitivo para teste em Pomerode deveria revelar algumas características interessantes que não puderam ser explorados para a questão do PROG no alemão, já que não se têm dados para fazê-lo. Também Reimann (1998) não colocou verbos bi-transitivos (OD + OI) em seu teste de aceitabilidade, embora tenha elaborado sentenças com outras combinações (OD + OPREP/ OD + GEN), e que foram avaliadas como “não-aceitáveis” na classificação geral por ela adotada. Assim, como em PB é possível criar sentenças progressivas com verbos bitransitivos, o teste pôde ser feito e apresento as soluções apresentadas a seguir:

(5.4.28) / O Egon não pode vir agora/

Ele está passando um avental pra ela.

a. **egon gibt ihr gerade eine schürze** (I.)

egon dá-PRÄS ela-DAT justamente um avental

‘Egon está dando um avental pra ela agora.’

/ vejo que o informante (I.) deu outro sentido ao verbo “passar” e digo:/

Ana está passando um avental pra si.

b. **ana is’ gerade bei eine schürze plätten für sich** (I.)

ana é-AUX justamente a-Part. um avental passar-INF para si

‘Ana está passando um avental pra si.’

c. **der egon tut eine schürze für ihr jetzt um, der kann jetzt nich’** (M.)

o egon faz-AUX um avental para-ACU ela-DAT agora Part-junto, esse não pode-PRÄS agora.

‘O Egon está colocando um avental nela, ele não pode vir agora.’

/ eu digo: ele está passando o avental a ferro/

d. **egon tut eine schürze plätten für ihr jetzt** (M.)

egon faz-AUX um avental passar-INF para-ACU ela-DAT agora

‘Egon está passando um avental para ela agora.’

e. **egon tut eine schürze plätten, er kann jetzt nich’** (H.)

egon faz-AUX um avental passar-INF, ele pode agora não

‘Egon está passando um avental, ele não pode vir agora.’

/ peço para repetir, chamando a atenção para o beneficiário da ação/

f. **er plättet eine schürze für seine frau** (H.)

ele passa-PRÄS um avental para-ACU sua-ACU mulher

‘Ele passa um avental para a sua mulher.’

g. **er steht beim plätten** (ver nota de rodapé) (V.)

ele fica-em-pé-POST a+DEF passar-INF

‘Ele está em pé passando(roupa).’

/eu repito o input enfatizando o beneficiário e para o tema/

h. *egon sitzt*<sup>210</sup> *bei eine schürze plätten für ihr* (V.)  
 egon fica-sentado-POST a-Part um avental passar-INF para-ACU ela-DAT  
 'Egon está sentado passando um avental para ela.'

O informante (I.) em (5.4.28) a. deu um outro sentido ao verbo passar (*geben* = dar) e, por se tratar de um verbo não-aditivo, potencialmente menos passível de ser rendido na forma progressiva (ver Capítulo 3, seção 3.3.3), deu como solução a forma simples, complementada com a marcação adverbial. Chamo a atenção também para a marcação inequívoca dativa no pronome pessoal feminino, que, em Emmel (2005), eu defendo como uma das remanescências de marcações dativas<sup>211</sup>, em contraposição às marcações acusativas com *sie*, que são/seriam ambíguas (ver aqui também exemplo (5.4.31)). Quando retomo a sentença com (I.), dessa vez mudando o beneficiário da ação e encenando o verbo aditivo *plätten* (=passar-roupa), ele faz a marcação usual de progressividade (com objeto-DP colocado entre o *bei* e o infinitivo), além de situar o objeto(indireto), desta vez preposicionado, no *Nachfeld*. As outras soluções apresentadas são com o auxiliar *tun* que recebe tratamento específico aqui, na seção 5.8.4.

#### 5.4.2.4 Os objetos indiretos

Indiquei acima (5.4.2.3) que em Pomerode os objetos indiretos em contextos bitransitivos normalmente são realizados via preposição *für*, e que também é bem comum ver os mesmos situados no *Nachfeld*, e isso não só para contextos progressivos. Assim, para o teste de regência transitiva indireta foi escolhido o verbo que talvez seja o mais prototípico entre os dativos, o verbo *helfen* (=ajudar). Três soluções diferentes foram dadas e que apresento a seguir. Em (5.4.29)a. o objeto indireto-DP de *helfen*, como já era de se esperar é colocado entre a partícula *bei* e o verbo no infinitivo, novamente com marcação não-dativa. Na forma verbal simples foi feita a marcação adverbial dupla, que será comentada mais adiante, entre as possibilidades de marcação de progressividade (de um evento estar em curso

<sup>210</sup> Nos exemplos (5.4.28)g. e h. aparecem verbos posturais no lugar do auxiliar *sein* na estrutura progressiva, que Bertinetto, Ebert e De Groot (2000), Krause (2001) e Van Pottelberge (2004), entre outros, não vêem como uma possível variante para a forma PROG alemã (ela existe em outras línguas germânicas, como no holandês, por exemplo). Ver comentários nesse sentido na seção 4.4, onde também a tabela de Ebert (2000) com a especificação das línguas que autorizam construções progressivas com verbos posturais foi reproduzida. Mais testes seriam necessários para verificação dessa possibilidade em Pomerode e se não se trata apenas de dois casos esporádicos aqui.

<sup>211</sup> Observe, porém, nos exemplos (5.4.27)e., f. e também h. que a preposição acusativa *für* está regendo o *ihr*-pronome dativo, o que é mais um sinal de instabilidade na marcação de caso em Pomerode. Novamente parece estar em jogo aí a ambigüidade do *sie* acusativo, mas muitos testes mais seriam necessários aqui.

no momento da referência). A solução com o auxiliar *tun*, juntamente com a marcação adverbial, igualmente será comentada na seção 5.8.4.

(5.4.29) Ele está ajudando a mãe neste momento.

a. *er is' jetzt bei die mutter helfen* (V.)

ele é-AUX agora a-Part a-ACU mãe ajudar-INF

‘Ele está ajudando a mãe nesse momento.’

b. *er tut seine mutter jetzt in den moment mithelfen* (I.)

ele faz-AUX sua-ACU mãe agora nesse momento Part-ajudar-INF

‘Ele está ajudando a mãe neste momento.’

c. *er hilft die mutter auf den moment jetzt* (C.)

ele ajuda-PRÁS a mãe-ACU em esse momento agora

‘Ele está ajudando a mãe neste momento.’

A inclusão do argumento interno dativo, como já era de se esperar, não apresentou nenhuma diferença em relação às outras complementações obrigatórias do verbo já explicitadas até esse ponto. A opção pela forma com *tun* e a marcação adverbial na forma simples também já foi registrada entre os contextos transitivos diretos. O que precisa ser mostrado ainda é como os objetos pronominais são trabalhados pelos pomerodenses na forma progressiva e se existe uma diferença para as inclusões nominais propriamente ditas.

#### 5.4.2.5 Os objetos pronominais

No exemplo (5.4.27) acima já mostrei que o input transitivo pronominal foi rendido como objeto nulo pela maioria de meus informantes e indiquei algumas hipóteses para o feito. Aqui retomo a única solução dada para aquele exemplo com a inclusão do objeto direto pronominal. A localização sintagmática desse objeto, no entanto, é fora do complexo prepositivo, aliás, na posição onde os complementos transitivos não incorporados são aceitos nas formas alemãs com *am* mais gramaticalizadas.

(5.4.30) /Alguém pergunta para você: As batatas já estão prontas?, e você responde:/

Não, estás vendo que eu ainda ‘tou descascando elas?’

a. *nein, ich bin sie noch beim schülen* (C.)

não, eu sou-AUX elas ainda a+DEF descascar-INF

‘Não, eu ainda estou descascando-as.’

Para não tirar conclusões baseada em um exemplo somente, por meio do qual poderia se generalizar que em Pomerode, na forma progressiva, existiria uma restrição para

processamento de objetos pronominais, estabelecendo que eles, ou poderiam ser omitidos, ou então teriam que ser processados fora do núcleo prepositivo, ou ainda, poderia remeter o exemplo a uma idiossincrasia por parte de um determinado informante, coloquei mais um exemplo para teste e as soluções apresentadas foram as seguintes:

(5.4.31) / Alguém está espiando pelo buraco da fechadura e diz:/

Olha lá, ele está vestindo ela

a. *er is' bei ihr anziehen* (V.)

ele é-AUX a-Part ela-DAT(?) vestir-INF

'Ele a está vestindo.'

b. *guck mal da, er is' [pausa] er zieht ihr um* (I.)

olha PartMOD lá, ele é(?) [pausa] ele troca ela-DAT(?) Part

'Olha lá, ele a está vestindo/ trocando sua roupa'

c. *guck mal da, nun zieht er ihr an* (M.)

olha PartMOD lá, agora veste-PRÄS ele ela-DAT(?) Part

'Olha lá, agora ele está colocando roupa nela.'

d. *guck mal da, der zieht ihr an* (H.)

olha PartMOD lá, esse veste-PRÄS ela-DAT(?) Part

'Olha lá, ele está colocando roupa nela.'

Dessa vez foi o informante (V.)<sup>212</sup> que apresentou a solução na forma progressiva com a inclusão do argumento NP-pronome, mas, repare, na posição topológica onde os demais objetos aparecem na forma progressiva pomerodense. O informante (I.), depois de uma pausa, fez a reformulação da resposta antes de concluí-la na forma PROG, o que parece indicar também reflexão mais específica sobre o input apresentado. Chamo a atenção novamente para a marcação pronominal feminina, que, apesar de ser um contexto acusativo, é feita com o pronome *ihr* (no dativo). A inclusão de objeto pronominal não se apresentou de forma tão regular quanto a que pôde ser observada para os demais objetos. Ainda no âmbito dos pronomes, o próximo teste diz respeito à inclusão da pronominalização reflexiva, que faz parte da própria estrutura do verbo.

#### 5.4.2.6 Com pronomes reflexivos

Para o alemão da Alemanha, Krause (2001:128) constatou que existe elipse do pronome em todas as construções PROG (com *am*), com verbos reflexivos, por ele levantadas. Em Pomerode, somente um caso de elipse de pronome reflexivo foi constatado,

<sup>212</sup> Ao informante (C.) não foi dado esse teste.



mas a sua colocação dentro da sentença progressiva não é 100% regular, o que corresponde à mesma tendência verificada com os pronomes-objeto, em que um ou outro informante expressa hesitações diante do input apresentado:

(5.4.32) Eu não posso ir ainda, as crianças estão se vestindo.

a. *ich kann` jetzt nich` weg, die kinder sind sich beim anziehen* (C.)

eu posso agora não embora, as crianças são-AUX se a+DEF vestir-INF

‘Eu não posso ir ainda, as crianças estão se vestindo.’

b. *ich kann jetzt noch nich` weggehen, die kinder sind beim umziehen* (V.)

eu posso agora ainda não embora-ir-INF, as crianças são-AUX a+DEF trocar-INF

‘Eu não posso ir embora ainda, as crianças estão se vestindo.’

c. *ich kann noch nich` ab, wegen die kinder tun sich noch umziehen* (I.)

eu posso ainda não embora, pois as crianças fazem-AUX se ainda vestir-INF

‘Eu não posso ir embora ainda, pois as crianças ainda estão se trocando.’

(5.4.33) /digo que vou dar um sentença que parece português de Portugal/

As crianças estavam a se lavar quando cheguei.

a. *die kinder, die war`n sich beim waschen* (C.)

as crianças, essas eram-AUX se a+DEF lavar-INF

‘As crianças estavam se lavando.’

b. *die kinder waren sich beim waschen* (I.)

as crianças eram-AUX se a+DEF lavar-INF

‘As crianças estavam se lavando.’

c. *die kinder haben sich gewaschen* (V.)

as crianças têm-AUX se lavado-PART

‘As crianças se lavaram.’

/reconstruo o input, uma vez que ele não fez a marcação incidental/

Ontem a essa hora, as crianças estavam se lavando.

d. *gestern um diese uhrzeit waren die kinder [pausa longa] bei sich waschen, so ungefähr* (V.)

ontem a essa hora eram-AUX as crianças [pausa longa] a(∅) se lavar, assim mais ou menos

‘Ontem a essa hora as crianças estavam a se lavar.’

Veja o exemplo (5.4.33)d., do informante (V.), em que o pronome reflexivo foi colocado entre a partícula *bei* e o verbo no infinitivo. Embora eu tenha que destacar as hesitações do informante ao me dar essa solução, considero que esse dado seja um indício da não estabilização da forma em se tratando de complementação pronominal de qualquer espécie. Nesse exemplo, o pronome reflexivo apresenta características de estar tendencialmente incorporado (embora aqui o *-m* no *bei* não pudesse ser percebido, e um tratamento acústico mais apurado talvez se fizesse necessário), o que contribuiria para a

minha hipótese e efetiva adoção do infinitivo ser verbal no progressivo pomerodense em seu atual estágio de gramaticalização, conforme discutido na seção 4.3. Apresento mais alguns exemplos com pronomes reflexivos.

(5.4.34) Ele está se espreguiçando.

a. *er is' sich beim ausstrecken* (I.)

ele é-AUX se a+DEF espreguiçar-INF

‘Ele está se espreguiçando.’

/o informante C. diz que não sabe como é “espreguiçar” em alemão. Eu digo “*ausstrecken*”/

b. *ah, er is' sich beim ausstrecken* (C.)

ah, ele é-AUX se a+DEF espreguiçar-INF

‘Ele está se espreguiçando.’

(5.4.35) /Alguém olhando pelo buraco da fechadura diz:/

Olha lá, ele está se vestindo.

a. *guck mal da, er is' sich beim anziehen* (I.)

olha PartMOD lá, ele é-AUX se a+DEF vestir-INF

‘Olha lá, ele está se vestindo.’

b. *er is' sich beim anziehen* (V.)

ele é-AUX se a+DEF vestir-INF

‘Ele está se vestindo.’

c. *guck mal da, der zieht sich um* (H.)

olha PartMOD lá, esse veste-PRÄS se Part

‘Olha lá, ele está se trocando.’

d. *guck mal da, der zieht sich da um* (M.)

olha PartMOD lá, esse veste-PRÄS se lá Part

‘Olha lá, ele está lá se trocando.’

(5.4.36) /Estamos olhando por uma fresta de porta, e eu digo:/

Olha lá, ele está se barbeando.

a. *guck mal da, er is' sich beim barbier'n* (I.)

olha PartMOD lá, ele é-AUX se a+DEF barbear-INF(PB)

‘Olha lá, ele está se barbeando.’

b. *er is' beim barbier'n* (V.)

ele é-AUX a+DEF barbear-INF(PB)

‘Ele está se barbeando.’

c. *guck mal da, der barbiert sich jetzt* (M.)

olha PartMOD lá, esse barbeia-PRÄS(PB) se agora

‘Olha lá, ele está se barbeando neste momento.’

d. *guck mal da, der tut sich rasier'n* (H.)

olha PartMOD lá, esse faz-AUX se barbear-INF

‘Olha lá, ele está se barbeando.’

O único exemplo em que não foi realizado o pronome reflexivo foi (5.4.36) b., mas só posso atribuir a omissão a uma possibilidade da língua de facultar a exclusão de pronomes dessa sorte, e não a uma restrição imposta pela forma PROG, já que ela é realizada também com a inclusão do pronome.

A colocação do exemplo (5.4.36) para teste em Pomerode tinha como propósito verificar a agramaticalidade que Brons-Albert (1984:199) conferiu à *\*Er ist sich beim Rasieren* em relação à gramaticalidade de *Er ist sich am Rasieren*, que a autora relaciona com o pronome reflexivo (sem apresentar uma justificativa para tal). Pomerode não mostrou nenhum diferencial que se pudesse atribuir ao pronome reflexivo. Os verbos reflexivos são apresentados na forma PROG. A única diferença para os objetos-DP e os incorporados – tirando-se o exemplo (5.4.33)d. onde o pronome reflexivo foi colocado entre o *bei* e o verbo no infinitivo – está no posicionamento desses pronomes dentro da sentença.

#### 5.4.2.7 Os objetos preposicionados

(5.4.37) Eu estou esperando pelo meu amigo, eu não posso agora.

a. *ich bin jetzt gerade bei mein' freund warten, ich kann jetzt nich'*<sup>213</sup> (I.)

eu sou-AUX agora justamente a-Part meu-ACU amigo esperar-INF, eu não posso agora

‘Eu estou esperando pelo meu amigo, eu não posso agora.’

b. *ich wart' jetzt mein freund, ich kann jetzt nich', como?* (V.)

eu espero-PRÁS agora meu amigo, eu posso agora não, como(PB)?

‘Eu agora estou esperando pelo meu amigo, agora eu não posso.’

/repito a sentença de input/

c. *ich wart' jetzt mein freund, ich kann jetzt nich'* (V.)

eu espero-PRÁS agora meu amigo, eu posso agora não

‘Eu estou esperando pelo meu amigo, eu não posso agora.’

d. *jetzt wart' ich mein freund, jetzt kann ich nich'* (C.)

agora espero-PRÁS eu meu amigo, agora posso eu não

‘Agora eu espero/estou esperando pelo meu amigo, agora eu não posso.’

e. *ich wart' auf mein' freund, ich kann jetzt nich' kommen* (G.)

eu espero-PRÁS por-PREP meu amigo, eu posso-MOD agora não vir-INF

‘Eu estou esperando pelo meu amigo, eu não posso vir agora.’

<sup>213</sup> A única solução na forma progressiva apresentada.

Inputs com complementos verbais preposicionados não foram suficientemente explorados na localidade. O verbo transitivo direto preposicionado *warten auf* (=esperar por) previsto para esse teste resultou na omissão sistemática da preposição por parte dos informantes (exceto o exemplo 5.4.37)a.). Já o verbo *sprechen von/über* (falar de/sobre) não foi rendido na forma PROG e o informante optou por uma marcação da perspectivização interna via advérbio *gerade*. Exemplos complexos de incorporação nominal+prepositiva+verbal, como os relatados para o alemão (como o já citado aqui na seção 3.7.2: *beim knaller-auf-die strasse-schmeissen sein*/ estar a bombinhas-na estrada-jogar) não foram atestados em Pomerode, exceto para um caso que ainda será discutido. A colocação de complemento prepositivo no *Nachfeld*, como no exemplo atestado por Krause (2001:133), mas que ele considera altamente marcado (ex.: *Wenn sie schon einmal am Reden war über Beziehungen, dann richtig.* /Se ela já estava falando sobre relações, então que o fizesse direito) também não foi registrada em Pomerode para os inputs colocados. Em Pomerode, porém, o *Nachfeld* foi ocupado com complementos preposicionados (os objetos indiretos benefactivos, que sistematicamente são introduzidos pela preposição *für* na localidade), conforme mostrado na seção 5.4.2.3 acima.

Alguns comentários adicionais sobre a sentença com *warten auf* podem, mesmo assim, ser feitos. Em Krause (2001:143) lê-se, em relação a exatamente esse exemplo, que não seria possível a inclusão do complemento preposicional *auf meinen Freund*, pois isso “desviaria” a atenção (que deveria ser no acontecimento verbal) em direção ao complemento, portanto, só a variante sem o complemento prepositivo poderia ser expressa, qual seja: *Ich bin am Warten*. Mas em Pomerode foi a transitividade do verbo que mudou: de *warten auf X* para *warten X* simplesmente, e a razão para tal não acredito estar numa restrição imposta pela própria preposição (e em uma conseqüente combinação com o *bei*: ??*Ich bin bei auf mein Freund warten*) quando em contexto progressivo perifrástico, uma vez que também na forma simples os meus informantes<sup>214</sup>, excetuando-se um (exemplo (5.4.37)e.), não colocam a preposição *auf*. Mais dois exemplos de regências verbais preposicionadas foram colocados para tradução, mas a solução não foi dada na forma PROG, além do segundo exemplo novamente apresentar omissão da preposição *auf*:

(5.4.38) / Estamos, eu e você, falando sobre alguma coisa que aconteceu ontem. Você diz:/

Eu tava falando de você quando o Pedro chegou.

**ah, ich hab' gerade über dich gesprochen, wo pedro gekommen is'** (M.)

<sup>214</sup> Também em português eles dizem: *Eu estou esperando meu amigo, eu não posso agora, ou Eu esperei meu amigo a manhã inteira.*

ah, eu tenho-AUX justamente sobre você falado-PART, onde-VIC Pedro chegado-PART é-AUX  
'Ah, eu estava falando justamente sobre você, quando o Pedro chegou.'

(5.4.39) Meu pai 'tava esperando por um aumento, mas ele não saiu.

a. *mein vater hat eine zulage gewartet, aber sie kam nich'* (V.)

meu pai tem-AUX um aumento esperado-PART, mas ele vinha-PRÄT não

'Meu pai esperava um aumento, mas ele não veio.'

#### 5.4.2.8 Os complementos sentenciais

Complementos verbais em forma de sentenças também foram testados em Pomerode. Como eles são sempre pospostos não deveriam apresentar restrições para a forma PROG. Os complementos sentenciais que Krause (2001:142) levantou em seu corpus igualmente não apresentaram restrições. Assim, os exemplos a seguir, no que tange esse quesito, são meramente listados. Volto a eles na discussão da combinação de eventos e da semântica dos verbos ou complexos verbais que podem ser progressivizados.

(5.4.40) /A loja/o posto logo vai fechar e eu digo:/'

Ela ainda está pensando no que ainda precisa ser feito.

a. *sie is' noch beim denken, was is' noch drann zu machen* (C.)

ela é-AUX ainda a+DEF pensar-INF, o que é ainda na vez a fazer-INF

'Ela ainda está pensando no que está na vez por fazer.'

b. *der denkt noch, dass das noch gemacht werden müsst'* (V.)

esse pensa-PRÄS ainda, que isso ainda feito-PART precisar deve-MOD KONJ

'Ele pensa que isso ainda precisaria ser feito.'

c. *sie denkt, was sie noch machen, was sie noch machen muss* (I.)

ela pensa-PRÄS, o que ela ainda fazer, o que ela ainda fazer precisa

'Ela pensa no que ainda precisa fazer.'

#### 5.4.2.9 Complemento verbal e adverbial topicalizado

No Capítulo 4 apresentei as peculiaridades da disposição sintagmática dos componentes da perífrase e indiquei que essa fixação, além de caracterizar a própria perífrase, também revelaria graus de gramaticalização. Retomando então, o *beim* + NI não seria mais um PP quando em combinação com o verbo finito *sein*, e que, portanto, não se esperaria que esse complexo preposicional apareceria, tal como os PPs em geral, em diferentes posições sentenciais. Por diversos exemplos já mostrei também em que ordem aparecem os complementos objetos dentro da perífrase progressiva pomerodense e indiquei algumas

“instabilidades” com respeito a complementos pronominais ou preposicionais, que podem, talvez, ser remetidas a processos concomitantes de gramaticalização (com interferência mútua) na localidade. Entendo que em Pomerode a forma não marcada de processar objetos dentro da forma progressiva seria, então, aquela em que o objeto aparece entre o *bei* e o verbo no infinitivo, ao passo que a forma marcada seria aquela em que o objeto (pronominal) estaria antes do complexo preposicional, ou seja, entre o verbo finito *sein* e o *bei*, ou ainda em posições de tópico (no *Vorfeld*, portanto).

A presente seção mostra como componentes topicalizados (proformas: demonstrativos, advérbios pronominais etc.) podem aparecer na forma pomerodense. Evidentemente não foram exploradas todas as possibilidades para tal.

(5.4.41) /Alguém morreu de acidente de trabalho no posto de gasolina./

/Você acha que deve ser feito um documento solicitando mais equipamento de segurança./

/E seu colega lhe diz:/

Exatamente nisso eu ‘tava trabalhando.

a. *gerade dies war ich beim machen* (I.)

justamente isso era-AUX eu a+DEF fazer-INF

‘Exatamente isso eu estava fazendo’

/em seguida ele refaz a sentença mais uma vez/

b. *gerade dieses nun war ich gerade beim machen* (I.)

justamente isso agora era-AUX eu justamente a+DEF fazer-INF

‘Justamente isso eu estava fazendo agora.’

c. *ah, gerade bei das hab’ ich jetzt gearbeitet* (M.)

ah, justamente a-PREP isso tenho-AUX eu agora trabalhado-PART

‘Ah, justamente nisso eu trabalhei agora.’

(5.4.42) /Ela tem muitos problemas com o namorado e eu digo:/

Por causa disso ela está escrevendo [nesse momento].

a. *dawegen is’ sie beim schreiben* (C.)

por causa disso é-AUX ela a+DEF escrever-INF

‘Por causa disso ela está escrevendo.’

b. *wegen das tut sie schreiben oder in diesen moment tut sie schreiben* (I.)

por causa disso faz-AUX ela escrever-INF ou nesse momento faz-AUX ela escrever-INF

‘Por causa disso ela está escrevendo [nesse momento].’

c. *dawegen schreibt sie* (V.)

por causa disso escreve-PRÄS ela

‘Por causa disso ela escreve/está escrevendo.’

Além de objetos e de adverbiais topicalizados, também testei se a estrutura toda poderia ser topicalizada, ou seja, estar ocupando o *Vorfeld*, tal qual os outros elementos “topicalizáveis”.

(5.4.43) /Alguém devia estar estudando e cuidando da comida, mas a comida queimou. Aí ele diz:/

Pelo menos estudando eu estava.

a. **aber beim lernen war ich gewesen** (I.)

mas a+DEF estudar-INF era-AUX eu estado-PART

‘Mas estudando, eu estava!’

b. **ah, wenigstens gelernt hab’ ich aber** (M.)

ah, pelo menos estudado-PART tenho-AUX eu mas-MOD

‘Pelo menos eu estudei, viu?’

#### 5.4.2.10 Complementos verbais e adverbiais deslocados

Já comentei em algumas passagens aqui que em Pomerode o *Nachfeld* é ocupado com componentes sentenciais não usuais para essa posição – nos verbos bitransitivos, o complemento benefactivo quando introduzido pela preposição *für* é colocado sistematicamente nesse campo, inclusive em contextos progressivos como no exemplo (5.4.44)b. a seguir – e também outros complementos preposicionados facultativos aparecem nessa posição, como exemplificado em (5.4.28). No entanto, também complementos obrigatórios foram colocados aí por um dos meus informantes pomerodenses, como mostro no exemplo (5.4.45):

(5.4.44) / O Egon não pode vir agora/

Ele está passando um avental pra ela.

a. **egon gibt ihr gerade eine schürze** (I.)

egon dá-PRÄ ela-DAT justamente um avental

‘Egon está dando um avental pra ela agora.’

/ vejo que o informante (I.) deu outro sentido ao verbo “passar” e digo:/

Ana está passando um avental pra si.

b. **ana is’ gerade bei eine schürze plätten für sich** (I.)

ana é-AUX justamente a-Part. um avental passar-INF pra si

‘Ana está passando um avental pra si.’

(5.4.45) (PROGQ: S25 adaptado, no teste de verbos de fase)

/Alguém no telefone quer saber da João; a resposta é:– O João está perto de mim,.../

...ele está começando a decorar a tabuada [agora mesmo]

**er is’ gerade beim auswendiglernen die tabuada** (M.)

ele é-AUX justamente a+DEF decorado-estudar a tabuada(PB)

‘Ele está justamente decorando a tabuada.’

/mais tarde repito o exemplo com o informante e ele diz exatamente o mesmo/

**der is’ gerade beim auswendiglernen die tabuada** (M.)

esse é-AUX justamente a+DEF decorado-estudar a tabuada(PB)

‘Ele está justamente decorando a tabuada.’

(5.4.46) /Compramos frutas, mas as crianças não estão comendo as mesmas. Aí você diz:/

As frutas estão apodrecendo na geladeira.

**die früchte sin’ beim verfaulen in eisschrank** (L.)

as frutas são-AUX a+DEF apodrecer-INF na geladeira

‘As frutas estão apodrecendo na geladeira.’

O *für sich* (para si) em (5.4.44) poderia ser considerado “acessório” e, portanto, passível de ser localizado no *Nachfeld*, dentro de uma das condições estabelecida para tal pela gramática DUDEN (1998:821). No exemplo (5.4.45), porém, é o próprio argumento interno do verbo *auswendiglernen* (=decorar) que aparece no *Nachfeld*, inclusive na reaplicação do teste ao informante (M.). No primeiro exemplo a *Ausklammerung* poderia, talvez, ser justificada por uma restrição imposta pelo progressivo pomerodense, ou seja, a inclusão de um constituinte prepositivo, além do objeto direto referencial, entre o *bei* e o V (*?Er ist gerade bei eine Schürze für sich plätten* / ele é-AUX justamente a+DEF um avental pra si passar-INF/ ‘Ele está justamente passando um avental pra si.’). A complexidade da estrutura, nesse caso, talvez pudesse bloquear ou dificultar uma interpretação cujo foco deveria ser na ação verbal. Mas lembro mais uma vez do exemplo complexo do alemão *am Knaller-auf-die Strasse-schmeissen sein* (ver seção 5.4.2.7 e 3.7.2), em que, abstraindo-se o fato de se tratar de um plural nu e então ser potencialmente incorporável – o que justificaria a sua posição entre o *am* e o V – também aqui aparece o complemento prepositivo (e depois do elemento incorporável nu *knaller*), e, mesmo assim, a interpretação é claramente progressiva, ou seja, a ação de jogar-bombinhas-na-estrada é vista da perspectiva interna, e o complemento locativo aí no meio não bloqueia essa interpretação (embora fique difícil justificar a incorporação sem haver adjacência entre *knaller* e *schmeissen*)<sup>215</sup>. Em Pomerode tenho um dado, exemplo (5.4.47), com complementação adverbial e objeto direto colocados aí entre o *bei* e o infinitivo. Mesmo com todas as hesitações do informante, e a reformulação da sentença com a forma com *am* (aliás um dos meus raros exemplos dessa forma), parece que a ocupação do *Nachfeld*

<sup>215</sup> Esse talvez seja mais um ponto em favor da “pseudo-incorporação” (termo introduzido por Dayal (2003)) nos contextos progressivos, conforme levanto (superficialmente) no Capítulo 6.



não seria então determinada por uma suposta complexidade da estrutura. Mais testes seriam necessários aqui.

(5.4.47) /Alguém diz irritado para alguém:/

Não me incomoda, eu ainda estou fazendo meus deveres-de-casa.

c. *tu mich nich' inkomodier'n, ich bin jetzt bei meine* [pausa] *wie war das?*

faz-AUX me não incomodar(PB), eu sou-AUX agora a-Part meus[pausa] como era isso?

/eu digo: deveres de casa! (em PB)/

*bei meine arbeit zu hause machen* [pausa] *am machen*

a-Part/Prep? meine-ACU trabalho em casa fazer-INF [pausa] a+DEF fazer-INF

/eu pergunto: “am machen”? e ele responde somente:/

*ja!*

(V.)

sim

‘Não me incomoda, que eu agora estou fazendo meu trabalho em casa.’

Mesmo diante desse dado (único), mantenho que a ocupação do *Nachfeld* no alemão de Pomerode é autorizada para as mais diversas formas de complementações. Essa tendência peculiar já foi desenvolvida em Emmel (2005). Com testes adicionais especialmente desenhados seria possível (e interessante!) verificar a abrangência e as restrições dessa “ocupação” quando se trata de formas progressivas.

Já para o exemplo (5.4.45) não encontrei uma justificativa, uma vez que se trata de um complemento obrigatório (não preposicionado!), e que foi realizado duas vezes nessa ordem. Outros dados desse informante em particular também não me auxiliaram nesse sentido.

Com o que foi exposto em toda a seção 5.4, parece mesmo que a transitividade (e os demais complementos) não exerce nenhum papel restritor nas formas progressivas com *bei* pomerodenses e nisso temos uma diferença fundamental para os progressivos no alemão da Alemanha e seus dialetos. Em Pomerode, conforme já mostrado nos exemplos listados até aqui, mesmo sem as formas com *dabei* (que é a variante alemã onde Krause situa primordialmente as possibilidades de expansão interna da forma PROG), temos, porém, “outras possibilidades” de marcar progressividade, mesmo não se tratando de uma complementaridade como a que se verifica com a forma com *dabei*. Essas possibilidades compreendem a perífrase com *tun* + V<sub>INF</sub> (ver seção 5.8.4), e a marcação adverbial (ver seção 5.8), e essa também existe para o alemão da Alemanha evidentemente.

Mas antes de abordar essas “outras possibilidades”, preciso mostrar como o PROG com *bei(m)* se comporta em relação a outras categorias verbais. Para isso, a próxima seção

está destinada à descrição dos contextos temporais (além de modais e voz) em que a forma PROG pomerodense pode ocorrer.

## 5.5 O progressivo e as “outras categorias”: Tempo, Modo, Voz

Além de contemplar em que tempos a forma progressiva é usada em Pomerode e se existem restrições nesse sentido, essa seção também aborda a possibilidade de combinação da forma com outras categorias gramaticais do verbo. Como nenhuma restrição foi levantada em relação a Número e Pessoa – o que poderia ser previsto de antemão e também pode ser confirmado nos exemplos elencados até esse ponto – não desenvolvo essa questão aqui.

### 5.5.1 Tempo

No Capítulo 3 já foram estabelecidos os parâmetros de diferenciação da categoria Aspecto para a categoria Tempo. Deixei claro, lá, que na forma PROG não se trata de uma variante de tempo, já que o verbo finito (*sein*) pode aparecer tanto no presente (*Präsens*), como no tempo passado (*Präteritum*), e, como mostro em seguida, também no futuro (*Futur I*). Grosso modo e com base em Leiss (1992 e 2000), indiquei que quando falamos em Aspecto é o falante que é localizado, dentro ou fora do evento, ao passo que quando falamos em Tempo é o evento que é localizado. Como estamos tratando do PROG e, conseqüentemente, da perspectivização interna, o falante já estaria “localizado”. Preciso mostrar agora como o progressivo pomerodense se comporta em relação ao antes, ao agora e ao depois e se existe alguma restrição nesse sentido.

Krause (2001) mostrou que em relação a Tempo o progressivo em todas as suas variantes, na Alemanha, se restringe a poucas categorias e, abstraindo as marcações modais ou as que não apresentaram marcação nenhuma, existe uma preferência para o *Präsens* e o *Präteritum*, que para ele constituem os “casos normais” (não-marcados), por se tratar de tempos simples. O *Präsens*, inclusive, apareceu em mais de 50% dos dados levantados por Krause. O autor destaca também que não existe nenhuma variante em que o *Präsens* não tenha sido registrado; as restrições sintáticas seriam dependentes de outros fatores já comentados também aqui. Uma discussão que poderia ser empreendida é se o PROG-*Präsens* sempre teria referência presente, além de levantar as afinidades entre o aspecto imperfectivo e o presente prototípico. Mas não enveredei por esse caminho, uma vez que extrapolaria (em muito!) os propósitos a que eu havia me colocado.

Um outro ponto que preciso destacar é que na distinção conceitual entre Aspecto verbal e Tempo não podemos fazer um pareamento direto entre o PB e o alemão, conforme já comentado aqui no Capítulo 3.

Como não existem restrições para utilização do PROG nos tempos simples do alemão (*Präsens* e *Präteritum*), só listo alguns exemplos que ainda não foram apresentados até aqui. O leitor pode acompanhar a marcação temporal ao longo de todos exemplos citados neste capítulo.

## PRÄSENS

(5.5.1) /Alguém me pergunta: O que é que tu estás fazendo?/

/Eu respondo:/

Eu estou tomando banho.

**was bin ich beim machen? ich bin beim baden** (L.)

o que sou-AUX PRÄS eu a+DEF fazer-INF eu sou-AUX PRÄS a+DEF tomar-banho-INF

‘O que é que eu estou fazendo? Eu estou tomando banho.’

(5.5.2) Não posso gastar um centavo, estou construindo.

a. **ich kann kein mill verbrauchen, ich bin beim bauen** (L.)

eu posso-MOD nenhum mil(-réis)(PB) gastar-INF, eu sou-AUX PRÄS a+DEF construir-INF

‘Eu não posso gastar um centavo, eu estou construindo.’

b. **ich kann nich’ ein centavo verbrauchen, wegen ich bin beim bauen** (I.)

eu posso-MOD não um centavo(PB) gastar-INF, pois eu sou-AUX PRÄS a+DEF construir-INF

‘Não posso gastar um centavo, pois estou construindo.’

(5.5.3) (*Platt*)

O bolo ainda não ‘tá pronto. Ele ‘tá assando lá no forno.

**die toate is’ nock nich’ yout, die is’ nock in ofen bim backen** (L.)

a torta é-PRÄS ainda não bom, essa é-AUX PRÄS ainda no forno a+DEF assar-INF

‘A torta ainda não ‘tá pronta. Ele está no forno assando.’

(5.5.4) /Estamos olhando um ninho de passarinhos e vemos os ovinhos se quebrando; você diz;/

Olha lá, os passarinhos estão nascendo!

**guck mal da, die vögel sin’ beim auskommen** (V.)

olha PartMOD lá, os pássaros são-AUX PRÄS a+DEF sair-da-casca-INF

‘Olha lá, os passarinhos estão saindo da casca!’

## PRÄTERITUM

(5.5.5) Valdir estava construindo, mas o dinheiro acabou.

**valdir war beim bauen, aber das geld wurd' alle** (I.)  
valdir era-AUX PRÄT a+DEF construir-INF, mas o dinheiro foi-PRÄT fim-ADV  
'Valdir estava construindo, mas o dinheiro acabou.'

(5.5.6) Eu 'tava trabalhando, quando o Valmor chegou.

**ich war beim arbeiten, wo valmor kam** (I.)  
eu era-AUX PRÄT a+DEF trabalhar-INF, onde-VIC valmor chegava-PRÄT  
'Eu estava trabalhando, quando o Valmor chegou.'

(5.5.7) Eu vi quando o passarinho estava morrendo, coitado!

**ich hab' gesehen, wo der vogel beim sterben war** (I.)  
eu tenho-AUX visto-PART, onde-VIC o pássaro a+DEF morrer era-PRÄT  
'Eu vi quando o passarinho estava morrendo.'

## PLUSQUAMPERFEKT

Além do “desaparecimento” do *Präteritum* e sua substituição pela forma do *Perfekt* (pretérito analítico), também o *Plusquamperfekt* é tido como não mais usual em vários dialetos alemães, cuja tendência vem sido observada desde os séculos XVI e XVII. Acontecimentos passados são rendidos na oralidade (preferencialmente) com o *Perfekt* (auxiliar *haben* ou *sein* no presente + particípio passado). Mas nos dados a seguir ((5.5.8) e (5.5.9), que em sua forma se apresentam como um *Plusquamperfekt* (auxiliar *sein* no passado (*Präteritum*) + particípio passado), parece que expressa uma função mais-que-perfeita (ou seja, é a expressão de um fato passado que ocorreu antes de um outro fato passado ou antes de um determinado momento passado). Porém, de acordo com DUDEN (1998:152), trata-se de uma forma misturada “não correta” de um *Perfekt* (preterial) e de um *Präteritum* do alemão padrão (pelo fato de o particípio passado e o auxiliar serem o *sein*). O exemplo (5.5.9), inclusive, está no modo *Konjunktiv*.

(5.5.8) /Alguém devia estar estudando e cuidando da comida, mas a comida queimou. Ai ele diz:/

Pelo menos estudando eu estava.  
a. **aber beim lernen war ich gewesen** (I.)  
mas a+DEF estudar-INF era-AUX eu estado-PART  
'Mas estudando, eu estava!'

(5.5.9) /Aconteceu uma desgraça na vizinhança e você fala para um amigo:/

Se nós não estivéssemos trabalhando, a gente não teria ouvido os gritos da vizinha.

- a. *wenn wir nich' beim arbeiten gewesen wären,*  
se nós não a+DEF trabalhar-INF estado-PART estar-AUX KONJ  
*hätten wir nich' den nachbar rufen gehört* (I.)  
teríamos-AUX KONJ nós não o vizinho chamar-INF escutado-PART  
'Se não estivéssemos trabalhando, nós não teríamos escutado o vizinho chamar.'

## FUTURO

Ebert (2000:611) igualmente mostra que, em princípio, não existem restrições na combinação do PROG com os tempos verbais, mas a marcação de referência temporal futura não seria muito comum em qualquer uma das línguas levantadas. Para a língua Fering-Öömring, a inserção do auxiliar de futuro (*wal* ou *skal*) com o marcador de progressivo resulta invariavelmente em uma leitura modal. Os testes em Pomerode revelaram as seguintes soluções:

(5.5.10) /Eu te pergunto: O que é que tu vais estar fazendo amanhã a essa hora? E tu dizes:/

Amanhã eu vou estar viajando.

- a. *morgen bin ich beim reisen* (L.)  
amanhã sou-AUX PRÄS eu a+DEF viajar-INF  
'Amanhã eu vou estar viajando.'

- b. *morgen verreise ich* (GU.)  
amanhã viajo-PRÄS eu  
'Amanhã eu viajo.'

/Mudei o verbo para 'dormir' para o mesmo teste com o informante (I.)/

- c. *morgen diese zeit werd' ich schlafen* (I.)  
amanhã essa hora AUX FUT eu dormir-INF  
1. 'Amanhã a essa hora eu vou dormir.'  
2. 'Amanhã a essa hora eu vou estar dormindo.'

(5.5.11) /O chefe diz: Alguém precisa ficar no posto para receber a gasolina. Nós respondemos:/

Quando a gasolina chegar, nós vamos estar trabalhando

- wenn der gasolin kommt, werden wir beim arbeiten sein* (I.)  
quando o-MASC gasolina chega-PRÄS, AUX FUT nós a+DEF trabalhar-INF ser-INF  
'Quando a gasolina chegar, nós vamos estar trabalhando.'

Relações de futuridade podem estar subjacentes à própria semântica verbal. Ilari e Mantoanelli (1983:46) falam da existência de um valor “presente futuro” para o progressivo, algo que na atualidade é conhecido também por “gerundismo” no PB, conforme cita Wachowicz (2003) na introdução de sua tese. Em Pomerode, igualmente, a forma progressiva é utilizada em circunstância típica de “futuridade”. O exemplo a seguir mostra que o locutor (ao telefone), ao utilizar o verbo *kommen* (=chegar), se desloca idealmente para junto de seu interlocutor.

(5.5.12) /Telefone para um colega de trabalho e digo:/

Eu acordei tarde. Vai abrindo o posto pra mim que eu já 'tou chegando.

*ich bin zu spät aufgestanden. mach auf, ich bin schon beim kommen* (L.)

eu sou-AUX demais tarde Part+levantado-PART, faz aberto, eu sou-AUX já a+DEF chegar-INF

'Eu acordei tarde demais, abre aí que eu já estou chegando.'

Nas línguas abarcadas pela pesquisa de Bertinetto (2000:587) nenhuma restrição em relação à referência temporal pôde ser observada. PROG pode ocorrer na localização do evento tanto no passado, no presente e no futuro. Também em Pomerode nenhuma restrição foi levantada nesse sentido. Até a marcação de futuro foi utilizada com a form PROG, o que, de acordo com Ebert (2000:611) não é muito comum, uma vez que se prefere a marcação PROG presente, com complementação adverbial. Para o presente trabalho não foram feitos levantamentos do PROG em tempos complexos para além do *Plusquamperfekt*.

## 5.5.2 Modo

### 5.5.2.1 O *Konjunktiv*<sup>216</sup>

Conforme desenvolvido por Krause (2001:297), não existiria, por princípio, nenhuma razão para que o progressivo não pudesse ser combinado com significação modal (subjuntiva). Como o *Konjunktiv Präsens* (*Konjunktiv I*) se destina ao discurso indireto, sendo funcionalmente bastante restrito e acontecendo primordialmente no meio escrito, não se esperaria em Pomerode, na oralidade, sentenças como *Er sagte, dass sie beim arbeiten seien* / Ele disse que eles estariam trabalhando, mas, ao invés disso, o *Konjunktiv Präteritum*

---

<sup>216</sup> Mantenho o nome no alemão, pois não existe paridade com o Modo Subjuntivo do PB.

(Konjunktiv II) *Er sagte, dass sie beim arbeiten wären*, exatamente como nos exemplos (5.5.13) e (5.5.14) a seguir, em que os modais e o auxiliar *sein* e *tun* aparecem nessa forma.<sup>217</sup>

(5.5.13) /Algumas colegas suas estão muito atrasadas com o trabalho.

Uma pessoa quer ir passear com elas. Você diz: /

Elas disseram que estariam trabalhando, por isso ninguém podia incomodá-las

a. *sie ha'm gesagt, dass sie wär'n beim arbeiten,*  
 elas tinham-AUX dito-PART, que elas eram-AUX KONJ a+DEF trabalhar-INF,  
*dawegen dürfte keiner ihr inkomodier'n* (C.)

por isso poderia-MOD KONJ ninguém as-DAT incomodar-INF(PB)

‘Elas disseram que estariam trabalhando, por isso ninguém deveria incomodá-las’

b. *die hab'n gesagt, die wär'n beim arbeiten,*  
 essas têm-AUX dito-PART, esses eram-AUX KONJ a+DEF trabalhar-INF  
*dawegen sollen wir nich' inkomodier'n* (I.)

por isso devemos-MOD nós não incomodar-INF

‘Elas disseram que estariam trabalhando, por isso nós não deveríamos incomodar.’

c. *die ha'm gesagt, die wär'n beim arbeiten*  
 essas têm-AUX dito-PART, essas eram-AUX KONJ a+DEF trabalhar-INF  
*un' sie wollten nich'...* (inaudível) (V.)

e elas queriam não... (?)

‘Elas disseram que elas estariam trabalhando e elas não queriam (continuação inaudível)

(5.5.14) /Aconteceu uma desgraça na vizinhança e você fala para um amigo: /

Se nós não estivéssemos trabalhando, a gente não teria ouvido os gritos da vizinha.

a. *wenn wir wär'n nich' beim arbeiten,*  
 se nós estavam-AUX KONJ não a+DEF trabalhar-INF  
*hätten wir nich' gehört die nachbarin schreien* (C.)

teríamos-AUX KONJ nós não ouvido-PART a vizinha gritar-INF

‘Se nós não estivéssemos trabalhando, nós não teríamos ouvido a vizinha gritar.’

b. *wenn wir nich' beim arbeiten gewesen wären,*  
 se nós não a+DEF trabalhar-INF estado-PART estar-AUX KONJ  
*hätten wir nich' den nachbar rufen gehört* (I.)

teríamos-AUX KONJ nós não o vizinho chamar-INF escutado-PART

‘Se não estivéssemos trabalhando, nós não teríamos escutado o vizinho chamar.’

c. *wenn wir gearbeitet hätt'n, dann hätt'n wir das nich' gehört,*  
 se nós trabalhado-PART teríamos-AUX KONJ, então teríamos-AUX KONJ nós isso não ouvido,  
*wie die nachbarin gerufen hat* (V.)

<sup>217</sup> Não entro aqui na discussão das possibilidades de ancoragem temporal presente e futura que também são possíveis para o *Konjunktiv Präteritum*. Ver, para tanto, a gramática do alemão de Welker (1992), em que essa discussão é feita em português. A discussão sobre a utilização de *Perfekt* ou *Präteritum* (ou até do “falso *Plusquamperfekt*”), para referência passada também se manifesta no modo *Konjunktiv*. Veja o exemplo (5.5.14)b..

como-VIC a vizinha chamado-PART tem-AUX

‘Se nós estivéssemos trabalhando, então nós não teríamos ouvido quando a vizinha chamou.’

(5.5.15) /Estou de férias e não sei mais o que inventar, e digo:/

Fico aqui pensando se não seria melhor estar trabalhando

- a. *ich bin hier beim denken, ich glaub’, dass wär’ am besten,*  
eu sou-AUX aqui a+DEF pensar-INF, eu acho, que seria-AUX KONJ o-melhor-de-tudo  
*wenn ich wär’ beim arbeiten* (C.)  
se eu era-AUX KONJ a+DEF trabalhar-INF

‘Eu estou aqui pensando, eu acho que seria melhor, se eu estivesse trabalhando.’

b. /ele não entende a sentença e pede para eu repetir a sentença/

- es wär’ besser, wenn ich beim arbeiten wär’,*  
EXPL seria-KONJ melhor, se eu a+DEF trabalhar-INF seria-AUX KONJ  
*wie hier nur sitzen un’ denken, oder grübeln* (V.)  
do que aqui só sentar-INF e pensar-INF, ou matutar-INF

‘Seria melhor se eu estivesse trabalhando, do que ficar sentado aqui pensando, ou matutando.’

- c. *ich bin hier beim denken, ob es nich’ doch besser wäre, wenn ich arbeiten tät* (I.)  
eu sou-PRÄS aqui a+DEF pensar-INF, se EXPL não PartMOD melhor seria, se eu trabalhar-INF fizesse-AUX  
‘Fico aqui pensando, se não seria melhor estar trabalhando.’

### 5.5.2.2 Imperativo

O *Konjunktiv Präsens*, além de ser utilizado no discurso indireto, também poderia ser esperado no imperativo progressivo como em *Sei beim arbeiten, wenn der Chef kommt!*<sup>218</sup> (Esteja trabalhando, quando o chefe chegar!), mas não tive essa resposta aos inputs imperativos colocados (que seguramente também em PB ainda são relativamente marcados). Como pode ser observado, a forma imperativa com *tun* (ver seção 5.8.4) aparece reincidentemente nesse caso, bem como outras circunscrições e, evidentemente, a forma imperativa não marcada para progressividade.

Krause (2001:303-304) discorre sobre a suposta potencialidade de ocorrências de imperativos progressivos nas línguas por ele pesquisadas, mas que não ocorreram efetivamente em seu corpus (exceto para um exemplo do holandês, mas com auxiliar postural). Em Glück (2001:92) lê-se: “(...) *und PROG kann nicht als Imperativ konstruiert werden.*” (PROG não pode ser construído como Imperativo (tradução minha, I.E.)).

<sup>218</sup> Em Pomerode, a título de ilustração, o *Konjunktiv Präsens* é utilizado em construções cristalizadas do tipo: *Gott sei Dank!* (Deus seja louvado!), *Sei schön brav!* (Seja bonzinho!), *Sei still!* (Fique quieto!) etc.



Também Bertinetto (2000:582) diz que, embora o imperativo tenha sido até registrado na forma progressiva do inglês, os seus informantes não o fizeram, o que confirmaria a marginalidade da mesma.

Assim, também era de se esperar que em Pomerode essa possibilidade sofreria restrições. No entanto, e esse dado seria interessante para o que conclui Krause, conforme pode ser visto em seguida, o meu informante nativo de alemão padrão (R.) fez o imperativo com a forma com *am*. Chamo atenção também para a solução oferecida no *Konjunktiv Präsens* pelo informante (GU.)<sup>219</sup> no exemplo (5.5.16)f. (que foi alfabetizado em alemão, pratica a leitura em língua alemã com regularidade, e teve que aprender a gramática do alemão!), mas onde *Arbeit* foi realizado nominalmente (o que reforça a crítica que Ebert (2000) fez em relação à escolha desse verbo em particular no teste PROGQ, conforme comentário aqui junto ao exemplo 5.6.9), não se tratando, pois, de uma forma progressiva. A listagem dos exemplos a seguir só tem caráter ilustrativo, uma vez que nenhuma forma com *bei(m)* foi levantada no imperativo (volto, porém, aos imperativos na discussão da forma com *tun*). Associo essa restrição à não utilização do *Konjunktiv Präsens* na localidade (exceto em formas cristalizadas).

(5.5.16) (PROGQ: S73 adaptado, na testagem de imperativo)

Pelo amor de Deus, esteja trabalhando quando o chefe voltar!

a. *seh zu, dass du arbeitest, wenn der chef zurückkommt!* (falante de alemão padrão (R.))

vê aí, que tu trabalhas quando o chefe de-volta-vem

1. 'Vê aí que tu trabalhes quando o chefe voltar!'

2. 'Vê aí que tu estejas trabalhando quando o chefe voltar!'

a'. *oder, sei am arbeiten, wenn der chef zurückkommt!* (idem, (R.))

ou, seja-IMP a+DEF trabalhar-INF, quando o chefe de-volta-vem-PRÄS

'Esteja trabalhando quando o chefe voltar!'

b. *por favor, tu arbeiten, wenn der chef kommt* (M.)

por favor(PB), faça- AUX IMP trabalhar-INF quando o chefe chega-PRÄS

1. 'Por favor, trabalhe quando o chefe chegar!'

2. 'Por favor, esteja trabalhando quando o chefe chegar!'

c. *mach den gefallen un' tu arbeiten, wenn der chef kommt!* (I.)

faz o favor e faça- AUX IMP trabalhar-INF quando o chefe chega-PRÄS

1. 'Faça o favor e trabalhe quando o chefe chegar!'

2. 'Faça o favor e esteja trabalhando quando o chefe chegar!'

d. *seh zu, dass du arbeiten tust, wenn der chef kommt!* (H.)

vê aí que tu trabalhar-INF fazes-AUX quando o chefe chega-PRÄS

<sup>219</sup> O informante (GU.) não fez nenhuma marcação *beim* + V-en + *sein*, porém várias com *tun* + V<sub>INF</sub>.

1. Vê aí que tu trabalhes quando o chefe chegar!`  
 2. Vê aí que tu estejas trabalhando quando o chefe chegar!`
- e. **arbeite bitte, wenn der chef zurückkommt!** (falante de alemão padrão-(W.))  
 trabalhe-IMP, por favor, quando o chefe de-volta-ven  
 1. 'Por favor, trabalhe quando o chefe voltar!`  
 2. 'Por favor, esteja trabalhando quando o chefe voltar!`
- f. **sei bei der arbeit, wenn der chef kommt** (GU.)  
 seja-IMP junto a o trabalho quando o chefe chega-PRÄS  
 'Esteja no trabalho quando o chefe chegar!`

(5.5.17) Esteja trabalhando enquanto o chefe estiver aqui!

- a. **arbeitet in die zeit, wo der chef hier is'** (C.)  
 trabalhem-IMP em o tempo onde-VIC o chef aqui é-PRÄS  
 'Trabalhem no tempo que o chefe estiver aqui!`
- b. **wir müssen jetzt arbeiten, wegen der chef is' hier** (V.)  
 nós devemos-AUX agora trabalhar-INF porque o chefe é-PRÄS aqui  
 'Devemos trabalhar agora porque o chefe está aqui!`
- c. **wenn der chef kommt, bin ich beim arbeiten** (I.)  
 quando o chefe chega-PRÄS, sou-AUX eu a+DEF trabalhar-INF  
 'Quando o chefe chegar, eu vou estar trabalhando!`

(5.5.18) /Vemos que alguém está deixando de comer /matando serviço/

/Essa pessoa tinha recebido a ordem de não parar de fazê-lo de jeito algum; aí você diz:/  
 Vamos lá, esteja lanchando!/trabalhando!<sup>220</sup>

- a. **so kom' ma' her, wo' ma' essen!** (I.)  
 portanto vem-IMP PartMOD aqui queremos(nós) Part.MOD comer-INF  
 'Venha cá, vamos comer!`
- b. **wir müssen jetzt arbeiten!** (V.)  
 nós precisamos-MOD agora trabalhar-INF  
 'Nós precisamos trabalhar agora!`
- c. **wo' ma' jetzt essen! ihr sollt jetzt essen** (C.)  
 vamos(nós) PartMOD agora comer! Vocês devem-MOD agora comer-INF  
 'Vamos comer agora!`

### 5.5.3 Voz Passiva (*Genera Verbi*)

<sup>220</sup> O meu informante (I.) quando confrontado com esse exemplo disse: *isso se diz em português?*, o que indica que a adoção metodológica é passível de crítica, mas que foi mantida, uma vez que o questionário do EURO TYP também previa este teste.

Krause (2001:304) avalia sentenças progressivas no alemão e no holandês na Voz Passiva como não-aceitáveis. Já Ebert (2000:613) exclui essa possibilidade para as línguas germânicas em geral e o teste de Reimann (1998:151) igualmente revelou a não-aceitabilidade de progressivos na Voz Passiva. Em Glück (2001) lê-se: “(...)ist *PROG nicht passivfähig*” (PROG não é passível de passivização (tradução minha, I.E.)).

Em Bertinetto, Ebert e De Groot (2000:537), estabelece-se que a compatibilidade de progressivos na Voz Passiva indicaria um estágio avançado na gramaticalização da forma, tomando por base o inglês que, só em recente data, passou a registrar essa possibilidade.

Assim, o teste em Pomerode nesse ponto seria decisivo para estabelecimento de graus de gramaticalização da forma. Passo a listar como a Voz Passiva progressiva em PB foi traduzida pelos meus informantes bilíngües. Observo que as soluções não foram dadas diretamente, ou seja, todos os informantes testados nesse quesito hesitaram antes de me dar a resposta.

(5.5.19) /Estamos nos arrumando para uma grande festa/

/Uma colega, muito nervosa, me pergunta por seu vestido; eu, pedindo para que fique calma, digo: /

O vestido está sendo encurtado nesse momento

a. *das kleid is' sie beim kürzermachen* (V.)CONFIRMAR

o vestido é-AUX ela a+DEF curto-fazer-INF

'Ela está encurtando o vestido.'

b. *das kleid is' beim* [pausa longa] *como é a pergunta?* (I.)

O vestido é a+DEF [pausa longa] como é a pergunta (PB)?

/repito a sentença de input/

b'. *das kleid is' sie beim kürzermachen* (I.)

o vestido é-AUX ela a+DEF curto-fazer-INF

'Ela está encurtando o vestido.'

c. *das kleid wird auf diesen moment abgeschnitten* (G.)

o vestido é-AUX PASS em esse momento cortado-PART

1. 'O vestido será cortado nesse momento.'

2. 'O vestido está sendo cortado nesse momento.'

d. *das kleid is' verkürzt geworden auf den moment* (V.)

o vestido é-AUX PERF encurtado-PART sido-AUX PASS PART em esse momento

'O vestido foi encurtado nesse momento.'

e. *das kleid is' sie beim verkürzern... verkürzen auf den moment* (C.)

o vestido é-AUX ela a+DEF encurtar-INF ... encurtar-INF em o-ACU momento

'O vestido ela está encurtando neste momento.'

(5.5.20) (PROGQ: S75 adaptado, na testagem de voz passiva)

[Entrem, por favor], a comida está sendo servida.

- a. ***kommt rein, kommt rein, das essen wird schon, wird schon auf den tisch gebracht jetzt*** (M.)  
 entrem Part, entrem Part, a comida é-AUX já, é-AUX PASS já para a mesa trazido-PART agora  
 1. 'Entrem, entrem, a comida está sendo trazida pra mesa agora.'  
 2. 'Entrem, entrem, a comida vai ser trazida pra mesa agora.'
- b. ***kommt rein, das essen is' auf'n tisch diesen moment*** (I.)  
 entrem Part, a comida está em a-ACU mesa nesse momento  
 'Entrem, a comida está na mesa nesse momento.'
- c. ***kommt bitte rein, das essen wird diesen moment serviert*** (H.)  
 venham por favor Part, a comida é-AUX PASS esse moment servido-PART  
 1. 'Entrem, por favor, a comida será servida nesse momento.'  
 2. 'Entrem, por favor, a comida está sendo servida nesse momento.'
- d. ***kommt ihr rein... sie rein, das essen is' schon auf'n tisch*** (V.)  
 entrem vós Part ... vós Part, a comida é já em a-ACU mesa  
 'Entrem a comida já está na mesa.'

(5.5.21) As dívidas dele estão sendo perdoadas.

***den seine schulden*** [pausa longa] ***wurden, hum, ja, cobradas?*** (I.)

/digo que ele pode deixar o termo em PB/

***ja, den seine schulden werden cobriert***

sim, desse suas dívidas são-AUX PASS cobradas-PART(PB)

1. 'As dívidas dele são cobradas.'

2. 'As dívidas dele serão cobradas.'

/ Peço para ele me dizer como fica a sentença se esse perdão está acontecendo nesse momento/

***den seine schulden sind cobriert***

desse suas dívidas estão cobradas

? 'As dívidas dele estão cobradas.'

Bertinetto (2000:582) reporta que, além do inglês, só no português seus informantes utilizaram o progressivo passivo *rather freely* (lembro que Bertinetto testou primordialmente as línguas românicas, e, entre as línguas germânicas, nenhuma além do inglês). Seus demais informantes valeram-se da passiva no presente simples, ou, para preservar PROG, transformaram a passiva em uma ativa (por meio de uma construção impessoal, ou por meio de um sujeito não especificado em 3ª Pessoa).

Exatamente esse foi o procedimento adotado também pelos meus informantes, conforme pode ser visto nos exemplos (5.5.19) e (5.5.20) acima. Porém, agora com base em minha intuição lingüística, sentenças como *Das Essen ist beim serviert werden* (A comida está sendo servida) seriam perfeitamente aceitáveis no alemão de Pomerode. Assim, coloquei essa sentença juntamente com a forma simples para avaliação.

(5.5.22) /Eu vou te contar um historinha e daí vou dizer duas sentenças em alemão./

/Aí tu me dizes qual te parece melhor para essa situação, certo?/

/Estamos numa festa e os convidados estão impacientes com a demora da comida./

/O garçom, para acalmar o povo diz:/

*Das Essen ist schon beim serviert werden.* ou *Das Essen wird schon serviert.*

A comida já está sendo servida.

A comida já é servida.

Resposta: ***das kann beides sein!*** (B.)

Isso pode ser as duas coisas.

Portanto, em relação à Voz Passiva parece que em Pomerode existe uma possibilidade de a mesma poder vir a ser rendida no progressivo. Mas nesse ponto, só é possível conjecturar. Diferentemente das formas progressivas imperativas que são rendidas com *tun* +  $V_{INF}$ , restrições sintáticas impedem a Voz Passiva com *tun* +  $V_{INF}$ .

## 5.6 A perífrase em contextos complexos

### 5.6.1 Combinação de eventos durativos

(5.6.1) /Estou de férias e não sei mais o que fazer em casa e digo:/

Fico aqui pensando, se não seria melhor estar trabalhando.

a. ***ich bin hier beim denken, ich glaub', dass wär' am besten, wenn ich wär' beim arbeiten*** (C.)

eu sou aqui a+DEF pensar-INF, eu acho que seria o-melhor-de-tudo se eu fosse-AUX a+DEF trabalhar-INF

'Fico aqui pensando, se não seria melhor estar trabalhando.'

b. ***ich bin hier beim denken, ob es nich' doch besser wäre, wenn ich arbeiten tät*** (I.)

eu sou-PRÁS aqui a+DEF pensar-INF, se EXPL não PartMOD melhor seria, se eu trabalhar-INF fizesse-AUX

'Fico aqui pensando, se não seria melhor estar trabalhando.'

/o informante V. não entende o input na primeira apresentação e pede para eu repetir/

c. ***es wär' besser, wenn ich beim arbeiten wär', wie hier nur sitzen un' denken, oder grübeln*** (V.)

EXPL seria-KONJ melhor, se eu a+DEF trabalhar-INF seria, como aqui so sentar e pensar, ou matutar

'Seria melhor, se eu estivesse trabalhando, ao invés de ficar aqui sentado pensando, ou matutando.'

(5.6.2) / Dou um conselho para alguém:/

Não fica pensando em bobagens, enquanto tu estiveres trabalhando!

a. ***denk' nich' so an mist in die zeit, wo du bist beim arbeiten*** (C.)

pensa-IMP não assim em besteira em o tempo, onde-VIC tu és-AUX a+DEF trabalhar-INF

'Não pensa muito em besteira enquanto tu estiveres trabalhando!'

b. ***nich' an dummheiten denken, wenn man beim arbeiten is'*** (V.)

não em bobagens pensar-INF, quando se a+DEF trabalhar-INF é-AUX

‘Não (se deve) pensar em bobagens, enquanto se está trabalhando.’

c. *nich’ an dumheiten denken, wenn man arbeiten tut* (I.)

não em besteiras pensar-INF, quando se trabalhar-INF faz-AUX

‘Não (se deve) pensar em bobagens, enquanto se está trabalhando.’

Os testes do PROGQ que previam também a verificação de coordenação de eventos na forma progressiva (PROGQ: S62, S70, ver anexo), pela própria complexidade com que se apresentaram no input (principalmente a S70), não foram rendidos na forma progressiva pelos informantes pomerodenses. Em Bertinetto (2000:583) essa questão é remetida também ao relativo peso da construção. Embora, como diz o autor, uma das funções principais do PROG seja o *backgrounding*, na justaposição de uma série de eventos considerados do ponto-de-vista progressivo, para composição de uma situação complexa em que diferentes atividades ocorrem simultaneamente, nem todas as línguas parecem estar igualmente dispostas a repetir o PROG em sentenças adjacentes. A alternância entre a forma simples e a forma PROG nesses casos parece ser também uma “tendência” no alemão de Pomerode, revelada em outras sentenças do teste.

#### 5.6.2 Coordenação com *sein* como auxiliar e como cópula

No final da seção 4.4 chamei a atenção para o problema na especificação do estatuto do *sein* em estruturas coordenadas progressivas + predicativas. Essa questão parece ser uma constante para as línguas européias em geral, pois, para o levantamento das propriedades sintáticas das construções progressivas, o grupo EUROTYP coloca a seguinte questão, na segunda parte do questionário PROGQ, em que são feitas perguntas essencialmente teóricas:

Is it possible to build constructions which may be interpreted as the coordination of a locative expression and a Progressive, in which the copula and/or the coordinative conjunction are deleted? (e.g.: *Ann is inside, (and) working hard* ; *John is in bed, (and) sleeping soundly*).

In: Dahl (2000:817- Apêndice 3, Parte II)

Lembro que também Wachowicz (2003) explorou essa questão para o PB, com o intuito de verificar o estatuto do *estar* na perífrase progressiva (ver aqui seção 4.4). Os exemplos colocados para tradução em Pomerode revelaram soluções bastante diversificadas nesse sentido, conforme pode ser acompanhado a seguir.

(5.6.3) / Alguém quer saber da Maria e eu digo:/

Ela está na cozinha trabalhando.

a. *die is’ in die küche un’ is’ beim arbeiten* (I.)

- essa é-PRÄS em a cozinha e é-AUX a+DEF trabalhar-INF  
 'Ela está na cozinha e está trabalhando.'
- b. *die is' in die küche un' is' beim arbeiten* (C.)  
 essa é-PRÄS em a cozinha e é-AUX a+DEF trabalhar-INF  
 'Ela está na cozinha e está trabalhando.'
- c. *er [pausa] sie is' in die küche un' arbeitet* (V.)  
 ele [pausa] ela é-PRÄS em a cozinha e trabalha-PRÄS  
 'Ela está na cozinha trabalhando.'
- d. *sie is' in die küche un' arbeitet* (G.)  
 ela é-PRÄS em a cozinha e trabalha-PRÄS  
 'Ela está na cozinha trabalhando.'
- e. *ich war da in die küche un' hab' gearbeitet* (M.)  
 eu era-PRÄT lá em a cozinha e tenho-AUX trabalhado-PART  
 'Eu estava lá na cozinha trabalhando.'

(5.6.4) / Alguém me pergunta: O bolo ainda não está pronto? Você responde:/

Ele está lá no forno, assando.

- a. *der is' bein<sup>221</sup> ofen beim backen* (L.)  
 ele é-AUX(?) PREP+DEF fogão-MASC a+DEF assar-INF  
 'Ele está no forno a assar.'
- b. *die torte is' noch nich' gut, die is' noch in ofen [pausa longa] die backt noch* (GU.)  
 a torta é-PRÄS ainda não boa, essa é-AUX ainda em forno[pausa longa] essa assa-PRÄS ainda  
 'A torta ainda não está boa, ela ainda está no forno assando.'
- c. (*Platt*)  
*die toate is' noch nich' yout, die is' noch in ofen bim backen* (L.)  
 a torta é-PRÄS ainda não bom, essa é-AUX(?) PRÄS ainda no forno a+DEF assar-INF  
 'A torta ainda não tá pronta. Ele está no forno assando.'

(5.6.5) (PROGQ: S06 adaptado, na testagem de verbos transitivos e valência)

/ Alguém no telefone quer saber do João; a resposta é: - O João está perto de mim.../

ela está limpando uma janela

/meu informante entendeu janela ao invés de janela/

- a. *joão is' dicht bei mich ein fenster reinemachen* (I.)  
 joão é-AUX(?) perto a-PREP me-ACU uma janela limpo-fazer-INF  
 'João está ao meu lado limpando uma janela.'

<sup>221</sup> O informante parece fazer clara cliticização de artigo definido acusativo masculino aqui: *bei + den*ACU-MASC = *bein* (o que estaria de acordo com o que se observou sistematicamente em Pomerode: não existe mais marcação dativa). A opção por exatamente esta preposição aqui, no entanto, deveria ser também analisada melhor, uma vez que se esperaria um *in*. Mas também no exemplo b. em seguida, o *in* pode ser assumido como cliticizado *in + den*ACU-MASC = *in*, o que novamente indicaria uma regência não-dativa dessa preposição. Evidentemente, um tratamento acústico em laboratório poderia sustentar melhor essa hipótese.

(5.6.6) (PROGQ: S12 adaptado, na testagem de incorporação de objetos)

/ Alguém no telefone quer saber da Ana; a resposta é: - A Ana está perto de mim.../

ela está descascando batatas

/meu informante inclui a informação adverbial locativa na resposta/

a. *ana is' hier dicht bei mich pataten-abschälen* (I.)

ana é-AUX(?) aqui perto a-PREP me-ACU (ø) batatas-descascar-INF

'A Ana está aqui perto de mim (?) descascar-batatas'

b. *ana sitzt neben mich, die tut kartoffeln abschälen* (M.)

ana senta-PRÄS ao lado me-ACU, essa faz-AUX batatas descascar-INF

'A Ana está ao meu lado descascando batatas'

(5.6.7) (PROGQ:S14 adaptado, na testagem de incorporação de objetos)

/ Alguém no telefone quer saber do João; a resposta é: - O João está perto de mim.../

ele está descascando 3 kg de batatas

/meu informante inclui a informação adverbial locativa na resposta/

a. *joão is' bei mich schält 3 kilo kartoffeln ab* (I.)

joão é-AUX(?) junto-PREP me-ACU (ø) descasca 3 kg batatas Part

'O João está aqui comigo (?) descascando 3 kg de batatas.'

Não foi possível encontrar uma explicação unificada para a diversidade de soluções oferecidas pelos meus informantes na questão de inclusão de informação adverbial locativa predicativa (e o leitor pode observar que essa, em alguns exemplos, também é regida pela preposição locativa *bei*, o que parece ter disparado tensões adicionais em relação à forma homônima *bei* do progressivo), o que, por sua vez, coloca em evidência a estreita ligação entre locatividade e progressividade já referida seguidamente aqui.

Uma análise mais apurada sobre o papel do *sein* em um exemplo específico de Krause (2001:96), reproduzido a seguir, talvez pudesse ter ajudado na compreensão do que acontece também em Pomerode quando da inclusão de complementos adverbiais locativos preposicionados (no *Mittelfeld*) em uma forma progressiva, mas o autor não contemplou esse detalhe nesse exemplo particular, uma vez que lhe chamou atenção somente a combinação entre o *am PROG* e o *beim PROG* no mesmo complexo sentencial.

O exemplo em questão, extraído do Chat-Kanal Gvoon, que Krause coletou em 15.01.98, é o seguinte:

*sind wohl wieder alle bei gvoon am arbeiten und nicht beim chatten*

estão por-certo novamente todos a-PREP gvoon a+DEF trabalhar-INF e não a+DEF chat-INF

'Todos (no canal-gvoon)devem estar no canal-gvoon trabalhando (no canal-gvoon)e não falando no chat.'



Krause (2001:166-167) não inclui esse exemplo no subitem onde trata da combinação do *sein* como auxiliar e como cópula, mas faz considerações bastante pontuais nesse sentido na introdução à seção onde aborda a combinação do progressivo com especificações adverbiais, logo após ter feito a listagem de todas (exceto a do exemplo aqui citado), e traduzo uma passagem de seu texto aqui:

“Observa-se uma incidência maior de inclusões adverbiais temporais, em parte em combinação com outros tipos de advérbios. Paralelamente também aparecem adverbiais locativos e modais. Restrições potenciais são esperadas principalmente em relação aos advérbios ou locuções locativas, nas demais não é possível identificar motivos pelos quais elas pudessem estar excluídas em razão do significado e da função dos progressivos. Na verdade, todas as aparições adverbiais são sintéticas, advérbios preposicionados como *na cozinha (in der Küche)* **NÃO** (grifo meu, I.E.) acontecem. Isso poderia ser remetido ao fato de que o ouvinte, na enunciação de uma potencial sentença como *Sie ist in der Küche am Arbeiten* (Ela está na cozinha trabalhando), poderia interpretar o adverbial preposicionado também como predicativo, já que ele está anteposto ao grupo preposicional progressivo. Portanto, primeiro estaria focalizado o local do acontecimento e só depois a ação apresentada a partir da perspectiva interna. Visto assim, estaríamos diante de uma ambigüidade (compare também com Reimann (1998:178)), que poderia disparar irritações no ouvinte, caso esse tivesse, por exemplo, perguntado sobre a ocupação de uma determinada pessoa. Mesmo assim, essa ambigüidade desapareceria, ao contrário do que afirma Reimann (ibid.), tão logo a sentença completa tivesse sido enunciada. No caso da utilização de advérbios locativos como *da (lá)* e *hier* (aqui) teríamos uma situação estrutural paralela, mas nesses casos uma desambigüização melhor poderia ser obtida via entonação.” (tradução minha, I.E.)

Uma combinação do predicativo *bei mich sein* com uma forma *absentive* (o que poderia justificar a ausência da preposição) não é possível dado ao próprio conteúdo semântico do predicativo (lembro que a “propriedade invariável”<sup>222</sup> para interpretação *absentive* era o afastamento do agente do centro dêitico, conforme desenvolvido aqui na seção 4.2 e 4.4). Quer dizer que em uma estrutura *absentive* é de se esperar que se tenha uma especificação sobre a posição do sujeito no espaço, o que favoreceria uma coordenação com predicativos de natureza locativa, no entanto, essa não pode estar em contradição com a semântica da construção. O *perto de mim* colocado no input, previa exatamente a exclusão de interpretação *absentive* nesses exemplos.

---

<sup>222</sup> Termo que tomei de De Groot (2001:697) (I.E.)

### 5.6.3 Modais

No questionário do EUROTYP foram previstas duas perguntas para testagem de comportamento de verbos modais em conjunção com o progressivo. Reimann (1998:107), no entanto, considerou os próprios modais (e também os cópula) como não passíveis de progressão, confirmado pelo teste de aceitabilidade colocado para tal: *\*Peter ist am Gehenwollen* (Peter é a+def ir-querer-INF/Peter está querendo ir). O que o PROGQ propõe, na verdade, é a testagem do verbo modal na função de verbo auxiliar (em leitura epistêmica), e não a progressivização dele em si (S79-*Anne must be feeding the animals, [I guess]*), resultando em um caso peculiar de *Infinitive PROG*, de acordo com Bertinetto, Ebert e de Groot (2000:538). Em Pomerode não foram observadas soluções do tipo *João muss (wohl) beim schweinefüttern sein* ou *João dürfte beim schweinefüttern sein* (João deve/poderia estar alimentando os porcos). Um teste de aceitabilidade teria sido interessante nesse ponto. Chamo a atenção para como em Pomerode a questão da modalidade foi “resolvida” via inclusão adverbial e de partículas, mantendo a interpretação progressiva (via incorporação (b.) ou com objeto direto-DP (a.)). A ambigüidade de (c.) e (d.), como quase sempre no presente simples, se mantém, uma vez que não foram providas informações co-textuais ou contextuais adicionais para desambigüização nesse teste.

(5.6.8) (PROGQ:S79 adaptado, na testagem verbos modais)

O João deve estar alimentando os porcos.

a. *joão is' bestimmt bei die schweine füttern* (V.)

joão é-AUX certamente a-Part os porcos alimentar-INF

‘João certamente está alimentando os porcos.’

b. *joão is' wohl bestimmt beim schweinefüttern* (I.)

joão é-AUX Part.MOD certamente a+DEF porcos-PLU-alimentar-INF

‘O João certamente está alimentando os porcos.’

c. *der joão, glaub' ich, füttert die schweine* (H.)

o joão, acredito-PRÄS eu, alimenta-PRÄS os porcos

1. ‘Eu acredito que o João alimenta os porcos.’

2. ‘Eu acredito que o João está alimentando os porcos.’

d. *ah, der joão, der füttert wohl die schweine* (M.)

ah, o joão, esse alimenta-PRÄS certamente os porcos

1. ‘Ah, o João deve alimentar os porcos certamente.’

2. ‘Ah, o João deve estar alimentando os porcos certamente.’

Cabe um comentário de Bertinetto (2000:582) nesse sentido. O autor situa as estruturas infinitivas (incluindo aí as modais) no item das considerações sobre as restrições morfológicas em combinação com PROG, mas acaba por qualificar as estruturas modais meramente como *relative clumsiness*, não referindo nenhuma restrição propriamente dita que pudesse ser considerada também aqui. Evidentemente que, subjacente a uma estrutura com modal, existem questões semânticas muito complexas, mas aqui a intenção era tão somente levantar a possibilidade do PROG se manifestar também em uma estrutura com auxiliar modal.

#### 5.6.4 A negação

Entre as restrições sintáticas, Bertinetto (2000:582) coloca ainda a questão da negação e conclui que a mesma não tem efeito no uso do PROG, o que é uma previsão natural. Assim, também em Pomerode não foram observadas alterações que pudessem ser atreladas à questão da negação. Listo um dos exemplos:

(5.6.9) (PROGQ: S76 adaptado, na testagem de negação)

/Estamos falando sobre o que aconteceu:/

O chefe estava bem brabo, pois o João não estava trabalhando, quando ele chegou.

a. *der chef war sehr böse, wegen joão war nich' beim arbeiten, wo er kam* (I.)

o chefe era-PRÄT muito brabo, pois joão era-AUX não a+DEF trabalhar-INF, quando ele chegou

'O chefe estava muito brabo, pois João não estava trabalhando, quando ele chegou.'

b. *der chef is' sehr böse, weil joão nich' bei die arbeit<sup>223</sup> war, wo der kam* (V.)

o chefe é-PRÄS muito brabo, pois joão não junto-PREP o trabalho era-PRÄT, quando esse vinha

'O chefe estava muito brabo, pois o João não estava no trabalho quando esse chegou.'

c. *oh, der chef is' sehr böse, wegen der joão hat nich' gearbeitet, wo der chef gekommen is'* (M.)

oh, o chefe é-PRÄS muito brabo, porque o joão tem não trabalhado-PART quando o chefe chegado é

'O chefe está muito brabo, pois o João não estava trabalhando quando ele chegou.'

### 5.7 Valores da perífrase além do progressivo

#### 5.7.1 Significado iminente

<sup>223</sup> A escolha do verbo *arbeiten* para vários testes do PROGQ foi criticada por Ebert (2000:646) exatamente por causa dessa possibilidade de circunscrição nominal revelada nesse exemplo. Diz a autora que essa possibilidade parece ser inclusive mais usual do que a própria forma verbal. Os pomerodenses parecem confirmar essa hipótese de Ebert. Ver aqui também seção 5.2.2.2.

Antes de tratar dos tipos de verbos que podem entrar em combinação com o progressivo, faço um breve comentário sobre aquilo a que os autores se referem como *the imminent meaning of the progressive*, mas que já tem relação com a tipologia verbal.

Para Bertinetto, Ebert e De Groot (2000:534), a utilização de verbos pontuais, em particular de verbos *achievement* (que constituem a essência dos predicados não-durativos) em contextos Foc-PROG resulta em uma leitura iminente (*imminent reading*), sugerindo que o evento vai acontecer em seguida, mas que não ocorreu ainda no ponto de focalização.<sup>224</sup>

Sob a visão de Hedin (2000:244), a utilização do Imperfectivo em contextos que, em sua interpretação mais natural, não referem a um processo, uma interpretação processual é forçada para que seu uso seja “legalizado”. Assim, também em Pomerode, a utilização do verbo “pontual” *aufstehen* (=acordar, levantar), por exemplo, no PROG (ex. *Er ist beim aufstehen*) a interpretação é do “processo” que antecede à mudança de estado dormir / acordar, que é, na verdade, instantâneo, e conseqüentemente não autorizaria a leitura durativa.

Lanço também uma nota de Ebert (2000:647) que mostra bem a complexidade com que nos defrontamos ao analisar como o PROG pode acontecer com verbos pontuais.

“There are few strictly momentaneous verbs (...). There is no consensus among German speakers whether *einschlafen* or *sterben* can refer to a period before one ‘realy’ falls asleep or dies, or whether it refers only to the transition point.” (Nota 14)

(5.7.1) /Alguém que conhecemos está muito doente e eu digo:/

Ele está morrendo. Ele está batendo-as-botas. Ele está indo pra uma melhor.<sup>225</sup>

a. *er is' beim sterben / er is' beim kaputgehen / er is' gerade beim abrecken* (I.)

ele é-AUX a+DEF morrer-INF/ele é-AUX a+DEF quebrado-ir-INF/ele é-AUX justamente a+DEF bater-as-botas

‘Ele está morrendo.’ / ‘Ele está morrendo (verbo usado para morte de animais)’

‘Ele está batendo-as-botas nesse momento.’

(5.7.2) /E vejo uma pessoa que não está mais conseguindo respirar e digo:/

Ele está morrendo.

a. *er stirbt, ahn, er stirbt* (V.)

ele morre-PRÄS, ahn, ele morre-PRÄS

‘Ele morre.’

/Eu repito o contexto e ênfase que estou vendo isso acontecer na minha frente./

a' *ja, ja, er is' beim sterben* (V.)

<sup>224</sup> Talvez seja mesmo um universal, mas eu não explorei essa questão.

<sup>225</sup> Esse exemplo foi aplicado para verificação de possíveis restrições estilísticas (no português rendidas por expressões idiomáticas) que poderiam, talvez, restringir também o uso da forma. Mas como se trata de um alemão coloquial, essa restrição não se aplicou evidentemente (ver encaminhamentos propostos na seção 2.3)

sim, sim, ele é-AUX a+DEF morrer-INF

‘Sim, eu sei, ele está morrendo.’

b. *der is’ am totgehen*

(C.) EXEMPLO COM *am*

esse é-AUX a+DEF morto-ir-INF

‘Esse está morrendo.’

/Pergunto: e se for uma planta?/

c. *die is’ am kaputgehen*

(C.) EXEMPLO COM *am*

essa é-AUX a+DEF estragado-ir-INF

‘Essa está morrendo.’

(5.7.3) /Um pássaro voou contra a janela e eu digo:/

Olha lá, o passarinho está morrendo, coitado!

*guck mal da, der vogel is’ beim sterben*

(V.)

olhe PartMod lá, o pássaro é-AUX a+DEF morrer-INF

‘Olhe lá, o pássaro está morrendo!’

(5.7.4) /Estamos observando um ninho de passarinhos e eu digo:/

Olha lá, os passarinhos estão nascendo.

*guck mal da die vögel, die sin’ beim auskommen*

(I.)

olhe PartMod lá os pássaros, esses são-AUX a+DEF Part+vir-INF

‘Olha lá os pássaros, eles estão nascendo/saindo da casca.’

(5.7.5) (PROGQ:S56 adaptado, na testagem de significado eminente)

[Corre aí!] O ônibus está saindo.

a. *lauf schnell, der bus is’ schon beim abhauen*

(I.)

corre-IMP rápido, o ônibus é-AUX já a+DEF embora-ir-INF

‘Corre rápido, o ônibus já está saindo.’

(5.7.6) Corre aí! Corre aí, que ele está indo embora.

*lauf schnell nach, der fährt [pausa] der is’ beim abfahren*

(I.)

corre-IMP rápido atrás, esse vai(de carro) [pausa] esse é-AUX a+DEF embora-ir(de carro)-INF

‘Corre atrás que ele já está saindo(de carro)!’

(5.7.7) /Vendo alguém entrando no carro, eu digo:/

Ele está justamente indo embora.

*der is’ auf den moment jetzt beim abfahren*

(C.)

esse é-AUX em o momento agora a+DEF Part.+dirigir/ir-INF

‘Ele está indo embora nesse momento.’

(5.7.8) O João estava acordando, quando eu cheguei lá.

*der j o h a n n   w a r   b e i m   a u f s t e h e n ,   w o   i c h   d a   h i n g e k o m m e n   b i n* (C.)  
o   J o h a n n   e r a - A U X   a + D E F   P a r t . + l e v a n t a r - I N F ,   o n d e - V I C   e u   l á   P a r t . + c h e g a r - P A R T   s o u - A U X  
'O João estava acordando, quando cheguei lá.'

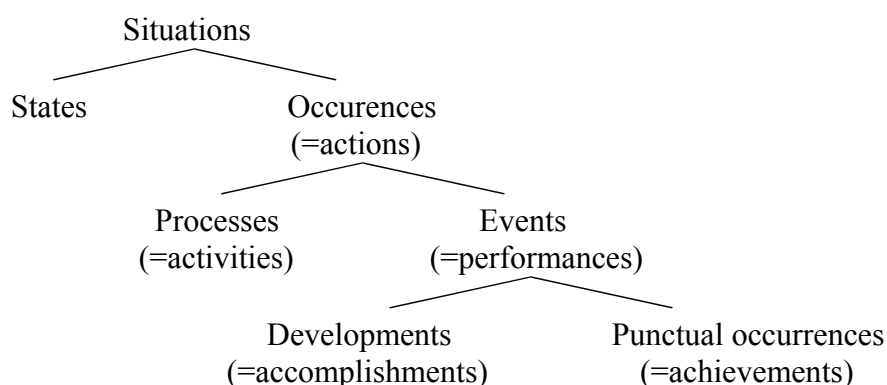
Em uma adoção direta da classificação primária dos verbos (aditivos x não-aditivos), conforme propõe Leiss (2000), e que foi apresentada aqui na seção 3.3.3, essa peculiaridade que se impõe sobre esses verbos na interpretação iminencial deveria ser levada em conta.

### 5.7.2 Tipos de verbos

A classificação verbal ainda mais “usual” está baseada na proposta de Zeno Vendler (1967) (mais especificamente, a terminologia introduzida por ele), mesmo com todos os problemas que foram levantados em torno da mesma ao longo dos anos e das críticas feitas a ela por não se tratar de uma classificação lingüística em sua origem. A distinção elementar que Vendler faz (já mais do que “batido” em trabalhos lingüístico) é a de *states* (estados) e *actions* (ações). As *actions* o autor subdivide, respectivamente, em *activities*, *accomplishments* e *achievements*. As *activities* englobam predicados que denotam ações gerais como *escrever*, *correr*, *dirigir*, *cantar* etc., não apresentando limites inerentes (os eventos por eles descritos não precisam necessariamente ter ponto inicial ou final). Os *achievements* (*sair*, *achar*, *perder*, *morrer*, *acordar* etc.), de acordo com Cann (1993:258), se diferenciam dos *accomplishments* (*descascar uma cebola*, *assar um bolo*, *encher um pneu* etc.), pois eles parecem ser eventos pontuais.

Porém, qualquer classificação verbal que for adotada vai se defrontar com exceções, uma vez que a semântica de um determinado verbo e as possíveis mudanças na gradação constitutiva do mesmo só vai se manifestar plenamente no ambiente sintático em que o mesmo for inserido. Além disso, e acredito que o alemão seja particularmente “dotado” nesse sentido, existe uma profusão de prefixos verbais que ao longo do caminho da gramaticalização foram perdendo seu conteúdo semântico original e ganhando valor funcional gramatical, servindo como meio de transitivização ou perfectivização. Também a sufixação vai desempenhar um papel aqui, conforme será comentado na seção 5.7.3.1 a seguir, em que a quantificação de uma ação já vem especificada no lexema verbal. Assim, uma diferenciação na *Aktionsart* do verbo pode resultar em relevância gramatical.

Esquematizando a divisão acima, apresento um esquema de Mourelatos (1978:423) que retoma a classificação vendleriana e propõe uma divisão tripartite como apresentada a seguir:



Os autores pesquisados são unânimes em afirmar que no alemão e em seus dialetos o PROG não combina com verbos estativos, uma vez que eles não se referem a eventos dinâmicos (ações, processos ou acontecimentos) e, portanto, dispõem de uma certa duração durante a qual não estão sujeitos a nenhuma modificação essencial (ver também Krause (2001:238)). Para um falante de PB essa generalização soa um tanto estranha, uma vez que dizemos coisas como: *Você está sendo simpático fazendo isso, João já está sabendo do acidente, O quadro até está ficando pendurado, mas logo ele vai cair* etc. O próprio Bertinetto (2000:584) considera o PB (e não o PE) mais flexível que o espanhol nesse sentido. Também no inglês (uma língua germânica) temos formas *\_ing* com verbos estativos: *The statue is standing near the park this Summer, You are being clever tonight* etc. Remete-se essa possibilidade ao fato de o PROG no PB e, principalmente, no inglês, estar mais gramaticalizado, autorizando a sua utilização com verbos estativos, porém para expressão de estados temporários.

A própria caracterização do que vem a ser um verbo estativo, no entanto, não goza de unanimidade entre os autores pesquisados. Parece mesmo que podemos falar de uma gradação de estatividade, e tanto Krause (2001:245) como Reimann (1998:27) se preocuparam com essa natureza diferenciada dos estativos e a possível combinação dos mesmos nas formas PROG dentro dessa gradação.

Nesse sentido, pode-se imaginar um comprometimento da classificação primária dos verbos como foi proposta por Leiss (1992) (ver seção 3.3.3 aqui), uma vez que a

heterogeneidade que se revela já no âmbito dos estativos certamente vai se manifestar também na bipartição classificatória proposta, qual seja, a da aditividade ou da não-aditividade.

Os verbos estativos que aceitariam mais facilmente a forma PROG, de acordo com Krause (idem, idem)<sup>226</sup> seriam os de posição (*sit, stand, lie*), em seguida viriam os de percepção sensorial (*feel, hear, see, smell*) e os de atitudes emocionais (*hate, hope, love*) em que a forma PROG só seria autorizada sob determinadas condições, depois ainda teríamos os verbos que denotam estados mentais ou atitudes intelectuais (*believe, mean, think*) que só apareceriam raramente na forma PROG, e, finalmente, as chamadas relações (*contain, consist(of), own, possess, belong(to), depend(on)*) que praticamente nunca apareceriam em combinação com formas progressivas.

A tabela resumo sugerida por Bhatt e Schmidt (1993) e que está reproduzida aqui no Capítulo 6 vai no sentido de contemplar essas diferenciações que os demais autores pesquisados levantam em relação a uma classificação verbal inequívoca, não só quanto aos verbos estativos, mas também para as demais classificações.

Em Pomerode só alguns exemplos com estativos foram levantados:

(5.7.9) /Alguém me pergunta do Valmor e eu digo:/

Ele está descansando.

*er is' beim ausruhen* (I.)

ele é-AUX a+DEF Part.+descansar-INF

'Ele está descansando.'

Assumo, tal como fez Wachowicz (2003:42), que os verbos *apodrecer* e *crescer* são verbos de estado (ou, segundo a autora e com base na classificação de Castilho e Moraes de Castilho (1994)) e expressam o estado permansivo, uma vez que “são interpretados como se não provocassem mudança no tempo, tendo natureza estática e não-agentiva”:

(5.7.10) /Compramos frutas, mas as crianças não estão comendo as mesmas. Aí você diz:/

As frutas estão apodrecendo na geladeira.

*die früchte sin' beim verfaulen in eisschrank* (L.)

as frutas são-AUX a+DEF apodrecer-INF na geladeira

'As frutas estão apodrecendo na geladeira.'

Essa classificação de *verfaulen* (e acredito que de *wachsen* também) como um estativo está longe de ser indiscutível. Ebert (2000:620) fala que a acionalidade de verbos intransitivos télicos muitas vezes é ambígua. Em muitas circunstâncias, continua Ebert (idem:622), fica

<sup>226</sup> Krause toma essa classificação de Schopf (1969). Não tive acesso a essa bibliografia.



difícil de estabelecer se o estranhamento ou a impossibilidade de uma construção PROG-  
PREP se deve à não-agentividade ou à não-telicidade.

(5.7.11) /Sua filha adolescente foi colocar uma calça do inverno passado./

/ Você vê que e a calça está um palmo acima da canela e diz: /

Olha lá como minha filha está crescendo!

***guck mal da, wie meine kleine beim wachsen is'*** (B.)

olha PartMOD lá, como minha pequena a+DEF crescer-INF é-AUX

'Olha lá como minha pequena está crescendo!'

Os outros dois exemplos levantados, respectivamente com o verbo *wissen* (saber) e *abzäunen* (cercar) apareceram na forma com *tun* (ver aqui também seção 5.9).

(5.7.12) (PROGQ: S39 adaptado, na testagem de verbos estativos)

[Agora, de repente] a Maria está sabendo a resposta.

***diesen moment, tut die maria die... das wort wissen... die antwort*** (H.)

neste momento faz-AUX a maria a... a palavra saber-INF... a resposta

'Neste momento, a Maria está sabendo a resposta.'

(5.7.13) (PROGQ: S39 adaptado, na testagem de verbos estativos)

/O arame estava sempre lá no rancho enrolado. Alguém me pergunta do arame, eu digo: /

O arame farpado está cercando o pasto.

***der stacheldraht tut jetzt den bast cerquier'n, oder... ,cerquier'n nich'... abzäunen*** (H.)

o arame-farpado faz-AUX agora o pasto(PB) cercar(PB), ou... cercar(PB) não,...cercar-INF

'O arame farpado está cercando o pasto.'

Glück (2001:86), tomando por base os parâmetros semânticos  $\pm$ dinâmico,  $\pm$ momentâneo,  $\pm$ controlado e  $\pm$ télico, com base em De Groot (1995), diz que os verbos que se caracterizariam melhor no PROG do alemão seriam, respectivamente, os que apresentam os traços [+dinâmico], [- momentâneo], [ $\pm$  controlado] e [- télico]. Em outro ponto diz também que o PROG, na regra, não funcionaria bem com verbos que denotam eventos pontuais (\**Jenny ist am Aufstöhnen.* / Jenny está suspirando).

A agentividade, que tanto Engelberg (2003) como Krause (2001) assumiram como imprescindível para utilização do PROG-*bei(m)*, e que determinaria um critério na classificação dos verbos, parece não ter se confirmado em Pomerode. Levantei dados com *bei(m)*, que já foram citados aqui, que mostram um sujeito não-agentivo: *Die Preise sind beim steigen* (Os preços estão subindo), *Die Sonne ist fast beim scheinen* (O sol está quase

brilhando), *Die Fische in unserem Fluss sind beim verschwinden* (Os peixes em nosso rio estão desaparecendo), etc.<sup>227</sup>

### 5.7.3 Repetição: valores quantitativos

#### 5.7.3.1 Iteratividade

Em Wachowicz (2003:42) lê-se que o PB possui verbos que “parecem ter uma situação semântica inerente que leva a uma leitura de eventos repetitivos” (ou uma leitura habitual lexicalmente condicionada), e a autora lista os seguintes: *panfletear, quicar, aplaudir, espirrar* etc. (idem:36).

No alemão também são encontrados esses tipos de verbos (mas considerados raros na língua) e que são caracterizados por apresentarem uma derivação infixal (Welker (1992:335)). Leiss (1992:44) os classifica entre os verbos *Aktionsarten* e os subdivide em *iterativa* (caracterizados pelo infixo iterativo *-l-* ou *-r-*) e *intensiva*, em ambos se trata sempre de repetição de ações iguais, em que a perspectivização interna é gerada secundariamente.

Em Pomerode não consegui testar nenhum desses verbos inerentemente iterativos, uma vez que verbos como *hüsteln* (=tossicar), *werkeln* (=obrar?) não fazem parte da fala de meus informantes<sup>228</sup>.

(5.7.14) /Eu vejo um menino dando saltinhos, e digo:/

Ele está saltando.

a. *er is' da beim hopsen* (C.)

ele é-AUX lá a+DEF pular-INF

'Ele está lá pulando.'

/Eu digo: e se for um salto só?/

a'. *er is' gehopst* (C.)

ele é-AUX pulado-PART

'Ele deu um salto. / Ele pulou.'

b. *er is' beim hopsen* (V.)

ele é-AUX a+DEF pular-INF

<sup>227</sup> A noção de agentividade associada à classificação verbal, ou melhor, a necessidade de uma melhor explicitação teórica no tratamento lexical do verbo também é levantada por Wachowicz (2003:79, nota 15), criticando, inclusive, Verkuyl (1993) nesse sentido. Ruth V. Lopes ainda chamou a minha atenção de que se trata, nesses casos, exclusivamente de verbos inacusativos; esse ponto, portanto, mereceria uma verificação mais apurada em outro momento.

<sup>228</sup> Fiz o teste com *rabiscar* (*kritzeln*), mas o informante deu a solução com *escrever* (e na forma com *tun*, conforme pode ser visto na seção 5.9). Só depois de concluídos os testes alguns verbos inerentemente iterativos que fazem certamente parte do vocabulário dos pomerodenses foram lembrados: *wedeln* (abandar o rabo), *flattern* (bater as asas).

- ‘Ele está pulando.’  
 /Eu digo: e se for um pulo só?/  
 b'. *er hopst*  
 ele pula-PRÄS  
 ‘Ele dá um salto / Ele pula.’  
 /O informante pede para repetir e eu digo:/  
 Ele está dando saltinhos.  
 c. *ja, die hopst.*  
 Sim, essa salta-PRÄS.  
 /Faço a demonstração de saltitar/  
 c'. *sie tut das tun* (e aponta para mim)  
 ele faz-AUX isso fazer-INF  
 ‘Ela está fazendo isso (que eu demonstrei para ele)’  
 /O informante, diante da dúvida que parece ser lexical, diz:/  
 c’’. *eu sei ‘pulando’, mas também não é plural, é uma vez só*  
 /E o informante não chega a uma conclusão/

(5.7.15) / Vemos que alguém acabou de acordar pelo fato de estar se espreguiçando várias vezes.

- /Eu digo:/  
 Ele está se espreguiçando.  
 a. *er is’ sich beim ausstrecken* (I.)  
 ele é-AUX se a+DEF espreguiçar-INF  
 ‘Ele está se espreguiçando.’  
 b. /não sabe o termo espreguiçar em alemão e eu sugiro: ausstrecken/  
*ah, er is’ sich beim ausstrecken* (C.)  
 ah, ele é-AUX se a+DEF espreguiçar-INF  
 ‘Ele está se espreguiçando.’  
 c. /não sabe o termo espreguiçar em alemão e eu sugiro: ausstrecken/  
*hum, ja, isso também é complicado, ausstrecken? hum!* (V.)  
 /o informante não consegue fazer a sentença/

(5.7.16) /Como você diria essas duas sentenças em alemão?/<sup>229</sup>

- Os cachorros latem e Os cachorros estão latindo  
*die hunde bläppern e die hunde sin’ sehr beim bläppern, muss wohl* (L.)  
 os cachorros latem-PRÄS e os cachorros são-AUX muito a+DEF latir-INF, deve certamente  
 ‘Os cachorros latem e os cachorros estão latindo (deve ser).’

<sup>229</sup> Lembrando, esse tipo de exemplo foi incluído no teste para verificação se o informante tem consciência de haver uma diferença aspectual aí e de como ele dá conta da mesma na transposição para o alemão (ver também a discussão feita em seguida).

### 5.7.3.2 Habitualidade

O levantamento do Grupo-6 do EUROTYP mostrou a co-existência do PROG com interpretação habitual em várias condições temporais. Com a inclusão do advérbio *immer*, com o qual se exclui a interpretação focalizada, a construção com *bei(m)* adquire leitura habitual. O meu exemplo introdutório *Du bist immer beim arbeiten, und hast nie Zeit für mich!* (Tu sempre estás trabalhando e nunca tens tempo pra mim!) é uma sentença com interpretação habitual. “O advérbio *immer* invoca plurifocalização”, diz Ebert (2000:628).

Uma situação habitual, de acordo com Bertinetto e Delfitto (2000:196-197), consiste de um macro-evento não terminativo, composto de uma série de micro-eventos terminativos. A essência do aspecto habitual estaria na indeterminação do número total de ocorrências, ao invés da indeterminação da duração de cada ocorrência.

Hedin (2000:254), porém, fala que os limites entre utilizações habituais, genéricas, potenciais e outros usos possíveis do Imperfectivo não são muito simples de serem estabelecidos. O que eles teriam em comum seria seu caráter qualificativo, ou seja, nenhuma instanciação de situação é referida.

Aos meus informantes, como uma primeira tentativa de verificação de interpretação habitual, apresentei o par *Maria fuma e Maria está fumando* em PB e solicitei que eles me explicassem se existiria uma diferença de interpretação em PB mesmo. Reproduzo o nosso diálogo:

(L.): *'ela fuma' não quer dizer que ela fuma agora, nesse momento, mas 'ela 'tá fumando' sim, isso quer dizer que agora, nesse momento agora ela está fumando.*

/e o informante encena o ato de fumar/

(intervenção minha): e se eu disser 'no ano passado ela 'tava bebendo e agora ela 'tá fumando', isso quer dizer então que agora, nesse momento nós estamos vendo ela fumar?

(I.): *não!!!* [pausa longa] *Então é a mesma coisa?*

(intervenção minha): talvez não, mas vamos ver como ficam as sentenças em alemão?

(5.7.17) /E como você diria o par em alemão?/

A Maria fuma e A Maria 'tá fumando.

*die maria raucht und die maria is' beim rauchen* (I.)

a Maria fuma-PRÁS e a Maria é-AUX a+DEF fumar-INF

'A Maria fuma e a Maria está fumando'

Ilari e Mantoanelli (1983:45) nesse sentido pontuam que:

“(...)o progressivo, mesmo quando usado com valor habitual, deixa patente que o período caracterizado pela repetição de uma mesma atividade é limitado em relação

a um período-suporte mais longo(...) e o habitual não-progressivo não marca limites (...), a característica em questão é a-temporal.”

Com o informante L. a discussão relacionada ao par exemplificado a seguir também girou em torno da dúvida na interpretação semelfactiva e habitual (ou iterativa) da forma gerundiva. A solução final que o informante me deu na retomada dos exemplos, incluiu um marcador adverbial de intensidade mais a observação modalizadora, indicando que a resposta implicou uma reflexão mais pontual nesse caso.

(5.7.18) /Como você diria essas duas sentenças em alemão?/

Os cachorros latem e Os cachorros estão latindo

**die hunde blüppern e die hunde sin' sehr beim blüppern, muss wohl** (L.)

os cachorros latem-PRÄS e os cachorros são-AUX muito a+DEF latir-INF, deve certamente

'Os cachorros latem e os cachorros estão latindo (deve ser).'

(5.7.19) /Você está irritado com seu parceiro, e diz:/

Pra mim chega, tu sempre estás trabalhando e nunca tens tempo pra mim!

a. **für mich reicht's! du bist immer beim arbeiten un' hast nie zeit für mich** (I.)

para me chega! tu és-AUX sempre a+DEF trabalhar-INF e tens-PRÄS nunca tempo para me

'Pra mim chega, tu sempre estás trabalhando e nunca tens tempo pra mim!'

b. **für mich reicht's! du tust immer arbeiten un' hast nie zeit für mich** (C.)

para me chega! tu fazes-AUX sempre trabalhar-INF e tens-PRÄS nunca tempo para mim

'Pra mim chega, tu sempre estás trabalhando e nunca tens tempo pra mim!'

c. **für mich reicht's, ihr arbeit' immer un' habt keine zeit [pausa] für mich** (V.)

para me chega, vocês trabalham-PRÄS sempre e têm-PRÄS nenhum tempo para me

'Pra mim chega, tu sempre estás trabalhando e nunca tens tempo pra mim!'

(5.7.20) /Você só pensa em duas coisas: comer ou brincar. Aí você diz:/

Eu vou estar brincando sempre que a comida chegar.

**ich bin beim spielen, immer wenn das essen kommt** (G.)

eu sou-AUX a+DEF brincar-INF sempre que a comida chega

1. 'Eu vou estar brincando sempre que a comida chegar.' ou

2. 'Eu estou brincando sempre que a comida chega.'

Bertinetto, Ebert e De Groot (2000:536) e Bertinetto (2000:570) consideram que a leitura habitual no progressivo não casa muito bem com o Foc-PROG, exceto em estruturas correlativas do tipo: *whenever PERFECTIVE NON-DURATIVE, then PROGRESSIVE*, uma vez que essa moldura sintática torna explícito o significado habitual da sentença, possibilitando isolar uma série de localizações temporais pontuais, cada qual podendo

funcionar como um ponto de focalização do evento progressivo. O exemplo (5.7.20) acima representa essa idéia dos autores.

Listo mais alguns exemplos levantados:

(5.7.21) /A Ana/o João tem vezes que está trabalhando e tem vezes em que ela/ele está estudando./

/Aí você diz:/

Eu acho que agora a Ana/o João deve estar estudando/trabalhando.<sup>230</sup>

a. *ich glaub', dass die ana jetzt beim lernen is'* (L.)

eu acho-PRÄS que a ana agora a+DEF estudar-INF é-AUX

'Eu acho que a Ana está estudando agora.'

b. *ah, a ana, die is' wohl jetzt beim lernen* (V.)

ah, a ana, essa é-AUX por-certo agora a+DEF estudar-INF

'Ah, a Ana deve estar estudando atualmente.'

c. *auf diesen moment is' er beim arbeiten* (G.)

em esse momento é-AUX ele a+DEF trabalhar-INF

'Nesse momento ele está trabalhando.'

(5.7.22)/Quero saber de um colega que sempre trabalhava com ele nas bombas/

/Pergunto o que ele anda fazendo agora; você diz:/

No momento ele está passando o aspirador.

a. *auf den moment, er tut... er... não, er war beim saugen* (V.)

em o momento, ele faz-AUX ele não, ele era-AUX a+DEF aspirar-INF

'Por ora ele estava(?) passando aspirador.'

/ Pergunto: e se ele está fazendo isso agora, nesse momento?/

a'. *auf diesen moment hat er mit'n staubsauger gearbeitet... oder?* (V.)

neste momento tem-AUX ele com o aspirador trabalhado-PART ou?

'Neste exato momento ele trabalhou (?) com o aspirador.'

b. *in moment is' er beim aspirier'n* (C.)

no momento é-AUX ele a+DEF aspirar-INF(PB)

'No momento ele está passando-aspirador/está aspirando.'

c. *in diesen moment tut er gerade staubsaugen* (I.)

em este momento faz-AUX ele justamente poeira-aspirar-INF

'Nesse exato momento ele está passando aspirador.'

O teste que rendeu a solução a' no exemplo (5.7.22) acima só foi colocado para verificar se o informante tinha mesmo dado a interpretação habitual à sentença de input, uma vez que o mesmo hesitou entre a solução com *beim* e a com *tun*, e isso poderia indicar, talvez, alguma preferência entre uma ou outra foram para contextos habituais. O problema aqui foi

<sup>230</sup> Esse mesmo exemplo foi aplicado para teste do progressivo focalizado. Ver aqui seção 5.3 (exemplo (5.3.1)).

também a minha opção infeliz na escolha do advérbio em PB. Acredito que *no momento* induz mais diretamente uma leitura focalizada, *atualmente* talvez fosse uma melhor opção nesse caso.

(5.7.23) /Alguém diz irritado para alguém:/

Não me incomoda, eu ainda estou fazendo meus deveres-de-casa.

c. *tu mich nich' inkomodier'n, ich bin jetzt bei meine* [pausa] *wie war das?*

faz-AUX me não incomodar, eu sou-AUX agora a-Part meus[pausa] como era isso?

/eu digo: deveres de casa! (em PB)/

*bei meine arbeit zu hause machen* [pausa] *am machen*

a-Part/Prep? meine-ACU trabalho em casa fazer-INF[pausa] a+DEF fazer-INF

/eu pergunto: “am machen”? e ele responde somente:/

*ja!*

(V.)

sim

‘Não me incomoda, que eu agora estou fazendo meu trabalho em casa.’

O exemplo (5.7.23) acima pode ter a leitura habitual do jeito que foi construído, embora o input dado não autorizaria uma interpretação além da focalizada. Mas o informante, além de apresentar a dúvida lexical (o que já pode tê-lo distraído dessas informações contextuais adicionais colocadas pra ele no input em PB), na retomada do infinitivo, o introduz inclusive com a partícula *am*. Vale aqui mais como um dado curioso, do que como uma análise propriamente dita.

#### 5.7.4 Absentive

Conforme mostrado na revisão do trabalho do Grupo-6 do EUROTYP (Capítulo 3, seção 3.8), e também ao longo do Capítulo 4, o *absentive* é visto como um tipo de progressivo. Assim, na bateria de testes do PROGQ também foram previstas perguntas para levantamento dessa forma nas mais diversas línguas pesquisadas. Em Pomerode, além de aplicar as questões propostas para detecção do *absentive* (e que acabaram não sendo traduzidas como tal), também surgiram dúvidas em algumas outras soluções apresentadas, que se assemelhavam ou quanto à forma ou quanto à interpretação *absentive*, que apresento a seguir.

(5.7.24) /Estamos olhando por uma fresta de porta, e eu digo:/

Olha lá, ele está se barbeando.

b. *er is' beim barbier'n*

(V.)

ele é-AUX a+DEF barbear-INF(PB)

‘Ele está se barbeando.’

(5.7.25) (PROGQ: S06 adaptado, na testagem de verbos transitivos e valência)

/ Alguém no telefone quer saber do João; a resposta é: - O João está perto de mim.../

ela está limpando uma panela

/meu informante entendeu janela ao invés de panela/

a. *joão is' dicht bei mich ein fenster reinemachen* (I.)

joão é-PRÁS perto a-PREP me-ACU uma janela limpo-fazer-INF

‘João está perto de mim limpando uma janela.’

Caso eu não tivesse apresentado o contexto que garantia a focalização do evento (olhar pela fresta da porta e efetivamente ver alguém fazendo algo e, no segundo caso, alguém estar ao meu lado, respectivamente), os dois exemplos acima poderiam até ser remetidos a uma leitura *absentive*, tal qual foi discutida no Capítulo 4 (respectivamente nas seções 4.2 e 4.4). Mas aqui, a presença do agente no centro dêitico bloqueia essa interpretação, e isso remete mais uma vez à questão de que não é a preposição *bei* a responsável por reter a interpretação locativa na forma progressiva, o que impediria (tal como defendem Krause (2001), Engelberg (2003), entre outros), de certa forma, que essa não pudesse se gramaticalizar dentro de uma forma progressiva. Retomando: no exemplo (5.7.24) a presença da preposição não impediria a interpretação *absentive*, mas o que a bloqueia aqui é a referência locativa contextual (estar olhando pela fresta da porta e ver o agente da ação); no exemplo (5.7.25) a estrutura é claramente a da forma *absentive* (lembrando: *sein* + V<sub>INF</sub>) (abstraindo o papel do *sein*, que tanto pode ser auxiliar como principal aqui, já que temos um complemento adverbial/predicativo *bei mich* expresso na sentença também, conforme discutido aqui na seção 5.6.2), mas que também é bloqueada por causa do complemento adverbial.

Porém, no exemplo a seguir, a interpretação certamente pode ser a *absentive*, a modelo do *Er ist beim Röntgen* de Engelberg (2003), embora a estrutura não possa ser caracterizada como a que identificamos como *absentive* (= *sein* + V<sub>INF</sub>), uma vez que o *bei(m)* está aí.

(5.7.26) (PROGQ: S44 adaptado, na testagem do *Absentive*)

/Alguém no telefone: A. A Ana está aí com você?/

B. Não, ela está dançando [na outra sala]

*is ana bei dich? nein, die is' beim tanzen* (I.)

é ana junto te-ACU? Não, essa é-AUX a+DEF dançar-INF

1. ‘A Ana está aí contigo? Não ela foi dançar.’

2. ‘A Ana está aí contigo? Não, ela está dançando.’



E para as duas sentenças a seguir, conforme eu já havia anunciado na seção 4.2, realmente há a dúvida se em Pomerode existe também a possibilidade de marcar a forma *absentive*, ou se esses exemplos confirmam a hipótese de que se trata tão somente de uma elipse de particípio passado nesses casos. A pausa que o informante faz antes de dizer o particípio passado *gegangen* (o que acaba se revelando em uma estrutura de *Perfekt*, e conseqüentemente sem possibilidade de interpretação a partir da perspectiva interna) é significativa em relação a uma reflexão maior por sua parte sobre o input dado. Mais testes seriam necessários aqui para verificação da existência da forma *sein* +  $V_{\text{INF}}$  como marca inequívoca da forma *absentive* também no alemão de Pomerode.

(5.7.27) (PROGQ: S45 adaptado, na testagem do *Absentive*)

/Alguém no telefone: A. A Ana está aí com você?/

B. Não, ela está jogando carta [em outro lugar]

***is ana zu hause? nein, die is' karten spielen*** [pausa longa] ***gegangen*** (I.)

é ana em casa? não, essa é-AUX cartas jogar-INF [pausa longa] ido-PART

1. 'A Ana está aí contigo? Não ela saiu para jogar carta.'

2. ? 'A Ana está aí contigo? Não, ela está jogando carta.'

(5.7.28) (PROGQ: S46 adaptado, na testagem do *Absentive*)

/Alguém no telefone: A. A Ana está em casa?/

B. Não, ela está fazendo compras [ela saiu há uma hora]

***nein, die is' nich zu hause, die is' einkaufen*** [pausa longa] ***gegangen*** (I.)

não, essa é-PRÄS não em casa, essa é comprar-INF [pausa longa] ido-PART

1. 'Não, ela não está em casa, ela foi fazer compras'

2. ? 'Não, ela não está em casa, ela está fazendo compras.'

Em função dos dados tão “inconstantes” não posso assumir o *absentive* como uma “variante” do progressivo também no alemão de Pomerode, dentro da classificação proposta pelos pesquisadores do EUROTYP. Dado o exposto nesta seção, posso dizer que estou diante de um conflito forma x função aqui. Deixo a solução do impasse para um outro momento, já que o tratamento de formas *absentives* não faz parte dos meus objetivos aqui.

## 5.8 As marcações progressivas e os advérbios

Na introdução do presente trabalho comentei sobre a estranheza que a forma pomerodense com *bei(m)* causou aos falantes nativos do alemão confrontados com essa estrutura e que, na solução oferecida por eles para as mesmas sentenças, a progressividade/habitualidade foi marcada por advérbios. Os dados levantados em Pomerode revelaram que a marcação de progressividade/habitualidade se dá quase que exclusivamente por estruturas perifrásticas (com PROG-PREP ou com a forma com *tun*), ou em uma combinação dessas com os advérbios considerados prototípicos para marcação de progressividade/habitualidade, o que me leva a comentar essa possibilidade brevemente aqui e a mostrar alguns exemplos de como isso foi manifestado entre meus informantes. Além disso, faço também um breve comentário sobre as restrições que marcações adverbiais temporais podem representar para a marcação progressiva.

### 5.8.1 O advérbio *gerade*

Início abordando o advérbio *gerade*(~justamente), inclusive considerado um dispositivo prototípico marcador de progressividade por autores como Dahl (1985:66), e que é utilizado na exemplificação em trabalhos que tratam especificamente de sistemas aspectuais e temporais do alemão (em quais, embora de data recente, nem sequer se aventa as formas perifrásticas), como o de Wierzbicki (1997)<sup>231</sup> por exemplo. Já Ebert (2000:631-632) considera *gerade* um potencial desambigüizador de sentenças, mas de modo algum um marcador progressivo. Nas línguas germânicas por ela levantadas via PROGQ, as soluções apresentadas pelos informantes com *just / gerade / jüst*(Frísio) / *lige* (Dinamarquês) são traduzidas por *right now*, mas não pelo progressivo. Essas partículas combinariam com todos os tempos e aspectos, incluindo o progressivo, conclui a autora. E para tanto cita: *Ich bin gerade am Teekochen* (Eu estou justamente fazendo chá) / *habe gerade Tee gekocht* (justamente fiz chá) / *will gerade Tee kochen* (quero justamente fazer chá).

Para os inputs progressivos apresentados aos pomerodenses, só tive uma resposta na forma simples, apenas complementada com o advérbio *gerade*, tal como fizeram os falantes nativos do alemão para as sentenças modelo a eles apresentadas. Mas como ela não ocorreu sistematicamente, exceto para este único exemplo a seguir, isso pode ser tomado também

---

<sup>231</sup> Essa autora refere-se ao progressivo no alemão exclusivamente com a combinação advérbio *gerade*+verbo.

como indício de que o PROG-*bei(m)* está realmente se especializando como o marcador *par excellence* de progressividade em Pomerode.

(5.8.1) / Estamos, eu e você, falando sobre alguma coisa que aconteceu ontem. Você diz: /

Eu tava falando de você quando o Pedro chegou.

**ah, ich hab' gerade über dich gesprochen, wo pedro gekommen is' (M.)**

ah, eu tenho-AUX justamente sobre você falado-PART, onde-VIC Pedro chegado-PART é-AUX

'Ah, eu estava falando justamente sobre você, quando o Pedro chegou.'

Nos dados coletados, no entanto, o *gerade* (e outras marcações adverbiais similares: *nun, in Moment* etc.) apareceu reincidentemente em combinação com as formas perifrásticas. Algumas marcações adverbiais já foram apresentadas no input (paralelo à forma verbal gerundiva) e o informante simplesmente as traduziu também). A função do *gerade* nesses casos pode ser mesmo só a de ênfase. Na seção a seguir mostro então como essa marcação foi feita.

#### 5.8.2 A marcação adverbial redundante

A redundância/duplicação na marcação não é, no entanto, um “exclusividade pomerodense”, uma vez que ela se manifesta em outras línguas também. Dahl (2000:9), nesse sentido, chama a atenção que morfemas gramaticalizados tendem a ser usados, inclusive se eles duplicam a informação que é dada por qualquer outro elemento na sentença (cita como exemplo os morfemas de tempo que aparecem juntamente com advérbios temporais). O mesmo valeria aqui para a redundância na marcação aspectual. Alguns exemplos seriam:

(5.8.2) /Alguém pergunta para você: 'As batatas já estão prontas?': e você responde: /

Não, estás vendo que eu ainda 'tou descascando elas?

**não, ich bin erst gerade beim abschälen (I.)**

não, eu sou-AUX só justamente a+DEF Part-descascar-INF

'Não, eu estou descascando(elas) agora.'

(5.8.3) (PROGQ: S23, no teste de verbos de fase)

/Alguém está no telefone e quer saber da Maria, a resposta é: A Maria está perto de mim... /

... ela está começando a descascar batatas [agora mesmo]

**die is' gerade beim kartoffelnabschälen in diesen moment (I.)**

essa é-AUX justamente a+DEF batatas-PLU-Part-descascar-INF em esse momento

'Ela está justamente descascando batatas.'

(5.8.4) Eu e minha mãe estávamos justamente descascando batatas, quando meu primo chegou.

*ich un' meine mama wir war'n gerade beim kartoffelschälen, is' mein kousin gekommen* (C.)  
 eu e minha mãe nós éramos-AUX justamente a+DEF batatas-PLU-descascar é meu primo chegado-PART  
 'Eu e minha mãe estávamos justamente descascando batatas, quando meu primo chegou'

(5.8.5) (PROGQ-S24 adaptado, na testagem de verbos de fase)

/ Alguém no telefone quer saber do João; a resposta é: - A João está perto de mim.../  
 ela está terminando de consertar o chuveiro [agora mesmo]

a. *er is' gerade beim [pausa longa] der chuveiro, como é em alemão?* (I.)

ele é-AUX justamente a+DEF[pausa longa] o chuveiro, como é em alemão(PB)?

/eu ajuda: *Dusche!*

b. *ah, er is' gerade bei die dusche heilemachen* (I.)

ah, esse é-AUX justamente a-Part. o chuveiro arrumado-fazer-INF

'Ele está justamente arrumando o chuveiro.'

### 5.8.3 Outras marcações adverbiais temporais

O teste PROGQ previa também a verificação da possibilidade de combinação do progressivo com advérbios que indicam limites temporais e que normalmente resultariam em incompatibilidade com a forma PROG, conforme registrado por Bertinetto e Delfitto (2000) para a maioria das línguas por eles pesquisadas. Como a utilização preferencial do progressivo implica na perspectiva de focalização, que para Ebert (2000:625) se traduz para: *at a certain moment such-and-such event is in progress*, a sua combinação com advérbios que indicam limites temporais não seria compatível. Porém, ressalta a autora (idem:626), o PROG-PREP é compatível com adverbiais que delimitam um espaço temporal que inclui o tempo da referência (ex.: *since*). O ponto crucial seria que a situação deveria perdurar nesse ponto e que o fechamento deveria ficar inespecificado (ex.: *Ana ist seit zwei Stunden am Spielen/ A Ana está brincando há duas horas*).

As soluções apresentadas para esse teste do PROGQ resultaram na forma simples:

(5.8.6) (PROGQ: S48 adaptado, na testagem de adverbiais durativos)

Ontem, durante o meu sono a Ana ficou brincando sozinha por duas horas.

a. *gestern, in die zeit, wo ich geschlafen hab', hat ana zwei stunden lang gespielt* (M.)

ontem no tempo onde-VIC eu dormido-PART tenho-AUX, tem-AUX ana duas horas durante brincado

'Ontem, no tempo em que eu fiquei dormindo, a Ana brincou durante duas horas.'

b. *gestern in mein'schlaf hat die ana zwei stunden gespielt* (H.)

ontem no meu sono tem-AUX a ana duas horas brincado-PART

'Ontem, durante o meu sono, a Ana brincou (por)duas horas.'

Na adaptação do teste PROGQ:S48 teve de ser incluído o auxiliar durativo em PB *ficar+-ndo*, o que já comprometeu o mesmo em certo sentido, uma vez que o alemão não dispõe de outros auxiliares além do *sein* para as PROG-PREP. Nos testes aplicados, realmente não “apareceram” as marcações progressivas e os exemplos foram rendidos na forma simples, conforme exemplificado em (5.8.6). Como para o *Rheinisch* na Alemanha essa possibilidade foi registrada e eu considerava que ela também seria potencialmente possível em Pomerode, coloquei as sentenças a seguir para teste de aceitabilidade:

(5.8.7) / Eu novamente vou te dizer duas sentenças em alemão, certo?/

/Podes me dizer qual das duas te parece melhor?/

‘Gestern, wo<sup>232</sup> ich geschlafen hab’, war Ana zwei Stunden lang alleine beim spielen’

e ‘Gestern, wo ich geschlafen hab’, hat Ana zwei Stunden lang alleine gespielt’

Resposta: *ich glaube, ich würde sagen ‘gestern wo ich geschlaf’n hab’, hat Ana zwei stunden lang alleine gespielt’, mas eu não sei, ‘war ana zwei stunden lang alleine beim spielen’ diz a mesma coisa.*[pausa longa] *Ah, não sei! Tu sabes como é o nosso alemão aqui!* (eu acho que eu diria ‘ontem onde-VIC eu dormido-PART tenho-AUX , tem ana duas horas longo-ADV sozinha brincado-PART’, mas eu não sei, ‘era-PRÄT ana duas horas longo-ADV sozinha a+DEF brincar-INF’ diz a mesma coisa.[pausa longa] *Ah, não sei! Tu sabes como é o nosso alemão aqui!* )

A resposta do informante é auto-reveladora, mas certamente mais testes seriam necessários aqui. A marcação adverbial em conjunção com o PROG também não é explorada extensivamente nas pesquisas do EURO TYP, pelo menos no que se refere aos testes propostos para tal.

### 5.9 E o que é que esses pomerodenses estão fazendo com o *tun*?

O levantamento de dados feito em Pomerode revelou o que considero ser uma variante do progressivo com *bei(m)*, cujas razões elenco a seguir. Como a forma *tun* + V<sub>INF</sub> apareceu reiteradamente como solução aos inputs no progressivo em PB, considere relevante retomar esses exemplos aqui, ao menos para indicar a abrangência de utilização dessa forma e fazer alguns comentários pontuais para justificar essa minha hipótese. A discussão da forma em si é feita em outro trabalho (Emmel (2005)).

Segundo Langer (2001:8-9), o *tun* é uma manifestação comum em todas as línguas germânicas ocidentais. Já o *tun* como auxiliar representa uma construção morfo-sintática que é considerada virtualmente não-gramatical no alemão padrão (ali o *tun* é marcado como *sub-*

---

<sup>232</sup> Eu fiz uso do vicário *wo* (onde), que é o que se usa na localidade, para não marcar a estrutura (a preposição e a conjunção *während* (durante/enquanto) não são usadas em Pomerode).

*standard speech*), mas assumido como gramatical nos dialetos modernos e em estágios anteriores do alemão. O autor, ao resgatar a história do *tun* no alemão, sustenta que a agramaticalidade atual pode ser remetida à influência metalingüística dos gramáticos no período FNHD (*Frühneuhochdeutsch*). O estigma imposto à construção tem paralelos com outras ocorrências no alemão padrão. Entre eles, Langer situa o assim chamado *Doppelperfekt* (perfeito duplo) e a poli-negação. Como a influência dos gramáticos prescritivos nessa época restringia-se particularmente à língua-padrão escrita, os dialetos (primordialmente orais) não teriam sido afetados pela prescrição. A profusão de uso do *tun* em Pomerode parece, então, corroborar com a hipótese de Langer. Em Pomerode nenhum estigma sociolingüístico pode ser atrelado a essa forma, portanto, a forma aparece “naturalmente”.

Ainda de acordo com Langer (idem:6-7), no alemão padrão o *tun* ocorre mais freqüentemente como um verbo lexical, desempenhando funções gramaticais (1a), estilísticas (1b) e semânticas (1c) (as glossas e a tradução de todos os exemplos de Langer a seguir são minhas, I.E.):

- (1a) *Er hat viel Gutes getan.* (verbo transitivo com objeto direto)  
 ele tem-AUX muito coisas-boas feito-*tun*PART  
 ‘Ele fez coisas muito boas.’
- (1b) *Ich riet ihm zu verschwinden, was er auch schleunigst tat.* (*tun* anafórico)  
 eu aconselhei-PRÄT ele-DAT a desaparecer, o que ele também rapidamente fez-*tun*PRÄT  
 ‘Eu o aconselhei a desaparecer, o que ele também fez rapidamente.’
- (1c) *Er tut so, als ob er nichts wüsste.* (“despertar uma aparência determinada”, cfe DUDEN 1 (1989:1569))  
 ele faz-*tun*PRÄS assim, como se ele nada soubesse-KONJ PRÄT  
 ‘Ele faz de conta que não sabe de nada.’

E sua distribuição como auxiliar seria restrita a uma estrutura específica de foco, onde o verbo lexical ocupa a posição de tópico ou de tema e o auxiliar *tun* é usado como uma opção “neutra” para satisfazer a exigência independente de realizar um verbo finito em posição V2 (idem:7).

- (2) *Essen tue ich schon immer am liebsten.* (V-topicalização)  
 comer faço-*tun*PRÄS eu já sempre o-mais-preferido  
 ‘Do que eu gosto mesmo é de comer.’

Do DUDEN 1 (1989:1569) Langer tira dois exemplos (3) com o auxiliar *tun* que seriam considerados marcados ou estigmatizados como coloquial (3a) e regional (3b):

- (3a) *Ich tu’ bloss noch schnell die Blumen giessen.*  
 eu faço-*tun*PRÄS só ainda rápido as flores regar

- ‘Eu só vou rapidamente regar as flores.’
- (3b) *Das täte mich schon interessieren.*  
 isso faria-*tun*KONJ PRÄT me-ACU já interessar-INF  
 ‘Isso sim me interessaria.’

Os exemplos de Langer a seguir mostram o auxiliar *tun* em funções diferentes, atestadas pela literatura paralela sobre dialetos germânicos, que, embora muito frequentes, seriam todas consideradas não-gramaticais no alemão padrão:

- (4a) \**Das Buch tue ich für mein Leben gern lesen.* (objeto acusativo topicalizado)  
 esse livro faço-*tun*PRÄS eu para minha vida gostar-ADV ler-INF  
 ‘Eu dou a minha vida por esse livro!’
- (4b) \**Heute tue ich das ganze Buch durchlesen.* (adverbial topicalizado)  
 hoje faço-*tun*PRÄS eu o todo livro Part-ler-INF  
 ‘Hoje leio o livro todinho.’
- (5) \**Die Katze tut die Maus gleich fressen.* (ênfase)  
 o gato faz-*tun*PRÄS o rato logo comer  
 ‘O gato logo vai comer o rato.’
- (6a) \**Der Mann tut den ganzen Tag lang lesen.* (leitura durativa)  
 o homem faz-*tun*PRÄS o todo dia durante ler-INF  
 ‘O homem fica lendo o dia inteiro.’
- (6b) \**Die Frau tut jeden Tag einen Apfel essen.* (leitura iterativa)  
 a mulher faz-*tun*AUX cada dia uma maçã comer-INF  
 ‘A mulher está comendo todo dia uma maçã.’

Também o manual estilístico DUDEN 4 (1997) rejeita esse tipo de exemplos, afirmando que a inserção do *tun* seria supérflua nesses casos, complementa Langer (idem:idem)<sup>233</sup>. Na literatura atual sobre os dialetos germânicos, Langer diz que pouca informação se tem sobre uma identificação unificada das funções do *tun*. A maioria dos autores por ele pesquisados fala em *Umschreibung* (circunscrição) como a principal função do auxiliar, mas esse termo nunca é definido claramente. Outra função seria a de marcação do modo subjuntivo.

No levantamento da perífrase com *tun* no Baixo Alemão Moderno (*as an established part of Low German*; lembrando que o alemão de Pomerode tem sua origem lá), Langer (idem:34-36) cita algumas referências em que as funções do *tun* seriam também a de marcador aspectual, e é nessa função que ele me interessa para análise do *tun*-pomerodense.

<sup>233</sup> Ver também a listagem das funções semânticas do *tun* no *Niederdeutsch* em Schwarz (2004:36).

Da pesquisa de Keseling (1968)<sup>234</sup>, Langer retira algumas conclusões interessantes: existiria uma hierarquia de verbos que seriam compatíveis com a perífrase com *tun*: verbos de estado, de resultado (*Ergebnis*) e de encerramento (*Abschluss*) não aparecem na forma com *tun*.<sup>235</sup> Para Keseling, a perífrase poderia significar progressividade temporal, e o *tun* seria então um marcador aspectual para duratividade.

O auxiliar *tun* pode ocorrer em conjunção com vários tipos de advérbios, e isso, de acordo com Langer (idem:47), também levou muitos pesquisadores a classificar o *tun* como um marcador de duratividade, iteratividade e outros aspectos verbais, mas não estaria claro se seria o auxiliar em si o responsável pela marcação aspectual expressa pela sentença, dada a presença dos advérbios expressando a mesma *Aktionsart*. Langer cita ainda Fischer (1998) que vê na inclusão do *tun* em sentenças dos dialetos modernos no alemão (e também no FNHD) uma ajuda na redução de esforços cognitivos. O uso do *tun* em uma moldura sentencial (*Satzklammer*) seria “mais fácil”(sic!)<sup>236</sup> de ser produzido e processado do que uma sentença sem o auxiliar.<sup>237</sup> Sem entrar no mérito dessa questão, acredito que a perífrase com *tun* só atenderia também essa tendência geral para construções analíticas que se observa no alemão moderno, conforme já discutido aqui no Capítulo 4.

Langer se propõe a levantar o estatuto do *tun* diacronicamente, para juntar argumentos em favor de sua tese de um *tun* desempenhando uma função de mero auxiliar, sem qualquer propriedade específica. Ele sustenta sua argumentação mostrando que o *tun* pode se distribuir ao longo de diferentes contextos dado à sua vagueza semântica e que a inserção do mesmo em uma sentença não vai adicionar nenhum significado semântico à mesma. Nesse sentido, o *tun* seria diferente dos auxiliares *haben* e *sein* em inserção temporal, ou dos auxiliares modais como *können* (poder) e *müssen* (dever) que teriam claras funções semânticas. O auxiliar *tun* seria então a escolha perfeita quando o falante desejasse fazer uma mudança na ordem sentencial, sem querer alterar o significado denotacional da sentença, diz Langer (idem:71). O autor reitera sua argumentação no final dizendo que não é a presença do auxiliar que vai determinar ou mudar a semântica sentencial, mas quem faz isso é exclusivamente o verbo lexical e os possíveis advérbios que o acompanham (idem:96).

---

<sup>234</sup> Os termos são de Keseling. Observo que não tive acesso a essa bibliografia.

<sup>235</sup> Mas Langer critica Keseling pelo fato de o mesmo não ter feito a listagem dos verbos que gozariam de uma preferência na utilização com *tun*. (ver Langer (2001:54))

<sup>236</sup> Grifo meu, I.E..

<sup>237</sup> Pela dificuldade que representariam os graus de *Ablaut* (apofonia) e da separação dos prefixos separáveis dos seus respectivos verbos de base.



A pesquisa de Schwarz (2004:124-125)<sup>238</sup> revelou as diferentes características da perífrase *tun* no alemão moderno da Alemanha. Cito somente as que têm relação com o que foi levantado em Pomerode: espontaneamente o *tun* perifrástico só é usado em orações principais; no *Konjunktiv* ele está fortemente gramaticalizado; a perífrase apresenta grande afinidade com sentenças interrogativas; em sentenças imperativas a forma verbal sintética é preferida; ela não é compatível em ambientes sintáticos que apresentam verbos auxiliares e verbos modais (assim, ela não é esperada no Passivo, no *Perfekt* e no *Futur* analítico); no *Mittelalemannisch* ela pode ter semântica futura, e, finalmente, não pôde ser identificado um caráter aspectual significativo no que tange à progressividade e habitualidade.

No caso de Pomerode, no entanto, a reiterada aparição do *tun*, como solução de tradução de contextos progressivos dados no input, talvez não autorize a generalização proposta por Langer (2001) para o mesmo. Por outro lado, esse *tun* pomerodense talvez também extrapole as limitações que Schwarz (2004) levantou, quando se trata de um *tun* aspectual. Tal como no caso da duplicação de marcação aspectual via advérbios para além da forma PROG, em que se defende um reforço nessa marcação e que não poderia estar em contradição com a *Aktionsart* do verbo, talvez também o *tun* tenha que ser repensado como tal, ou ainda, que esse auxiliar, além de carregar a marca de tempo, tenha mesmo uma função semântica adicional (e eu penso que ele realmente tem uma função aspectual, com base no universo ampliado em que ele se apresenta em Pomerode, conforme exemplifico a seguir).<sup>239</sup>

Coloquei, como já disse aqui, alguns pares em PB, no início de aplicação de meus testes, para o meu informante me explicar a diferença que ele via, ou não, entre os mesmos, e dei o seguinte comando: / Eu queria que tu me explicasses, se existe uma diferença para ti entre 'eu trabalho' e 'eu estou trabalhando'. O informante (M.), depois de repetir cada um dos exemplos dados, disse que era a mesma coisa em alemão (*ich arbeite*). Em seguida pedi para ele me dizer como ficaria em alemão, se isso acontece naquele exato momento. Aí ele respondeu:

(5.9.1) *jetzt tu' ich arbeiten* (M.)  
 agora faço-AUX eu trabalhar-INF  
 'Agora eu estou trabalhando.'

No teste de transitividade e valência (PROGQ:S07) o informante (H.) deu como solução a forma simples, não marcada para progressividade (*der João liest eine Zeitung* / o João lê

<sup>238</sup> Só tive acesso ao trabalho de Schwarz (2004) um pouco antes de concluir o presente trabalho, portanto, ele é citado apenas marginalmente.

<sup>239</sup> Lembro que Van Pottelberge (2004) elenca uma referência em que o *tun* no *Pennsylvaniadeutsch* é considerado um marcador de iteratividade (uma marca aspectual!). (ver aqui seção 3.7.3)

um jornal). Fiz então a consulta a ele sobre a diferença, ou não, que ele via em sentenças como; /‘O João lê jornal’ e ‘O João está lendo jornal’/. O informante repetiu os inputs em português e disse:

(5.9.2)a. ‘*João lê jornal*’ é

‘*der João liest jornal*’ (H.)

o João lê-PRÄS jornal(PB)

a?. ‘*João está lendo jornal*’ é

‘*der tut diesen moment lesen*’ (H.)

ele faz-AUX nesse momento ler-INF

‘Ele está lendo jornal nesse momento.’

Nos dois exemplos acima, a forma com *tun* +  $V_{INF}$  foi utilizada “no lugar” onde outros informantes se valeram da forma com *bei(m)*, o que chamou minha atenção já nas fases iniciais de teste em Pomerode. A seguir passo a listar então – e o propósito é só a mera listagem – os mesmos tópicos de seções que foram contemplados para a forma com *bei(m)*, mas que apresentaram como solução também a forma com *tun*, incluindo, além disso, tópicos previstos no PROGQ que foram rendidos somente com a perífrase com *tun* +  $V_{INF}$ . Faço também alguns comentários pontuais nos itens ou exemplos que considere mais relevantes.

Parece evidente que não exista qualquer restrição quanto à utilização da forma com verbos intransitivos (ver exemplo (5.9.1), e os vários exemplos da listagem a seguir); também a agentividade não parece ser uma restrição, pois sentenças como *Die Sonne tut scheinen* (o sol faz-AUX brilhar-INF) e *Die Preise tun steigen* (os preços fazem-AUX subir-INF) foram aceitas tranqüilamente por meu informante (B.). Também verbos estativos são utilizados com *tun*: *Er tut dich sehen* (ele faz-AUX te enxergar-INF). A questão da incorporação não cabe aqui. Assim, listo os contextos ampliados e os complexos, para mostrar como a forma com *tun* se apresenta nesse sentido:

- Os objetos diretos nominais (DPs)

Para inputs progressivos transitivos diretos, várias soluções foram dadas com *tun* +  $V_{INF}$ , o que indica que não existe uma restrição nesse sentido se comparado com a forma com *bei(m)*.

(5.9.3) (PROGQ: S23, no teste de verbos de fase)

/Alguém está no telefone e quer saber da Maria, a resposta é: A Maria está perto de mim.../

... ela está começando a descascar batatas [agora mesmo]

*er fängt an un’ tut die kartoffeln abschälen* (I.)

ele começa-PRÄS Part. e faz-AUX as batatas-PLU Part.+descascar-INF

‘Ele está começando a descascar as batatas.’

(5.9.4) (PROGQ: S14, no teste de incorporação de objetos)

/Alguém está no telefone e quer saber da Maria, a resposta é: A Maria está perto de mim.../

... ela está descascando 3kg de batatas

**die Maria tut 3kg kartoffeln schälen** (H.)

a maria faz-AUX 3kg batatas descascar-INF

‘A Maria descasca batatas.’

O exemplo (5.9.4) acima só foi rendido na forma com *tun*.

(5.9.5) /Alguém quer saber da Maria e eu digo:/

Nesse momento, a Maria está fritando bifés.

a. **in diesen moment tut die marie bif braten** (G.)

em esse momento faz-AUX a Maria bife(PB) fritar-INF

‘Nesse momento a Maria está fritando bife’

b. **diesen moment tut maria fleisch braten** (L.)

nesse momento faz-AUX Maria carne-MASS fritar-INF

‘Nesse momento a Maria está fritando carne.’

O exemplo (5.9.6)a. a seguir, conforme já mostrado, indica que o próprio informante vê as duas formas como opções para o input progressivo no PB.

(5.9.6) (PROGQ-S24 adaptado, na testagem de verbos de fase)

/ Alguém no telefone quer saber da Maria; a resposta é: - A Maria está perto de mim.../

ela está terminando de consertar o chuveiro [agora mesmo]

a. **die tut gerade die dusche fertigmachen,**  
essa faz-AUX justamente o chuveiro pronto-fazer-INF  
**oder die is' bei die dusche fertigmachen** (G.)

ou essa é-AUX a-Part. o chuveiro pronto-fazer-INF

‘Ela está justamente arrumando o chuveiro.’

b. **ah, die is' gerade bei un' tut den chuveiro consertier'n** (M.)

ah, essa é justamente a(?) e faz-AUX o chuveiro(PB) consertar-INF(PB)

‘Essa está ocupada consertando o chuveiro.’

c. **maria is' dabei, un' tut den chuveiro heilemachen**<sup>240</sup> (H.)

maria é a\_PREP, e faz-AUX o chuveiro consertado-fazer-INF

‘Maria está ocupada consertando o chuveiro.’

<sup>240</sup> Esta estrutura, e também a do exemplo b., difere da forma correlativa com *dabei* que Krause (2001) considera uma variante do PROG para o alemão da Alemanha.

(5.9.7) / O Egon não pode vir agora/

Ele está passando um avental pra ela.

a. *der egon tut eine schürze für ihr jetzt um, der kann jetzt nich'* (M.)

o egon faz-AUX um avental para-ACU ela-DAT agora Part-junto, esse não pode agora.

'O Egon está colocando um avental nela, ele não pode vir agora.'

/ eu digo: ele está passando o avental a ferro/

b. *egon tut eine schürze plätten für ihr jetzt* (M.)

egon faz-AUX um avental passar-INF para-ACU ela-DAT agora

'Egon está passando um avental para ela agora.'

c. *egon tut eine schürze plätten, er kann jetzt nich'* (H.)

egon faz-AUX um avental passar-INF, ele pode-PRÄS agora não

'Egon está passando um avental, ele não pode vir agora.'

/ peço para repetir, chamando a atenção para o beneficiário da ação/

(5.9.8) (PROGQ: S12 adaptado, na testagem de incorporação de objetos)

/ Alguém no telefone quer saber da Ana; a resposta é: - A Ana está perto de mim.../

ela está descascando batatas

/meu informante inclui a informação adverbial locativa na resposta/

*ana sitzt neben mich, die tut kartoffeln abschälen* (M.)

ana senta ao lado me-ACU, essa faz-AUX batatas descascar-INF

'A Ana está ao meu lado descascando batatas'

- Os objetos indiretos

Também para o caso de verbos transitivos indiretos, e que no alemão de Pomerode foram testados para o prototípico *helfen* (=ajudar), a forma com *tun* foi dada como solução.

(5.9.9) Ele está ajudando a mãe neste momento.

a. *er tut seine mutter jetzt in den moment mithelfen* (I.)

ele faz-AUX sua-ACU mãe agora nesse momento Part-ajudar-INF

'Ele está ajudando a mãe neste momento.'

E o mesmo exemplo rendido na forma simples, conforme b. a seguir, parece que dá crédito aos defensores de que a forma com *tun* seria mesmo redundante, uma vez que a contribuição adverbial mais o caráter verbal do verbo já autorizariam a interpretação a partir da perspectiva interna.

b. *er hilft die mutter auf den moment jetzt* (C.)

ele ajuda-PRÄS a mãe-ACU em esse momento agora

'Ele está ajudando a mãe neste momento.'

- Com pronomes reflexivos

(5.9.10) Eu não posso ir ainda, as crianças estão se vestindo.

*ich kann noch nich' ab, wegen die kinder tun sich noch umziehen* (I.)

eu posso ainda não embora, pois as crianças fazem-AUX se ainda vestir-INF

'Eu não posso ir embora ainda, pois as crianças ainda estão se trocando.'

(5.9.11) /Estamos olhando por uma fresta de porta, e eu digo:/'

Olha lá, ele está se barbeando.

*guck mal da, der tut sich rasier'n* (H.)

olha PartMOD lá, esse faz-AUX se barbear-INF

'Olha lá, ele está se barbeando.'

- Complemento verbal topicalizado

(5.9.12) /Ela tem muitos problemas com o namorado e eu digo:/'

Por causa disso ela está escrevendo [nesse momento].

*wegen das tut sie schreiben oder in diesen moment tut sie schreiben* (I.)

por causa disso faz-AUX ela escrever-INF ou nesse-ACU momento faz-AUX ela escrever-INF

'Por causa disso ela está escrevendo [nesse momento].'

- Complemento adverbial deslocado

O exemplo (5.9.13) a seguir revela que também na perífrase com *tun* o informante pomerodense coloca elementos sentenciais no *Nachfeld*, conforme discutido aqui na seção 5.4.2.10.

(5.9.13) Até no Jardim de Infância as crianças já estão rabiscando nos cadernos.

*auch in kindergarten tun sie schon schreiben in die bücher* (V.)

também no jardim de infância fazem-AUX elas já escrever-INF em-ACU os-ACU cadernos

'Também no Jardim de Infância elas já estão escrevendo nos cadernos.'

- Com o *Konjunktiv*

Também em Pomerode a marcação de modo subjuntivo pode ser feita no auxiliar *tun*. Para dizer se se trata de uma regularidade, tal qual manifestada nos demais dialetos do alemão, mais testes específicos teriam de ser feitos.

(5.9.14) /Estou de férias e não sei mais o que fazer em casa e digo:/'

Fico aqui pensando, se não seria melhor estar trabalhando.

- a. *ich bin hier beim denken, ob es nich' doch besser wäre, wenn ich arbeiten tät* (I.)  
eu sou aqui a+DEF pensar-INF, se EXPL não PartMOD melhor seria, se eu trabalhar-INF fizesse-AUX  
'Fico aqui pensando, se não seria melhor estar trabalhando.'

- Com o Imperativo

(5.9.15) (PROGQ: S73 adaptado, na testagem de imperativo)

Pelo amor de Deus, esteja trabalhando quando o chefe voltar!

- a. *por favor, tu arbeiten, wenn der chef kommt* (M.)

por favor(PB), faça-AUX IMP trabalhar-INF quando o chefe chega-PRÄS

1. 'Por favor, trabalhe quando o chefe chegar!'

2. 'Por favor, esteja trabalhando quando o chefe chegar!'

- b. *mach den gefallen un' tu arbeiten, wenn der chef kommt!* (I.)

faz-IMP o favor e faça-AUX IMP trabalhar-INF quando o chefe chega-PRÄS

1. 'Faça o favor e trabalhe quando o chefe chegar!'

2. 'Faça o favor e esteja trabalhando quando o chefe chegar!'

- c. *seh zu, dass du arbeiten tust, wenn der chef kommt!* (H.)

vê-IMP aí que tu trabalhar-INF fazes-AUX quando o chefe chega-PRÄS

1. 'Comece a trabalhar quando o chefe chegar!'

2. 'Esteja trabalhando quando o chefe chegar!'

(5.9.16) Esteja trabalhando quando o chefe chegar.

- tun sie arbeiten, wenn der chef kommt* (L.)

faz-AUX vocês trabahar-INF, quando o chefe vem

1. 'Trabalhe quando o chefe chegar!'

2. 'Esteja trabalhando, quando o chefe chegar.'

Como os imperativos não foram registrados em Pomerode na forma progressiva com *bei(m)*, mas nos exemplos acima, os informantes da localidade usaram a forma com *tun*, poderia ser conjecturado que as formas com *tun* serviriam para esse propósito, indicando, inclusive, um estágio mais avançado no *continuum* da gramaticalização (lembrando que o imperativo no progressivo é indício de estágio mais gramaticalizado da forma). Mas no exemplo a seguir, essa regularidade não foi observada e nenhum dos informantes deu como solução um imperativo PROG com o auxiliar *tun*. Exceto para o exemplo (5.9.17)b., por causa do auxiliar *müssen*, nos outros dois exemplos também seria possível uma solução com auxiliar *tun*.

(5.9.17.) Esteja trabalhando enquanto o chefe estiver aqui!

- a. *arbeitet in die zeit, wo der chef hier is'* (C.)  
 trabalhem-IMP em o tempo onde-VIC o chef aqui é-PRÄS  
 'Trabalhem no tempo que o chefe estiver aqui!'
- b. *wir müssen jetzt arbeiten, wegen der chef is' hier* (V.)  
 nós devemos-MOD agora trabalhar-INF porque o chefe é-PRÄS aqui  
 'Devemos trabalhar agora porque o chefe está aqui.'
- c. *wenn der chef kommt, bin ich beim arbeiten* (I.)  
 quando o chefe chega, sou-AUX eu a+DEF trabalhar-INF  
 'Quando o chefe chegar, eu vou estar trabalhando.'

(5.9.18) Não pensa em bobagem, enquanto tu estiveres trabalhando!

- nich' an dummheiten denken, wenn man arbeiten tut* (I.)  
 não em bobagens pensar-INF, quando se trabalhar-INF faz-AUX  
 'Não se deve pensar em bobagens enquanto se está trabalhando'

A forma perifrástica com *tun* também apareceu em contextos complexos. Listo as sentenças em que isso ocorreu e comento-as brevemente em seguida.

#### - Combinação de eventos durativos

(5.9.19) /Estou de férias e não sei mais o que fazer em casa e digo:/

Fico aqui pensando, se não seria melhor estar trabalhando.

- ich bin hier beim denken, ob es nich' doch besser wäre, wenn ich arbeiten tät* (I.)  
 eu sou-AUX aqui a+DEF pensar-INF, se EXPL não PartMOD melhor seria, se eu trabalhar-INF fizesse-AUX  
 'Fico aqui pensando, se não seria melhor estar trabalhando.'

No exemplo acima (5.9.19), a combinação de eventos durativos se apresenta, respectivamente, na forma progressiva com *bei(m)* e na forma com *tun*, o que novamente parece indicar um paralelismo semântico entre essas duas formas quando se trata do progressivo.

(5.9.20) / Dou um conselho para alguém:/

Não fica pensando em bobagens, enquanto tu estiveres trabalhando!

- nich' an dummheiten denken, wenn man arbeiten tut* (I.)  
 não em besteiras pensar-INF, quando se trabalhar-INF faz-AUX  
 'Não (se deve) pensar em bobagens, enquanto se está trabalhando.'

(5.9.21) Enquanto o sinal toca, os alunos já vão arrumando a pasta.

- a. *die zeit, wo das klingelt, tun die schulkinder schon ihre hefte in die schultasche* (C.)

o tempo, onde-VIC isso toca, fazem-AUX as crianças-escolares já seus cadernos em a pasta-escolar  
'Enquanto toca o sinal, os alunos já vão colocando os seus cadernos na pasta.'

b. *wenn das klingelt, tun die schulkinder schon ihre sachen packen* (V.)

quando isso toca, fazem-AUX as crianças-escolares já suas coisas empacotar-INF

'Quando toca o sinal, as crianças já empacotam as suas coisas.'

(5.9.22) (PROGQ: S61 adaptado, na testagem de temporariedade)

O chefe está escrevendo suas próprias cartas, enquanto a secretária dele está doente.

*der chef tut seine briefe alleine schreiben, weil die sekretária krank is'* (H.)

o chefe faz-AUX suas cartas sozinho escrever-INF, porque a secretária(PB) doente é-PRÄS

'O chefe está escrevendo suas cartas sozinho, porque a secretária está doente.'

(5.9.23) Enquanto eu dormia, minha mulher estava lavando roupa.

*wo ich schlaf... hum schlafte, tut meine frau wäsche waschen* (L.)

onde-VIC eu dorm... hum dormia-PRÄT(?), faz-AUX minha mulher roupa lavar-INF

(??)'Quando eu dormi, a minha mulher lava roupa.'

Esse último exemplo certamente apresenta características de agramaticalidade. Como a construção com *tun* não foi atestada em Pomerode com referência temporal passada<sup>241</sup>, a combinação dos eventos fica comprometida. Talvez a dúvida lexical quanto à regularidade do verbo *schlafen* tenha sido a razão para o informante perder a referência de coordenação de eventos no passado. A solução com *beim* não resultaria nessa incongruência. Não tive oportunidade de retomar esse exemplo com o informante.

- Locação temporal do evento

(5.9.24) (PROGQ: S83 adaptado, na testagem de locação temporal do evento)

Se você chegar à 8:00 eu ainda vou estar trabalhando, chega um pouco mais tarde.

*ah, wenn du kommst um 8:00 uhr, dann tu' ich noch arbeit'n, musst etwas später kommen* (M.)

ah, se tu vens-PRÄS as 8:00 horas, então faço-AUX eu ainda trabalhar, deves um-pouco mais-tarde vir

Se você chegar à 8:00 eu ainda vou estar trabalhando, chega um pouco mais tarde.

- Interpretação iterativa

(5.9.25) /Eu vejo um menino dando saltinhos, e digo:/'

<sup>241</sup> Langer (2001:82-83) diz que na maioria dos casos por ele levantados, a perífrase com *tun* é utilizada no tempo presente em todos os dialetos, o que talvez teria também alguma relação com o *Präteritumschwund* (desaparecimento do *Präteritum* em favor do *Perfekt*); a referência temporal futura com *tun* é rendida com morfologia presente mais complementação adverbial.



Ele está saltando.

/O informante pede para repetir e eu digo:/

Ele está dando saltinhos.

a. *ja, die hopst*

(V.)

Sim, essa salta.

/Faço a demonstração de saltitar/

a'. *sie tut das tun* (e aponta para mim)

ele faz-AUX isso fazer-INF

'Ela está fazendo isso (que eu demonstrei para ele)'

/O informante, diante da dúvida que parece ser lexical, diz:/

a''. *eu sei 'pulando', mas também não é plural, é uma vez só*

/E o informante não chega a uma conclusão/

## - Interpretação habitual

(5.9.26) /Você está irritado com seu parceiro, e diz:/

Pra mim chega, tu sempre estás trabalhando e nunca tens tempo pra mim!

a. *für mich reicht's! du tust immer arbeiten un' hast nie zeit für mich* (C.)

para me chega! tu fazes-AUX sempre trabalhar-INF e tens-PRÁS nunca tempo para mim

'Pra mim chega, tu sempre estás trabalhando e nunca tens tempo pra mim!'

b. *für mich reicht's, ihr arbeit' immer un' habt keine zeit* [pausa] *für mich* (V.)

para me chega, vocês trabalham-PRÁS sempre e têm-PRÁS nenhum tempo para me

'Pra mim chega, tu sempre estás trabalhando e nunca tens tempo pra mim!'

(5.9.27) /Estamos muito brabos com o carnê do IPTU. Eu digo:/

Todo ano o governo está cobrando mais impostos.

*jedes jahr tut der governador immer mehr steuern verlangen* (I.)

cada ano faz-AUX o governador (PB) sempre mais impostos pedir-INF

'Todo ano o governador está pedindo mais impostos.'

(5.9.28) /Quero saber de um colega que sempre trabalhava com ele nas bombas/

/Pergunto o que ele anda fazendo agora; você diz:/

No momento ele está passando o aspirador.

*auf den moment, er tut... er... não, er war beim saugen* (V.)

em o momento, ele faz-AUX ele não, ele era-AUX a+DEF aspirar-INF

'Por ora ele estava(?) passando aspirador.'

O exemplo a seguir, na verdade, fazia parte do teste de incorporação de objetos, mas com a inclusão do advérbio *immer*, a leitura resultou em habitual. O informante parece ter ignorado a informação contextual dada, que só autorizaria a leitura focalizada:

(5.9.29) (PROGQ: S12 adaptado, no teste de incorporação de objetos)

/Alguém está no telefone e quer saber da Maria, a resposta é: A Maria está perto de mim.../

... ela está descascando batatas

*die Maria tut immer kartoffeln schälen* (H.)

a maria faz-AUX sempre batatas descascar-INF

‘A Maria sempre descasca batatas.’

Os exemplos a seguir em PB constituem o que Bertinetto intitulou de *Motion-PROG*, típico para as línguas românicas, sendo mais gramaticalizado no português (= *andar* + GER), onde ele praticamente não está sujeito à nenhuma restrição acional. A minha intenção era meramente ver como essa forma de progressivo seria “traduzida” pelos meus informantes; as respostas são as seguintes:

(5.9.30) Ele anda trabalhando muito, [olha como ele está cansado]

*der tut sehr viel arbeiten, guck mal da wie der schon müde is’* (H.)

ele faz-AUX bem muito trabalhar-INF, olha PartMOD lá como ele já cansado é-PRÁS

1. ‘Ele trabalha muito, olha como ele está cansado.’

2. ‘Ele está trabalhando muito, olha como ele está cansado.’

(5.9.31) Ele anda comendo muito ultimamente.

a. *er tut sehr viel essen ... letztens... momentan* (L.)

ele faz-AUX bastante muito comer-INF ultimamente no momento

‘Ele come/está comendo muito ultimamente.’

O exemplo (5.9.32) a seguir, com o verbo auxiliar habitual *costumar* (a modelo do *used to* do inglês) também só foi aplicado para verificação da solução de tradução:

(5.9.32) Ele costuma escovar os dentes depois de comer.

*er tut die zähne putzen nach den(?) essen* (H.)

ele faz-AUX os dentes escovar-INF depois de comer/da comida(?)

1. ‘Ele escova os dentes depois de comer.’

2. ‘Ele vai escovar os dentes depois de comer.’

- Com adverbiais durativos

(5.9.33) (PROGQ: S51 adaptado, na testagem de adverbiais durativos)

[A cada 10 minutos] o médico fica anotando o quanto o doente comeu

a. *alle 10 minuten tut der doktor aufschreiben, wieviel der paciente gegessen hat* (M.)

todo 10 minutos faz-AUX o doutor anotar-INF, quanto o paciente(PB) comido-PART tem-AUX

‘A cada 10 minutos o doutor fica anotando o quanto o paciente comeu.’

b. *alle 10 minuten tut der arzt schreiben, was der patient gegessen hat* (H.)

todo 10 minutos faz-AUX o médico escrever-INF, o que o paciente comido-PART tem-AUX

‘A cada 10 minutos, o médico fica escrevendo o que o paciente comeu.’

Com referência a restrições que os verbos poderiam apresentar em relação à utilização da forma com *tun* não foi feito nenhum levantamento. Entretanto o que chamou atenção foi sua utilização exclusiva para os inputs com verbos causativos, quer dizer, não tenho soluções com PROG-*bei(m)* para verbos causativos.

- o *tun* causativo

(5.9.34) (PROGQ: S20 adaptado, na testagem de verbos causativos)

/Alguém no telefone quer saber do Pedro; a resposta é:/

Ele está fazendo a Ana comer seu lanche

*ah, der tut die ana obriguier'n, das frühstück zu essen* (M.)

ah, ele faz-AUX a ana obrigar-INF(PB), o lanche PartINF comer-INF

‘Ah, ele está fazendo a Ana comer seu lanche.’

(5.9.35) /Estamos muito brabos com o carnê do IPTU. Eu digo:/

Todo ano o governo está cobrando mais impostos.

*jedes jahr tut der governador immer mehr steuern verlangen* (I.)

cada ano faz-AUX o governador (PB) sempre mais impostos pedir-INF

‘Todo ano o governador está pedindo mais impostos.’

(5.9.36) A polícia está culpando ele do roubo.

*die polizei tut ihn [pausa longa] fragt ihn wegen den klau*<sup>242</sup> (I.)

a polícia faz-AUX ele-ACU [pausa longa] pergunta ele-ACU por-causa-de o-ACU roubo

‘A polícia faz... o pergunta a respeito do roubo.’

(5.9.37) Eu não gosto desse sapato. Ele está me apertando.

a. *ich hab' nich' gern den schuh, wegen der tut mich zu dolle drücken* (I.)

eu tenho não Part-*gern* o sapato, porque esse faz-AUX me-ACU Part-demaís apertar-INF

‘Eu não gosto desse sapato, porque ele está me apertando.’

b. *ich hab' nich' gerne die schuhe, die drücken mich* (L.)

<sup>242</sup> O informante nominalizou o verbo *klauen* (rapar).

eu tenho-PRÄS não gostar-ADV os sapatos, esses apertam-PRÄS me-ACU

‘Eu não gosto dos sapatos, eles me apertam.’

Os exemplos acima, resguardada a não-conclusão de (5.9.37) na forma com *tun* + V<sub>INF</sub> (o que aqui mostrou uma clara questão de dúvida lexical em relação ao verbo *culpar* e ao nome *roubo*), parecem indicar a exclusividade de utilização da forma com *tun* para contextos causativos. Langer (2001:97), nesse sentido, fala de um *tun* causativo, que apresentaria características diferentes do *tun* auxiliar. Não exploro essa questão aqui; os exemplos elencados só mostram que para o input em PB com verbos causativos no PROG, todos os meus informantes valeram-se da forma com *tun* ao invés do PROG-*bei(m)*.

- o *tun* com verbos estativos

Conforme comentado na seção 5.7.2, formas PROG tendem a apresentar mais restrições quando se trata de verbos estativos. As razões para tal já foram citadas lá também. Também com a forma com *tun* apenas dois exemplos foram levantados, respectivamente com o verbo *wissen* (=saber) e o verbo *abzäunen* (=cercar). Como não foram explorados exaustivamente, não posso dizer que há uma preferência na utilização da forma com *tun* em relação ao PROG-*bei(m)* quando se trata de verbos estativos, ou se ambas apresentam limitações iguais nesse caso. O verbo estativo *gostar* previsto no questionário PROGQ, também com a perífrase *tun* resultaria em uma construção bastante estranha, uma vez que no alemão ele é rendido adverbialmente (*gern* +V): ?? *Jetzt plötzlich tut die Clara Deutsche Musik gern haben/* agora de repente faz-AUX a Clara alemã música gostar-ADV ter-INF./Agora, de repente, a Clara está gostando de música alemã.

(5.9.38) (PROGQ: S39 adaptado, na testagem de verbos estativos)

[Agora, de repente] a Maria está sabendo a resposta.

***diesen moment, tut die maria die... das wort wissen... die antwort*** (H.)

neste momento faz-AUX a maria a... a palavra saber-INF... a resposta

‘Neste momento, a Maria está sabendo a resposta.’

(5.9.39) (PROGQ: S39 adaptado, na testagem de verbos estativos)

/O arame estava sempre lá no rancho enrolado. Alguém me pergunta do arame, eu digo:/  
O arame farpado está cercando o pasto.

***der stacheldraht tut jetzt den bast cerquier’n, oder... ,cerquier’n nich’... abzäunen*** (H.)

o arame-farpado faz-AUX agora o pasto(PB) cercar(PB), ou... cercar(PB) não,...cercar-INF

‘O arame farpado está cercando o pasto.’

A minha intenção com essa seção foi tão somente deixar registrada uma forma lingüística utilizada reincidentemente pelos falantes pomerodenses para render contextos progressivos, e com isso estimular outras pesquisas nesse âmbito para verificação se se trata mesmo de uma variante ao PROG-*bei(m)*. A multiplicidade de contextos em que a forma se apresentou, por si só já justifica uma pesquisa específica para o *tun*-pomerodense.

Não fazia parte de minha pesquisa o estudo do *tun*, mas como “ele insitiu em dar o ar de sua graça” dediquei a ele o espaço por mim considerado necessário dentro do presente trabalho. Espero não ter me tornado enfadonha.

Com as considerações superficiais à perífrase com *tun*, que aparentemente é uma candidata à variante de PROG no alemão de Pomerode, encerro o capítulo de análise de dados. Como cada seção já contemplou considerações específicas sobre os dados correspondentes, não retomo as mesmas aqui. Espero, no entanto, ter conseguido mostrar a abrangência da forma em seus mais diferentes ambientes sintáticos e semânticos, o que, por sua vez, deve ter indicado que a forma com *bei(m)* se encontra em um estágio avançado no caminho da gramaticalização. As restrições levantadas dizem respeito, principalmente, à sua utilização na voz passiva e na forma imperativa, e em relação aos verbos, são os estativos que se apresentaram mais resistentes, mas não impossíveis.

## CAPÍTULO 6 – AMARRAÇÕES “PERFECTIVIZADORAS”

### 6.1 Introdução

Este capítulo, que encerra o meu trabalho, sugere uma mudança de “posicionamento”. Na introdução eu havia convidado o meu leitor a se colocar comigo na “perspectiva interna” de uma questão altamente complexa, mas ao mesmo tempo instigante, ou seja, dentro de um fenômeno aspectual no alemão, mais precisamente do alemão falado em Pomerode–SC. Ao longo de cinco capítulos nos posicionamos “imperfectivamente” no PROG-*bei(m)* pomerodense, tentando esmiuçá-lo em seus componentes individuais, verificando suas origens e a sua difusão. Neste capítulo, apresento o que foi alcançado, algo que só é possível se nos colocarmos na “perspectiva externa” daquilo que, depois dessa longa jornada, já considero como sendo “meu PROG”, tanto que já o flagro se incorporando à minha fala, um lugar (para mim) privilegiado que ele não ocupava antes.

Iniciando o capítulo, exponho algumas reflexões feitas em direção a uma possível representação sintática das três “estruturas” levantadas em Pomerode para o PROG: a forma absoluta, ou seja, com verbos intransitivos, a transitiva com os objetos diretos incorporados e a transitiva com os objetos com determinantes. As estruturas são acompanhadas de algumas considerações teóricas. Indico também como operador semântico vai atuar aí. Depois listo alguns pontos sobre a obrigatoriedade da forma no atual contexto lingüístico pomerodense, uma vez que essa é também uma pauta corrente nos estudos aspectuais.

### 6.2 Algumas reflexões sobre a representação sintático-semântica da perífrase

#### 6.2.1 Restrições

Nesta seção pretendo delinear superficialmente uma representação sintática para a construção progressiva *beim + V\_en + sein* pomerodense, uma vez que a semântica depende dessa base sintática sobre a qual vai operar. Defendo, para tanto, que o comportamento sintático do *bei(m)* pomerodense pode ser paralelizado com a *Progressive Form* do inglês, ou seja, ambas as construções pertencem à mesma categoria AspP (*Aspect Phrase*), que se compara a outras categorias funcionais, tais como Agr (*Agreement*) e T (*Tense*), por exemplo.

Ambas denotam aspectualidade imperfectiva, e, em sendo assim, representam a mesma estrutura hierárquica interna. Sigo, para tanto, a primeira proposta (e única, até onde pude verificar) nesse sentido de Bhatt e Schmidt (1993), que propõe uma descrição para a forma progressiva com *am* para o dialeto *Kölnisch* e para o alemão padrão coloquial. Contudo, não entro no mesmo nível de detalhamento empreendido pelas autoras, uma vez que a minha proposta é tão somente mostrar onde o elemento sintático *bei(m)* está localizado e em cima do que ele está operando.

Também para Verkuyl (1993:321), embora em um aparato teórico totalmente diferente, à forma progressiva (do inglês), sintaticamente falando, deve ser dado um lugar menos proeminente do que à INFL, e, portanto, ela estaria localizada “entre”<sup>243</sup> INFL e VP na figura a seguir. O autor assume que o elemento sintático PROG é tomado como um modificador. [[INFL]] vai operar no resultado da aplicação de [[PROG]] a um VP’.

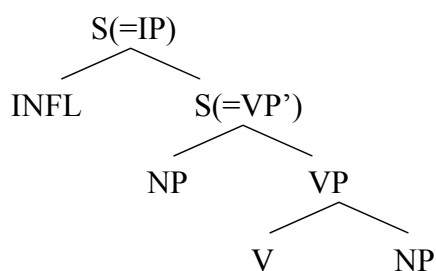


Figura 1 (Extraída de Verkuyl (1993:319))

Para o alemão da Alemanha e o inglês, de acordo com Bhatt e Schmidt (1993:71-72), a diferença estaria situada nas entradas lexicais que representam as categorias funcionais envolvidas (Asp, Agr(eement) O(bject)) e nas respectivas realizações morfológicas. Complementando-as com o que foi levantado em Pomerode, essas diferenças seriam: *am*, *-en* / *-ing*,  $\emptyset$  / *bei(m)*, *-en*.

As autoras levantam as restrições que a forma com *am* apresentaria em relação à estrutura argumental de V, e que não existiriam para o inglês, como nos exemplos:

- (6.1.1) \**das Bild ist schief am hängen*  
*the paint isn't hanging straight*

<sup>243</sup> Grifo de Verkuyl (1993).

(6.1.2) *\*die Temperaturen sind unter den Gefrierpunkt am fallen*  
*the temperatures are sinking below zero*

Para o alemão, nenhum verbo que atribui papel- $\Theta$  ( $\Theta_{\text{LOC}}$ ) a um complemento explicitado localmente pode ser combinado com *am*, ao passo que para o inglês essas restrições não existiriam. Já mostrei em (5.6.2) que, nesse sentido, em relação às formas progressivas, parece haver ainda muita discussão em aberto, pois até no questionário PROGQ propõe-se a verificação dessa questão para as respectivas línguas levantadas, por meio de inclusão de perguntas teóricas sobre esse ponto. (veja Parte II do questionário em Dahl (2000:815-818))

Mas como em Pomerode muitas dessas restrições não se apresentaram, inclusive para o exemplo acima que foi colocado para teste de aceitabilidade, não posso adotar esse critério para fazer uma diferenciação com o inglês.

(6.1.3) /Você pode me dizer qual das duas sentenças que eu vou dizer é melhor para você?/  
*guck mal da, wie das bild beim schiefhängen ist, gleich fällt es runter* ou  
*guck mal da, wie das bild schiefhängt, gleich fällt es runter?*

Informante (B.): *das ist dasselbige!*

Isso é o mesmo!

Para o levantamento das paridades entre o progressivo no inglês e no alemão, Bhatt e Schmidt (1993:72-73) tomam por base a classificação de tipos de eventos de Hoekstra (1992) e concluem que as formas progressivas com *am* no alemão e *-ing* no inglês só seriam combináveis com verbos que apresentam os seguintes tipos de eventos:

- a) [+ stage-level, +dinâmico] ou
- b) [+ stage-level, - dinâmico, + controlado]

As autoras apresentam um quadro geral como se segue, onde eu acrescentei o que foi levantado em Pomerode em relação à forma com *bei(m)*, conforme mostrado no capítulo precedente:



Individual-Level (sem argumento de evento)	Stage-Level (com argumento de evento)						
	-dinâmico		+dinâmico				
	-contro- lado	+contro- lado	-controlado		+controlado		
			-tético	+tético	-tético	+tético	
<i>wissen</i> (=saber) <i>hassen</i> (=odiar)	<i>sehen</i> (=ver) <i>hören</i> <sup>244</sup> (=ouvir) <i>riechen</i> (=cheirar)	<i>sitzen</i> (=sentar) <i>?hängen</i> (=pendurar) <i>stehen</i> (=ficar de pé)	<i>regnen</i> (=chover) <i>?fliessen</i> (=fluir) <i>fallen</i> (=cair)	<i>?fliessen</i> (=fluir) <i>fallen</i> (=cair) <i>sterben</i> (=morrer)	<i>lachen</i> (=rir) <i>trinken</i> (=beber)	<i>töten</i> (=matar) <i>fliegen</i> (=voar)	
<i>-ing</i>	-	-	+	+	+	+	
<i>Am</i>	-	-	+/-	+	+	+	+/-
<i>bei(m)</i>	-	+/-	+/-	+	+	+	+/-

Tradução e complementação (em destaque) minhas (I.E.)

Para as restrições em relação à combinação da forma alemã com *am* e a do inglês com *-ing* com verbos auxiliares e verbos modais, as autoras concluem que esses verbos carregam traços inerentes [T(empo), M(odo) e Asp(ecto)] como listado em 1), e que não poderiam estar em conflito com a especificação de traços dos elementos aspectuais *am* e *-ing* (e incluso também o *bei(m)*), como em 2):

1)

- |   |                |
|---|----------------|
| (a) <i>haben / have</i>   | [+T, -M, -Asp] |
| (b) <i>sein</i> <sub>1</sub> (TEMPORAL)                           | [+T, -M, -Asp] |
| (c) <i>sein</i> <sub>2</sub> / <i>be</i> <sub>1</sub> (ASPECTUAL) | [-T, -M, +Asp] |
| (d) <i>werden</i> <sub>1</sub> / <i>be</i> <sub>2</sub> (PASS.)   | [-T, -M, +Asp] |
| (e) <i>werden</i> <sub>2</sub> (FUT / MOD)                        | [+T, +M, -Asp] |
| (f) Verbos Modais ( <i>können / can</i> etc.; <i>want</i> )       | [-T, +M, -Asp] |
| (g) Verbos Plenos   | [uT, uM, uAsp] |

2)

- |   |                |
|---|----------------|
| Asp [-perf] ( <i>-ing</i> ) ( <i>am</i> ) ( <i>bei(m)</i> ) | [-T, -M, +Asp] |
|---|----------------|

<sup>244</sup> O exemplo foi apresentado da seguinte forma ao informante: /Meu filho não está conseguindo dormir por causa de um suposto barulho do lado de fora da casa. Eu digo pra você:/ Ele continua ouvindo barulho. Como se diz isso em alemão? *Er ist...?*

Informante (B.): *er ist immer noch bei radau hören.*

ele é-AUX sempre ainda a-Part barulho escutar-INF

Como não sei até que ponto eu induzi a sua resposta, esse exemplo não compõe o corpo da pesquisa e só é citado marginalmente. O mesmo informante, no mesmo tipo de teste disse também: [*sie ist*]... *bei was verbranntes riechen*, para um input: Ela está cheirando alguma coisa queimando. (=predicação secundária)

De acordo com essa especificação, só *sein<sub>2</sub> / be<sub>1</sub>, werden<sub>1</sub> / be<sub>2</sub>* e os verbos plenos poderiam ser combinados com *am* e com *-ing*, sendo que as autoras levantam uma restrição a mais para o alemão, nas situações em que existir um complemento verbal adicional, como no caso do verbo *lassen* (=deixar)<sup>245</sup>, em que a ordem determinada ... ^*am* ^V<sub>1</sub> ^V<sub>2</sub> demandaria uma incorporação (termo utilizado pelas autoras) de V<sub>1</sub> em V<sub>2</sub>. Cito apenas um exemplo:

(6.1.4) a. \**wir sind die Kinder spielen am lassen*

nós somos as crianças brincar a+DEF deixar

b. *wir sind die Kinder am spielen lassen*

nós somos as crianças a+DEF brincar deixar

O teste em Pomerode não apresentou uma solução com *bei(m) + V + lassen*:

(6.1.5) (PROGQ: S19 adaptado, para testagem de verbos causativos)

/Alguém no telefone quer saber do Pedro; a resposta é:/

Ele está deixando lavar seu carro.

a. ***er ist beim auto-waschen*** (G.)

ele é a-Part carro-lavar

1. 'Ele está lavando o carro.'
2. 'Ele está num lugar onde se lava o carro.'

/Peço para ele repetir a frase, lembrando que o "ele" não é o agente da ação:/

b. ***er lässt sein auto waschen***

ele deixa seu carro lavar

1. 'Ele está deixando lavar seu carro.'
2. 'Ele deixa lavar seu carro.' (habitual)

Os demais informantes deram igualmente a solução na forma simples.

Considero a construção progressiva *Er ist bei sein Auto waschen lassen* a única possível no contexto pomerodense diante de tantos outros dados levantados, embora tenha testado a sua aceitabilidade com apenas um de meus informantes que a achou "normal". Assumo, pois, que nenhuma outra ordem poderia ser esperada aqui, muito menos a de interpolação do *bei(m)* entre os dois Vs, já em função do próprio posicionamento dos objetos tal como se observa (com regularidade) no progressivo pomerodense (*\*Er ist sein Auto waschen beim lassen*, portanto, não faria parte da língua do pomerodense). Valem, portanto, a mesmas considerações feitas para o alemão da Alemanha.

---

<sup>245</sup> Complemento Acl.

As demais restrições comentadas pelas autoras dizem respeito à impossibilidade de intercalação do elemento *am* entre V e seu *incorporatum* (que englobaria, respectivamente, a partícula separável do verbo<sup>246</sup>, o objeto direto “levemente” indefinido (=objeto direto (colocado, nesses termos, pelas autoras), o predicado secundário, e o V alçado). Para o dialeto *Kölnisch* algumas variações seriam aceitáveis, inclusive a reduplicação do *am* no caso de predicação secundária (*et Marie is am möd am wäde* / a Maria é a+DEF cansada a+DEF ficar). Como em Pomerode temos grandes diferenças em relação ao uso da forma com objetos diretos e também quanto à ordem do mesmo dentro da sentença, conforme mostrado no Capítulo 4, não retomo essa discussão aqui.

### 6.2.2 Uma sintaxe

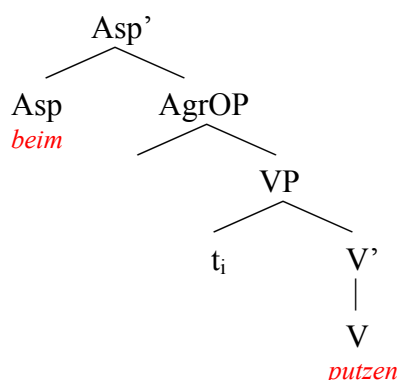
Parto então para discorrer brevemente sobre os argumentos que Bhatt e Schmidt (1993) levantaram em favor da existência de um AspP acima de *am*: se *am* se constituir em uma categoria I ou corresponder a ela, então deveria ser ele mesmo o responsável pela checagem dos traços de flexão. Se, por sua vez, o *am* indica a presença de um elemento funcional-Asp, então também deve existir uma AspP sintaticamente projetada. Por evidências empíricas, as autoras mostram ainda que o *am* se constituiria no núcleo dessa categoria funcional. A diferença para o inglês estaria no fato de que o alemão realiza essa categoria lexicalmente (*overt*) pelo *am*. O *am* poderia ainda, caso ele seja um elemento-Asp, aparecer como modificador do argumento de evento, restringindo-o via traço [-perf]. Para essa possibilidade Bhatt e Schmidt complementam que “não deve existir uma restrição (inerente) em contradição com o traço [-perf]”. Todos esses pontos considero pertinentes também para a forma com *bei(m)*.

De todo percurso argumentativo adicional de Bhatt e Schmidt, que nesse texto ainda sustentam ser o alemão uma língua núcleo final, o que já é passível de contestação via teorias gramaticais mais recentes que têm mostrado que o alemão é de base SVO, mas cuja discussão fugiria totalmente aos meus propósitos aqui, eu tomo apenas algumas referências que se mostram relevantes para uma primeira sugestão de representação sintática da forma progressiva pomerodense, que mostro em seguida. As autoras desenvolvem evidências independentes para mostrar que AgrO é responsável pela checagem de *-en*. Persiste, pois, o fato de que *am* sempre aparece em conjunção com o morfema *-en* e não o contrário. Assim,

---

<sup>246</sup> \* *Sie ist auf am schreiben* (ela está Part a+DEF anotar-INF), para o verbo *aufschreiben*, por exemplo, o que também não seria possível para a forma com *bei(m)* pomerodense (\**Sie ist auf beim schreiben*.)





A sugestão de representação sintática a seguir é de sentenças no progressivo pomerodense em que houve incorporação de objeto ao verbo. Conforme desenvolvido no Capítulo 4, na literatura sobre PROG-PREP (no alemão padrão coloquial e em seus dialetos) a incorporação é tida por muitos autores como única possibilidade de “processamento”<sup>248</sup> de objetos nas respectivas formas progressivas. Em termos de Baker (1988:229), conforme já comentado na seção 4.3, seria o movimento sintático de uma categoria X<sup>o</sup> para se adjungir ao seu regente X<sup>o</sup>, criando uma categoria complexa no nível X<sup>o</sup> e um elo sintático entre duas posições na marcação frasal (*phrase marker*). A incorporação ocorre pois com o nome (*Treppen*) que aqui é nu. Outras evidências de incorporação no progressivo pomerodense, além da mera condição de Ds bloquearem a mesma, foi dada na discussão do exemplo (5.4.9), no capítulo precedente.

Para *Sie ist beim treppenputzen* (ela está limpando escadas), as considerações acima para o que acontece com o NP-sujeito e com o auxiliar são as mesmas. A diferença aqui está para o complexo verbal N+V (*treppenputzen* – escadas-limpar) que precisa sair de dentro do VP e subir para AgrO' para que *treppen* receba caso acusativo (lembro, no entanto, que na concepção de Baker (1988:106-110) o NP incorporado nem precisaria receber caso para ser interpretado em LF). O problema já tradicional que ocorre nesse movimento, para o qual Ruth V. Lopes (c.p.) me chamou a atenção, é a violação do efeito de minimalidade, em que elementos de mesma natureza acabam se cruzando, mas que acontece sempre nas propostas de estrutura com vários Agr. Eu não tenho nenhuma sugestão a fazer nesse sentido.

<sup>248</sup> Adotei esse termo por inércia terminológica. No alemão, o termo “Verarbeitung” parece ter uma abrangência mais geral (ou menos “comprometedora”!).





### 6.2.2.1 Um pequeno comentário sobre essas duas últimas estruturas: a questão da incorporação

Um último comentário cabe aqui e diz respeito à crítica que Glück (2001) faz ao trabalho de Bhatt e Schmidt (1993). O autor cita exemplos como *Sie ist (die, eine, ihre) Zeitung am Lesen* (ela é (o, um, seu) jornal a+DEF ler-INF/ Ela está lendo (o, um, seu) jornal), traduzido por NP  $V_{fin}$  {DET {DEF, INDEF}, PRON POSS} *am*  $V_{inf}$ , em que, em termos de Glück, teria havido um deslocamento para a esquerda de um objeto supostamente “incorporado”, mas que lexicalmente seria um objeto autônomo; a crítica vai no sentido de que exemplos desse tipo não foram abordados por Bhatt e Schmidt (1993). Aqui teríamos que assumir que, no caso de o alemão permitir o deslocamento de um elemento nu (*bare*)<sup>249</sup>, conforme Glück parece querer mostrar com o exemplo citado (e a respectiva tradução), estaríamos diante de um caso de “excorporação” (seria, então: *Sie ist ?Treppen/??Treppe am/beim Putzen*), mas o autor não desenvolve essa questão, nem tampouco as motivações para tanto, restringindo-se tão somente à crítica às autoras de não tê-lo feito.

No caso das diferentes configurações das construções progressivas no alemão da Alemanha (e nos seus dialetos) e no alemão de Pomerode, sempre estão em jogo alguns pontos que parecem ter alguma relação com a questão do artigo aí na perífrase, o que me leva a ponderar mais uma vez sobre o papel do mesmo na construção progressiva<sup>250</sup>, conforme já insinuei brevemente no final do Capítulo 4.

O percurso que é proposto por Dayal (2003) no sentido de poder haver pseudo-incorporação (que a autora desenvolve para o hindu, mas que também já foi aventada para outras línguas, como o húngaro e o dinamarquês) talvez pudesse ser pensado também para a questão dos progressivos, e particularmente para os progressivos pomerodenses. A intuição semântica no caso dos progressivos com objetos diretos sugere que existe um tipo de incorporação sempre, mesmo que não exista evidência de fusão sintática propriamente dita. Entendo que semanticamente, tanto em *beim treppenputzen sein*, como em *bei die Treppen*

---

<sup>249</sup> A minha intuição lingüística não aceita um singular nu nessa posição.

<sup>250</sup> Quero deixar meus agradecimentos a todos aqueles que compartilharam desse meu “calvário” em relação ao artigo dentro da minha perífrase. A modesta abordagem em relação ao mesmo aqui certamente não faz jus ao tempo que E. Leiss, R. Lopes, A. Gonçalves, T. Wachowicz, M. Roedel, J.V. Pottelberge e O. Krause dispenderam comigo. Ele, pelo menos para mim, continua uma incógnita ...



*putzen sein* o nome *Treppen* não tem saliência individual<sup>251</sup>, mas ele apenas restringe o escopo de *putzen* (em progressão).

Os nomes incorporados, e também os pseudo-incorporados, conforme coloca Dayal (2003:02), perdem semanticamente a sua saliência individual. Os nomes incorporados, além disso, também o fazem sintaticamente. A autora, nesse trabalho, se propõe a abordar a questão não-canônica de incorporação do hindu, onde existe evidência de incorporação semântica, mas não sintática.

No caso dos progressivos, ousar dizer, não são afinal os nomes que carregam a essência semântica, e sim, os verbos, o que casa, a meu ver, com a questão desse nome não ter de referir a uma entidade única, saliente. Além disso, conforme exemplificado pela autora, a incorporação pode ser identificada tanto diretamente com base em evidência sintática ou morfológica, mas também indiretamente com base em sua semântica. É nesse ponto da identificação semântica da incorporação que eu situo a minha reflexão.

A questão da incorporação e da ordem dos objetos ainda precisa ser melhor estudada nos progressivos perifrásticos do alemão de Pomerode. No caso de aceitarmos a argumentação de Glück de que no alemão se teria a “opção” entre incorporação ou não (conforme mostrado anteriormente), o que parece ser de difícil sustentação<sup>252</sup>, mas que, em certo sentido, poderia ser pareado com o que se observou em Pomerode (com as devidas ressalvas, de que o caso de Pomerode é diferente do que advoga Glück). Conforme mostrado, os informantes apresentaram uma diversidade de respostas aos inputs apresentados. A incorporação sintática, pelo menos diante do que se observou aqui, ocorreu aleatoriamente, independente do input apresentado. O teste aplicado, porém, não contemplou detalhadamente essa questão, uma vez que não foi desenhado para tal.

Faço ainda uma sugestão de como esses objetos na forma progressiva pomerodense poderiam ser interpretados unificadamente, com base em uma descrição (funcional) empreendida por Hedin (2000) e com base em uma proposta de “pseudo-incorporação” que Dayal (2003) explora para o hindu. Lembro que um ponto é importante aqui, e que justifica, em certo sentido, ao menos se tentar fazer uma reflexão unificada: em Pomerode, os objetos diretos são “abundantes” nas construções progressivas, e sintaticamente aparecem na mesma ordem na sentença, quer sejam incorporáveis (ou seja, quando não são acompanhados de um determinante) ou não-incorporáveis (ou seja, acompanhados de um determinante qualquer que

---

<sup>251</sup> É evidente que as implicações disto na questão do papel  $\Theta$  e do K (caso) precisariam ser contemplados também.

<sup>252</sup> Pelo menos se for para aceitar a questão da “excorporação” que parece estar subjacente à proposta de Glück.

impede a sua incorporação, segundo as regras usuais para tal). Entendo que a unidade do complexo sentencial que se constitui aí tem uma razão de ser diante da forma PROG em discussão.

Para Hedin (2000), o Imperfectivo e o Perfectivo são dois modos de referir-se a situações. O Imperfectivo é usado quando a referência é feita a situações como *types*, concebidos dentro de uma perspectiva não-temporal como abstrações não existentes no tempo, mas correspondendo a um conteúdo denotativo de alguma expressão verbal (como no caso de *morrer*, denotando um membro típico da classe situacional MORRER). O Perfectivo, por sua vez, é usado quando a referência é feita a situações como *tokens*, como instanciações de situações no tempo. Hedin aponta ainda que temporalidade nesse caso não corresponde a “localização temporal”, uma vez que uma situação pode ser localizada em um ponto específico no tempo e, portanto, ser referida como um *situation token* concreto; o falante ainda assim pode considerá-la em uma perspectiva não-temporal como um *situation type* abstrato. Isso seria possível inclusive se a localização temporal for dada explicitamente pelo contexto. Conseqüentemente, a idéia de considerar uma situação “imperfectiva” como um *type* não significa que não possa haver uma situação única que está sujeita ao discurso, mas somente que ela não está sendo referida como uma instanciação. (cfe Hedin (2000:228), traduzido e resumido por mim I.E.).

A autora transporta os conceitos de [ $\pm$ *boundedness*] para dentro da conceitualização de *types* e *tokens*:

“(...) boundedness is seen as a property of situation types (transitional or not), represented by some verb(s) or verb phrase(s). It is not considered to be necessarily incompatible with the Imperfective. A situation may be referred to as representing some class or species of situations having or not having the property of boundedness or as instantiation of such situation occurring in time. A bounded verb phrase may be in the Imperfective or the Perfective but, depending on aspect, this element of boundedness has different functions.<sup>253</sup>

A irrelevância da instanciação da situação, Hedin acha que poderia ser referida como uma função neutra do Imperfectivo, mas não como uma neutralização da oposição aspectual, com o Imperfectivo perdendo suas funções normais (idem:231). Comenta ainda que o

---

<sup>253</sup> Hedin (2000:230) considera a sua proposta particularmente interessante no que se refere ao Paradoxo do Imperfectivo. O que está expresso em *João está construindo uma casa* não é que João em qualquer tempo efetivamente constrói uma casa, no sentido de que alguma casa venha a existir em qualquer ponto presente no tempo, ou no futuro, mas somente que João é o agente de uma situação *type* chamada *construir-uma-casa*, e não de uma outra como *tricotar-um-pullover*, *escrever-uma-carta*, por exemplo.

Imperfectivo tem o seu significado básico que é o de referir a situações como sendo um *type*, e, em sendo assim, (por definição) ele negligencia qualquer instanciação da situação ocorrendo no tempo, constituindo-se em um modo mais abstrato de referir-se a uma situação. A autora explora ainda as outras utilizações típicas do Imperfectivo, reinterpretando-as com base na função de referirem a *types*. Esses contextos não-específicos seriam, respectivamente, os genéricos, os habituais e os potenciais, onde nenhuma situação específica é focalizada, ou seja, qualquer instanciação de situação é negligenciada.

A autora fala da possibilidade de transposição de foco referencial quando nos referimos a situações. Uma situação identificável poderia ser referida de dois modos: ou a situação *token* em si seria focalizada, ou seria a situação *type* que a representa. Assim a situação poderia ser considerada como um *type* não somente em contextos não especificados, mas também em um contexto especificado, onde seria possível referir a ela como uma instanciação particular, ou seja, como um *token*. (ver exemplificação e discussão detalhada em Hedin (2000:231-236))

Tomando agora um exemplo qualquer pomerodense, em termos do que explora Hedin, tanto em *Ana ist beim briefschreiben* como em *Ana ist bei ein Brief schreiben* teríamos então uma referência a uma situação identificável ocorrendo em determinado tempo. Mas a situação em si não precisa necessariamente ser considerada especificamente. A Ana é o agente de algo que pode ser referido como *brief-schreiben* (ou *schreiben* simplesmente, no caso de assumirmos o verbo intransitivamente, o que, conforme indiquei, parece ser sempre possível com o progressivo, pois a ênfase está na ação que é expressa pelo verbo). A Ana é, nesse ponto no tempo, uma escritora-de-carta, se essa carta efetivamente vai existir não faz parte da interpretação. A instanciação no tempo é irrelevante; no progressivo (e nos imperfectivos em geral), a atual realização não é especificada e nem tampouco negada.

Transpondo agora essas considerações para o que desenvolve Dayal (2003) em termos de pseudo-incorporação, e assim tentar uma aproximação para o entendimento da questão da ordenação dos objetos dentro das sentenças progressivas pomerodenses, o que parece acontecer com esses objetos é que eles perdem, de algum modo, a sua saliência individual.<sup>254</sup> Sua função primordial é a de restringir o escopo do verbo, tanto na versão incorporada (*beim briefschreiben sein*), aqui tanto sintática- como semanticamente, como na versão em que sintaticamente é não-incorporada (*bei ein Brief schreiben sein*), mas semanticamente é. Também no hindu, Dayal levanta exemplos em que aspectos sintáticos depõem contra uma

---

<sup>254</sup> As implicações dessa abordagem em termos de uma semântica composicional nem sequer foram aventadas aqui.

forma canônica de incorporação, mas onde existe evidência de incorporação semântica. A proposta da autora vai no sentido de “getting existential import without existential binding (of the theme argument)”.

Quero observar também que existe uma neutralidade de número em todas essas formas incorporadas em Pomerode, que por si só também mereceria considerações específicas. No exemplo acima parece se tratar de um nome singular, mas defendo que mesmo assim a interpretação é neutra em relação a número.<sup>255</sup> O meu informante, conforme explorado no Capítulo 5, faz uma opção aleatória em relação a número na solução dos inputs em PB. Quero dizer, ele não marca pluralidade e singularidade com base no input (singular ou plural) recebido, o que parece indicar que isso é irrelevante para a interpretação progressiva. Nesse sentido, também tenho uma aproximação com o que Dayal defende em relação ao hindu, ou seja, que a neutralidade de número é um fator determinante para identificação de incorporação. Entendo que isso pode ser atrelado ao fato de assumir a situação verbal como um *type*, assim a marca de número não é determinante, pois o que o nome faz é tão somente restringir esse verbo.

Se eu assumir que há incorporação de algum tipo tanto em *beim briefschreiben sein* como em *bei ein Brief schreiben sein*, também a idéia de haver redução de valência precisa ser repensada para o primeiro caso (onde há evidência sintática e morfológica de incorporação). Assim, nos dois casos preciso manter que o verbo continua transitivo, e que, nesse caso, o nome incorporado não pode ser um N<sup>o</sup>, mas sim um NP. Existiriam, assim, dois “tipos” de incorporação, ainda a serem definidos mais precisamente quanto ao comportamento sintático subjacente. O desenvolvimento das teorias (recentes e, portanto, não muito difundidas) sobre “pseudo-incorporação” certamente irá contribuir, em um momento futuro, para uma melhor compreensão do que acontece no caso dos progressivos, mais precisamente, dos progressivos pomerodenses. Por enquanto, só foi possível indicar possíveis encaminhamentos.

Um “derradeiro” ponto seria ainda tentar juntar as reflexões que Leiss (2000) faz em relação aos artigos nestas construções (cf. desenvolvido no Capítulo 3), e tentar levantar as razões para esse comportamento não prototípico do mesmo também nas construções imperfectivas, uma vez que para as construções perfectivas (as *FVGs*) o papel do artigo já está muito bem explicado.

---

<sup>255</sup> Testes específicos se fariam necessários aqui.

A partir deste “breve comentário”, coloco as seguintes considerações como sugestão de pesquisas futuras: a questão da incorporação no PROG pomerodense – seja ela sintática ou apenas semântica –, a implicação nas questões de definitude (ou de outra função determinante imanente) subjacentes ao artigo que está sempre aí, as conseqüências na marcação de Caso (lembrando que Pomerode não marca mais o dativo), só para citar alguns tópicos.

### 6.2.3 Uma idéia para a semântica

Se admitimos as estruturas sintáticas esboçadas acima, temos que considerar que o *beim* é o operador que introduz a progressão. Em outros termos, ele é a marca da presença de operador PROG que, em inglês, não é superficialmente realizado. Em termos pouco formais, este operador toma a eventualidade indicada pelo infinitivo, que, segundo a abordagem corrente na semântica de eventos engloba tanto eventos como estados, e resulta na eventualidade em progressão. Várias questões permanecem em aberto, mas infelizmente não será possível desenvolvê-las neste trabalho. Entre elas destaca-se a questão de se o infinitivo refere-se a eventos completos ou incompletos ou a ambos, como propõe Parsons (1990). Proposta parecida se encontra em Engelberg (2003). Vimos no Capítulo 4, que para Engelberg (2003), *beim Aufräumen* (a+DEF arrumar-INF) denota um evento em progressão, por exemplo, um evento *e* que é parte de um possível evento completo do tipo denotado pelo infinitivo nominalizado (IN-*Aufräumen*) e que pode ser representado por  $\lambda e$  [PROG (*e*, 'IN)].

Além disso, um trabalho mais detalhado exigiria uma definição formal do que significa uma eventualidade em progressão. Para tanto há várias propostas que, por absoluta falta de tempo, não pude discutir (ver, no entanto, Dowty(1977) e Parsons (1990)).

### 6.3 Para não dizer que não falei da “obrigatoriedade da forma”

Mostrei aqui que semanticamente a forma progressiva em Pomerode pode ser esperada sempre que a ação verbal puder ser apresentada como estando em transcurso, ou, valendo-me das palavras de Van Pottelberge (2004:205), *als aktueller und dadurch zeitlich begrenzter Verlauf* (como transcurso atual e com isso temporalmente delimitado). O falante, ao fazer a opção pelo PROG, consegue estabelecer uma relação não-ambígua em relação ao presente e ao mesmo tempo assumir a posição da perspectiva interna. A forma perifrástica passa assim a ser marcada duplamente: em relação a Tempo e em relação a Aspecto. A utilização da forma afirma a validade atual de um evento e está em oposição a uma possível, mas não

intencionada validade genérica. A oposição, diz o autor, é entre a interpretação da atualização efetiva e a interpretação da validade genérica. Abstraindo as exceções, meu informante se vale preferencialmente da forma *Maria ist beim arbeiten* (Maria está trabalhando), para marcar o evento de trabalhar em relação a um ponto relevante no tempo, uma vez que para *Maria arbeitet* (Maria trabalha) a interpretação é ambígua. Por outro lado, em *Ich bin beim verhungern* X *\*Ich verhungere* (respectivamente *eu estou morrendo-de-fome* e *eu morro-de-fome*) a utilização do PROG é obrigatória, pois só assim se consegue estabelecer relação com tempo presente e, ao mesmo tempo, a partir da perspectiva interna. Os verbos intransitivos não-aditivos como *verdursten*, *sterben*, *aufstehen*, por exemplo, quando utilizados no presente simples, só autorizam interpretação futura. Como diz Reimann (1998:134), o PROG, nesse sentido, veio para preencher uma lacuna no sistema verbal do alemão. E em Pomerode isso já parece ser um fato.

#### 6.4 Amarrações Finais

Mostrei que o progressivo no alemão de Pomerode se caracteriza por ser um dispositivo morfossintático regular, constituído de um verbo no infinitivo, que carrega a informação semântica da construção, de uma partícula *bei(m)* que, em conjunção com a derivação *\_en* do verbo principal, confere progressividade à sentença, e ainda de um verbo auxiliar (*sein*) que carrega a informação temporal da sentença. Para estabelecer que se trata efetivamente de uma perífrase, levantei os componentes individuais que constituem a mesma, mostrando porque o infinitivo não é mais nominal, conseqüentemente também que o *bei* não é mais preposição (e, é obvio, o verbo *sein* é, então, um auxiliar).

Toda essa discussão tinha também um segundo propósito que era o de contestar a literatura alemã sobre o PROG-PREP na parte em que nega à forma com *bei(m)* a possibilidade de gramaticalizar-se como tal, em função de uma suposta remanescência de significação locativa da construção (que já não seria mais perceptível no PROG-*am*), além de uma diferença entre as duas formas que poderia ser remetida a uma diferença na semântica das respectivas preposições, que constituem a base das mesmas. Reuni elementos que mostram que as duas preposições apresentam exatamente as mesmas características (a inespecificidade sendo a principal delas) que autorizaram a sua inclusão na corrida da gramaticalização da forma PROG.

Indiquei também que em Pomerode a escolha pelo PROG-*bei(m)* pode, talvez, ser justificada pelo fato de a língua ter seguido seu próprio caminho depois do período de colonização (1860-1880), e que antes disso, provavelmente, as duas formas estavam em variação no alemão da Alemanha (o trabalho de Reimann (1998) apresenta dados nesse sentido).

Com os testes de Pomerode também mostrei que o pressuposto da agentividade, que a literatura alemã vê como uma condição necessária para o PROG-*bei(m)* não se sustenta, muito menos a preferência por verbos no âmbito da alimentação (*comer, devorar, beber, mastigar* etc.), que limitaria o seu uso. (ver também Glück (2001))

Para determinar a auxiliaridade do *sein* confrontei-me com alguns dados que indicaram uma tensão nesse sentido, uma vez que ele retém comportamento de verbo pleno quando da inclusão de complementos prepositivos locativos entre o *sein* e o *bei(m)* +V-*en*. Mas, conforme indicado no próprio questionário do EUROTYP (em que se pergunta sobre essa possibilidade nas línguas pesquisadas), e também no trabalho de Wachowicz (2003) para o PB, isso não é uma peculiaridade do alemão pomerodense.

Indiquei a abrangência de uso da forma, o que, entre os critérios definidos pelas teorias de gramaticalização, seriam sinais de um estágio avançado do PROG-*bei(m)* pomerodense no *continuum*, principalmente em comparação com o PROG-*am*, que apresenta restrições quanto à inclusão de objetos, particularmente no alemão padrão. Ainda dentro da teoria de gramaticalização, mostrei que existe um problema por resolver, se a cliticização do artigo à preposição for para ser vista como um indicativo de estágio avançado no *continuum* (formas cliticizadas não podem ser “desfeitas”, atendendo ao critério da unidirecionalidade), uma vez que em Pomerode esse amálgama não existe quando da inclusão de objetos diretos referenciais entre a partícula *bei* e o infinitivo verbal. Assim, a forma progressiva pomerodense estaria ao mesmo tempo [+gramaticalizada] e [-gramaticalizada], uma contradição que mereceria um empenho analítico mais apurado do próprio critério da unidirecionalidade, ou, pelo menos, da aplicação dele ao elemento de origem prepositiva dentro da perífrase PROG.

Apresentei um esboço de uma possível representação sintática das estruturas com *bei(m)* apresentadas pelos pomerodenses e uma pequena sugestão de como seria a semântica dessa partícula. Há, no entanto, muito trabalho ainda a ser feito.

Fiz uma sugestão de como esses objetos poderiam ser interpretados em estruturas progressivas, com base em uma descrição (funcional) empreendida por Hedin (2000), para dar conta de usos “pro perfectivos” do imperfectivo. Insinuei que um caminho que poderia ser trilhado é o da “pseudo-incorporação”, adaptando um raciocínio desenvolvido para o hindu por Dayal(2003), e sugeri que trazer Leiss (2000) e suas reflexões sobre artigo e aspecto para dentro desta discussão poderia ser interessante.

Acredito que um fechamento não se justificaria nesse ponto, uma vez que o objeto ainda autoriza vários encaminhamentos... Afinal, o estudo se pretendia imperfectivo... *unbounded*... progressivo.

*Ich bin eben immer noch beim denken...*



## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Werner, BAYER, Josef. *Einleitung*. In: \_\_\_\_\_. *Dialektsyntax*. Linguistische Berichte. Opladen: Westdeutscher Verlag GmbH, p. 7-11, 1993.
- ALTMANN, Luciana. *500 anos de Pomerode: história de vida de sete personagens*. Santa Maria: Pallotti, 2002.
- ANDERSSON, Sven-Gunnar. *On the Generalisation of Progressive Constructions. "Ich bin (das Buch) am Lesen"- Status and Usage in Three Varieties of German*. In: Larsson Lars-Gunnar (ed.) *Proceedings of the Second Scandinavian Symposium on Aspectology*. Uppsala: Almqvist & Wiksell Tryckerie, p.95-106, 1989.
- BACH, Emmon. *On Time, Tense, and Aspect: An Essay in English Metaphysics*. In: *Radical Pragmatics*, p.63-81, 1981.
- BAKER, Mark C. *Incorporation. A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- BAYER, Josef. *'Zum' in Bavarian and Scrambling*. In: Abraham, Werner, Bayer, Josef. *Dialektsyntax*. Linguistische Berichte. Opladen: Westdeutscher Verlag GmbH, p. 50-70, 1993.
- BARTSCH, Renate. *Situations, Tense, and Aspect. Dynamic Discourse Ontology and the Semantic Flexibility of Temporal Systems in German and English*. Gronigen-Amsterdam Studies in Semantics. Berlim/Nova Iorque: de Gruyter, 1995.
- BERTINETTO, Pier Marco. *The progressive in Romance, as compared with English*. In: Dahl, Östen (ed.) *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.559-604, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Tempo, Aspetto e Azione nel verbo italiano. Il sistema dell' indicativo*. Florença: L' Accademia della Crusca, 1986.
- BERTINETTO, Pier Marco, DELFITTO, Denis. *Aspect vs. Actionality: Why should they be kept apart*. In: In: Dahl, Östen (ed.) *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.189-226, 2000.
- BERTINETTO, Pier Marco, EBERT, Karen E., GROOT, Casper de. *The progressive in Europe*. In: Dahl, Östen (ed.) *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.517-558, 2000.
- BHATT, Christa, SCHMIDT, Claudia Maria. *Die am+Infinitiv-Konstruktion im Kölnischen und im umgangssprachlichen Standarddeutschen als Aspekt-Phrasen*. In: Abraham,

- Werner, Bayer, Josef.(org.) Dialektsyntax. Linguistische Berichte. Opladen: Westdeutscher Verlag GmbH, p. 71-98, 1993.
- BRONS-ALBERT, Ruth. *Die sogenannte "Rheinische Verlaufsform": Stör mich nicht, ich bin am Arbeiten.* In: Recht rheinisches Köln. Jahrbuch für Geschichte und Landeskunde 9/19, p.199-204, 1984.
- BYBEE, Joan L., PERKINS, Revere, PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar. Tense, Aspect, and Modality in tehe languages of the world.* Chicago/Londres: University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, Joan L., DAHL, Östen. *The creation of tense and aspect systems in the languages of the world.*In: Studies in Language 13, p. 51-103, 1989.
- CANN, Ronnie. *Time, tense and aspect.* In: \_\_\_\_\_. Formal Semantics. An Introduction. Cambridge, p.233-262, 1993.
- CASTILHO, Ataliba T. de, MORAES de CASTILHO, Célia Maria.. *Aspecto verbal no português falado.* In: VIII Seminário do Projeto da Gramática do Português Falado. Campos do Jordão. 1994. (mimeo)
- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica.* Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems.* Cambridge Textbooks in linguistics, V.2. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COMRIE, Bernard. *Tense.* Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. *O Aspecto em Português.* 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- DAHL, Östen. *The tense-aspect systems of European languages in a typological perspective.* In: Dahl, Östen (ed.) Tense and Aspect in the Languages of Europe. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.3-25, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Synchronic and Diachronic Generalizations about Tense-Aspect Systems.* In: Larsson Lars-Gunnar (ed.) Proceedings of the Second Scandinavian Symposium on Aspectology. Uppsala: Almqvist & Wiksell Tryckerie, p.09-12, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Tense and aspect systems.* Oxford: Basil Blackwell, 1985.
- \_\_\_\_\_. *The growth and maintenance of linguistic complexity.* Versão preliminar disponibilizada na página pessoal do autor, (331p.), 2003.
- DAYAL, Veneeta. *A Semantic for Pseudo Incorporation.* Rutgers University, 2003. (30p.) [http://www.rci.rutgers.edu/~dayal/pseudo-incorporation.pdf.]
- DE LUNA, José Marcelo de Freitas. *O português na Escola Alemã de Blumenau: da formação à extinção.* Blumenau: Edifurb, 2000.

- DI MEOLA, Claudio. *Die Grammatikalisierung deutscher Präpositionen*. Studien zur deutschen Grammatik. n.62, Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2000.
- DIEWALD, Gabriele. *Grammatikalisierung – Eine Einführung in Sein und Werden grammatischer Formen*. Germanistische Arbeitshefte n.36. Tübingen: Niemeyer, 1997.
- DOWTY, David. *Towards a semantic analysis of verb aspect and the English 'imperfective progressive'*. In: *Linguistics and Philosophy* 1, 45-78, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Reidel, 1979.
- DRESSLER, Wolfgang. *Sprachtypologie*. In: Althaus, Hans P. et alli. *Lexikon der Germanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, p.636-641, 1980.
- EBERT, Karen H. *Progressive markers in Germanic languages*. In: Dahl, Östen (ed.) *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.605-654, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Aspektmarkierungen im Fering (Nordfriesisch) und verwandten Sprachen*. In: Abraham, W., Janssen (ed.) *Tempus-Aspekt-Modus. Die lexikalischen und grammatischen Formen in den germanischen Sprachen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, p. 293-322, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Progressive aspect in German and Dutch*. In: *Interdisciplinary Journal for Germanic Linguistics and Semiotic Analysis* 1.1, p.41-62, 1996.
- EMMEL, Ina. *Aquisição de caso no alemão pomerodense*. Trabalho de qualificação (não publicado). PGL-UFSC, 2005.
- EMMEL, Ina. *O auxiliar 'tun' no alemão pomerodense. Para além da estigmatização*. Trabalho de qualificação (não publicado). PGL-UFSC, 2005.
- ENGELBERG, Stefan. *"The structural ambiguity of PPs containing nominalized infinitives"*, In: *Proceedings of the 2003 Conference of the Australian Linguistic Society*, 2003. [<http://www.newcastle.edu.au/school/lang-media/news/als2003/proceedings.html>]
- FLÄMIG, Walter. *Beiträge zum Verb – Zur Funktion des Verbs: tempus und Temporalität – Modus und Modalität – Aktionsart und Aktionalität*. In: *Probleme der Sprachwissenschaft – Beiträge zur Linguistik*, Paris: Mouton, p.253-289, 1971.
- FISCHER, Heinz. *Die deutsche Sprache*. In: Fischer, Heinz. (org.) *Deutsche Kultur. Eine Einführung*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, p. 79-95, 2ed., 1977.
- FRANÇOIS, Jacques. *Aktionsart, Aspekt und Zeitkonstitution*. In: Schwarze, Christoph, Wunderlich, Dieter (eds) *Handbuch der Lexikologie*. Königstein/Ts.: Athenäum, p.229-249, 1985.

- GIVÓN, Talmy. *Historical syntax and synchronic morphology. An archeologist's field trip*. In: Papers from the Chicago Linguistic Society 7., p.394-415, 1971.
- GLINZ, Hans. *Deutsche Standardsprache der Gegenwart*. In: Althaus, Hans P. et alli. *Lexikon der Germanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, p.609-619, 1980.
- GLÜCK, Helmut. *Die Verlaufsform in den germanischen Sprachen, besonders im Deutschen*. In: Thielemann, Werner, Welke, Klaus (eds) *Valenztheorie. Einsichten und Ausblicke*, Münster: Nodus, p.81-96, 2001.
- GODÓI, Elena. *O Progressivo: além do aspecto*. Letras 41-42: Curitiba: Editora da UFPR, p.165-170, 1997.
- GROOT, Casper de. *The absentive*. In: Dahl, Östen (ed.) *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.693-722, 2000.
- GUILFOYLE, Eithne, NOONAN, Maire. *Functional Categories and language acquisition*. ms. 1988.
- GUILLAUME, Gustave. (1929) *Temps et verbe. Théorie des aspects, des modes et des temps*. Paris, 1965.
- HAEGMANN, Liliane. *Introduction to government and binding theory*. 2.ed. Oxford/UK, Cambridge/USA: Blackwell, 1995.
- HEDIN, Eva. *The type-referring function of the Imperfective*. In: Dahl, Östen (ed.) *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.227-264, 2000.
- HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike, HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization. A Conceptual Framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, Bernd, REH, Mechthild. *Grammaticalization and reanalysis in African Languages*. Hamburg: Buske, 1984.
- HOPPER, Paul J., TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ILARI, Rodolfo, GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10.ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1999.
- ILARI, Rodolfo, MANTOANELLI, Ivonne. *As formas progressivas do Português*. Cadernos de Estudos Lingüísticos 5, p.27-60, 1983.
- JAKOBSON, Roman. *Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb*. Harvard University, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Selected Writings II*. Paris: The Hage, 1971.

- JESPERSEN, Otto. *A Modern English Grammar on Historical Principles*. Part IV: *Syntax*, 3.V.: *Time and Tense*. Re-impressão (1.ed. 1931). Londres, Copenhagen: Allen & Unwin, Munksgaard, 1954.
- KABAKČIEV, Krasimir. *On 'Telicity' and Related Problems*. In: Larsson, Lars-Gunnar (ed.) *Proceedings of the Second Scandinavian Symposium on Aspectology*. Uppsala: Almqvist & Wiksell Tryckerie, p.13-32, 1989.
- KOTSINAS, Ulla-Britt. *Come, Stay, Finish. On the Development of Aspect Markers in Interlanguage and Pidgin/Creole Languages*. In: Larsson, Lars-Gunnar (ed.) *Proceedings of the Second Scandinavian Symposium on Aspectology*. Uppsala: Almqvist & Wiksell Tryckerie, p.33-48, 1989.
- KRAUSE, Olaf. *Progressive Verbalkonstruktionen im Deutschen. Ein korpusbasierter Sprachvergleich mit dem Niederländischen und dem Englischen*. Tese de doutorado. Universidade de Hannover, 2001 (335p.) [<http://edok01.tib.uni-hannover.de/edoks/e002/325677786.pdf>][publicado em 2002 sob o título: *Progressiv im Deutschen. Eine empirische Untersuchung im Kontrast mit Niederländisch und Englisch*. *Linguistische Arbeiten* 426, Tübingen: Max Niemeyer]
- LANDMANN, Fred. *The progressive*. In: *Natural Language Semantics* 1, 1-32, 1992.
- LANGER, Nils. *Linguistik Purism in Action – How auxiliary tun was stigmatized in Early New High German*. *Studia Linguistica Germanica* 60. Berlim/Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2001.
- LANGL, Annette. *Synchrone und diachrone Untersuchung des Absentivs und Progressivs im Deutschen*. Dissertação de mestrado apresentada na Ludwig-Maximilians Universität Munique, 2003/2004(WS) (90p.)
- LEISS, Elisabeth. *Artikel und Aspekt. Die grammatischen Muster von Definitheit*. *Studia Linguistica Germanica* 55. Berlim: Walter de Gruyter, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Die Verbalkategorien des Deutschen*. *Studia Linguistica Germanica* n.31. Berlim: Walter de Gruyter, 1992.
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. *LINCOM Studies in Theoretical Linguistics* 01. Munique/Newcastle:LINCOM, 1995.
- LI, Jie. *Räumliche Relationen und Objektwissen am Beispiel an und bei*. *Studien zur deutschen Grammatik* 49. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1994.
- LÖTSCHNER, Andreas. *Zeit, Text und Aktionsarten*. In: *Deutsche Sprache. Zeitschrift für Theorie, Praxis, Dokumentation*. Berlim: Erich Schmidt Verlag, p.120-147, 1976.
- LYONS, John. *Semantics*.V.2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

- \_\_\_\_\_. *Introduction to Theoretical Linguistics*. 4.ed. Cambridge: CUP, 1971.
- MITTWOCH, Anita. *Aspects of English aspect: on the interaction of perfect, progressive and durational phrases*. In: *Linguistics and Philosophy* 11, Kluwer Academic Publishers, p.203-254, 1988.
- MOURELATOS, Alexander P.D. *Events, processes, and states*. In: *Linguistics and Philosophy* 2, p.415-434, 1978.
- OLIVEIRA, Rogério. *Do progressivo do inglês ao progressivo do português*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.
- PARSONS, Terence. *The progressive in English: Events, States, and Processes*. In: *Linguistics and Philosophy* 12, p.213-241, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Events in the semantics of English: A study in subatomic semantics*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- PARTEE, Barbara. *Nominal and temporal anaphora*. In: *Linguistics and Philosophy* 7, p. 243-286, 1984.
- PIRES de OLIVEIRA, Roberta. *Semântica formal: uma breve introdução*. Coleção Idéias sobre Linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- PORTNER, Paul. *Quantification, events, and gerunds*. In: BACH, Emmon et alli. *Quantification in Natural Languages*. Kluwer Academic Publishers, p.619-659, 1995.
- \_\_\_\_\_. *The progressive in modal semantics*. In: *Language*, Volume 74, n 4, 1998.
- REICHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York: McGraw-Hill, 1966.
- REIMANN, A. 1998. *Die Verlaufsform im Deutschen: Entwickelt das Deutsche eine Aspektkorrelation?* Tese de doutorado não publicada. Otto-Friedrich Universität Bamberg. Alemanha. (240 microfichas)
- RÖDEL, Michael. *Die deutsche Verlaufsform auf dem Weg zu einer aspektuellen Verbalkategorie*. Trabalho para o Staatsexamen apresentado junto a Universität Bamberg, 2003a (86p.)
- \_\_\_\_\_. *Die Entwicklung der Verlaufsform im Deutschen*. In: *Muttersprache* 113(2). Wiesbaden: Gesellschaft für deutsche Sprache e. V., p. 97-107, 2003b.
- SCHWARZ, Christian. *Die tun-Periphrase im Deutschen*. Dissertação de Mestrado apresentada na Ludwig-Maximilians Universität, Munique, 2004 (146p.)
- SEKIGUCHI, Tsugio (1957). *Deutsche Präpositionen. Studien zu ihrer Bedeutungsform*. Tübingen: Niemeyer Verlag, 1994.
- SLABAKOVA, Roumyana. *Telicity in the second language*. *Language Acquisition & Language Disorders*, 26. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

- SLABAKOVA, Roumyana *Semantic evidence for functional categories in interlanguage grammars*. In: *Second Language Research* 19,1, p.76–109, 2003. (www.uiowa.edu/~linguist/aculty/slabakova/personal/SLR 2003.pdf)
- STEINITZ, Renate. *Der Status der kategorie "Aktionsart" in der Grammatik (oder: Gibt es Aktionsarten im Deutschen)* In: *Linguistische Studien – Reihe A – Arbeitsberichte* 76. Akademie der Wissenschaften der DDR, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Zur Semantik und Syntax durativer, inchoativer und kausativer Verben*. In: *Linguistische Studien, ZISW*. Berlin: ZISW, p.85-129, 1977.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 4ed. Série Princípios. São Paulo: Editora da Ática, 1994.
- THIEROFF, Rolf. *On the areal distribution of tense-aspect categories in Europe*. In: In: Dahl, Östen (ed.) *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.265-305, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Das finite Verb im Deutschen. Tempus-Modus-Distanz*. In: *Studien zur deutschen Grammatik* 40. Tübingen: Narr, 1992.
- TOMMOLA, Hannu. *Progressive aspect in Baltic Finnic*. In: Dahl, Östen (ed.) *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.655-692, 2000.
- TORNQUIST, Ingrid Margareta. *"Das hon ich von meiner Mama": zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul*. Uppsala: Swedish Science Press, 1997.
- TSCHIRNER, Erwin. *Aktionalitätsklassen im Neuhochdeutschen*. Berkeley insights in linguistics and semiotics, v.5. Nova Iorque: Peter Lang, 1991.
- VAN POTTELBERGE, Jeroen. *Der am-Progressiv. Struktur und parallele Entwicklung in den kontinentalwestgermanischen Sprachen*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2004.
- VAN POTTELBERGE, Jeroen. *Verbonominale Konstruktionen als Vorläufer der Funktionsverbgefüge. Einige diachronische Beobachtungen anhand deutscher Evangelienübersetzungen aus dem Mittelalter*. Gent: Studia Germanica Gandensia, 1996.
- VAN VALIN Jr., Robert D., LA POLLA, Randy J. *Syntax: Structure, Meaning & Function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- VENDLER, Zeno. *Linguistics and Philosophy*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.
- VERKUYL, Henk J. *A theory of aspectuality: the interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

- VLACH, Frank. *The Semantics of the Progressive*. In: Tedeschi, P.J. e Zaenen, A. (eds.) *Syntax and Semantics 14: Tense and Aspect*, Nova Iorque: Academic Press, p. 271-292, 1981.
- VON FINTEL, Kai. *The Formal Semantics of Grammaticalization*. In: NELS 25 Proceedings. V.2. Papers from the Workshop on Language Acquisition & Language Change, p.175-189, 2004 (ms).
- WACHOWICZ, Teresa Cristina. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003 (221p.)
- WEININGER, Markus J. *A Verbalklammer: estruturas verbais descontínuas em alemão*. Tese de doutorado. UFSC. Florianópolis, 2000. (300p.)
- WIERZBICKI, Mariola. *Das Tempus- und Aspektsystem im Deutschen und Polnischen*. Sammlung Groos n.70. Heidelberg: Julius Groos Verlag, 1999.
- ZUCCHI, Sandro. *Incomplete events, intensionality and imperfective aspect*. *Natural Language Semantics* 7: pp.179-215. Kluwer Academic Publishers, 1999.

#### GRAMÁTICAS, DICIONÁRIOS E OBRAS DE REFERÊNCIA CONSULTADOS

- ADELUNG, Johann Christoph. *Versuch eines vollständigen grammatisch-kritischen Wörterbuches der Hochdeutschen Mundart, mit beständiger Vergleichung der übrigen Mundarten, besonders der oberdeutschen*. 1. edição 1780. re-impressão: Hildesheim: Olms, 1970.
- ADMONI, Wladimir. *Der deutsche Sprachbau*. Munique, 1982.
- ADMONI, Wladimir. *Historische Syntax des Deutschen*. Tübingen: Niemeyer, 1990.
- ANDERSON, Robert R., GOEBEL, Ulrich, REICHMANN, Oskar (eds.) *Frühneuhochdeutsches Wörterbuch*. Berlin: de Gruyter, 1989.
- BUSSMANN, Hadumod. *Lexikon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart:Kröner, 1983.
- DUDEN- *Die Grammatik*, Mannheim: Brockhaus AG, 1998.
- FLÄMIG, Walter. *Grammatik des Deutschen. Einführung in die Struktur und Wirkungszusammenhänge*. Berli: Akademie Verlag GmbH, 1991.
- EISENBERG, Peter. *Grundriss der deutschen Grammatik*. V.1. *Das Wort*. Stuttgart/Weimar: Metzler, 1998.



- EISENBERG, Peter. *Grundriss der deutschen Grammatik. V.2. Der Satz*. Stuttgart/Weimar: Metzler, 1999.
- GÖBE, Alfred (ed.) *Trübners Deutsches Wörterbuch*. Berlin: de Gruyter, 1939.
- GRIMM. *Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm*. (Publicação original: Leipzig: Verlag von S.Hirzel, 1854) re-edição: Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1984.
- HEYNE, Moriz. *Deutsches Wörterbuch*. Leipzig: Verlag von S.Hirzel, 1905.
- HELBIG, G., BUSCHA, J. *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Leipzig/Berlin/Munique: Langenscheidt, Verlag Enzyklopädie, 1993.
- HELBIG, G., BUSCHA, J. *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Leipzig/Berlin/Munique: Langenscheidt, Verlag Enzyklopädie, 1994.
- HENTSCHEL, Elke, Weydt, Harald. *Handbuch der deutschen Grammatik. 2.ed.rev.* Berlin/Nova Iorque: de Gruyter, 1994.
- KLUGE, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der Deutsche Sprache*. 17.ed. (reformulado por Mitzka, Walter) Berlin: de Gruyter, 1957.
- KLUGE, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der Deutsche Sprache*. 24.ed. (reformulado por Seebold, Elmar) Berlin: de Gruyter, 2002.
- PAUL, Hermann, BETZ, Werner. *Deutsches Wörterbuch*. (1.ed 1897) 5.ed. reformulada. Tübingen: Niemeyer Verlag, 1935.
- PAUL, H. *Deutsche Grammatik*. Halle/Saale, 1916-1920.
- SCHULZ, D., GRIESBACH, H. *Grammatik de deutschen Sprache*. München, 1984.
- WELKER, Herbert Andreas. *Gramática Alemã*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.
- WOSSIDLO, Richard, TEUCHERT, Hermann. *Wossidlo-Teuschert Mecklenburgisches Wörterbuch*. Neunmünster: Karl Wachholtz Verlag, 1942.
- ZIFONUN, Gisela, HOFFMAN, Ludger, STRECKER, Bruno, BALLWEG, Joachim. *Grammatik der deutschen Sprache*. 3 Vs. Schriften des Institut für deutsche Sprache 7.3. Berlin/Nova Iorque: de Gruyter, 1997.

## 8 ANEXO

QUESTIONÁRIO PROGQ – Extraído da publicação: *Tense and aspect in the languages of Europe*. DAHL, Östen (ed.) Berlim, Nova Iorque: de Gruyter, p.810–815, 2000.

### Questionnaire on the Progressive Aspect

#### Part I

##### Tentative definition

- S01 – /Somebody on the phone wants to know about Ann; the answer is: – Ann is near me... / ... She WORK [right now]  
S02 – A: What does Ann do every Saturday morning?  
B: She CLEAN THE HOUSE / READ  
S03 – [Last night at 8 o'clock,] when John came, Ann still WORK  
S04 – Last year we [usually] CLEAN THE HOUSE on Saturdays [now we do it on Thursdays]  
S05 – Last summer, John VISIT us three times

##### Transitive verbs and valency

- ==== /Somebody on the phone wants to know about John; the answer is: – John is near me .../  
S06 – ... He CLEAN a gun  
S07 – ... He READ a newspaper  
S08 – ... He BUILD a shelter [for the sheep]  
S09 – ... He SING a song  
S10 – ... He GIVE a present to his sister  
S11 – ... He TELL a story to his sister

##### Object incorporation

- ==== /Somebody on the phone wants to know about Ann; the answer is: – Ann is near me .../  
S12 – ... She PEEL potatoes  
S13 – ... She PEEL the potatoes  
S14 – ... She PEEL 3 kilos of potatoes  
S15 – ... She PEEL all potatoes  
S16 – ... She CHASE chickens [out of the house]  
S17 – ... She CHASE two chickens [out of the house]  
S18 – ... She WRITE her thesis [I think she will never finish]

##### Causative verbs

- ==== /Somebody on the phone wants to know about Ted; the answer is: /  
S19 – He HAVE his hair CUT [right now]

### Adaptação do Questionário sobre Aspecto Progressivo (I.E.)

#### Parte I

##### Tentativa de definição

- S01- /Alguém está no telefone e quer saber da Ana; a resposta é: A Ana está aqui do meu lado... /  
... *Ela está trabalhando* [neste momento]  
S02- A: O que a Ana faz todo sábado de manhã?  
B: *Ela limpa a casa / lê*  
S03- [Ontem a noite, às 8:00 horas,] quando o João chegou, *a Ana ainda estava trabalhando*.  
S04- No ano passado [normalmente] *nós limpávamos a casa aos sábados* [agora nós o fazemos às quintas]  
S05- No último verão, *o João nos visitou três vezes*.

##### Verbos Transitivos e valência

- ==== / Alguém no telefone quer saber do João; a resposta é: - O João está perto de mim... /  
S06- ... *lavando uma panela*  
S07- ... *lendo um jornal*  
S08- ... *construindo uma prateleira* [para os livros]  
S09- ... *cantando uma música*  
S10- ... *dando um presente para a sua irmã*  
S11- ... *contando uma história pra sua irmã*

##### Incorporação de objetos

- ==== / Alguém no telefone quer saber da Ana; a resposta é: A Ana está perto de mim... /  
S12- ... *descascando batatas*  
S13- ... *descascando as batatas*  
S14- ... *descascando 3kg de batatas*  
S15- ... *descascando todas as batatas*  
S16- ... *tocando as galinhas* [para dentro do galinheiro]  
S17- ... *tocando duas galinhas* [pra dentro do galinheiro]  
S18- ... *cozinhando seu almoço* [e eu acho que ela nunca vai terminar]

##### Verbos Causativos

- ==== / Alguém no telefone quer saber do Pedro; a resposta é: /  
S19- ... *Ele está deixando lavar seu carro*

S20 – He MAKE the child EAT the porridge [right now]

### Motion verbs

=== /Somebody on the phone wants to know about Julie; the answer is:/

S21 – She GO OUT [right now; do you want me to hold her back?]

S22 – Well, [right now] she FLY to New York / Moscow [you can call her tomorrow at her hotel]

### Phasal verbs

=== /Somebody on the phone wants to know about Fred; the answer is: – Fred is near me,.../

S23 – ... he BEGIN to peel potatoes [right now]

S24 – ... he FINISH repairing the lamp [right now]

S25 – ... he BEGIN a language drill [right now]

S26 – ... he FINISH a language drill [right now]

S27 – ... he CONTINUE his story-telling [right now]

### Postural verbs

S28 – /Somebody on the phone wants to know about Mary; the answer is/  
[Right now] She SIT in the kitchen/yard

S29 – A: I need my blue shirt right now; where is it?

B: It HANG on the nail

### Non-durative verbs

S30 – I took the photo exactly while John THROW the stone against the window

S31 – [Right now] The climber REACH the top of the mountain

S32 – The pardon arrived just while the captain GIVE the sign to the firing squad

### Non-intentional verbs

S33 – [Look, there he goes again!] George inadvertently INSULT his neighbour with his silly questions. [He really cannot understand the situation].

S34 – [Incredible! Listen to him now! With his words] Philip unconsciously ADMITS the guilt

### Non-agentive, intransitive processes

S35 – [Look at John, on the sofa!] He DREAM of his girlfriend

S36 – [Look out the window now!] The sun

S20- ... *Ele está fazendo a Ana comer seu lanche*

### Verbos de Movimento

===/ Alguém no telefone quer saber da Júlia; a resposta é:/

S21- ... *Ela está saindo* [neste momento, você quer que eu a chame de volta]

S22- ... Pois é, [neste momento] *ela está viajando pra São Paulo* [mas amanhã você pode ligar pra ela no celular]

### Verbos de Fase

===/ Alguém no telefone quer saber da Maria; a resposta é:- A Maria está perto de mim,.../

S23- ... *ela está começando a descascar as batatas* [agora mesmo]

S24- ... *ela está terminando de consertar o chuveiro* [agora mesmo]

S25- ... *ela está começando a decorar a tabuada* [agora mesmo]

S26- ... *ela está terminando de decorar a tabuada* [agora mesmo]

S27- ... *ela está continuando sua contação-de-história*

### Verbos Posturais

S28- /Alguém no telefone quer saber do Carlos; a resposta é/

[Agora mesmo] *Ele está sentado na cozinha*

S29- A: Eu preciso da minha camisa agora, onde ela 'tá?

B: *Está pendurada no armário.*

### Verbos não-durativos

S30- Eu tirei a foto exatamente quando o *João estava jogando a pedra no vidro.*

S30a- Eu tirei a foto exatamente quando o *João jogou a pedra no vidro.*

S31- [Neste momento] *o Carlos está alcançando o topo do Schmidtsberg.*

S32- *O Pedro chegou justamente quando o Paulo deu o sinal para atirar.*

### Verbos não-intencionais

S33- [Olha lá, o que ele está fazendo de novo!] *O Jorge está ofendendo seu vizinho com suas perguntas bestas* [Ele não consegue entender a situação]

S34- [Inacreditável! Escuta ele agora!] *Com essas palavras o Jorge inconscientemente está aceitando sua culpa.*

### Processos não-agentivos, intransitivos

S35- [Olha lá o João no sofá!] *Ele está sonhando com sua namorada.*

- SHINE  
 S37 – The water BOIL [shall I make tea?]  
 S38 – [Look, what a shame!] The apple ROT on the tree

### Stative verbs

- S39 – [Now, unexpectedly,] Peter KNOW the answer  
 S40 – [Now, unexpectedly,] Tess LIKE the music  
 S41 – The mountain SURROUND the plain

### Copular verbs

- S42 – [What a wonderful present!] You BE very KIND, now!  
 S43 – /John has made a negative comment on Ann's hair-style; Ann says with a tone of surprise/ You BE RUDE this evening

### Remoteness/invisibility

- === /on the phone/ A: Is Ann with you right now?  
 S44 – B: No, she DANCE [in the next room]  
 S45 – B: No, she PLAY CARDS [in the next room]  
 === /on the phone/ A: Is Ann at home right now?  
 – B: No, ...  
 S46 – ... she SHOP. She left one hour ago  
 S47 – ... she PLAY CARDS in the club [as usual]

### Durative adverbials

- S48 – [Yesterday, during my sleep] Ann PLAY for 2 hours all by herself  
 S49 – [During the whole time of the class/prayer] Ann TALK to her neighbour [in fact, she carried on even afterwards]  
 S50 – [During the whole time of the class/prayer] Ann TALK to her neighbour [but as soon as that was over, she suddenly became very silent]  
 S51 – [Moment by moment] The policeman TAKE NOTES of what the speaker said  
 S52 – He continually FORGET people's names

### Graduality adverbs

- S53 – The level of the water INCREASE slightly since yesterday  
 S54 – [When I arrived] the situation already IMPROVE little by little  
 S55 – [When I arrived] the snow COVER gradually the land

### Imminent meaning

- S56 – [Hurry up!] The train LEAVE

- S36- [Olha lá fora!] *O sol está brilhando!*  
 S37- [Olha lá] *A água está fervendo* [posso fazer um chá?]  
 S38- [Olha lá que pena!] *As tangerinas estão apodrecendo na árvore.*

### Verbos estativos

- S39- [Agora, de repente] *a Maria está sabendo a resposta*  
 S40- [Agora, de repente] *a Clara está gostando de música alemã*  
 S41- *O arame farpado cerca o pasto*

### Verbos cópula

- S42- [Que presente legal!] *Você está sendo muito simpático!*  
 S43- / O João fez um comentário não muito legal sobre o corte de cabelo da Joana; a Joana responde com um toque de surpresa/ *Você está sendo muito antipático hoje.*

### Remoto/Invisível (Absentivo)

- ===/ no telefone/ A: A Ana está aí com você?  
 S44- B: *Não, ela está dançando* [na outra sala]  
 S45- B: *Não, ela está jogando carta* [na outra sala]  
 ===/ no telefone/ A: A Ana está em casa? - B, Não...  
 S46- *ela está fazendo compras. Ela saiu há uma hora.*  
 S47- *ela está jogando carta no clube* [como sempre]

### Adverbiais durativos

- S48- [Ontem, durante o meu sono] *a Ana ficou brincando sozinha por duas horas*  
 S49- [Durante toda a aula] *a Ana ficou conversando com sua colega* [na verdade, ela continuou mesmo depois da aula]  
 S50- [Durante toda a aula] *a Ana ficou conversando com a sua colega* [Mas logo que essa acabou, ela, de repente, ficou bem quietinha]  
 S51- [A cada 10 minutos] *o médico anota o quanto o doente comeu*  
 S52- *Ele sempre fica se esquecendo do nome das pessoas.*  
 S52a- *Ele sempre se esquece do nome das pessoas.*

### Verbos de gradação

- S53- *O nível da água aumentou pouco desde ontem*  
 S54- [Quando eu cheguei] *a situação já estava melhorando pouco a pouco*  
 S55- [Quando eu cheguei] *a água cobria o pasto pouco a pouco*

### Significado eminente

- S56- [Corre aí!] *O ônibus está saindo!*

S57 – The old man DIE [but finally they found the right medicine]

### Temporariness

S58 – Ann STAND in the doorway, [right now]

S59 – The statue STAND in the garden [for the summer]

S60 – [Think! While we are here talking about our matters] the earth TURN around the sun

S61 – The boss TYPE his own letters, while the secretary is ill

### Backgrounding

S62 – It was a bright summer day. The bees HUM, the birds SING, the cows GRAZE in the Greenfield. Suddenly, the earth opened and the devil came out

### Habitual (and quasi-habitual)

S63 – At that time, he GO to dance every Saturday.

S64 – If you insist in calling me Fred, you INTRUDE in my private life.

S65 – As soon as you start asking what is the use of education, you ABANDON the basic assumption of any true culture

### Future meaning

S66 – Ann LEAVE tomorrow

S67 – Ann LEAVE in a minute

S68 – John GET MARRIED tomorrow. Who BE his witness at the wedding?

S69 – Who BE captain of the team tomorrow?

### Sequence and coordination of events

S70 – Yesterday, while Ann READ in her room, Martin PLAY in the courtyard

=== /What did Martin do yesterday evening?/

S71 – He STUDY, he READ the paper, he EAT, and then he GO to bed

S72 – He STUDY from 2 to 6, he READ the paper from 6 to 7, he EAT from 7 to 8, and then he GO to bed

S57- *O velhinho já estava morrendo, mas finalmente eles acharam um remédio certo.*

### Temporiedade

S58- *A Ana está ficando parada na porta [neste momento]*

S58a- *A Ana está parada na porta [neste momento]*

S59- *A piscina está ficando no jardim [durante o verao]*

S60- *[Imagina! Enquanto nós estamos aqui conversando,] a terra está girando em torno do sol.*

S60a- *[Imagina! Enquanto nós estamos aqui conversando,] a terra gira em torno do sol*

S61- *O chefe está escrevendo suas próprias cartas, enquanto a secretária dele está doente.*

S61a- *O chefe escreve suas próprias cartas, enquanto a secretária dele está doente.*

### Backgrounding

S62- *Era um lindo dia de verao. Os pássaros cantavam, as vacas pastavam, o sol brilhava. De repente, a terra se abriu e o diabo saiu de dentro dela.*

S62a- *Era uma lindo dia de verao. Os pássaros estavam cantando, as vacas estavam pastando e sol estava brilhando. De repente, a terra se abriu e o diabo saiu de dentro dela.*

### Habitual (e quase-habitual)

S63- *Neste momento, ele está indo dançar todos os sábados.*

S64- *Se você insiste em me chamar de Pedro, você deve estar ficando louco.*

S65- *No momento em que você começa a perguntar o que é para fazer, você está deixando de trabalhar.*

### Significado 'Futurate'

S66- *Ana está indo amanhã.*

S67- *Ana está saindo em um minuto.*

S68- *João está casando amanhã. Quem vai ser testemunha no casamento?*

S69- *Quem vai ser o capitão do Floresta no domingo?*

### Seqüência e coordenação de eventos

S70- *Ontem, enquanto a Ana estava lendo em seu quarto, o Martin estava jogando no quintal.*

===/ O que o Martin fez ontem a noite?/

S71- *Ele estudou, leu jornal e então foi prá cama.*

S72- *Ele ficou estudando das 2 às 6, lendo jornal das 6 às 7 e comendo das 7 às 8, e então ele foi prá cama.*

S72a- *Ele estudou das 2 às 6, leu jornal das 6 às 7, comeu das 7 às 8, e então ele foi prá cama*

### **Imperative**

- S73 – [For goodness sake,] WORK when the boss comes back!  
S74 – /Mother to daughter, whom she wants to punish/ You NOT GO to that party!

### **Passive**

- S75 – [Come in, please!] The meal BE SERVED [right now]

### **Negation**

- S76 – The boss was angry, because John not WORK when he came in  
S77 – [Let's go out,] it not RAIN now  
S78 – [This is disgusting,] it is 8.30 and the train not yet LEAVE

### **Modal verbs**

- S79 – Tom must FEED the animals [I guess]  
S80 – Ann should TEACH now [I guess]

### **Temporal location of the event**

- S81 – [I am so tired.] I BAKE all day since I got up this morning  
S82 – When John came home yesterday, he was very tired because he WORK hard all week  
S83 – If you come at 8 o'clock, I still COOK [Come a little later, please]

### **Imperativo**

- S73- [Pelo amor de Deus], *esteja trabalhando quando o chefe voltar!*  
S74- /A mãe para a filha, que ela quer castigar/: *Você não vai para o baile!*

### **Passivo**

- S75- [Entrem, por favor,] *a comida está sendo servida* [nesse momento]

### **Negação**

- S76- *O chefe estava bem brabo, pois o João não estava trabalhando, quando ele chegou.*  
S77- [Vamos sair], *não está chovendo agora.*  
S78- [Que droga!] *já são 8:30 e o Volkmann ainda não está saindo.*

### **Verbos modais**

- S79- *O João deve estar alimentando os porcos,* [eu acho!]  
S80- *A Ana deve estar dando aula agora,* [eu acho!]

### **Locação temporal do evento**

- S81- [Eu 'tou tão cansada:] *Estive trabalhando desde que acordei hoje cedo!*  
S82- *Quando o João chegou em casa ontem, ele estava muito cansado, pois esteve trabalhando pesado durante toda a semana.*  
S82a- *Quando o João chegou em casa ontem, ele estava muito cansado, pois trabalhou pesado durante toda a semana.*  
S83- *Se você chegar às 8:00, eu ainda vou estar trabalhando, chega um pouco mais tarde.*